

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

HISTÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA COMO CAMPO DE
INVESTIGAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DE LIVIA DE OLIVEIRA

GEÓRGIA STEFÂNIA PICELLI LAUBSTEIN OLIVEIRA

Orientador: **Prof. Dr. João Pedro Pezzato**

Financiamento: **FAPESP**

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de
Pós-Graduação em Geografia – Área de
Concentração Organização do Espaço, para o
obtenção do título de Doutora em Geografia.

Rio Claro (SP)

Novembro de 2012

Comissão Examinadora

Prof. Dr. João Pedro Pezzato (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Amanda Regina Gonçalves (UFMT/ Uberaba-MG)

Prof.^a Dr.^a Renata C. Oliveira Barrichelo Cunha (UNIMEP/Piracicaba-SP)

Prof.^a Dr.^a Rosangela Doin de Almeida (UNESP/Rio Claro-SP)

Prof.^a Dr.^a Bernadete Ap. Caprioglio de Castro Oliveira (UNESP//Rio Claro-SP)

Geórgia Stefânia Picelli Laubstein Oliveira

(Aluna)

Rio Claro, 12 Novembro de 2012

Resultado: APROVADO

AGRADECIMENTOS

Em especial, aos meus pais José e Eliana que nunca mediram esforços para que eu pudesse seguir em frente com os meus estudos; pela paciência e compreensão.

Ao meu querido Rodinei pelo carinho, atenção e toda ajuda ao longo desses doze anos.

Aos meus irmãos, Rafael e Vitor, pelos conselhos e transcrições.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento desta pesquisa, sem o qual não teria condições de realizá-la.

Ao professor João Pedro Pezzato pelas indicações de leitura, pela paciência, pela orientação sempre tão precisa e importante.

Aos professores da Banca de Defesa pela leitura atenta e cuidadosa.

À todos que contribuíram direta ou indiretamente com a concretização desse sonho, a minha eterna gratidão.

Resumo

Esta pesquisa tem como principal objetivo compreender a institucionalização do Ensino de Geografia como uma área de pesquisas e a contribuição da professora Lívia de Oliveira nesse processo. Nossas investigações utilizam a metodologia proposta pela História Oral, a qual nos ajudou a trabalhar com as entrevistas realizadas com a professora Lívia. Os relatos biográficos da professora Lívia, são, portanto, o ponto de partida de nossas análises. No decorrer da pesquisa procuramos discutir temas sobre a Geografia e seu desenvolvimento como uma disciplina acadêmica e escolar, bem como a participação da professora Lívia na estruturação de uma vulgata para o Ensino de Geografia no contexto histórico e social estudados. As reflexões presentes nesta pesquisa nos mostram a existência de uma relação muito importante entre a produção acadêmica da professora Lívia e sua busca por inserção e manutenção no âmbito acadêmico. Tal consideração é para nós relevante pois nos ajudou a estabelecer diversos vínculos entre sua atuação docente e o desenvolvimento das pesquisas sobre a geografia da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. História Oral. Relatos Biográficos. Geografia Escolar. Prática Docente.

Abstract

This research has as main objective to understand the institutionalization of Geography Education as an area of research and the contribution of teacher Livia de Oliveira in the process. Our investigations using the methodology proposed by the Oral History helped us to work with the interviews with teacher Livia. The biographical accounts of teacher Livia, are, therefore, the starting point of our analysis. In the course of research we seek to discuss themes of geography and its development as an academic discipline and school, as well as the participation of teacher Livia in structuring a vulgate for teaching geography in historical and social context. The reflections on this research show us the existence of a very important relationship between the academic production of teacher Livia and her quest for insertion and maintenance under academic. Such consideration is relevant for us because helped us to establish several links between his acting teacher and the development of research about the geography of the classroom.

Key-words: Geography Teaching. Oral History. Biographical Accounts. Scholar Geography. Teaching Practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO 1 – O caminhar.....	07
1.1 – Entrevistas semi-estruturadas com a professora Lívia de Oliveira.....	18
1.2 – Observação: o trabalho de campo e o registro.....	19
1.3 – Pesquisa Documental.....	20
1.4 – A potencialidade dos relatos da professora Lívia de Oliveira.....	21
 CAPÍTULO 2 – Processos da construção de uma carreira acadêmica.....	 24
2.1 – Reflexões sobre o contexto histórico e o processo de escolarização vivido pela professora Lívia de Oliveira.....	24
2.2 – ‘Construção Social do Currículo’ e ‘História das Disciplinas Escolares’: estabelecendo compreensões.....	31
 CAPÍTULO 3 – A formação profissional da professora Lívia de Oliveira e as estratégias envolvidas nos processos da institucionalização da Geografia como disciplina acadêmica....	 35
3.1 – O contexto histórico.....	35
3.2 – Estratégias: a Geografia e sua busca pelo reconhecimento acadêmico.....	44
3.3 – Bacharelado versus Licenciatura: consequências do caminho.....	52
 CAPÍTULO 4 – Reflexos de uma escolha: a trajetória da professora Lívia de Oliveira e sua participação na construção da geografia como uma disciplina escolar.....	 61
4.1 – As pesquisas da professora Lívia e as discussões sobre cultura escolar.....	61
4.2 – Estratégias e Significados de uma escolha.....	84

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
BIBLIOGRAFIA.....	99
APÊNDICE A - A narrativa das três entrevistas.....	108
APÊNDICE B – As entrevistas transcritas: transcrição da primeira entrevista realizada com a professora Lívia de Oliveira.....	156
APÊNDICE C – Transcrição da segunda entrevista realizada com a professora Lívia de Oliveira.....	178
APÊNDICE D – Transcrição da terceira entrevista realizada com a professora Lívia de Oliveira.....	192
APÊNDICE E – Transcrição da entrevista realizada com a professora Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado.....	205

INTRODUÇÃO

O texto a seguir tem como principal objetivo esclarecer o leitor sobre o conteúdo da pesquisa que nos propomos realizar. Entretanto, esta não é uma introdução apenas, mas também uma oportunidade para que conheçam, um pouco, do significado destas investigações, bem como o contexto no qual estão inseridas.

As reflexões tecidas neste trabalho fazem parte de um processo de compreensão estabelecido ainda durante o Curso de Mestrado defendido em 2008. Naquela oportunidade, desenvolvemos a pesquisa cujo foco principal era pensar o Ensino de Geografia a partir das memórias de uma professora: Livia de Oliveira.

A professora Livia de Oliveira é geógrafa, formada pela USP na década de 1950, no tempo em que Geografia e História eram um curso único. Sua contribuição ao Ensino de Geografia se deu principalmente na área da Cartografia Escolar; seus trabalhos sobre cartografia para escolares foram pioneiros no Brasil e influenciaram inúmeras pesquisas ao longo das décadas de 1970 até os dias atuais.

No Mestrado surgiram algumas pistas sobre o desenvolvimento do Ensino de Geografia. Entretanto, não tivemos a oportunidade de estabelecer reflexões sobre a trajetória da professora Livia e *sua relação com o contexto social* no qual o Ensino de Geografia foi se estruturando como um campo de pesquisa.

Dessa forma, no decorrer do Curso de Doutorado buscamos aprofundar as questões apontadas nas investigações anteriores, bem como evidenciar e compreender o significado da trajetória da professora Livia para o desenvolvimento da Geografia Escolar.

No Primeiro Capítulo desta Tese discutimos as questões teórico-metodológicas que embasam toda a pesquisa, procurando evidenciar a potencialidade da oralidade e das investigações baseadas em entrevistas.

No Segundo Capítulo abordamos o contexto histórico em que a Geografia começou a ser reconhecida como um conhecimento válido no âmbito acadêmico em que a professora Livia de Oliveira atuou, como aluna do ensino superior e como professora universitária. As reflexões contidas neste capítulo estão pautadas, principalmente, nas discussões elaboradas por Ivor Goodson (1990; 2010) e Chervel (1990) no que se refere as ideias sobre a construção social do currículo e a história das disciplinas escolares.

No Terceiro Capítulo discutimos as estratégias engendradas no interior das Universidades com as quais a professora Livia teve contato direto – Universidade de São Paulo e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro – para o estabelecimento da

geografia como uma disciplina acadêmica e as possíveis relações entre esse processo e a trajetória profissional da professora.

No Quarto Capítulo tratamos das repercussões dos trabalhos da professora Livia para o Ensino de Geografia efetivado nas salas de aula da escola básica, no contexto espacial estudado; procuramos também tecer reflexões sobre a sua participação na construção da disciplina escolar geografia no contexto histórico em que sua atuação como professora de Prática de Ensino acontece.

Ao final, procuramos apresentar as *leituras* que fazemos sobre a contribuição da professora Livia de Oliveira com a institucionalização do Ensino de Geografia como um campo de pesquisas; também apontamos algumas possibilidades de temas e discussões que ainda merecem ser investigados para a compreensão dos caminhos trilhados pelo Ensino de Geografia e sua constituição como uma área potencial às investigações científicas.

No final do trabalho disponibilizamos a narrativa elaborada a partir das três entrevistas realizadas com a professora Livia, bem como a transcrição das mesmas; também colocamos à disposição do leitor a transcrição da entrevista realizada com a professora Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, professora aposentada da Unesp de Rio Claro, orientanda da professora Livia de Oliveira na década de 1980; no Colégio de Aplicação da FFCL de Rio Claro, as professoras Livia e Lucy desenvolveram diversos trabalhos e pesquisas sobre o Ensino de Geografia para a Escola básica. Diferentemente da abordagem utilizada com as entrevistas da professora Livia, a conversa que tivemos com a professora Lucy não foi transformada em narrativa, posto que nosso foco de *análise* foi sempre o relato oral da professora Livia de Oliveira. Os demais documentos foram utilizados no sentido de contribuir com a compreensão das histórias contadas pela nossa narradora, um complemento às discussões por nós estabelecidas.

Acreditamos que permitir o acesso ao texto transformado em narrativa e também às próprias entrevistas, na sequência em que aconteceram, possibilita que o leitor exercite o seu olhar particular sobre as histórias contadas, contribuindo sobremaneira com a articulação de novas ideias e pontos de vista sobre as próprias entrevistas e também sobre o Ensino de Geografia - objeto principal de nossas investigações.

Cabe ressaltar que, no decorrer de toda a Tese buscamos associar às discussões tecidas reflexões sobre algumas legislações educacionais pertinentes ao processo de institucionalização da Geografia nas Universidades, especialmente no Estado de São Paulo. Esse procedimento ocorre continuamente, num movimento de ir e vir, e contribuiu para que

podéssemos compreender o contexto histórico no qual a trajetória da professora Lívia se insere.

Ao longo das investigações procuramos tratar as entrevistas e esta própria pesquisa como documentos construídos; assim, conhecer o significado dessas construções bem como o que representam torna-se importante porque nos permite compreender as ações daqueles que participam deste processo.

As leituras feitas no decorrer desta pesquisa esclarecem que pesquisado e pesquisador influenciam o processo de construção do conhecimento, especialmente nos casos em que narrativas e entrevistas são utilizadas como ponto de partida para as análises desejadas.

Conhecer e compreender quem fala e para quem fala se torna fundamental ao desenvolvimento das pesquisas qualitativas embasadas em dados biográficos, e portanto, imprescindíveis em nossas investigações.

A compreensão do narrador de histórias é uma atitude que tenho tentado fazer; mas, a reflexão sobre como eu pesquisadora me insiro neste contexto é algo que faço agora, principalmente porque as diversas leituras realizadas têm me permitido estabelecer novos significados e compreensões sobre as investigações que me propus a fazer.

Dessa forma, creio que seja importante falar ao leitor um pouco sobre esses significados.

Começo com uma confissão, talvez motivada por uma rememoração do momento em que fiz a primeira entrevista com a professora Lívia. Uma confissão que me faz participar ainda mais do mundo da minha entrevistada, a qual por tantas vezes tentei compreender.

Analisar a atitude alheia sem nos darmos conta do quanto somos iguais ou, que buscamos as mesmas coisas que o outro é algo muito comum, e no universo das pesquisas que se dizem totalmente rigorosas, também.

Quando me propus a investigar o ensino de Geografia e a professora Lívia, não sabia muito *o que* e *como* fazer. No Mestrado, eu, minha orientadora –a professora Rosângela Doin de Almeida, e meu co-orientador (hoje meu orientador no Doutorado) o professor João Pedro Pezzato - realizamos entrevistas com a professora que, sabia eu, tinha sido muito importante para a Geografia e para o Ensino de Geografia.

Eu me preocupava em registrar o ponto de vista do que ela me falava; depois, procurava razões e explicações para as respostas dadas; muitas delas, aliás, provocaram um certo desconforto em mim; mesmo assim continuei com as *análises* que queria fazer, pois, para mim, faziam parte de um caminho que me levaria a concretização de um sonho.

Meu sonho sempre foi ser intelectual; acho que hoje posso dizer isso! Sempre achei bonito saber ler, carregar livros e frequentar bibliotecas. Sempre gostei de escola, do ambiente, das carteiras e do giz.

Aquelas professoras bem vestidas, com sapatos que brilhavam e cabelos bem arrumados. Sempre admirei as professoras que tive; sempre tive medo também de me aproximar, de abraçá-las e dizer o quanto havia aprendido com cada uma delas.

E de repente, me vi professora, recém formada, com um desejo que até hoje carrego comigo: o de ser pesquisadora ou uma intelectual.

Então, pensei que o Mestrado seria o caminho mais apropriado; foi assim que resolvi aceitar a proposta feita pelos professores Rosângela e João: meu sonho começava a ser possível.

Com a primeira entrevista me vi diante de uma professora novamente; minhas lembranças me remetiam ao padrão de professor que eu havia conhecido. Encontrei uma senhora que também impunha respeito pelo tom de sua voz e postura diante de uma sala fechada, com filmadoras e gravadores.

Rememorando o processo de escrita do Mestrado, bem como o contato com a professora Livia posso dizer que estas experiências me proporcionaram muito mais que conhecimentos sobre como realizar uma entrevista ou uma pesquisa acadêmica. Através delas pude compreender o que tantas vezes li e repeti ao entrar em contato com Bordieu (2008): somente quando compreendemos o entrevistado e o mundo no qual ele está inserido é que de fato podemos compreender o significado da entrevista e entender as razões do entrevistado.

E compreender a professora Livia e sua trajetória é o que buscamos nesta pesquisa. No Mestrado apenas delineamos, *enxergamos* algumas pistas em seu relato. Embora tenha sido uma investigação importante por situar a produção da professora Livia no âmbito da Geografia Escolar brasileira, acreditamos que a compreensão da qual trata Bourdieu ainda merece e deve ser melhor exercitada.

Nesta pesquisa, agora em nível de Doutorado, procuramos entender as estratégias de que trata Goodson (1990; 2008; 2010) em suas análises sobre a estruturação de uma matéria escolar; nos esforçamos para desvendar os 'documentos-monumento' de que tratou LeGoff (1990). Enfim, queremos discutir e compreender a trajetória da professora Livia de forma mais aprofundada, e para tanto tecer considerações que também contemplem o contexto social no qual ela está inserida, especialmente nos momentos em que o Ensino de Geografia foi se estruturando como uma linha de investigações.

Os questionamentos suscitados por esta pesquisa representam muito mais que reflexões sobre o Ensino de Geografia. Para mim, uma professora que pretende também ser pesquisadora, não saber ao certo o *significado* das discussões que tanto me esforço por fazer sempre me causou certo incômodo; todavia, a experiência adquirida com o Mestrado e ampliada com o Doutorado me fizeram entender que, de forma muito semelhante à estratégia adotada pela professora Lívia, eu também construo meu caminho com a intenção de atingir um sonho: o de seguir na carreira acadêmica.

Nesse sentido, as investigações que tentei organizar, assim como àquelas feitas pela professora Lívia têm uma intencionalidade que não se resumem a divulgação de um pensamento ou a busca por respostas a um determinado problema de pesquisa.

As considerações elaboradas até o momento mostram que a professora Lívia articulou diversas estratégias para conseguir um lugar na Universidade; do abandono do curso de Enfermagem, passando pela escolha da Geografia no curso de Geografia e História da USP, e o aceite ao convite do professor João Dias para lecionar em Rio Claro são alguns exemplos destas estratégias estabelecidas com o objetivo de garantir uma carreira profissional.

As histórias contadas por Lívia demonstram que seu sonho era conquistar um lugar no meio acadêmico; sua produção intelectual está intrinsecamente relacionada à vontade de lutar por ele, por seu lugar tão duramente conquistado – afinal na década de 1960 o papel da mulher ainda era o de cuidadora: do lar e da família (TRIGO, 1997). Toda articulação realizada por ela nos meios acadêmicos visava a sua independência, financeira e também intelectual.

Percebo hoje que a professora Lívia me é muito mais próxima do que pensava. Suas razões resumem as razões que me fizeram querer estudar e continuar a pesquisar. Sendo assim, não há *como* nem *por que* julgar os caminhos escolhidos; podemos sim tentar compreendê-los, sua construção, os passos trilhados... mas, não nos cabe tentar julgar as escolhas tomadas, as ações concretizadas.

Nesse sentido, nesta pesquisa as análises não cabem, pois não procuramos estabelecer verdades, tampouco nos julgamos detentores de uma; embora o leitor se depare com a palavra, esta foi usada apenas na intenção de enfatizar que nossa proposta é a de *compreender à fundo, com mais propriedade* as memórias da professora e sua trajetória.

As discussões presentes nesta Tese tentam esclarecer a representatividade da atuação docente da professora Lívia; ao tentar entender *o que e por que* ela aceitou o convite do professor João Dias para vir para Rio Claro compreendemos *porque* suas pesquisas iniciais foram sobre o Ensino de Geografia. Tentamos compreender as conseqüências das estratégias

engendradas no meio acadêmico para o desenvolvimento do Ensino de Geografia como uma área de pesquisa. A busca por respostas nos levaram a entender o momento em que a Geografia brasileira se tornou uma área de conhecimento reconhecidamente válida na Universidade; para nós, a causa dessa conquista foi motivada, principalmente, por interesses internos na manutenção das carreiras acadêmicas; uma das conseqüências foi a ampliação das oportunidades de pesquisas na área, dentre elas, as investigações sobre o Ensino de Geografia.

A *análise* das memórias da professora, associadas aos textos contidos na bibliografia, nos permitem pensar em causas e conseqüências na medida em que as compreensões suscitadas clareiam, pouco a pouco, os questionamentos feitos sobre *como, onde e por que* o Ensino de Geografia foi sendo desenvolvido como uma área de pesquisas.

Como escreve Goodson (2004) ao pesquisar e tentar entender a trajetória dos professores e o contexto social no qual estão inseridos podemos compreender, de forma mais ampla, a construção social do processo de ensino.

Assim, não acredito que os estudos realizados no decorrer do Doutorado tragam as respostas, mas sim caminhos e leituras que podem ajudar a construir uma linha de raciocínio sobre a institucionalização do Ensino de Geografia como uma área de pesquisas no Brasil.

CAPÍTULO 1:

O CAMINHAR...

Nesta pesquisa utilizamos o método qualitativo como caminho para a compreensão do relato da professora Lívia. Dentre as diversas perspectivas oferecidas pelo método qualitativo escolhemos a metodologia oferecida pela História Oral.

A História Oral nos fornece as técnicas específicas da pesquisa, bem como um conjunto de conceitos e procedimentos metodológicos próprios à investigação cuja fonte principal é a oralidade. A história oral tida como metodologia

estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que, ao nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. (Amado; Ferreira; 2001. p.xvi)

Na primeira metade do século XX, a História Oral foi utilizada por sociólogos e antropólogos, em especial em estudos de história de vida de imigrantes e nativos. O geógrafo, Franz Boas, por exemplo, desenvolveu pesquisa de caráter antropológico, investigando depoimentos e relatos de aborígenes norte americanos. Trabalhos como este, entre outros do período, se perdiam devido às dificuldades na coleta e no registro das informações e pela falta de confiabilidade na interpretação dos dados (QUEIROZ, 1988).

Com o desenvolvimento tecnológico pode-se dizer que adentramos em uma nova fase da História Oral, onde a coleta de relatos via gravador, permitiu que as informações e depoimentos pudessem ser registrados com maior riqueza de detalhes (QUEIROZ, 1991).

Segundo Meihy (1996), a moderna História Oral surgiu em meados do século XX, mais precisamente, em 1947, na Universidade de Columbia, em Nova York, quando o pesquisador Allan Nevins, utilizando-se de recursos tecnológicos, organizou arquivos para armazenar experiências de vítimas da Segunda Guerra Mundial.

Enquanto em muitos países a História Oral ganhou grande impulso, na década de 1960, motivada pela contracultura e associada aos avanços tecnológicos; nos países da América Latina a mesma encontrou resistência. No caso do Brasil, esta resistência se deu em decorrência do golpe militar de 1964, quando estudos e projetos envolvendo o registro de

experiências e opiniões de indivíduos ou comunidades foram reprimidos, com o intuito de evitar manifestações de descontentamento com a situação sócio-política vigente.

Em meados da década de 1970, houve um incentivo da Fundação Ford em financiar projetos acadêmicos para que utilizassem esta metodologia. O Brasil e o México foram selecionados pelo órgão internacional para participar do projeto, contudo por motivos histórico-políticos esta proposta não se efetivou de imediato.

Foi no final da década de 1970, durante a campanha pela anistia, e principalmente, após a abertura política em 1983, que a História Oral ganha impulso no Brasil. A comunidade acadêmica, os museus e grupos isolados promoveram debates em torno da oralidade. Nesse período ocorreram experiências importantes que colocaram o país num lugar de destaque internacional neste campo de pesquisa.

Há várias iniciativas promovidas nesta área, em 1971 pelo Museu da Imagem e do Som (MIS), São Paulo; em 1972 pela Universidade Estadual de Londrina, no Paraná; em 1975, na Universidade Federal de Santa Catarina e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), sediado na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. Em 1994, no Rio de Janeiro, é criada a Associação Brasileira de História Oral.

Atualmente, além da comunidade acadêmica e outras instituições públicas e privadas, como sociedades anônimas, de migrantes e de diversos grupos silenciados por razões plurais, têm demonstrado interesse no registro da História Oral, proporcionando o diálogo entre o saber acadêmico e o não sistematizado. Como escreve Etienne Fraçois (2001, p.23)

[...] a história oral não somente suscita novos objetos e uma nova documentação [...], como também estabelece uma relação original entre historiador e os sujeitos da história. [...] uma testemunha não se deixa manipular tão facilmente quanto uma série estatística, e o encontro propiciado pela entrevista gera interações sobre as quais o historiador tem somente um domínio parcial.

Dentre os vários pesquisadores que tem se dedicado a documentar e interpretar a história com base nas memórias dos sujeitos ou comunidades, temos a importante colaboração do historiador Paul Thompson (1992). Os trabalhos do autor têm merecido destaque, dada sua contribuição na difusão dessa modalidade da história na América Latina e, principalmente na Inglaterra (JOUTARD, 1996, p.46).

Considerando a interpretação como cerne da construção da história, Thompson aponta que, de maneira geral, há três modos pelos quais a História Oral pode ser construída, a saber: única narrativa, coletânea de narrativas e análise cruzada (THOMPSON, 1992, p.303-305).

A primeira considera a narrativa da história de uma única vida, quando é definido um informante (narrativa única) “dotado de memória excepcional”. Nesse caso, não é preciso ser feita uma única biografia, mas pode ser construída a história de diversas pessoas, mediante a análise e interpretação do relato do depoente. Com essa modalidade podem ser reveladas as lembranças, vivências e interpretações de fatos vividos por um indivíduo, uma classe ou comunidade e ser reconstruída uma série extremamente complexa de eventos.

A segunda modalidade envolve a coletânea de narrativas que podem ser utilizadas na construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando os diversos testemunhos em torno de temas comuns.

A análise cruzada, terceira forma de construção da história apontada por Thompson, se dá quando a evidência oral é associada a outras fontes, como a iconografia e os documentos escritos. São comparadas evidências obtidas por meio de entrevistas de diferentes depoentes, e associadas à análise de documentos provenientes de outras fontes. A História Oral e a memória estão intimamente incorporadas à vida do cidadão, no próprio fazer cotidiano, e faz parte de uma rotina que se repete todos os dias, onde a informação ocupa o lugar absoluto do conhecimento reflexivo.

Halbwachs (2004), cujas reflexões são sobejamente empregadas por profissionais que trabalham com histórias de vida e depoimentos, sobretudo sociólogos e historiadores, estabelece uma nítida distinção entre memória e história. O autor tem uma posição contrária às perspectivas que tratam os termos, basicamente como possuidores das mesmas características. Para Halbwachs, o vivido que guardamos na nossa lembrança está ligado ao campo da memória e se distingue da história. A dimensão dos fatos, dos acontecimentos, das situações, apesar de constituírem elementos “fundantes” da história, representa o campo da memória.

Enquanto a memória ‘resgata’ as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, sempre em sintonia com o que foi estabelecido no momento em que ocorreu, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador (MONTENEGRO, 1993b).

Ao analisar os “quadros sociais da memória”, Halbwachs (2004, p.55) considera que a memória é produto de um processo de construção social. Segundo o autor, a lembrança compõe representações que, muitas vezes, repousam em depoimentos e racionalizações:

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifesta já bem alterada .

Assim, o registro da memória coletiva permite a produção de uma determinada visão do passado. A memória coletiva “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (HALBWACHS, 2004, p. 81-82)

As memórias, compostas por narrativas significativas, podem suscitar, ao próprio indivíduo que narra sua história, novos saberes, novas compreensões. Por esse motivo, consideramos que as memórias carregam conhecimentos, experiências de vida que, quando vêm à tona, possibilitam reflexões àquele que rememora e também àqueles que dela se ocupam.

A rememoração permite que dimensões sociais perdidas, ou no mínimo ameaçadas pelo avanço capitalista, sejam recuperadas, assim como as dimensões psíquicas e sociais da pessoa que rememora. Ela possibilita colocar em evidência a singularidade de cada pessoa, permitindo ao indivíduo reconhecer que suas ações articulam-se às ações de outras pessoas. (BENJAMIN ,1987; GAGNEBIN, 1994; GALZERANI, 2004.)

A concepção de que a memória relaciona-se à experiência individual nos permite dizer que os conhecimentos suscitados pela rememoração dizem respeito à informações únicas porque pertencem à uma experiência de vida, que também é única. ‘As verdades’ que compõem a memória pertencem ao indivíduo que rememora; podem não ser verdades para outras pessoas, porém, ao serem divulgadas, essas memórias suscitam indagações condizentes às verdades daquele que rememora e que não estão presentes em documentos tidos como oficiais, porque estas informações pertencem ao indivíduo, à sua experiência de vida. (LE GOFF, 1990).

Dessa forma, o trabalho com memórias representa uma opção diferente de pesquisa porque permite colocar o indivíduo em evidência, e ao mesmo tempo, registrar acontecimentos que muitas vezes foram apagados, relegados ao esquecimento pelo discurso dominante.

Porém, não basta apenas nos atermos as memórias que compõem o relato oral; para compreender a professora Lívia enquanto sujeito social e conseqüentemente sua trajetória

profissional é necessário questionarmos o próprio relato oral, tentando entender os ‘*indícios*’ que ele traz, tal como sugeriu Ginzburg (1989); assim, é importante que saibamos a que grupo social pertence o narrador?, para quem ele narra suas histórias?, ou a que grupo social ele se refere?

É no decorrer da entrevista que o narrador se faz presente. Nesse sentido, Bourdieu (2008, p.705) nos alerta que a análise da conversação deve ler nos discursos as estruturas invisíveis que organizam a situação da entrevista, isto é, devemos tentar compreender “a estrutura do espaço social no qual o entrevistado está situado desde o início de sua trajetória”, pois apesar de pertencerem ao passado continuam a orientar a visão do seu passado e do seu futuro e também de si mesmo, no que ele (entrevistado) tem de mais singular.

Todavia, durante a situação da entrevista devemos nos colocar no lugar do entrevistado, tendo consciência de que se estivéssemos no lugar dele pensaríamos como ele. A idéia de se colocar em pensamento no lugar de quem conta sua história não diz respeito a projeção de si em outrem, mas sim a uma compreensão do que ele é, fundada no domínio das condições sociais das quais ele é o produto. “É preciso ser dito que compreender e explicar são a mesma coisa.” (BOURDIEU, 2008, p. 700)

A pesquisa com entrevistas é aqui entendida como uma incessante construção. Construção que requer do pesquisador uma disposição de compreender a *estruturação da verdade narrada*, atentando para o fato de que as entrevistas oferecem inúmeras interpretações e possibilidades, mas também têm suas limitações.

Nesse sentido, investigações que tem como objeto de estudo entrevistas biográficas exigem do pesquisador um certo distanciamento das emoções que a narração de uma história vivida pode trazer. É preciso que o pesquisador reconheça e entenda seu lugar social e que compreenda as entrevistas como documentos capazes de fornecer subsídios à compreensão de um determinado problema de pesquisa.

A escrita das entrevistas deve ser rigorosa, especialmente no que tange a especificação do ponto de vista. Embora a pergunta do entrevistador é que desencadeia a narrativa, é imprescindível que o pesquisador avise ao leitor que o relato presente na entrevista diz respeito ao ponto de vista da pessoa interrogada, e não do pesquisador. Nesses termos, o rigor diz respeito ao controle permanente do ponto de vista:

O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de

vista de seu objeto, e constituí-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em uma certa medida, um alter ego) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele. (BOURDIEU, 2008, p. 713)

Assim, podemos dizer que o rememorar da professora Lívia de Oliveira produz conhecimentos que podem ser compartilhados coletivamente. Conhecimentos adquiridos a partir de informações que Lívia divulga e que nós, ao registrá-las, oferecemos a oportunidade de que outras pessoas reflitam sobre a temática estudada, e ainda, produzam novas investigações.

Nesta pesquisa utilizamos o método qualitativo por nos permitir uma ampla análise da oralidade, no caso o relato biográfico da professora Lívia de Oliveira.

O relato oral da professora Lívia é o ponto de partida para todas as discussões realizadas ao longo desta pesquisa. Ele é aqui concebido como um documento construído, tanto quanto a produção bibliográfica da professora Lívia, os demais documentos sobre a temática estudada e esta própria pesquisa.

Trata-se de *documentos-monumentos*, isto é, construções resultantes de uma montagem, compostos por “materiais da memória “que são os monumentos, ou a “herança do passado”, e que guardam a história de uma época, da sociedade que o produziu. Segundo Jacques LeGoff (1990, p. 535-548), “o monumento é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos inscritos”. Concordando com este autor, podemos dizer que o documento é

[...] antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. [...] qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, talvez

sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar a desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.

No decorrer da pesquisa procuramos *interpretar* as histórias contadas pela professora Livia, considerando que seu relato biográfico é composto por fragmentos, trechos de uma trajetória.

Dessa forma, não temos a pretensão de registrar a história de vida de uma pessoa, uma vez que tratar a vida de uma pessoa como uma história “[...] talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (BOURDIEU, 1986, p. 185).

Mesmo que uma pessoa queira revelar todas as suas verdades, encontrará obstáculos porque sua identidade, constituída socialmente, o inscreve num tempo e espaço determinados. Aquele que resolve contar sobre seu passado certamente irá se esforçar na apresentação oficial de si mesmo. Da mesma forma, a construção do discurso tende a ser influenciada pelas leis da biografia oficial, isto é, tende a ser uma montagem na qual o relato de vida se apresenta como oficial. (BOURDIEU, 1986)

Para Pollak (1992) a memória, individual e coletiva, quando relativamente constituída, pode realizar um trabalho de manutenção, coerência, unidade, continuidade e organização, e tem a capacidade de ser enquadrada de acordo com interesses particulares para defender uma ou outra versão dos fatos.

Assim, vale destacar que o rememorar é individual, porém nossa memória é composta por um cotidiano coletivo. As lembranças que temos de nosso passado podem, muitas vezes, fazer parte da memória de outras pessoas, o que não significa que a representação do passado seja compartilhada nos mesmos termos por toda uma coletividade (ROUSSO, 2001).

Como nossa intenção mais ampla é compreender os caminhos percorridos pelo ensino de Geografia no Brasil faz-se necessário estabelecer conexões entre o relato oral da professora Livia e a bibliografia sobre esta temática. No entanto, salientamos que as considerações tecidas no decorrer da pesquisa fazem parte de um olhar particular sobre a trajetória de uma professora de Geografia, e não podem acontecer se não utilizarmos suas memórias, suas lembranças pessoais como recurso à reflexão sobre a Educação.

Assim, a reflexão que nos propomos realizar somente será possível se conseguirmos conhecer e compreender a ‘realidade’, as estruturas do espaço social em que nossa narradora está inserida. Torna-se, portanto, relevante compreender a influência da pesquisa elaborada pela professora Livia no desenvolvimento da Geografia Escolar, bem como os reflexos de suas investigações nas produções atuais sobre o ensino de geografia e a cartografia escolar.

As entrevistas realizadas primaram por estabelecer uma aproximação necessária entre entrevistador e entrevistada, especialmente porque a primeira entrevista foi marcada pelo que Bourdieu (2008, p.695) chama de “comunicação violenta”. Segundo ele, o distanciamento entre pesquisador e narrador (ou entrevistador e entrevistada) pode gerar uma ‘comunicação violenta’; esta ocorre quando a violência simbólica não pôde ser evitada ou mesmo reduzida durante a entrevista. Há, numa ‘comunicação violenta’, uma dissimetria entre pesquisador e entrevistado; essa dissimetria é acentuada quando existem diferenças hierárquicas de capital, especialmente de capital cultural.

Nos trechos abaixo podemos notar o quanto as diferenças de capital cultural, bem como a ausência de um conhecimento mais aprofundado da obra e vida de nossa entrevistada determinaram o distanciamento da professora Livia e uma ‘comunicação violenta’ na primeira entrevista:

Pesquisadora: Tá, então eu queria primeiro deixar a senhora à vontade pra falar tudo que a senhora quiser. A primeira pergunta então: onde a senhora nasceu e quantos irmãos a senhora tem?

Professora Livia - Eu nasci em Mairinque, uma peq..., na época quando eu nasci não era cidade, era um Distrito pertencente à São Roque, ao município de São Roque. Eu tenho..., tive cinco irmãos, podia dizer seis, porque o primeiro nasceu vivo mas morreu em alguns dias, e depois os outros irmãos são... nós... Minha mãe punha, naquela época, os nomes eram todos na mesma... começava com a mesma letra. Então primeiro se chamava... se chamou Cid, mas como morreu, minha mãe mudou a letra, e começou com a letra L. Então, veio primeiro a Laís, depois o Laércio, a LiseiKa, depois eu – Livia – e o mais novo, Laerte. Então nós somos... éramos, três mulheres e dois homens, porque desses, já morreu a minha irmã Laís e o meu irmão Laércio.

Pesquisadora: O que faziam os pais da senhora? A profissão deles?

Professora Livia - Eu não... você..., fale bem porque eu não escuto o que você fala... eu sou surda!

Pesquisadora- A profissão dos seus pais, o que seus pais faziam?

Professora Livia - Minha mãe era professora primária, só que eu tenho que fazer um destaque que naquela época, uma professora primária, formada pela escola Caetano de Campos, era como uma Faculdade. Minha mãe estudou em São

Paulo, formada em 1910, e... ela... por isso que eu digo que era como uma Faculdade, porque os livros que ela estudou, por exemplo o Álgebra, que depois eu dei pro meu sobrinho, era uma álgebra de Faculdade, ela estudava, viu?! Ela aprendeu francês na escola, falava francês correntemente, então não era..., não era uma normalista como de hoje, viu?! Ela na verdade, ela era como uma escola superior. Meu pai era agricultor, vinha de trabalhos de fazenda no início de cana, depois de policultura, então meu pai trabalhava na terra.

Pesquisadora- Tá. Sobre a... sua vida então... e quando e onde a senhora fez o curso primário?

Professora Lívia - Não escuto o que você fala. Por favor, eu tô explicando pra você que eu tô surda. Você fala pra baixo, fala pra dentro. Você não é uma professora, porque o professor fala pra fora, não pra dentro.

Em outro momento, quando as perguntas procuravam identificar e conhecer a escola vivida pela professora Lívia, fizemos a seguinte pergunta sobre os alunos da época:

Pesquisadora- Com relação ao comportamento, como era a disciplina?

Professora Lívia - Comportamento eu não posso falar, porque eu sou piagetiana, viu?! Você não pode usar essa palavra pra mim, você tem que usar a palavra conduta, falou comportamento você tá querendo que eu lhe diga... não posso, como você usa essa palavra aqui?

Pesquisadora- Então, como era a conduta?

Professora Lívia - Como que você fala comportamento pra mim? De jeito nenhum! A conduta de que você quer saber? Dos alunos, dos professores?

Pesquisadora- Com relação aos alunos.

Professora Lívia - Dos professores? Não, a conduta era... era de autoridade que o professor dava a aula, em geral em pé ou outro que dava sentado, usava lousa, nós tínhamos livros pra seguir, e era... era tradicional, vamos dizer, mas a gente aprendia, viu, por exemplo o de História fazia umas, uns parênteses e caminhava através de História, e essa a que nós prestávamos mais atenção, né, com essas viagens dele, que ele fazia por toda a História.

A experiência da primeira entrevista nos trouxe como conhecimento imprescindível a necessidade de que o entrevistador conheça, previamente, o seu entrevistado, suas convicções, suas obras, ou em termos mais adequados, a estrutura social na qual o narrador de uma história está inserido, bem como a representatividade de suas ações no meio em que vive.

A diferença na linguagem empregada no decorrer da primeira conversa, bem como a distância social e a não familiaridade entre entrevistadora e entrevistada favoreceram uma conversa tensa e de difícil continuidade.

Após as dificuldades da primeira entrevista, sentimos que era necessário estreitar a aproximação com a professora Lívia, ainda mais considerando a importância de novas entrevistas para a compreensão de nosso objeto de investigação. Entretanto, era necessário compreender os pontos de vista da nossa narradora, considerando que para compreender o que é dito numa conversa é preciso que saibamos ler, nas palavras do entrevistado, a estrutura das relações objetivas, passadas e presentes, entre a sua trajetória e a estrutura do espaço social no qual o entrevistado está situado, pois “(...) somente quando se apóia num conhecimento prévio das realidades que a pesquisa pode fazer surgir as realidades que ela deseja registrar.” (BOURDIEU, 2008, p.706)

Desse modo, durante o percurso de investigação, procuramos conhecer e compreender a produção acadêmica da professora Lívia, bem como seu discurso sobre sua prática como professora de Geografia. Com tais dados, produção escrita e oral, estabelecemos sentido para tais representações sobre Educação e Ensino de Geografia, pois conseqüentemente, essas representações influenciaram a Geografia da sala de aula produzida pela professora.

Assim sendo, realizamos mais duas entrevistas, as quais se diferenciaram especialmente no que tange a proximidade estabelecida, pouco à pouco, entre pesquisadora e entrevistada.

A terceira entrevista ocorreu na casa da professora Lívia, diferentemente dos encontros anteriores marcados no próprio prédio da Universidade em que a professora lecionava. Nesse terceiro encontro conversamos mais detalhadamente sobre a pesquisa que eu estava fazendo; conversamos sobre a paisagem que podíamos avistar da janela de sua casa, das homenagens que ela já havia recebido por seu trabalho como Geógrafa. O tom amigável marcou essa terceira entrevista:

Pesquisadora – Voltando um pouco professora, como a senhora vivenciou...

Professora Lívia – Me chame de Lívia, eu acho que quando vocês falam... Eu não sou sua professora, agora você é minha colega.

Pesquisadora – Ta bom, que ótimo Lívia. Então voltando um pouco Lívia, como você..., posso te chamar de você?

Professora Livia – Claro, aluno de primeiro ano aqui me chamava de você e eu gostava.

Como se pode notar, foi um encontro agradável que me permitiu entender o que Bourdieu (2008, p.699) quis dizer ao apontar que a entrevista é uma situação social em que os efeitos produzidos podem afetar os resultados obtidos, e que, para tentarmos diminuir a distância existente entre o pesquisador e entrevistado é necessário um ‘exercício espiritual’ no qual devemos nos colocar no lugar do entrevistado, tendo consciência de que se estivéssemos no lugar dele pensaríamos como ele.

Assim, o rigor metodológico numa pesquisa qualitativa baseada em relatos biográficos faz com que saibamos dar o tratamento adequado aos fatos narrados e registrados.

É preciso que o pesquisador compreenda que uma investigação narrativa não se baseia no julgamento das decisões tomadas pelo narrador em sua trajetória de vida, tampouco consiste em procurar comprovar a validade das ‘verdades’ contadas pelo narrador.

A partir da terceira entrevista pude entender que o entrevistador deve colocar-se no lugar do entrevistado, ou daquele que narra uma história, para poder compreendê-lo tal como ele é, suas particularidades e as condições sociais que o fizeram ser o que é.

É importante também salientar que a intervenção do pesquisador ocorre na transcrição da entrevista, na elaboração da narrativa e também no decorrer das entrevistas. Nesta pesquisa, as lembranças relatadas pela professora Livia, e por nós registradas, correspondem ao ponto de vista da narradora, e a elaboração de um texto único permitiu uma participação mais ativa do pesquisador na construção de uma história.

Nesta pesquisa consideramos que as memórias sempre podem suscitar novos objetos, novos olhares; por isso utilizamos novamente as entrevistas que embasaram nossas reflexões na Dissertação de Mestrado como fonte de pesquisa, além de realizar uma entrevista com Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado; a professora Lucy colaborou durante muitos anos com os trabalhos realizados pela professora Livia no chamado Colégio de Aplicação – instituição que funcionou de 1969 a 1972, na qual os alunos do curso de licenciatura em Geografia realizavam os estágios de docência pertinentes à Disciplina de Prática de Ensino. Além disso, foi orientanda da professora Livia, sua incentivadora no desenvolvimento de pesquisas sobre a Percepção do Meio Ambiente, um campo inovador dentro da Geografia na década de 1970 e meados da década de 1980. Assim como a

professora Livia, utilizou as ideias de Jean Piaget como fundamento teórico de suas investigações; aliás, e como ela mesma nos disse, foi através da professora Livia que pude conhecer as ideias inovadoras dessa linha de pesquisas ligadas a percepção do meio ambiente.

A ideia de entrevistarmos a professora Lucy surgiu após o Exame Geral de Qualificação quando nos foi apontado que novas entrevistas poderiam ser realizadas com pessoas ligadas diretamente à vida profissional da professora Livia, na intenção de buscarmos elementos que pudessem contribuir para as análises e nos auxiliar na compreensão do contexto social vivido por ela e que também influenciaram, direta e indiretamente, a construção de sua carreira acadêmica, bem como suas pesquisas sobre do Ensino de Geografia.

1.1- Entrevistas semi-estruturadas com a professora Livia de Oliveira

A realização de entrevistas tem sido empregada como técnica de pesquisa bastante antiga e são consideradas indispensáveis à obtenção direta de informações essencialmente qualitativas.

Como técnica de pesquisa, a entrevista se caracteriza como uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala (MINAYO, 2004, p. 57).

Nesse sentido, adverte Marangoni (2005, p. 173), a forma de abordagem, a adequação da linguagem utilizada e a habilidade do entrevistador podem significar o fracasso ou o sucesso da entrevista.

A qualidade do material produzido na entrevista vai depender da habilidade de o entrevistador conduzir a entrevista no sentido de não direcionar as respostas, de saber retomar o curso da entrevista, quando o entrevistado derivar para a digressão ou recordações não diretamente ligadas ao objetivo da investigação.

Considerando que as entrevistas podem ser estruturadas e semi-estruturadas, optamos pela segunda modalidade uma vez que nela o informante aborda o tema proposto de acordo com perguntas previamente formuladas e mais ou menos dirigidas.

Assim, realizamos entrevistas semi-estruturadas com a professora Livia de Oliveira e as observações suscitadas pela entrevista estão registradas em caderno de campo, visto aqui como um “diário de bordo”.

A aproximação entre entrevistador e entrevistado é fato essencial numa pesquisa que tem como fonte de dados principal o relato oral. Nesta pesquisa a aproximação com a professora Lívia não foi conseguida logo na primeira entrevista, o que justifica também a realização de várias entrevistas, em períodos de tempo diferentes. A realização de novas entrevistas, bem como sua continuidade, dependem principalmente do tipo de relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado. Como já apontado, ao longo desta pesquisa a interação entre a professora Lívia e nós pesquisadores foi se fortalecendo na medida em que nos esforçávamos para compreender sua história de vida, e nos aproximávamos da linguagem e conceitos utilizados por ela no decorrer de sua trajetória acadêmica.

Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível do limite ideal, muitas condições deveriam ser preenchidas: não é suficiente agir, como o faz espontaneamente todo “bom” pesquisador, no que pode ser consciente ou inconscientemente controlado na *interação*, ou principalmente o nível da linguagem utilizada e todos os sinais verbais ou não verbais próprios a estimular a colaboração das pessoas interrogadas, que não podem dar uma resposta digna desse nome à pergunta a menos que elas possam delas se apropriar e se tornarem os sujeitos. Deve-se agir também, em certos casos, sobre a própria estrutura da relação (e por isso, na estrutura do mercado lingüístico e simbólico), portanto na própria escolha das pessoas interrogadas e dos interrogadores. (BOURDIEU, 2008, p.696)

1.2- Observação: o trabalho de campo e o registro

No decorrer das entrevistas realizamos registros de observação em um caderno de campo, de acordo com as orientações de Bogdan e Biklen (1994, p.113 – 145). Para os autores, durante o trabalho de campo podem ocorrer as tomadas de entrevistas, prolongadas ou não, e a aproximação entre pesquisador e o campo de observação. Esse processo pode contribuir para o aprofundamento das interações entre entrevistador e entrevistados e diminuir a formalidade entre ambos.

Ao discutir o processo de pesquisa qualitativa, que faz uso da entrevista e de registros de um diário de campo, Weber aponta a riqueza desses instrumentos de pesquisa. A autora coloca que o “diário de pesquisa de campo” permite não somente descrever e analisar os fenômenos estudados, mas também compreender os lugares que serão relacionados pelos observados ao observador e, ainda, esclarecer a atitude destes nas interações com os envolvidos (Weber, 2009, p. 158 – 59).

Os registros foram produzidos em diferentes momentos, ao longo das entrevistas, podendo variar muito, dependendo das situações específicas do observador. Foram indicados os dias, hora, local e período de duração. Em geral, houve a preocupação em distinguir os registros essencialmente descritivos, as falas informais e as análises pessoais do pesquisador.

De acordo com ERICKSON (1986), o processo de coleta de dados não deve negligenciar o registro das impressões de caráter intuitivo do observador. De acordo com o autor, investigações dessa natureza, que se propõe interpretativa, vêm trazendo muitos frutos para as pesquisas que se propõem a estudar o ensino, em seus mais variados aspectos.

1.3- Pesquisa Documental

Compilamos documentos para comporem o conjunto de materiais empregados na análise de nossa pesquisa. Assim, a produção acadêmica da professora Lívia, bem como textos sobre sua contribuição para a Geografia, artigos e demais materiais que possam ser usados como fonte de informação sobre a institucionalização da Geografia no currículo escolar brasileiro foram considerados no estudo do fenômeno proposto.

Os documentos, como leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, diários pessoais, jornais, livros e dados estatísticos podem contribuir, também, para o cruzamento, ou a complementação, de informações advindas de outras fontes, como as entrevistas produzidas por relatos orais (ANDRÉ & LÜDKE, 1986, p. 38 e 39).

Os registros das entrevistas foram analisados de acordo com a metodologia proposta pela História Oral. Assim, após a gravação foram transcritos e reescritos na forma de narrativa para que o leitor e nós pesquisadores possamos colocar em evidência os questionamentos que norteiam nossas investigações.

Procuramos estabelecer uma escrita rigorosa das entrevistas, especialmente no que tange a especificação do ponto de vista. Embora a pergunta do entrevistador é que desencadeia a conversa, é imprescindível que o pesquisador avise ao leitor que o relato presente na entrevista diz respeito ao ponto de vista da pessoa interrogada, e não do pesquisador.

Dessa forma, elaboramos um texto único composto por todas as entrevistas realizadas com a professora Lívia; neste, as perguntas feitas não aparecem, estão contidas na narrativa por nós estruturada. Cabe considerar que esse procedimento faz com que desapareçam as situações de comunicação violenta, as perguntas que incomodam a entrevistada e nossos

equivocos na condução das entrevistas; nesse sentido, vemos que a intervenção do pesquisador se dá tanto na transcrição quanto na elaboração da narrativa.

Assim, para que possamos esclarecer o leitor sobre os pontos de vista que compõem a narrativa disponibilizamos as entrevistas transcritas, com perguntas e respostas, na ordem em que foram feitas. Acreditamos que disponibilizar a narrativa e as entrevistas transcritas permitem que o leitor perceba e compreenda a construção desta pesquisa, bem como identifique os cortes realizados, as seleções, enfim, a nossa leitura sobre a trajetória da professora Lívia de Oliveira.

A entrevista realizada com a professora Lucy também foi transcrita; as perguntas e respostas foram mantidas na ordem em que ocorreram, bem como a linguagem utilizada. Diferentemente do que fizemos com as entrevistas da professora Lívia, para a entrevista realizada com a professora Lucy não elaboramos uma narrativa por entender que o objeto principal de nossas análises são os relatos da professora Lívia, e as demais entrevistas e documentos foram consultados apenas com a intenção de nos auxiliar na compreensão do contexto histórico e social vivido pela professora Lívia.

O primeiro passo para a análise de dados de observação é a construção de um conjunto de categorias descritivas e a sistematização dos registros.

Para análise dos demais materiais, é necessária a compilação e classificação dos documentos selecionados para a investigação proposta.

Nesse sentido, nossa análise interpretativa considera o desencadear de três fases distintas:

- 1) Pré-análise: realização de leituras dos materiais selecionados e produzidos;
- 2) Exploração do Material: codificação, organização, criação de categorias iniciais, análise de incidências, fluxos, ausências e aproximações teóricas;
- 3) Interpretação dos dados: análise e produção de significado e sentido.

1.4 - A potencialidade dos relatos da professora Lívia de Oliveira

Os relatos da professora Lívia contam uma história muito significativa, não só para ela própria, mas também para nós pesquisadores, ávidos por tecer compreensões e reflexões sobre o Ensino de Geografia e seu desenvolvimento como um campo de investigação.

Muitas das críticas sobre as investigações qualitativas residem na questão da veracidade dos fatos narrados. Entretanto, o rigor metodológico deve primar pela

confrontação e compreensão da realidade narrada e também contar com a interrelação constante entre embasamento teórico e discurso narrado. A partir do momento em que o pesquisador exercita a compreensão do narrador tal como ele é, bem como de todo o sistema social no qual ele está inserido, temos uma investigação que prioriza o rigor metodológico e, portanto, capaz de suscitar reflexões sobre um determinado problema de pesquisa.

Entretanto, jamais poderemos supor registrar a verdade dos fatos. O que o narrador nos conta diz respeito à sua versão dos fatos, às suas “verdades” associadas ao seu ponto de vista próprio. Da mesma forma, as reflexões e conclusões a que o pesquisador chega são construções, verdades que se associam a um objeto de investigação, a um arcabouço teórico próprio cuja intenção é confirmar as reflexões suscitadas pelo entrelaçamento entre teoria e oralidade.

Assim, a pesquisa realizada nos fornece formas diferentes de compreender o desenvolvimento do ensino de Geografia como um campo de investigação; nossas reflexões refletem nossa visão e versão dos fatos; são olhares, compreensões e não a verdade sobre o que aconteceu.

Falar sobre o desenvolvimento de pesquisas sobre o Ensino de Geografia significa também falar da professora Livia de Oliveira. Isso porque suas produções científicas inauguraram um campo de investigação na Geografia até então relegado à Pedagogia: as pesquisas sobre o Ensino de Geografia nas escolas básicas.

Até o início da década de 1970 no Brasil os estudos sobre o ensino da Geografia nas escolas eram realizados por pesquisadores ligados diretamente à Pedagogia, e não pelos próprios geógrafos formados nas Universidades brasileiras; a didática era uma disciplina própria do curso de Pedagogia e não da Geografia.

Entretanto, já na década de 1960 a professora Livia inicia reflexões sobre a Geografia da sala de aula, e mais tarde, na década de 1970 elabora uma pesquisa que tenta estabelecer uma metodologia para o trabalho com mapas nas escolas, pelos professores de Geografia. O caráter inovador de sua pesquisa consiste principalmente na introdução das concepções de Jean Piaget na Geografia, mais especificamente, nas discussões sobre o Ensino de Geografia da escola básica das décadas de 1960 e 1970.

As ideias da professora Livia sobre Cartografia, desenvolvidas no final da década de 1970, influenciaram alguns trabalhos acadêmicos nesta temática, mas tiveram pouca repercussão no currículo oficial durante as décadas seguintes, especificamente nas décadas de 1980 e 1990.

Todavia, notamos que atualmente temas sobre a Cartografia Escolar embasam grande parte dos documentos oficiais sobre o currículo de geografia, bem como diversas pesquisas desenvolvidas em importantes Universidades brasileiras e também no exterior. Recentemente a professora Lívia recebeu o título de Comendador na Ordem do Mérito Cartográfico pela Sociedade Brasileira de Cartografia, um reconhecimento por sua influência e colaboração com o desenvolvimento desta área no país.

Atualmente, temas e questões já discutidos em décadas passadas pela professora Lívia vêm sendo postos em evidência, demonstrando, portanto, que sua atuação no campo do Ensino de Geografia insere-se no processo de institucionalização da Geografia Brasileira e principalmente na estruturação e divulgação de um arcabouço teórico sobre a Cartografia Escolar.

Conhecer e compreender os relatos da professora Livia é potencialmente importante porque estes trazem à tona o registro, as experiências e a memória de uma pessoa que participou de um momento da história da geografia em que a sala de aula começava a ser pensada por geógrafos.

Acreditamos que não há outro caminho para estabelecermos reflexões mais profundas sobre o ensino de geografia senão através da correlação entre aquilo que está publicado em documentos oficiais e a versão daqueles que participaram e contribuíram para a construção destes documentos, ou até mesmo, do processo em que a geografia da sala de aula passou a ser concebida como um campo de pesquisa.

Nesse sentido, a trajetória da professora Lívia relatada nas entrevistas nos revelam histórias não contadas e nos apontam caminhos para estabelecermos nossas próprias compreensões sobre o momento histórico em que a geografia da sala de aula passa a ser *enxergada* e, portanto, passível de análises e questionamentos.

CAPÍTULO 2

PROCESSOS DA CONSTRUÇÃO DE UMA CARREIRA ACADÊMICA

2.1 Reflexões sobre o contexto histórico e o processo de escolarização vivido pela professora Lívia de Oliveira

A partir deste momento começamos a estruturar uma linha de pensamento que procura lançar luz a um questionamento chave de nossa pesquisa: como e quando o Ensino de Geografia e a Cartografia Escolar se tornaram um campo de pesquisas no Brasil, mais especificamente no âmbito acadêmico de Rio Claro-SP?

Arelados a esse questionamento mais amplo, outros problemas de pesquisa foram aparecendo na medida em que nossas reflexões se aprofundavam. Entretanto, após o término do Mestrado, no qual discutimos um pouco da trajetória do Ensino de Geografia, a questão sobre como e de que maneira o Ensino de Geografia foi ganhando espaço nas pesquisas acadêmicas, ainda parecia obscura.

E foi justamente na tentativa de abrir caminhos a compreensão deste problema de pesquisa que começamos a pensar na necessidade de conhecer e entender a institucionalização das pesquisas sobre o Ensino de Geografia como uma *construção*. Construção no sentido de um processo que se desenvolve e que vai, aos poucos, se estruturando e se fortalecendo num contexto histórico particular.

Como já especificado no Primeiro Capítulo deste trabalho, os questionamentos que fazemos surgiram das (re) leituras das entrevistas realizadas com a professora Lívia. Assim, mais do que somente trazer à tona a trajetória acadêmica da professora, nos preocupamos em compreender de que maneira o Ensino de Geografia foi se caracterizando como uma área potencial de pesquisas e qual o papel que a professora Lívia de Oliveira teve nesse processo.

Na verdade, dizemos que nossos estudos tentam compreender a formação de um campo de pesquisas, no caso o Ensino de Geografia e nesse contexto, a Cartografia Escolar. Ao estudar a história da constituição de uma área de pesquisas também contribuimos com os estudos que se preocupam com a história da disciplina escolar. Assim, cabe considerar que esta pesquisa tem como foco de análise a geografia desenvolvida no âmbito acadêmico e seus desdobramentos para e sobre o Ensino de Geografia, tendo como ponto de partida o relato oral da professora Lívia.

Assim, na tentativa de entender o *processo* que levou a institucionalização do Ensino de Geografia como um campo de investigações é que começamos a realizar leituras relacionadas à *Construção Social do Currículo* (GOODSON, 2001) e a *História das Disciplinas Escolares* (CHERVEL, 1990).

Os estudos de Chervel (1990) foram úteis especialmente por nos ajudar a delimitar o foco de nossas investigações. Segundo o autor:

Desde que se compreenda em toda a sua amplitude a noção de disciplina, desde que se reconheça que uma disciplina escolar comporta não somente as práticas docentes da aula, mas também **as grandes finalidades que presidiram sua constituição** e o fenômeno de aculturação de massa que ela determina, então a história das disciplinas escolares pode desempenhar um papel importante não somente na história da educação mas na história cultural. (CHERVEL, 1990. p.184. Grifo nosso)

A compreensão do contexto histórico é uma das premissas de Goodson (2010) para que os estudos sobre a construção social do currículo possam, de fato, contribuir com as análises do processo de escolarização:

O contexto histórico naturalmente reflete os padrões anteriores de conflito e poder. [...] Esses contextos e repressões precisam ser examinados em relação à ação atual. [...] Em síntese, não podemos visualizar o currículo (nem os contextos e repressões históricas com ele relacionados) como se fosse um sistema fechado. [...] Sabemos muito pouco sobre como as matérias e temas fixados nas escolas se originam e são elaborados, redefinidos e metamorfoseados. Portanto, o trabalho em relação à história da construção social do currículo escolar é pré-requisito essencial para o estudo da reconceitualização do currículo. (GOODSON, 2010, p.75)

Compreender o processo engendrado pelos grupos que compõem a escola e o meio acadêmico é tão importante quanto conhecer e entender o contexto histórico em que se inserem as mudanças vividas pela Geografia.

Dessa forma, ficou-nos evidente que nossas investigações percorrem um caminho de pesquisa atrelado à compreensão das chamadas *grandes finalidades que presidiram a constituição da disciplina escolar Geografia*. E é por isso que neste trabalho nos detivemos a refletir sobre a Geografia que se desenvolve no âmbito acadêmico freqüentado por Livia de

Oliveira e o contexto histórico em que suas *experiências* se inserem; isto implica dizer que nossas análises centram-se na compreensão do universo escolar, e também o universo acadêmico vivido por ela como aluna da licenciatura da Universidade de São Paulo e enquanto professora universitária na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, atual Unesp de Rio Claro.

...Dava o sinal da entrada, formavam todas as séries uma fila por tamanho, primeiro as meninas, depois os meninos, e cada série cantava um pouquinho... minha jangada de vela...

Entender a Geografia que permeou o processo de escolarização da professora Livia significa compreender o momento histórico em que a Geografia se insere no currículo escolar brasileiro nas décadas de 1930 e 1940. Como veremos adiante, falar da *Geografia da escola básica* nas décadas de 30 e 40 também implica numa discussão, ainda que breve, sobre a Geografia que se iniciou na Universidade de São Paulo e que influenciou algumas mudanças no currículo da escola básica, especialmente no Ensino Secundário, freqüentado por Livia nessa mesma época.

Em suas lembranças Livia nos conta que freqüentou o Ensino Básico (Ensino Primário e Ginásio) em meados da década de 1930 e 1940, mais especificamente entre 1934 ou 1935 à 1945. Coursou o Normal por dois anos e, como nos disse, teve uma base de seis anos de estudos ginasiais (incluindo o Curso Normal).

Livia freqüentou e terminou a escola básica numa época em que havia, por parte do Governo, uma forte preocupação com a constituição do Estado Nacional. A escola básica vivida por Livia experimentava mudanças importantes, tais como a Reforma Francisco Campos de 1931 e a Reforma Capanema de 1942, que instituiu o Ensino Ginasial de quatro anos. De acordo com Nadai (1991, p. 28):

A reforma Francisco Campos, determinou que o ensino secundário compreendia dois cursos seriados - o fundamental, com cinco anos de duração, e o complementar, também chamado “pré-universitário”, com dois anos, que deveria ser organizado em função de cada curso superior. [...] A reforma Capanema, criou dois tipos de estabelecimento de educação secundária – o ginásio, com quatro anos de duração, destinado a ministrar “o curso de primeiro ciclo” e o colégio, destinado a “dar, além do curso

próprio do ginásio, os dois cursos de segundo ciclo”, isto é, o clássico e o científico.”

A escola desse período esteve marcada pelas palavras de ordem e também pela postura austera da maioria dos professores. Era uma escola que mantinha alunos em fila, muito bem organizados e ávidos pelas comemorações e cantos que embalavam as festas e o recreio.

É assim que Livia rememora sua escola: um local rigoroso, com exames orais, mas muito alegre:

Professora Livia - Outro aspecto que eu também guardo, que eu sinto que perdeu a escola era o canto! Nós reuníamos todas, dava o sinal da entrada, formavam todas as séries, o primeiro, segundo, terceiro ano numa fila, por tamanho, primeiro as meninas, depois os meninos, e cada série cantava um pouquinho, uma estrofezinha: Minha jangada, minha jangada de vela...!

No mesmo período em que Livia iniciou seus estudos na escola básica era instalada na cidade de São Paulo a Universidade de São Paulo e junto à ela, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, composta dentre outros, pelo curso de Geografia, já em 1934.

A criação do curso de Geografia contribuiu, dentre outras coisas, para que o Ensino de Geografia da escola básica se *modernizasse*, isto é, deixasse de ser uma geografia baseada na memorização, na geografia tradicional. Além disso, permitiu que a ação docente do professor de Geografia se profissionalizasse, pois as aulas seriam ministradas por professores formados e não mais por pessoas ligadas a outras áreas como medicina, engenharia ou direito.

Um dos principais personagens e fundadores do curso de Geografia da USP foi o professor e geógrafo Pierre Monbeig. Pierre Monbeig foi responsável por estabelecer diversos estudos geográficos sobre o Brasil, muito ligados a Geografia Física e Humana. Propunha um estudo rigoroso da paisagem e tinha as excursões como um dos seus principais métodos de trabalho:

Considerando sempre a importância de uma cultura geral, Monbeig a associa a uma geografia regional em contato com as realidades naturais e sociais próximas, sem separar a Geografia humana e a Geografia física, a teoria e a prática. Destacando as vantagens pedagógicas das excursões, ele recorre várias vezes à fórmula de Demangeon para resumir “as três fases do método

geográfico”: a geografia localiza, a geografia descreve, a geografia compara.[...] suas idéias mantêm-se na atualidade dos combates por uma Geografia moderna e aplicada, que remonta às prescrições de Vidal de la Blache, no final do século 19, desenvolvidas para a escola pública francesa. (SALGUEIRO, 2006, p.211)

A Reforma Francisco Campos de 1931 instituiu, para o currículo do ensino secundário (fundamental com cinco anos), treze disciplinas obrigatórias, dentre elas a Geografia. A Reforma Capanema de 1942 ampliou o número de disciplinas, e deu à geografia a oportunidade de se desdobrar em Geografia do Brasil e Geografia Geral (NADAI, 1991). A Reforma Francisco Campos, portanto, mantinha a Geografia no Currículo da escola básica antes mesmo de termos no Brasil um local específico de formação de professores de Geografia. Nessa época, o professor de Geografia, assim como outros, eram formados nas Escolas Normais, ou recrutados dentre advogados e engenheiros. Não havia especialistas em Geografia.

De acordo com Costa (2011, p. 274), na reforma Francisco Campos “muitas ideias divulgadas por Delgado de Carvalho estavam presentes nos objetivos estabelecidos na reforma do ensino secundário”. A autora acrescenta ainda que a geografia presente nesta reforma mantinha a parte física e a nomenclatura, já tradicionais, e acrescentava a necessidade de ter distribuído, ao longo dos conteúdos, a geografia regional e a geografia humana, temas discutidos por Vidal de la Blache e muito divulgados por Delgado de Carvalho.

Delgado de Carvalho foi um dos principais professores de Geografia a sustentar que a Geografia da sala de aula era uma importante ferramenta para a construção da identidade nacional brasileira, assim como a profissionalização do professor de Geografia. Combatia o ensino baseado na memorização e foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação, documento que defendia a chamada Escola Nova. Foi professor do Colégio Pedro II e professor da Universidade do Brasil (1937) no Rio de Janeiro, na Faculdade de Filosofia, responsável pela cátedra de História Moderna e Contemporânea do Departamento de História. (COSTA, 2011; MENEZES, 2011)

Delgado de Carvalho e Pierre Monbeig partilhavam ideias muito semelhantes quanto ao Ensino da Geografia. Na década de 1940 elaboraram um *Manual para as excursões geográficas*, destinado aos professores do ensino básico. (MENEZES, 2011)

Entretanto, podemos dizer que o professor Pierre Monbeig foi um dos principais responsáveis pela modificação no ensino de geografia do ensino secundário nas décadas de 1930 e 1940 no Estado de São Paulo, dada sua atuação na Universidade de São Paulo.

Com o surgimento de um curso universitário em Geografia em 1934 (anterior a criação da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro) a formação do professor de geografia se tornava mais específica e especializada.

O professor Pierre Monbeig chegou ao Brasil num momento em que o ensino de Geografia era pensado e discutido por professores ligados a Escola Normal e ao Instituto de Educação; as ideias sobre a necessidade de se desenvolver uma geografia mais moderna começava a aparecer, de forma muito incipiente, na legislação educacional da época. O Brasil que ele encontra é um país que ainda precisava ser conhecido, estudado; foi lecionar numa Universidade nova, que ainda se estruturava, tanto com relação às disciplinas quanto às carreiras docentes. Nas décadas de 1930 e 1940 e também nas seguintes, o Estado de São Paulo, especialmente a cidade de São Paulo, experimentavam um crescente desenvolvimento econômico e populacional, mas não contavam com dados estatísticos suficientes para espacializar tal crescimento. Muito ainda precisava ser feito em termos de *conhecimento* do território.

De acordo com Salgueiro (2006, p. 209)

A percepção das carências da nova faculdade e as do público universitário caminha ao lado das novas diretrizes metodológicas da geografia que Monbeig introduz, orientando também programas e manuais para o secundário.[...] Há seis meses no Brasil já se manifestava pela reforma do ensino secundário da geografia, assinando uma contribuição a ela, em nome da AGB, com Aroldo de Azevedo e Maria Conceição Vicente de Carvalho[...]

O professor Pierre Monbeig também defendia a necessidade de que a renovação do ensino secundário deveria ocorrer não somente em termos curriculares, mas principalmente através da formação dos professores de Geografia, tarefa possível com a criação de um curso superior em Geografia.

A partir de 1934 os professores de Geografia começavam a ser formados na Universidade. A carreira docente do professor de Geografia iniciava seu processo de profissionalização.

Assim, Livia vivencia, enquanto aluna da escola básica, todas essas mudanças, e especialmente, uma Geografia que valorizava as excursões e o conhecimento da paisagem. Contudo, a geografia a ser ensinada, a geografia brasileira, começava a ser conhecida e

discutida no âmbito acadêmico; os dados sobre o território ainda estavam sendo conhecidos e divulgados. Lívia cursa a escola básica num momento em que o professor de Geografia começava a se profissionalizar.

Aí reside a diferença entre o bom e o mau professor, na medida em que os bons professores eram os que traziam o conhecimento da Universidade para a escola, e os maus professores se restringiam aos caderninhos amarelados pelo tempo, os quais continham apenas nomes e dados a serem memorizados. (NADAI, 1991)

As mudanças curriculares instituídas pelas legislações educacionais das décadas de 1930 e 1940 evidenciam a mudança de status da Geografia na escola, processo que teve início com o desenvolvimento da Geografia Acadêmica, a qual ganhava, aos poucos maior status dentro da Universidade. Basta lembrar, como mencionado anteriormente, que a Geografia no currículo da escola básica se desdobrou em duas – Geografia Geral e Geografia do Brasil – com a Reforma Capanema de 1942, ampliando a possibilidade de contratação de mais professores.

Nesse sentido, à medida que a Geografia acadêmica se especializava e formava geógrafos, havia também uma ampliação das oportunidades do trabalho docente. Esse processo foi fundamental para a conquista de status da Geografia como uma disciplina acadêmica e também para a profissionalização do professor de geografia.

De acordo com Nadai (1991, p. 108)

[...] foram nas disciplinas humanas, principalmente na História, Geografia, Sociologia, Filosofia e Pedagogia que as inovações, originadas a partir da formação universitária do professor secundário, atingiram a escola de maneira expressiva. Isso se explica pelo número significativo de licenciados que se dirigiram para os ginásios, colégios e escolas normais, o que não ocorreu com os estudantes das áreas científicas que, além do número restrito, encontraram outras ocupações no mercado de trabalho não docente. Todavia, essas preocupações se explicitavam mais nas abordagens novas do conteúdo curricular e no seu tratamento concomitante ao método próprio do que na adoção de princípios diferenciados[...]

Vemos que a preocupação maior dos professores de geografia recém formados estava centrada em como ensinar os conteúdos discutidos na Universidade aos alunos da escola, para garantir que estes tivessem um conhecimento adequado do país em que viviam. Dessa forma, a transposição didática em Geografia, tão discutida e debatida atualmente, à época de Lívia era algo normal e necessário à manutenção do status da disciplina na Universidade.

É nesse cenário que a Geografia brasileira começa a se estruturar como um saber válido. Entretanto, a validade desse conhecimento estava condicionada a sua utilidade na escola; nesse sentido, a atuação de professores de Geografia da recém Universidade, tais como Pierre Monbeig, junto ao poder público federal para a renovação do ensino secundário (que acontece em 1942), mostra a preocupação crescente em fortalecer a Geografia – uma área de conhecimento que começava a se estruturar como uma Ciência de referência.

Nas próximas páginas discutiremos a questão do fortalecimento da Geografia como uma disciplina acadêmica, especialmente porque é neste contexto que a professora Livia começa a estruturar sua trajetória de vida com vistas a conseguir o seu espaço no mundo do trabalho. As estratégias utilizadas por ela e sua participação no fortalecimento da Geografia como uma disciplina acadêmica também serão abordados.

2.2 – ‘Construção Social do Currículo’ e ‘História das Disciplinas Escolares’: estabelecendo compreensões

Nas páginas anteriores esboçamos um quadro que procurou esclarecer o contexto histórico em que a Geografia começava a ser reconhecida como um conhecimento válido dentro da Universidade, associado ao período de escolarização básica da professora Livia.

Todavia, para compreender a continuidade desse processo é necessário trazer à tona as discussões elaboradas por Ivor Goodson (1990; 2001; 2010) sobre a construção social do currículo.

Primeiramente discutiremos as ideias do autor e, a medida que as reflexões avançam, estabelecemos relações com o contexto de escolarização vivido pela professora Livia.

Os estudos de Ivor Goodson são importantes às nossas investigações quanto às discussões sobre a evolução da Geografia como uma matéria acadêmica. Ao analisar o processo que levou a Geografia no Reino Unido a ser reconhecida como uma disciplina escolar o autor estabelece importantes considerações quanto aos grupos dominantes que permeiam a escola e também a Universidade, e nos mostra que a aceitação da Geografia nos meios acadêmicos e na escola foi conseguida através de uma complexa rede de interesses de grupos sociais que permeiam a escola e a Universidade.

Segundo Goodson (1990, p.234) “para entender a progressão da rota em direção ao status acadêmico é necessário examinar as histórias sociais das matérias escolares e analisar as estratégias empregadas na sua construção e promoção”.

É nesse sentido que procuramos aqui estudar as estratégias utilizadas na construção de um arcabouço teórico e prático sobre a Geografia, e de que maneira esse processo contribuiu com a estruturação de um conhecimento (teórico e prático) sobre a Geografia da sala de aula. Os relatos da professora Lívia são nosso ponto de partida, e também por isso nos ajudam a compreender ao menos uma parte desse processo, pois sua atuação docente esteve restrita ao Estado de São Paulo. Nesse sentido, como exposto na Introdução deste trabalho, fazemos nesta pesquisa um recorte sobre a institucionalização da disciplina geografia e seus desdobramentos *sobre e para* o Ensino de Geografia; este recorte relaciona-se ao foco de nossos estudos: a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro – atual Unesp de Rio Claro. É também por isso que neste trabalho ao citarmos *Geografia Brasileira* apenas evidenciamos que nossos estudos relacionam-se a um processo maior, que contribuiu com o desenvolvimento da Geografia enquanto Ciência de referência no Brasil.

Nesta pesquisa, acreditamos que a ideia de Goodson sobre os estágios de evolução da Geografia no Reino Unido pode também ser utilizada para pensarmos a evolução da Geografia brasileira, especialmente porque ilumina nossas considerações sobre os mecanismos envolvidos na construção da Geografia Escolar como um campo de pesquisa.

De acordo com Goodson (1990, p. 241) a Geografia percorreu um caminho que a fez ser reconhecida como uma disciplina acadêmica; para ele, esse movimento teve início no interior dos estabelecimentos escolares, o que fez com que a Geografia deixasse de ser uma matéria escolar e passasse a ser reconhecida como uma disciplina de alto status na Universidade.

No primeiro estágio a matéria escolar ganha uma base e aparece como uma das matérias principais no currículo das escolas; a Geografia ganha status de uma matéria tradicional e se garante no currículo através da legislação vigente. No segundo estágio há o estabelecimento de escolas universitárias que treinam os professores de Geografia. Esses professores práticos de geografia são os responsáveis por elaborar os exames; neste momento o ensino de Geografia está exclusivamente nas mãos de geógrafos treinados. No segundo estágio há o aparecimento de Departamentos de Geografia na maior parte das Universidades do Reino Unido e a Matéria ganha um centro reconhecível de identidade.

Por volta da década de 1950 fala-se no Reino Unido do estabelecimento da Geografia como uma *disciplina universitária*. Ela passa a ser vista como uma disciplina principal nas universidades, e, portanto a ser aceita como uma Matéria. Assim, o conteúdo da matéria deveria ser feito pelos acadêmicos.

[...] O contexto no qual esses acadêmicos operavam estava substancialmente divorciado das escolas; suas atividades e motivações pessoais, seu status e preocupações de carreira estavam situados no contexto da universidade. As preocupações dos alunos das escolas elementares e secundárias, dessa forma subrepresentados, contavam cada vez menos com a definição dessa disciplina acadêmica bem estabelecida. (GOODSON, 1990, p.241-242)

Foi justamente o afastamento da Geografia de suas intenções pedagógicas e utilitárias que provocaram uma crise na geografia escolar no final da década de 1960. Entretanto, essa crise que poderia ter envolvido os alunos das escolas seguiu um caminho inverso: a mudança buscou uma aceitação plena da Geografia nos meios acadêmicos.

O empurrão em direção ao status centrou-se em torno da ‘nova geografia’, que se afastou da Geografia regional em direção a dados mais quantitativos e à construção de modelos. A batalha pela Nova Geografia foi talvez o choque final entre aquelas tradições em Geografia que representavam tradições mais pedagógicas e utilitárias (notavelmente os geógrafos de campo e alguns regionalistas) e aqueles que lutavam por uma aceitação acadêmica total. (GOODSON, 1990, p.243)

A busca da Geografia por sua aceitação como uma disciplina acadêmica terminou no início da década de 1970; a partir desse momento seu futuro seria determinado nos meios acadêmicos e não mais na escola. Para Goodson (1990, p. 248-250), esse processo pode ser concebido como

[...] um esforço por parte de grupos de baixo status situados no nível da escola para progressivamente se apoderar de áreas no interior do setor universitário – ganhando assim o direito para que os acadêmicos no novo campo possam definir o conhecimento que pode ser visto como uma disciplina. [...] a posição da matéria nas universidades pareceria confirmar o sucesso do esforço da Nova Geografia em favor de uma paridade de status com outras disciplinas universitárias.

Compreender o processo engendrado pelos grupos que compõem a escola e o meio acadêmico é tão importante quanto conhecer e entender o contexto histórico em que se inserem as mudanças vividas pela Geografia. Na verdade, a compreensão do contexto

histórico é uma das premissas de Goodson para que os estudos sobre a construção social do currículo possam, de fato, contribuir com as análises do processo de escolarização.

Nesse sentido, procuramos aqui estabelecer conexões entre o desenvolvimento do pensamento geográfico brasileiro (e, portanto, dos grupos que contribuíram para sua evolução, especialmente os grupos envolvidos com a USP e a FFCL de Rio Claro), e o processo que permitiu à Ciência geográfica desenvolver-se também como um campo de investigação ligado à Geografia Escolar.

De acordo com Goodson (1987, p. 3-4. op cit. Goodson, 2010, p. 76)

Os estudos de caso históricos sobre matérias escolares proporcionam o ‘detalhe local’ de mudança e conflito curriculares. A identidade de indivíduos e subgrupos que atuam dentro de grupos de interesse curricular possibilita algum exame e alguma avaliação em torno de projetos e motivações. Com isso, teorias sociológicas que atribuem poder sobre o currículo aos grupos de interesse dominantes podem ser analisadas em relação ao seu potencial empírico. Concentrar a atenção no micronível de grupos ligados a alguma matéria de alguma escola não é negar a importância fundamental das mudanças econômicas de macronível ou das mudanças de ideias intelectuais, dos valores dominantes ou dos sistemas educacionais. [...] Mudanças de macronível são consideradas como sinais de uma série de novas escolhas visando submeter facções, associações e comunidades.[...]

Dessa forma, não temos a pretensão de um estudo analítico único sobre o Ensino de Geografia no Brasil, tampouco a intenção de estabelecermos verdades; procuramos apenas contribuir com as reflexões sobre o processo de institucionalização da Geografia Escolar como um campo de pesquisas no Brasil, considerando que o conhecimento e a compreensão das histórias desta trajetória podem trazer à tona importantes considerações sobre a Geografia que se efetiva nas salas de aula.

CAPÍTULO 3

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE LÍVIA DE OLIVEIRA E AS ESTRATÉGIAS ENVOLVIDAS NOS PROCESSOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA COMO DISCIPLINA ACADÊMICA

3.1 O contexto histórico

As reflexões tecidas até o momento nos autorizam dizer que a Geografia brasileira também enfrentou lutas importantes para se garantir como um campo de conhecimento válido. Esse enfrentamento ocorreu no interior das universidades, mas muito motivado pelas necessidades exteriores, tais como as aspirações de grupos sociais emergentes que começavam a participar do processo educacional, especialmente no final da década de 1940 e meados da década de 1950.

Como visto anteriormente, no Brasil a Geografia surgiu na Universidade na década de 1930. Um dos principais centros de difusão do conhecimento geográfico brasileiro foi a Geografia da Universidade de São Paulo, ligada desde seu início à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.

O pensamento geográfico da época estava fortemente influenciado pelas teorias e métodos franceses, dada a grande quantidade de professores franceses recrutados pela recém Faculdade para ministrar aulas no curso de Geografia e História. Professores como Pierre Monbeig, desde o início de sua atuação, divulgavam a necessidade de que o geógrafo brasileiro conhecesse seu próprio território, mas para tanto, utilizava métodos de investigação já existentes e discutidos na França. Mesmo o Ensino da Geografia esteve muito influenciado pelos métodos franceses (SALGUEIRO, 2006, p.209)

A bibliografia utilizada nas primeiras décadas do curso de Geografia e História era, na sua maioria, francesa e inglesa:

Professora Livia - Na minha época de faculdade os livros usados na graduação eram quase todos em francês e inglês, pouquíssimos escritos em português, pouquíssimos traduzidos. Eu por exemplo, que não sabia francês – eu tinha conhecimento só de ginásio – aprendi a ler francês por causa disso. Eu não consigo falar francês, mas entender e ler o francês, eu leio correntemente.

No Brasil a Geografia não apareceu na Universidade como uma Ciência autônoma; esteve ligada diretamente, na Universidade de São Paulo, à História. Na USP o curso era chamado de Geografia e História, e o aluno formado poderia optar, inicialmente, por uma das áreas para se especializar e atuar profissionalmente.

Até meados da década de 1930 não existiam cursos superiores de formação de professores. A escola Caetano de Campos na cidade de São Paulo era a responsável por formar os futuros professores; entretanto, os professores de geografia que ministravam aulas no ensino regular eram autodidatas ou pessoas formadas em outros cursos como Direito e Engenharia.

Segundo Romanelli (1982) as décadas de 1930 e 1940 foram marcadas pelo movimento da Escola Nova que influenciou não só a elaboração de uma nova legislação educacional (aprovada somente na década de 1960), mas também as discussões que permeavam a estruturação dos cursos da Faculdade de Filosofia da USP.

Os cursos da Faculdade de Filosofia da USP foram criados com a intenção de formar professores para o ensino secundário num momento histórico em que há um crescimento rápido da urbanização e da industrialização, especialmente no Estado de São Paulo (ROCHA, 1996).

A criação do curso de Geografia da USP ocorreu numa época em que se buscava a consolidação de uma orientação moderna de geografia, nas escolas e nas universidades. A própria geografia da sala de aula passa a ser valorizada pelo Estado, haja vista a criação da reforma Francisco Campos que, pela primeira vez, dava estrutura orgânica ao ensino secundário no Brasil e uma orientação mais efetiva para o ensino de Geografia. (LAUBSTEIN, 2008)

Assim, através de uma legislação federal – a reforma Francisco Campos - surgia a necessidade da criação de cursos de formação de professores, inclusive de professores de Geografia. Nas escolas a geografia já era ensinada; mas para garantir a sua existência e validade dentro das escolas era necessário estabelecer um corpo teórico capaz de fundamentar as ideias até então discutidas. A criação de um curso superior possibilitava a especialização desse conhecimento já divulgado nas escolas, além de garantir a existência da Geografia no currículo das escolas e a ascensão profissional de professores não formados em nível superior.

Nesse momento a geografia passa por uma especialização: os professores de Geografia do ensino secundário começam a ser treinados em estabelecimentos universitários. O trabalho docente na escola básica se especializa na medida em que as pesquisas e práticas dos professores universitários também se especializam na Universidade.

Professora Livia – [...] Na época de estudante da graduação a gente não fazia uma pesquisa de fato; os professores também estavam fazendo Doutorado. Naquela época, a única pessoa que era Doutor era o Doutor João, que também era catedrático. Ari França, o professor Aroldo...O Aziz tinha feito o doutorado, Pasquale Petrone também. Então eles não tinham essa tradição, este conceito de pesquisa. O que nós fazíamos eram excursões com os professores; fazíamos levantamentos bibliográficos, mas pesquisa, pesquisa não.

Nesta época a geografia da sala de aula começava a ser discutida numa perspectiva transpositiva, fato normal e necessário num momento em que os métodos e a própria Geografia brasileira ainda se desenvolviam.

A professora Livia nos expõe essa realidade ao comentar como eram as aulas sobre o Ensino de Geografia:

[...] não existia exatamente. O que o Carlos Augusto fazia...ele fazia blocos diagramas para dar Geomorfologia, ou ele fazia todas as representações da circulação atmosférica... ele usava uma lousa toda para fazer esses desenhos com giz colorido; quando os alunos entravam na sala de aula, encontravam já aquilo desenhado. Ele dizia pros alunos “É isso que vocês tem que usar na escola. Quando vocês forem pro ginásio dar aula, vocês também tem que fazer desenho na lousa, para os seus alunos. O Doutor João também, quando nós saíamos para as excursões ele dizia: “ Vocês tem que sair com seus alunos no campo, só que não vão ensinar Geomorfologia profunda”. Ele dizia: “Vocês tem que fazer uma passagem para os seus alunos” [...]

Dessa forma, acreditamos que no caso brasileiro, o processo que permitiu à Geografia ser reconhecida como uma disciplina universitária começou a ser estruturado com o surgimento do curso de Geografia da USP, ainda na década de 1930, mas foi se estabelecendo com mais força no final da década de 1950, mais precisamente entre 1955 e 1956, após a separação entre Geografia e História no ensino superior determinada pela Lei Federal nº 2.594 de 8 de setembro de 1955, incorporada à USP por decreto estadual nº 25.701 de 4 de abril de 1956.

A separação entre Geografia e História foi resultado de um processo em que grupos da Universidade tentam estabelecer seu lugar no meio acadêmico. Isso porque, ao se separar da História, a Geografia passou a ser reconhecida como uma disciplina única, com um corpo teórico próprio, não mais vinculada às ideias e metodologias da História. Além disso, surgia a possibilidade de criação de novas disciplinas que, no sistema institucional da época baseado

nas cátedras, significava oportunidades de ampliação da atuação docente do catedrático ou mesmo de professores assistentes indicados.

O sistema de cátedras adotado pela maioria das universidades brasileiras permitia ao professor catedrático um cargo vitalício. Foi adotado pela USP na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e, posteriormente por alguns Institutos Isolados espalhados pelo Estado de São Paulo. Segundo Roiz (2004, p. 93) o aspecto legal da criação das cátedras

compreende desde a incorporação de um corpo de regras que operem o desdobramento do processo que regiria a forma de seleção do profissional até a caracterização de suas funções. A organização das cadeiras efetua a disposição curricular de cada curso e delibera a maneira como os profissionais deverão agir dentro de cada seção ou subseção na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Por fim, os locais ou espaços de sociabilidade que se formava no interior de cada curso caracterizavam os laços de amizade, as escolhas políticas e as predisposições teóricas e práticas de cada um dos professores – na cadeira, que atuava profissionalmente, e no curso, entre ‘os pares’.

Ao longo do tempo, as regras para concorrer a uma vaga como professor catedrático foram reestruturadas. Mas, segundo Roiz (2004), a carreira docente no início do funcionamento da Faculdade de Filosofia da USP não exigia o título de doutor, mesmo porque os cursos de pós-graduação no Brasil começaram a aparecer anos depois. De maneira geral,

o início da carreira dependia mais de oportunidade, porque decorriam de assistências a professores efetivos. Era por meio desse ‘estágio remunerado’ (por assim dizer) que começava a carreira docente. Ao desempenhar as funções de assistente, anos depois renomeada como auxiliar de ensino, que o recém formado aprendia a elaborar e planejar as aulas e o conteúdo das disciplinas, que observava como era o funcionamento administrativo da cadeira e que iniciava as primeiras pesquisas acadêmicas. Essas pesquisas que davam origem às teses de doutoramento dos assistentes (ou auxiliares de ensino). Ao defenderem seu doutoramento uma outra etapa se iniciava. A carreira não tinha estabilidade, a menos que se fosse o titular da cadeira. Mesmo sem estabilidade plena, observou-se que foram ínfimos os casos em que os recém-doutores que já atuavam na instituição como assistentes (ou como auxiliares) eram dispensados de suas funções docentes. Aos iniciantes, embora não tivessem estabilidade garantida legalmente, restava ao concluírem o doutoramento esperarem a oportunidade de prestarem o concurso para professor catedrático. Nesse caso, a aproximação e

confraternização com os ‘pares’ era fundamental para alicerçarem (além de rituais de consagração) os laços de amizade.(ROIZ, 2004, p. 98-99)

O sistema de cátedras instituído na USP estabelecia uma relação muito próxima entre os professores e os possíveis candidatos ao ensino superior. Além disso, contribuía com a conquista de status do trabalho docente dentro da Universidade, especialmente por permitir uma carreira docente praticamente vitalícia:

Professora Livia - A cátedra, o que é a cátedra? A cátedra – até me lembro sempre que o Dr. Eurípides que dizia – ele vinha pra dar aula de História, ele vinha com uma coisinha, um móvelzinho, porque ele punha ali... aquilo é a cátedra. Então você se coloca numa situação acima do aluno, o aluno fica lá embaixo e o professor... E isso também foi uma das Reformas Universitárias, foi contra a cátedra; e quem escolhia o assistente era o catedrático, não havia concurso, não havia seleção, o catedrático escolhia fulano, beltrano pra ser assistentes dele.

No que se refere à Geografia, o curso da USP em Geografia e História inicialmente contava com a *cadeira de Geografia Física e Humana* sob a regência do professor *Pierre Monbeig*. Essa cadeira foi desmembrada em Geografia Física e Geografia Humana, por meio de medida institucional.

No final da década de 1930 a cátedra de Geografia Física teve como assistente o professor *João Dias da Silveira*, que assumiu a cadeira como professor interino em 1938. Iniciou suas atividades na Geografia da USP em 1936 como assistente de ensino, encarregado de preparar e ministrar aulas no curso de Geografia Física e Humana sob a coordenação do professor Pierre Monbeig; este foi seu orientador na tese de doutorado defendida em 1946. Em 1950 o professor João Dias da Silveira assumiu a cátedra de Geografia Física. (ROIZ, 2004, p.115)

O surgimento de uma nova disciplina dentro da Cátedra ou disciplina base permitia o desmembramento de uma Cadeira, garantindo o trabalho docente no meio acadêmico, além de possibilitar discussões mais específicas em torno de um determinado tema.

Dessa forma, a especialização do conhecimento tornava possível a formação de uma área específica e, portanto, de uma disciplina verdadeiramente acadêmica. Enquanto a Geografia possuía apenas algumas cadeiras dentro do curso de *Geografia e História*, sua

ampliação como uma área única de conhecimento ficou impossibilitada de acontecer, assim como a ampliação da carreira docente a outros candidatos a professores universitários.

Ao se desmembrar da História em 1956, a Geografia consegue garantir seu lugar no âmbito acadêmico como uma disciplina universitária, principalmente por ter em sua estrutura disciplinas específicas que a caracterizavam como uma Ciência de referência, com objeto e métodos próprios. No meio acadêmico, essa separação representou uma oportunidade de ascensão para professores recém formados.

A justificativa para a especialização do conhecimento geográfico estava justamente na necessidade da formação de professores especialistas para o secundário; assim, não só a Geografia da universidade adquiria status acadêmico, mas também conseguia se garantir como uma disciplina necessária no currículo escolar. É importante lembrar que para Goodson (1990) a Geografia atinge o estágio final de aceitação de uma matéria justamente quando ela passa a ser reconhecida como uma disciplina principal nas universidades.

A partir de 1956 o *Curso de Geografia* da USP passa a ter as seguintes disciplinas: *No 1º Ano*: Geografia Física, Geografia Humana, Geografia do Brasil, Cartografia, Geologia, Antropologia, História da Civilização Moderna. *No 2º Ano*: Geografia Física, Geografia Humana, Geografia do Brasil, Geografia Regional, Cartografia, Etnografia Geral, História da Civilização Contemporânea. *No 3º Ano*: Geografia Física, Geografia Humana, Geografia do Brasil, Geografia Regional, Botânica, Etnografia do Brasil e Noções de Tupi-guarani, História da Civilização Brasileira. No 4º e último ano do curso os alunos poderiam optar livremente por duas ou três Cadeiras ministradas pela Faculdade de Filosofia e se aprovados teriam o direito ao Diploma de Bacharel. Poderiam também cursar as Cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial, o que lhes garantia o Diploma de Licenciado (ROIZ, 2004)

Através da especialização do conhecimento geográfico a Geografia brasileira conseguiu conquistar seu espaço dentro da Universidade, ampliando não só a discussão em torno de seu objeto de estudo como também as carreiras docentes de professores formados. Entretanto, como dito anteriormente, as questões que envolviam a sala de aula se resumiam às discussões sobre ‘como aplicar o conhecimento geográfico acadêmico na escola’.

A formação do professor de Geografia, agora feita por geógrafos especialistas, tinha como objetivo principal fazer com que o professor tivesse domínio pleno dos conceitos e temas desenvolvidos na universidade; por isso, os currículos de geografia nas escolas estavam restritos à ‘divulgação’ e simplificação da Geografia acadêmica para as salas de aula. Os

conteúdos exigidos nos exames reforçavam a necessidade de determinado arcabouço teórico determinado fora da escola.

O status acadêmico adquirido pela Geografia brasileira se deu ao longo de um processo no qual diversas estratégias foram articuladas com a intenção de promovê-la enquanto uma Ciência de referência. Este processo iniciou-se com a instalação de um curso universitário em Geografia, e se fortaleceu com a especialização do conhecimento geográfico no meio acadêmico. Entretanto, a busca pela manutenção e o fortalecimento do lugar conquistado pela Geografia está diretamente relacionado a interesses particulares de grupos sociais ligados, de modo geral, à Universidade.

A partir deste momento, buscamos investigar de que maneira a trajetória acadêmica da professora Livia se relaciona a este processo de fortalecimento da Geografia como um campo de saber reconhecidamente válido, e principalmente, compreender de que maneira (e por que) o ensino de geografia se tornou um caminho de pesquisa.

Após a Reforma Capanema de 1942 muitas discussões sobre a educação brasileira vão acontecer. Na década de 1950 os debates sobre a necessidade de se adequar a legislação educacional para os padrões de crescimento e desenvolvimento da época aumentavam; os interesses de diversos grupos acirraram os debates entorno da questão *educação pública versus educação privada*. Dessa forma, podemos dizer que a partir do final da década de 1940 e durante a década de 1950 muitos debates aconteceram na tentativa de se estabelecer uma nova legislação educacional; entretanto somente em 1961 é que a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi promulgada. É por esse motivo, que a partir desse momento centramos nossas reflexões nas possíveis relações entre o começo da atuação docente da professora Livia (ocorrida a partir de 1962) e as ideias educacionais da época presentes nas discussões sobre a LDB 4024/61, e algumas legislações que interferiram na estruturação dos cursos superiores em Geografia, especialmente no Estado de São Paulo.

Como vimos, desde a década de 1930 até meados da década de 1960 na USP, as investigações sobre a Geografia da sala de aula eram feitas na Pedagogia e não por geógrafos.

O ensino de geografia foi se tornando um campo de pesquisa no contexto em que se discutiam novas diretrizes para a Educação Nacional. Tais discussões renderam muitos debates, travados desde meados da década de 1940, e formalizados em 1961 com a promulgação da LDB 4024/61.

Segundo Saviani (1987, p. 59-61)

[...] desde a queda do Estado Novo até 1964, o país viveu um clima de ‘abertura democrática’. Contudo, era uma experiência democrática da qual estavam ainda distantes as massas populares. Tratava-se, pois, de uma democracia restrita às elites. [...] Na campanha em defesa da escola pública, desencadeada na fase final da tramitação do projeto das Diretrizes e Bases da Educação, a hegemonia esteve nas mãos dos liberais, representados principalmente pelo grupo ligado ao jornal O Estado de São Paulo e à Universidade de São Paulo. Ainda que a liderança principal tenha sido incontestavelmente do professor Florestan Fernandes, não eram suas idéias as hegemônicas, mas sim aquelas correspondentes à estratégia do liberalismo.[...] Portanto, o texto aprovado não correspondeu plenamente às expectativas de nenhuma das partes envolvidas no processo. Foi, antes, uma solução de compromisso, uma resultante de concessões mútuas, prevalecendo, portanto, a estratégia da conciliação.

A tônica das discussões da LDB 4024/61 centrava-se nas questões sobre o ensino público e o ensino privado. Um grupo de pessoas ligadas à Universidade de São Paulo defendia que a nova LDB deveria valorizar o ensino público e não concordava com os financiamentos públicos dados a cursos universitários privados. Em contrapartida, outras pessoas ligadas à USP e ao jornal O Estado de São Paulo defendiam uma LDB de cunho liberal no qual o ensino público deveria ser ampliado, assim como os financiamentos às instituições privadas. (SAVIANI, 1987)

Importante dizer também que os interesses católicos na aprovação da LDB estavam diretamente relacionados aos recursos financeiros à escola privada. Segundo Vaidergorn (1995, p.146-147) “[...] o número de Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras criadas no Brasil foi o maior entre todos demais estabelecimentos [...] sendo o número de instituições particulares superior ao das públicas. Da década de 1930 até a LDB de 1961, das Faculdades particulares apenas uma não era católica”

Vemos que muitos interesses permeavam as discussões educacionais brasileiras no período. A LDB não foi unânime, mas representou uma vitória contra a política do Estado Novo. Nesse mesmo contexto, no Estado de São Paulo no final da década de 1940 discutia-se a ampliação do ensino superior para o interior através da criação dos Institutos Isolados de Ensino Superior, principalmente de cursos ligados as Faculdades de Filosofia.

A criação das Faculdades de Filosofia no Brasil, de modo geral, estava diretamente ligada à intenção de instruir uma parcela restrita da população, no caso, as elites. Entretanto, ao longo dos anos, e principalmente a partir da década de 1940, o crescimento da urbanização e também da industrialização impulsionaram uma modificação na estrutura educacional

brasileira na medida em que o mercado necessitava de mão-de-obra mais especializada. (LAUBSTEIN, 2008; ROMANELLI, 1982)

Os IIES – Institutos Isolados de Ensino Superior – tiveram sua origem em 1948 através de uma lei estadual promulgada pelo governador Adhemar de Barros em seu primeiro mandato; esta lei autorizava a criação de instituições públicas de ensino superior em cidades do interior de São Paulo. A USP criou diversas Faculdades no interior, tais como a de medicina em Ribeirão Preto, a de Farmácia e Odontologia de Bauru e a Escola de Engenharia de São Carlos. (VAIDERGORN, 1995)

Entretanto,

essas iniciativas, e muitas outras, mesmo contando com uma disposição favorável por parte dos intelectuais ‘uspianos’ para ampliar as bases de um ensino público e gratuito em expansão, esbarravam no rigor do Conselho Universitário da USP e no posicionamento do jornal O Estado de São Paulo, que enfaticamente sustentavam os princípios com que a Universidade fora criada: ela deveria apenas renovar as elites dirigentes, e não ampliá-las. (VAIDERGORN, 1995, p. 150. Grifo nosso)

Dessa forma, a instalação dos Institutos Isolados foi conseguida mediante a autonomia dada a estas instituições com relação à Universidade. Ainda segundo Vaidergorn (1995, p. 156) a instalação dos Institutos Isolados foi conseguida através de um “poderoso componente de apadrinhamento político. A partir de alianças políticas locais (deputados, prefeitos) a tentativa de instalação dos IIES poderia ser concretizada”

A instalação dos Institutos Isolados no interior do Estado acontecia em cidades que, na época, apresentavam maior desenvolvimento econômico relacionado, principalmente, às possibilidades oferecidas pela estrada de ferro. Tais cidades funcionavam como ‘pólos’ de difusão do progresso e do desenvolvimento para o interior do Estado. (VAIDERGORN, 1995)

Os Institutos Isolados representavam, portanto, uma oportunidade de ampliação de um conhecimento mais específico a uma população que começava a participar do mercado de trabalho e também a grupos interessados em ampliar sua rede de atuação política.

Assim, ao estabelecer uma ordem cronológica para algumas legislações educacionais que vigoraram no período das décadas de 1940 a 1960 percebemos que certas determinações legais influenciaram não somente a estrutura educacional brasileira, mas principalmente, o desenvolvimento da própria Geografia como um campo de conhecimento válido dentro da Universidade.

Em 7 de junho de 1957, um ano após a separação oficial da Geografia e História no Ensino Superior paulista, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro foi criada e autorizada a funcionar de acordo com a legislação vigente que autorizava a criação dos Institutos Isolados no interior do Estado de São Paulo. Nesses termos, a instalação dos Institutos Isolados gerou muita discussão entre grupos da Universidade de São Paulo e grupos que apoiavam a iniciativa do governo estadual de expansão do ensino superior.

Segundo Vaidergorn (1995) a instalação dos IIES foi apoiada por um grupo mais ligado a interesses privatistas, incluindo grupos ligados à Igreja e que, por sua vez, defendiam os interesses das escolas privadas. Embora o jornal O Estado de São Paulo e grande parte dos intelectuais da USP se opusessem à criação dos IIES, alguns professores aceitaram cargos – de diretores ou mesmo como docentes - nessas Faculdades instaladas no interior.

Possivelmente essa seqüência de leis e determinações são partes de um processo que teve como intenção tornar a Geografia uma disciplina acadêmica, e, dessa forma, garantir seu espaço enquanto um conhecimento válido dentro da Universidade.

Além disso, as diferenças existentes entre a Geografia da USP e a Geografia desenvolvida nos IIES, bem como as pesquisas realizadas nestes dois centros de formação intelectual foram muito mais resultado das relações estabelecidas entre grupos que tentavam se manter dentro da Universidade e grupos que tentavam conquistar ou ascender na carreira acadêmica.

3.2 – Estratégias: a Geografia e sua busca pelo reconhecimento acadêmico

Como se vê, a trajetória percorrida pela Geografia para se tornar uma disciplina acadêmica contou com a participação decisiva de grupos de intelectuais da USP e também da FFCL de Rio Claro. Assim, com o intuito de compreendermos melhor as estratégias envolvidas neste processo procuramos, a partir deste momento, analisar a estruturação da Geografia como um saber autônomo na USP e na FFCL de Rio Claro.

Ao se separar da História, a partir de 1956, a Geografia passou a ser reconhecida como um campo de saber autônomo, com objeto e métodos próprios. Na Faculdade de Filosofia da USP esta separação representou a oportunidade de ascensão na carreira acadêmica para professores que já lecionavam como assistentes de Cátedras já estabelecidas.

No curso de Geografia da USP alunos recém formados ou professores que ainda não faziam parte do quadro docente da instituição, não conseguiriam alcançar um lugar na carreira universitária, devido à própria estrutura das Cátedras.

Essa possibilidade de ascensão profissional surgiu com a criação dos Institutos Isolados em que o curso de Geografia era instalado, principalmente porque nos IIES o sistema de Cátedras, em sua grande maioria, foi substituído pela estrutura de Departamentos; em alguns casos, a Cátedra era oferecida ao professor sem a necessidade de passar por todas as etapas de docência até conseguir ser catedrático. Essas estratégias permitiram a inserção de professores jovens, recém formados e que ainda não haviam se especializado em uma área específica da Geografia.

Como vimos, a USP era composta por grupos divergentes quanto à política de expansão do ensino superior no interior do Estado. No curso de Geografia e História haviam cátedras mais ligadas à História e outras mais ligadas à Geografia. Com a separação da Geografia e da História em 1956 houve a possibilidade de que cada uma dessas disciplinas se desenvolvesse de maneira mais autônoma, necessitando, portanto, de professores que pudessem contribuir com a especialização do conhecimento em cada uma dessas áreas, agora distintas entre si.

Entretanto, essa especialização não seria conseguida necessariamente através da contratação de novos docentes, mas sim a partir do aproveitamento dos professores que já lecionavam na instituição.

Isto exigiu desses professores o desenvolvimento de pesquisas em áreas determinadas, capazes de garantir a especialização do conhecimento. Nesse sentido, os financiamentos eram essenciais para garantir a continuidade das investigações propostas.

Em meados da década de 1950 e 1960, os financiamentos à Educação no Estado de São Paulo estavam atrelados à ideia de expansão da oferta do ensino técnico e na qualificação de mão-de-obra para o trabalho devido à expansão da industrialização verificada no Estado.

Nos Institutos Isolados os financiamentos estavam mais propensos a acontecer devido aos objetivos com que foram criados: o de instruir uma parcela da população muito importante para o desenvolvimento e expansão das atividades econômicas do Estado. Assim, o governo estadual da época deixava evidente que seu maior interesse estava em investir nos cursos dos Institutos Isolados.

Nesse sentido, podemos dizer que o trabalho num Instituto Isolado significava, dentre outras coisas, maiores oportunidades de se obter financiamentos em pesquisas e infraestrutura, além de apresentar ocasião para a ascensão na carreira acadêmica.

E foi exatamente o que aconteceu com o professor João Dias da Silveira, catedrático da USP na Cadeira de Geografia Física, aceitou o convite do Governador do Estado em 1957 para ser o Diretor da FFCL de Rio Claro.

A vinda do professor João Dias para a FFCL de Rio Claro permitiu sua ascensão na carreira acadêmica, além da ampliação de financiamentos em pesquisas nos cursos que compunham a instituição recém criada.

Ao escrever para o Governador do Estado, o professor João Dias esclarece que o aceite ao convite para ser diretor da FFCL estava atrelado a certas garantias, muitas delas relacionadas a investimentos em infraestrutura:

[...] Sabe muito bem Vossa Excelência que a atitude do Poder Legislativo, criando institutos de ensino superior em número alarmante, deliberadamente contrariando reiteradas manifestações de técnicos e órgãos especializados e permanecendo indiferente às repetidas declarações feitas pelo Governo sobre as condições do erário público, tem causado mal estar nos meios sinceramente interessados na defesa de nossa política de educação. *Isso porque a criação de tais institutos, nas condições em que vem sendo feita, compromete seriamente nível do ensino em grau superior.* [...] Em manifestações repetidas em todas as oportunidades, as classes interessadas no ensino e os órgãos capazes de ajuizar sobre o caso em tela, têm procurado chamar a atenção das autoridades para o perigo que essa diretriz está criando para nosso sistema educacional. *Mesmo Vossa Excelência temos recorrido no desejo de defender uma política educacional que procura elevar a cultura e a capacidade técnica de nosso povo e que está seriamente ameaçada. Tínhamos presentes esses fatos e orientação quando Vossa Excelência teve a gentileza de nos receber em audiência e de nos honrar com o convite para estudarmos a instalação de uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na cidade de Rio Claro. É natural que, coerentes com os pontos de vista mais do que uma vez expostos pela Congregação da Faculdade de que faço parte, pontos de vista aos quais sempre nos associamos, estivéssemos na obrigação de declinar da honrosa incumbência. Vossa excelência, entretanto, antes que nos manifestássemos, declarou que o convite era para dirigirmos a instalação de uma Faculdade de alto nível e em linhas renovadoras.* Tendo Vossa Excelência colocado nesses termos a instalação do novo instituto, criava, evidentemente, situação nova para nós. Não podíamos, como não podemos, duvidar dos propósitos do Governo, “máxime” quando Vossa Excelência, na referida audiência, fez questão de reafirmar que, para atingir tais escopos, estão as autoridades dispostas a oferecer todo o amparo e colaboração necessárias. Tudo indicava ter o Governo de Vossa Excelência deliberado depois de atentar maduramente para o problema.[...] (JOÃO DIAS DAS SILVEIRA apud BUSCHINELLI, 1988, p.17. Grifo nosso)

Em seu discurso podemos perceber uma preocupação em justificar o aceite ao convite aos colegas da USP e, por consequência, a todos que se opunham a política de instalação dos IIES.

Diante da necessidade de justificar a existência da FFCL de Rio Claro, e também da própria Geografia como uma disciplina válida dentro da Faculdade recém criada, o professor João Dias procurou estabelecer em Rio Claro um corpo docente disposto a desenvolver e fortalecer o arcabouço teórico e prático da Geografia; para tanto, trouxe professores de outras Universidades brasileiras, tais como da própria USP, do Rio de Janeiro, de Santa Catarina, além de recém formados que almejavam seguir na carreira universitária.

Abaixo transcrevemos dois trechos do relato da professora Livia que ilustram tais estratégias:

Professora Livia – [...] O Doutor João era lá da USP; o sonho do Doutor João sempre foi ser diretor da Filosofia, e sempre era escolhido o Doutor Eurípides. Ele achava que ia ser um ótimo diretor, se fosse ele o diretor da Filosofia na USP. Não conseguiu, nunca foi, porque eram aquelas indicações, aquelas coisas...

Aí ele aceitou organizar a Filosofia de Santa Catarina, que estava no começo; a experiência dele foi lá, o teste dele foi lá. Ele levou o Carlos Augusto, o Peluzo, muita gente boa lá pra Santa Catarina...Não sei se chamava federal em 1959, 58, devia ser Federal, mas não sei se fala ainda assim. E nós não falávamos USP naquela época. Essa sigla de chamar USP é relativamente nova; a primeira vez que eu ouvi nem sabia o que significava, mesmo tendo estudado lá.

Aí Jânio Quadros, que estava começando a dar uma nova orientação para o Ensino Superior, veio com essa idéia de ter campus espalhados pelo Estado de São Paulo. E convidou o Doutor João para organizar a Faculdade de Rio Claro, mas o Doutor João disse que só aceitaria se tivesse curso de Geografia. Ele aceitou e ficou aquela dúvida de onde se localizaria, e por questões políticas locais, ficou em Rio Claro.

A Faculdade começou com o curso de Geografia, de Matemática, Pedagogia e História Natural. Ficou História Natural por causa do Doutor Buschinelli que tinha interesse.

O Doutor João era, não sei se pode-se dizer amigo, mas ele tinha acesso ao palácio do governador a hora que ele queria, e o dinheiro que ele precisava. Então, ele organizou, fez o curso de Geografia como ele imaginava, já de cara com o ônibus para sair, com a Aerofotogrametria que ele tinha ido não sei onde e já tinha visto, já com todos os aparelhos, com o professor dando aula. Ele queria uma Geomorfologia, uma Climatologia moderna e convenceu o Carlos Augusto pra vir pra cá. E queria uma parte agrária e urbana também forte, por isso trouxe a Elza Keller lá do IBGE, que era considerada uma das sumidades. Na Geografia do Brasil, veio o Penteado. E na Cartografia era o Linton, que dava a Aerofotogrametria[...]

Professora Livia - Eu fui convidada pelo Doutor João para vir para Rio Claro. Naquela época, era o catedrático que convidava, e Doutor João me convidou para eu vir para cá bem antes do Doutorado [...]Nessa época eu já

tinha terminado a Geografia, já dava aula, já estava fazendo essas disciplinas, e o Doutor João sabia que eu tinha interesse de fazer carreira universitária. Aí depois, quando ele soube que mamãe havia morrido em 1961, ele voltou a me convidar. Aí eu disse que aceitava, por isso eu vim para Rio Claro em 1962. Ele foi meu professor e do meu curso, também fizemos excursões juntos; conhecia o Doutor João desde o primeiro ano que eu fiz Geografia. Então, já no final de 61, ele voltou a convidar. Só que eu tinha a minha cadeira no secundário; eu falei para ele que eu pediria um afastamento, mas que eu não iria largar, porque eu não sabia se ficaria aqui ou não. Demorou para sair meu afastamento, e eu vim pra cá em maio, e não em março. Ele queria que eu desse a disciplina que se chamava “Didática Especial de Geografia” para o quarto ano; era o quarto ano para os formandos aqui de Rio Claro. Ele me chamou bem atenção, porque ele não queria que eu transformasse a minha vinda como trampolim para eu passar para a Geografia; ele não queria que eu viesse pra cá e depois passasse a trabalhar em Geomorfologia - que eu gostava muito - em Climatologia, Urbana... Ele queria que eu viesse para trabalhar em Didática da Geografia; que eu fizesse pesquisa, ele usou bem a palavra, que eu iniciasse trabalhos de pesquisa em Ensino da Geografia, não em Geomorfologia. Ele dizia que eu poderia ir lá com o Carlos Augusto, com a Elza, ir lá observar mas não queria que eu fizesse pesquisa nisso. Ele queria que eu fizesse pesquisa em Ensino de Geografia! Nem a USP tinha esse tipo de trabalho! [...]

Na FFCL de Rio Claro a estratégia utilizada para garantir a existência das carreiras acadêmicas e da própria Ciência geográfica foi torná-la necessária à sociedade. Importante salientar que os mecanismos que tornavam a geografia um saber necessário à sociedade já estavam sendo articulados através das legislações que determinavam a estrutura dos currículos escolares, especialmente no que tange aos exames exigidos para a admissão nos níveis mais elevados de escolarização. Além disso, com a crescente urbanização e industrialização brasileira verificada ao longo das décadas de 1940-1960 as legislações educacionais brasileiras tendem a privilegiar o ensino técnico, mais prático e ‘útil’ à sociedade que busca um lugar no mundo do trabalho.

Nesses termos, podemos dizer que as exigências feitas pelo professor João Dias à professora Livia de Oliveira quanto ao teor de suas investigações – o Ensino da Geografia - inauguraram uma linha de pesquisa necessária à busca pela manutenção do status adquirido pela Geografia, e que, por sua vez, precisava ser também garantido no curso recém criado da FFCL de Rio Claro.

Neste contexto, encontrava-se a Geografia da USP numa situação difícil e, ao mesmo tempo, favorável ao se separar da História. Situação favorável pela oportunidade de desenvolver-se como um campo de conhecimento autônomo. Situação difícil porque precisava articular mecanismos para garantir seu lugar e sua existência numa Faculdade já constituída e com uma estrutura em que as cátedras prevaleciam.

A Geografia da USP precisava ser reconhecida como uma Ciência num ambiente instável, e neste sentido, tornava-se muito importante o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre os métodos da Geografia e seu objeto de estudo, bem como o aumento de recursos financeiros para as pesquisas.

Assim, houve, no início da década de 1960 na USP, uma tendência na especialização do conhecimento geográfico através das pesquisas realizadas na pós-graduação, além de uma busca crescente por recursos financeiros. Em entrevista publicada em 1994, o professor Pasquale Petrone relata esse processo:

[...]O Instituto de Geografia surgiu no ano de 1963, e tive a oportunidade de participar de todo o processo de sua criação. [...]O Instituto de Geografia infelizmente não existe mais. [...]Na Faculdade de Filosofia, o Curso de Geografia sempre sofreu problemas relativamente sérios, decorrentes principalmente da incompreensão da própria natureza de suas atividades e, em consequência, de suas necessidades. Para alguns, seria um curso que deveria estar vinculado às ciências naturais, enquanto, para outros, um curso nitidamente vinculado às ciências humanas, especificamente às ciências sociais. Desde quando foi criado, permaneceu vinculado às ciências sociais. Inicialmente, esse fato verificou-se porque na prática, no seio da então Subseção de Geografia e História, surgiu como linha auxiliar do curso de História. Tratava-se de uma das formas tradicionais de entender a Geografia, campo que deveria subsidiar a História. O fato de o curso de Geografia ter crescido, e muito, não contribuiu para modificar significativamente essa situação. Como consequência, o curso de Geografia durante muitos anos foi visto como necessitado praticamente de sala de aula, carteiras e biblioteca. [...] Curso como o de Geografia não só exigia a instalação de laboratórios, mas também de intensas atividades de campo e os recursos que recebia eram decididamente insuficientes. Durante muitos anos, por exemplo, o Departamento de Geografia somente pôde realizar excursões com seus alunos graças ao empréstimo de ônibus de outras unidades da Universidade, entre elas a Faculdade de Medicina Veterinária. [...] Com a criação do Instituto de Geografia na condição de uma das unidades da USP, surgia uma entidade com direito a orçamento próprio, podendo, embora a partir de recursos parcos, promover pesquisas, cursos especiais, manter uma linha editorial, organizar laboratórios, inclusive um arquivo de fotografias aéreas e outras muitas atividades [...] Os novos cursos de pós-graduação — doutorado e mestrado — foram criados nos anos de 1962-63. Dessa época datam também os novos cursos de pós-graduação em Geografia. [...] Mais tarde foram inseridos no quadro geral dos cursos de pós-graduação da Universidade de São Paulo — início da década de 1970 — e logo no quadro desses cursos em âmbito nacional. (PETRONE, 1994)

No trecho seguinte o professor Petrone também reforça a ideia de que, a partir da criação dos cursos de pós graduação em Geografia, o trabalho do professor na escola tinha a

possibilidade de se especializar, cada vez mais. Em contrapartida, com a ampliação das possibilidades de investigações geográficas mais específicas, o Ensino de Geografia foi sendo deixado de lado, pois os professores buscavam especializar-se em áreas como Geografia Física, Geografia Humana, etc, e não em discutir o ensino, fosse na escola básica ou mesmo dentro da Universidade.

[...] Creio que com a pós-graduação houve um enriquecimento indiscutível do processo de formação do estudante universitário e do professorado, à medida em que esses cursos constituíram uma sementeira para a formação e aprimoramento de docentes para a Universidade. Com a pós-graduação houve crescimento da pesquisa, sem dúvida; na pior das hipóteses, cada aluno de pós-graduação significa um pesquisador voltado para uma atividade específica e, portanto, uma significativa abertura em leque dos campos objetos de pesquisa. *Por outro lado, e sem intenção de generalizar, em certos casos pode ter havido relativo empobrecimento das atividades didáticas.* À medida em que a pós-graduação tornou-se um curso, passando a exigir a ministração de disciplinas teóricas, em determinados casos pode ter permitido que algumas atividades — tipos de disciplinas — que no passado foram ou teriam sido próprias da graduação, passassem para a pós-graduação, quem sabe mais ou menos enriquecidas quanto ao significado de seu conteúdo. Como seria de se esperar, disciplinas de pós-graduação nem sempre significam alguma coisa necessariamente bastante elevada, assim como disciplinas de graduação podem revelar conteúdos de altíssimo padrão. De qualquer forma, cabe insistir, o enriquecimento foi indiscutível. É o que posso afirmar segundo meu conhecimento, naturalmente limitado, dados os poucos informes que tenho quanto aos outros cursos da Universidade. (PETRONE, 1994. Grifo nosso)

Em contrapartida, na FFCL de Rio Claro a Geografia, desde o início, se estruturou como uma área de conhecimento autônoma, isto é, como uma disciplina acadêmica, enquanto que na USP a Geografia lutava para manter-se como Ciência.

Na USP as preocupações com a Ciência Geográfica tais como a dicotomia entre Geografia Humana e Geografia Física faziam parte da maioria das discussões acadêmicas, bem como dos trabalhos publicados em periódicos da época. Em compensação, discussões sobre a geografia ensinada nas escolas continuavam sendo feitas por professores e pesquisadores do Curso de Pedagogia.

Algumas considerações feitas pela professora Lucy Marion, em ocasião da entrevista realizada, nos mostram que essa dinâmica era uma constante na USP.

Professora Lucy - Então eu aceitei o convite e em 1978 eu entrei pro ensino superior aqui no departamento de geografia.

Pesquisador: - Já com percepção...

Professora Lucy: - Já com percepção. Então aí eu... sabe... você “tá” no ensino superior você tem que fazer a carreira. Lógico, eu teria que fazer um mestrado. Aí eu tive que optar. Aqui não tinha nada ainda. Na USP ou eu ficaria na Geografia ou eu ficaria na educação. E eu preferi ficar na geografia, achei melhor. Então acabei fazendo em geomorfologia com a professora Olga Cruz. Fui pra USP, fiz o mestrado lá, mas nós não deixamos de lado. Nós seguimos meio paralelo, sabe, com a Livia. Eu comecei a fazer o mestrado, mas continuamos com a percepção paralelamente.

Pesquisador: - Porque nessa época na USP quando você fala assim, que você tinha que optar pela educação ou pela geografia...

Professora Lucy: - É, educação seria em outra... Não seria na geografia.

Pesquisador: - E dentro da Geografia não tinha nenhuma perspectiva de desenvolver um trabalho, alguma coisa sobre ensino de geografia na USP, nessa época não existia isso?

Professora Lucy: - Não, não. Nessa época era geografia física ou humana. E eu fiquei na física. A educação se eu ficasse, eu teria que ir pra educação mesmo. E então acabei ficando na geografia, fiz o mestrado em geomorfologia. [...] Mas eu continuei com a Livia, trabalhando com ela em outras coisas, principalmente em relação a percepção. Então o ensino meio que ficou de lado né!

A especialização do conhecimento geográfico na Universidade representou, dentre outras coisas, a ampliação das possibilidades de financiamentos na USP e também na FFCL de Rio Claro.

Cabe evidenciar que para Goodson (1990) a intrínseca relação entre status acadêmico e a alocação de recursos explica as tentativas de uma disciplina para se tornar uma matéria acadêmica. Segundo ele,

[...] Basicamente, uma vez que mais recursos são dados à matéria acadêmica que é objeto de exame, ensinada aos estudantes capazes, o conflito com respeito ao status do conhecimento examinável é, acima de tudo, uma batalha em torno dos recursos materiais e das perspectivas de carreira de cada professor da matéria ou da comunidade da matéria. (GOODSON, 1990, p.251)

As reflexões tecidas até o momento nos oferecem alguns *indícios* sobre o encaminhamento das pesquisas nas duas instituições frequentadas pela professora Livia; dizemos que as modificações verificadas no processo de definição do modelo de Geografia a

ser seguido determinaram o teor das pesquisas na USP e na FFCL de Rio Claro; ambas se tornaram difusoras de pesquisas inéditas, essenciais à sobrevivência da Geografia enquanto Ciência, porém diferentes quanto aos métodos utilizados e ao foco das investigações.

A seguir discutiremos os desdobramentos dos diferentes processos de constituição da pesquisa destas instituições, procurando enfatizar a trajetória acadêmica da professora Livia e sua contribuição para o Ensino de Geografia.

3.3 - Bacharelado versus Licenciatura: consequências do caminho

As diferenças entre as pesquisas realizadas na USP e na FFCL de Rio Claro, no período estudado até o momento, foram fruto da separação entre Bacharelado e Licenciatura, que, por sua vez, aconteceu como uma estratégia necessária à definição de um modelo de Geografia numa instituição específica.

O processo que levou a Geografia a ser reconhecida como uma disciplina acadêmica contou com caminhos diferentes, preconizados por duas instituições importantes como a USP e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Embora esses caminhos tenham sido diferentes, os objetivos almejados eram os mesmos: fortalecer o conhecimento geográfico, garantir o espaço conquistado pela Geografia no âmbito acadêmico e também as carreiras docentes.

Entretanto, foi justamente esse caminhar diverso que possibilitou à Geografia acadêmica se desenvolver de forma ampla, contemplando ao longo do tempo pesquisas sobre os mais variados temas.

Nas páginas anteriores enfatizamos que a Geografia que começava a se desenvolver na USP ainda buscava seu fortalecimento dentro da própria Universidade na década de 1960. Os temas pesquisados pelos geógrafos, como vimos, estavam muito atrelados a necessidade de se conhecer e estabelecer metodologias que contribuíssem com a compreensão da estruturação do território brasileiro; incluem-se aí todas as pesquisas que surgem como desdobramentos dessa necessidade de se conhecer o país.

A separação da Geografia e História em 1956 promoveu uma ampliação do currículo do curso de Geografia com a introdução de disciplinas mais específicas, isto é, de novas Cadeiras. A ampliação do número de Cadeiras possibilitava a inserção de novos docentes e, principalmente, ‘obrigava-os’ a desenvolver um conhecimento mais específico, pertinente a Cadeira. A inclusão de novos docentes nem sempre acontecia como via de regra, pois alguns

professores eram titulares em mais de uma Cadeira; entretanto, abria-se uma nova oportunidade aos professores Assistentes, recém formados indicados ao cargo pelo titular da Cadeira.

As pesquisas geográficas se intensificaram e, com a ampliação das Cadeiras, também se especializaram. Importante também dizer que muitos professores catedráticos não tinham Doutorado. Com o surgimento dos cursos de pós-graduação em Geografia, na década de 1960 esses professores puderam se especializar em temas com os quais já trabalhavam e, ao mesmo tempo, garantir suas carreiras na Universidade.

Na USP os temas pesquisados relacionavam-se diretamente às Cadeiras disponíveis; portanto, temas sobre Geografia Física, Geografia Humana, Geografia do Brasil, e Geografia Regional estavam entre os mais pesquisados. Como dito anteriormente, os alunos que freqüentassem os três anos básicos do curso, e após optar livremente, no quarto ano, por algumas disciplinas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, teria o diploma de Bacharel. O título de Licenciado era obtido quando o aluno cursava, no quarto ano, disciplinas sobre Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial; estas disciplinas não eram obrigatórias e somente eram cursadas pelos que desejavam ser professores do ensino secundário.

Assim, as pesquisas realizadas nessa época, ligadas diretamente ao Bacharelado, muito contribuíram para o desenvolvimento desse campo. Mesmo as questões sobre o ensino de Geografia restringiam-se às preocupações de pesquisadores ligados ao Bacharel: como aplicar na escola esse ou aquele conhecimento de Geografia Física, por exemplo.

A Licenciatura estava restrita à formação de docentes para o ensino secundário. Não era vista como uma área em que pesquisas sobre o Ensino de Geografia pudessem acontecer, já que sua função era estudar a prática do ensino em sala de aula.

A professora Lívia, formada na USP dessa época, relata muito bem sua prática docente na FFCL de Rio Claro num momento em que a disciplina de Didática da Geografia passou a se chamar Prática de Ensino:

Pesquisadora – E a passagem da didática a Geografia para a Prática de Ensino? Como foi essa mudança?

Professora Lívia - Eu continuei fazendo a mesma coisa, não mudei de jeito nenhum, porque o meu conceito de didática era a prática. É claro, eu dava um pouquinho de teoria pra eles, a gente discutia, e enquanto eu ia dando as aulas de prática, eu dava um pouco de teoria da didática. Então, eu não sentia

diferença. Eu talvez sentiria agora, com a carga horária, já que agora mudou a carga horária...

Desse modo, a Licenciatura – local no qual a Didática era discutida - ficava responsável por fornecer ao professor a capacidade para ensinar, formar sua prática em sala de aula. Mas os conhecimentos sobre Geografia eram desenvolvidos e aprendidos no Bacharelado, ou seja, ao longo de grande parte do Curso.

Essa dinâmica fez com que o Bacharelado e a Licenciatura fossem concebidos como áreas distintas; assim, os bacharéis faziam pesquisa e os licenciados davam aula.

Dessa forma, cabe ressaltar que o fortalecimento do Bacharelado esteve muito relacionado ao fortalecimento da própria Ciência geográfica e das carreiras docentes envolvidas, na medida em que os professores do Bacharelado eram os responsáveis por desenvolver e divulgar a Geografia, contribuindo para a conquista de seu status como uma disciplina acadêmica.

Em contrapartida, a Licenciatura fornecia os meios de se propagar os conhecimentos dessa disciplina na escola, fazendo com que a Geografia finalmente fosse reconhecida como um saber útil à sociedade. Práticas para ensinar determinados conceitos, assim como formas de avaliação do ensino ministrado eram discutidas não somente dentro das escolas, mas por professores da Universidade.

Se as discussões na USP sobre a *Ciência Geográfica*, ao menos até a década de 1960, foram vitais para o fortalecimento do corpo teórico e metodológico da Geografia, na FFCL de Rio Claro, a atuação da professora Lívia trouxe à tona preocupações e reflexões sobre o ensino de Geografia, não discutidas por geógrafos até aquele momento, contribuindo para o desenvolvimento de uma linha de investigações também muito importante à sobrevivência da própria Ciência Geográfica.

A inserção da professora Lívia no meio acadêmico aconteceu num momento em que a Geografia se articulava, cada vez mais, para garantir seu status como uma Ciência de referência.

Embora sua trajetória profissional não tenha se iniciado com o interesse principal pela Geografia (ao se formar no Curso Normal resolveu fazer Enfermagem na USP e somente após terminar o curso é que resolveu fazer Geografia e História, para obter o diploma de licenciatura), sua participação na Geografia e História da USP aconteceu num momento em que a Geografia tentava se estabelecer como uma Ciência autônoma.

Por esse motivo, Livia se depara com uma Geografia em construção, que se preocupava em desenvolver temas muito relacionados àqueles discutidos no Bacharelado. Embora sua preocupação tenha sido em obter diploma de licenciatura, para poder lecionar no ensino secundário, as técnicas de ensino e todas as discussões sobre a prática do professor eram debatidas no último ano do Curso, nas disciplinas relativas à Licenciatura. Os professores do Bacharelado, com os quais ela teve contato ao longo de grande parte de sua formação como geógrafa, ocupavam-se de demonstrar a maneira como os temas até então discutidos deveriam chegar à escola.

Professora Livia - [...] O professor Aziz sempre me dizia que com os meus alunos lá em Pedro de Toledo, que eu fizesse pesquisa; então com eles nós saíamos pro campo, mas não era pesquisa, na verdade eu classificaria de levantamentos, nós fazíamos levantamentos dos lugares, das áreas onde a gente estava.

A separação entre Bacharelado e Licenciatura fica também evidente, na medida em que o primeiro era responsável por estabelecer os conteúdos e métodos da ciência geográfica, e o segundo por fornecer as técnicas de transposição desse conteúdo na escola. Mais uma vez, as falas da professora Livia demonstram muito bem a distinção entre estas duas áreas:

Professora Livia - [...] quando eu entrei na Geografia, eu não estava interessada em educação, eu tava interessada em Geografia. Eu estava saindo da Enfermagem, passando por Geografia. E na Geografia não se falava, ninguém estava preocupado com Escola Nova, nem com nada, pelo menos lá na USP ninguém falava; talvez na Pedagogia falasse, mas cada curso apesar do prédio ser o mesmo, cada um estudava o seu. E quando eu comecei a dar aula, aí que eu comecei a fazer indagações, como o que acontece, como que os meus alunos aprendem, como que eu posso afirmar que eles aprenderam, como que eu devo chegar até eles. Mas quando eu cheguei em 62 pra dar Prática de Ensino é que eu comecei a ler Dewey, e todos eles; li Kilpatrick, todos a partir daqui! [...]

Pesquisadora – Quando a senhora começou a lecionar na Faculdade aqui de Filosofia, o que se propunha como didática no ensino da Geografia?

Professora Livia - Não sei o que você quer dizer com 'propunha como didática'. Também era uma outra parte que nós não sabíamos direito o que era Didática. Aí eu fui ler o que era didática, o que era pedagogia. [...] Eu fazia geografia, não tinha nada a ver com a Escola Nova.

As diferenças entre os objetivos do Bacharelado e da Licenciatura se destacam, especialmente quando a professora Livia nos diz que quando entrou na Geografia ela estava interessada na Geografia e não na Educação. A nítida separação entre o Bacharelado e a

Licenciatura acabou influenciando as pesquisas desenvolvidas na USP, na medida em que o Bacharelado se tornava a área, por excelência, na qual as pesquisas e a Ciência geográfica se desenvolviam. O Ensino de Geografia não era concebido como um campo potencial às investigações. Até mesmo a pós-graduação, como apontado anteriormente, oferecia especialização do conhecimento geográfico em áreas pertinentes à Geografia e não em Ensino de Geografia.

Esta estratégia fez com que o Bacharelado e as carreiras docentes – na época, cátedras – pudessem garantir seu espaço dentro da Universidade, e ao mesmo tempo, contribuía com a afirmação do status da Geografia como uma disciplina acadêmica.

Quando Livia de Oliveira aceitou vir para Rio Claro, lecionar num Instituto Isolado no interior do Estado de São Paulo, a Geografia estava justamente lutando para se afirmar definitivamente como uma Ciência de referência no âmbito acadêmico. A Geografia da FFCL de Rio Claro precisava obter o status de uma disciplina acadêmica, pois assim as carreiras docentes estariam garantidas. O Curso de Geografia da FFCL dava habilitação para a Licenciatura; o Curso de Bacharelado foi autorizado a funcionar somente em meados da década de 1970.

O status da Geografia na FFCL de Rio Claro foi conseguido também através da especialização do conhecimento geográfico, mas com um diferencial: o Ensino de Geografia passava a ser tema de pesquisas desenvolvidas no interior da Universidade.

A especialização do conhecimento geográfico na FFCL de Rio Claro também aconteceu numa área de estudos até então apropriada aos pesquisadores da Educação, isto é, o Ensino da Geografia. Através da atuação da professora Livia o Ensino de Geografia começou a ser visto como um campo potencial às pesquisas acadêmicas.

Professora Livia – [...] Então o meu trabalho foi pioneiro, de vanguarda por causa da visão do Doutor João, porque foi ele que me colocou nisso. Quando eu cheguei não havia programa nem nada, havia a minha experiência de secundário e de primário.

Também estava chegando a turma da Filosofia para trabalhar na Pedagogia, a Maria da Penha Villalobos que vinha pra Didática Geral, a Maria Alice que estava dando Filosofia da Educação, o Tamás que ia dar Pedagogia - Didática da Pedagogia; então o Doutor João disse para eu ficar na Geografia e também na Educação. E eu aproveitei, era tempo integral, eu não tinha muito o que fazer e estava acostumada a dar aula, correr pra cá, pra lá. [...]

O pioneirismo dos trabalhos da professora Livia sobre o Ensino de Geografia foi essencial à aquisição de status da Geografia como uma disciplina acadêmica, numa Universidade que começava a se estruturar.

Entretanto, a originalidade dos trabalhos da professora Livia está muito relacionada a uma estratégia engendrada no interior da FFCL de Rio Claro para que a Geografia fosse aceita, na Universidade e também pela sociedade, como um saber válido.

O Ensino de Geografia foi um tema necessário à sobrevivência da Geografia na FFCL e também uma ferramenta para que a professora Livia conseguisse ascender na carreira universitária. Quando o professor João Dias da Silveira convidou Livia de Oliveira para ser professora na FFCL de Rio Claro, sua única experiência era a de professora do ensino secundário. Como ela mesma nos disse, o professor João Dias sabia de seu interesse em seguir a carreira acadêmica.

Nesse mesmo contexto, temos uma Faculdade, recém inaugurada, com Cursos que ainda se estruturavam e tentavam se garantir como uma área científica de fato. Com relação à Geografia, era necessário encontrar meios para justificar à sociedade local e à sociedade acadêmica a sua viabilidade numa instituição nova, no interior do Estado.

Professora Livia - [...] então começou já num outro nível, a Geografia daqui; é claro, algumas coisas que tinha em São Paulo, na USP, aqui já não tinha. Primeiro ele trouxe todos os professores em tempo integral. Isso foi também a base que ele exigia. Ele não queria que fosse 'bico' vir pra cá...era pra trabalhar e pesquisa. Então vocês vão ficar quarenta horas fazendo pesquisa, docência, preparando material e pesquisa... Ele exigia que todos fossem em congressos, naquela época também davam dinheiro pra ir em Congressos, levando trabalhos, pra levar o nome da Geografia de Rio Claro. [...]

A estratégia para garantir à Geografia um alto status dentro da recém Faculdade foi torná-la útil à sociedade; através da especialização do conhecimento geográfico, introduzido nas escolas pelos alunos e professores do curso superior em geografia da FFCL de Rio Claro, foi-se conseguindo fazer com que a Geografia se caracterizasse como um conhecimento útil e necessário.

O alto status da Geografia de Rio Claro foi conseguido, portanto, através das pesquisas em áreas até então restritas a outros pesquisadores, como o Ensino de Geografia; pelos investimentos financeiros feitos pelo Governo do Estado, viabilizando a compra de ônibus, essencial às pesquisas de campo e ao desenvolvimento das investigações em Geografia Física, Humana e Regional; e principalmente pela oportunidade oferecida aos docentes de um cargo

vitalício, nos moldes das cátedras já existentes na USP. Cabe lembrar que o sistema de Cátedras foi extinto somente mais tarde, com a Reforma Universitária de 1968.

O cargo vitalício foi uma das estratégias dos Institutos Isolados para atrair e convencer professores renomados, de outras Universidades, a lecionar numa Instituição no interior do Estado. Embora o termo ‘professor catedrático’ não tenha sido mencionado pela professora Livia para caracterizar o trabalho docente na FFCL de Rio Claro, o sistema de trabalho dos professores contratados também dava garantias à ascensão na carreira universitária. Uma das características do sistema de cátedras eram os Exames de seleção de docentes; não havia concursos, mas um processo de seleção interno, muito pessoal, no qual as relações interpessoais, muitas vezes, se sobressaíam às qualidades profissionais. Uma fala da professora Livia esclarece um pouco essa relação:

[...] enquanto nós fomos um Instituto Isolado, que nós podíamos escolher até os professores pra contratar, eu acho que nós tivemos um nível melhor. Porque, nós mesmos, os professores, que fazíamos o vestibular dos alunos; então os alunos vinham, e nós, por exemplo... isso era muito comum. Eu sempre examinava inglês. O Carlos Augusto, Geografia, e essas coisas... o Francês, o Jorge. Então nós mesmos fazíamos a seleção para entrar na Universidade. E o Carlos Augusto sempre dizia e mesmo a Elza, que ela via também que às vezes o aluno estava nervoso, não tinha ido bem na prova escrita, nem na prova oral...porque tinha prova oral naquela época...ela deixava de lado e depois nós fazíamos uma reunião pra ver cada um, e aí a gente olhava o currículo, as notas que ele tinha no ginásio, de qual ginásio ele vinha, e dizia que era um aluno bom, ficou nervoso, pode ser tímido, vamos perder esse aluno? Não, não vamos. Então vamos aprovar. Então havia muito isso, e muitos, não vou dizer os nomes, muitos que entraram através disso, hoje são professores aqui. Aqui e noutro lugar, porque este vestibular do jeito que é feito fica muito impessoal, e nós – não é que nós protegíamos – mas era pessoalmente; e mesmo a chegada dos professores também: reunia o Departamento e todos davam palpite, contava a história do que estava querendo entrar. E aí a gente fazia um balanço, e entrava. Eu também acho que foi com isso que nós tivemos um nível bom [...] Nós sentíamos que nós éramos um grupo, que não era fechado, podia entrar, mas para entrar tinha que ter certos valores [...]

Muitas eram as críticas sobre os Institutos Isolados; e também por isso tornava-se necessário articular estratégias capazes de garantir o alto status da nova Faculdade, mas principalmente, no caso que nos ocupamos, estabelecer maneiras para que a Geografia de Rio Claro adquirisse um alto status, garantindo-se, portanto, como uma disciplina acadêmica. Tal articulação era vital para a manutenção das carreiras docentes, inclusive da professora Livia de Oliveira, no universo acadêmico.

Embora essa articulação tenha contribuído para que se acentuassem as diferenças entre o Bacharelado e a Licenciatura – como já ocorria na USP - o diferencial na FFCL de Rio

Claro foi justamente a oportunidade dada à Licenciatura em Geografia de iniciar investigações sobre o ensino. Como dito anteriormente, essa abertura de oportunidade estava atrelada a uma necessidade de estabelecer a Geografia como uma disciplina acadêmica. Entretanto, é inegável sua contribuição com início das investigações sobre o Ensino de Geografia, elaboradas agora por geógrafos especialistas e inauguradas pelas pesquisas da professora Livia de Oliveira.

As diferenças entre Bacharelado e Licenciatura na FFCL de Rio Claro continuaram por muito tempo, e tiveram reflexos em grande parte das discussões acadêmicas mesmo após a formação da Unesp (ocorrida em 1976). A professora Lucy Marion, relata esse contexto em que o ofício de professor passa a ter menor status do que as profissões ligadas ao Bacharelado:

Pesquisador - Na época em que você frequentou aqui a Geografia, havia habilitação só pra licenciatura?

Professora Lucy - Só licenciatura.

Pesquisador - Não tinha bacharel...

Professora Lucy - Não. Não [...] Eu não me lembro as datas, mas a USP acho que já tinha antes de nós sim.

Pesquisador - E como que aconteceu esse processo? Porque você tava num momento em que a Geografia deixava de oferecer só licenciatura e passava a oferecer também o bacharelado...

Professora Lucy - O bacharelado [...] Teve muitas reuniões pra tudo ser implantado. E o que mais pesou é que era uma necessidade da época. Tinha gente que não queria licenciatura “né”? Muita gente não queria ser professor.

Pesquisador - Até hoje. Mas tinha mercado de trabalho?

Professora Lucy - Olha. Pra Geografia sempre foi muito difícil. Mas tinha. Tinha o IBGE, tinha outros institutos. Era um começo. Era um começo. Mas que foi sentido naquele momento que só a licenciatura já não atendia o mercado “né”? Que tinha gente que não queria mais ser professor. Aliás, foi perdendo bastante mesmo “né”? Daí a necessidade. Então foi uma das razões mais fortes para que o bacharelado fosse implantado.

Pesquisador - E você acha que isso trouxe alguma consequência para a licenciatura?

Professora Lucy - Eu acho que não. Não sei a opinião de mais gente. Na prática, na prática, porque eu sei porque alguns colegas não gostam de lecionar. A gente gostava, quis ser professor, mas tinha gente que não queria ser professor. Então fica muito difícil isso “né”? Eu acho que a opção só enriqueceu.

Você ter alguma opção, bacharelado ou licenciatura é maravilhoso. [...] O que eu sei de toda essa vivência com a educação é que a educação sempre teve muito problema. A pesquisa era complicada, o relacionamento com os professores era muito difícil, por isso que eu não fui pra educação. Falei: Eu não. Eu não vou entrar na educação mas de jeito nenhum. Porque eu via nos congressos, tudo... era muito complicado a educação, era muito difícil. Depois eu fiz graduação em Geografia, falei: Não. Eu vou ficar na Geografia mesmo. Não era fácil trabalhar, não era fácil. Os congressos eram muitas brigas, muito estrelismo e as pesquisas eram... Não eram como as da Geografia. Isso eu via já, desde o começo. Então sempre foi muito difícil a educação. A pesquisa em educação, muito difícil. Então eu acho, pra nós, pra Geografia, só enriqueceu. Tem gente que quer o bacharelado, não quer a licenciatura “né”? Você não pode... São sinais do tempo mesmo “né”? Hoje não sei, acho que pouca gente quer ser professor, nem sei mais como que tá isso [...] E os currículos eles eram diferentes. Do bacharel e da licenciatura... Até o momento teria até o bacharelado e depois quem quisesse a licenciatura faria as pedagógicas: Prática de ensino, a didática, a psicologia [...]

Todavia, vemos que a atuação da professora Lívia na Licenciatura da FFCL de Rio Claro contribuiu com a institucionalização do ensino de Geografia como um campo de investigações; no contexto espacial e temporal analisados, tal contribuição aconteceu como uma consequência de estratégias articuladas no interior do meio acadêmico, cujo objetivo maior era tornar a Geografia uma Ciência de referência e, ao mesmo tempo, proteger e garantir a ascensão na carreira acadêmica de muitos professores.

Essa constatação é importante porque nos faz refletir sobre o ‘alcance’ das pesquisas realizadas pela professora Lívia na escola, tema de nossa próxima discussão.

CAPÍTULO 4

REFLEXOS DE UMA ESCOLHA: A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA LÍVIA DE OLIVEIRA E SUA PARTICIPAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA COMO UMA DISCIPLINA ESCOLAR.

4.1 As pesquisas da professora Lívia e as discussões sobre cultura escolar

Como dito anteriormente, as pesquisas elaboradas pela professora Lívia possuem uma estreita relação com a necessidade de desenvolver investigações sobre o Ensino de Geografia numa instituição de Ensino Superior recém criada – a FFCL de Rio Claro. No decorrer da pesquisa nos questionamos sobre a necessidade de compreendermos a repercussão dessas investigações para o Ensino de Geografia efetivado na sala de aula.

Ao consultarmos livros de Geografia e também as Propostas Curriculares do final da década de 1970 e meados da década de 1980 – período posterior à Defesa da Tese de Livre Docência da professora Lívia – não encontramos indícios em documentos oficiais que pudessem nos ajudar a afirmar que suas ideias sobre o ensino do mapa, discutidas na Tese, tiveram repercussão para o ensino da Geografia no período considerado.

Assim, a leitura de Vidal (2005), em que o tema *Cultura Escolar* é discutido, nos ofereceu esclarecimentos muito importantes à nossas indagações, e que agora compartilhamos com o leitor.

Vidal (2005) traz em seu texto discussões muito claras sobre a definição de Cultura Escolar; ela retoma alguns autores, tais como Julia (2001), Chervel (1990), e Vinão Frago (1995), para discutir como podemos compreender o que chamamos de Cultura Escolar.

Ao discutir o pensamento de Julia (2001), a autora nos esclarece que sua obra se contrapõe à de Bourdieu no sentido de conceber a escola não só como um local de reprodução social, pois tal análise pode impedir uma compreensão mais aprofundada do cotidiano escolar e das práticas cotidianas. Para Julia, é necessário que as fontes sejam contextualizadas, suspeitando que “a grande inércia que percebemos em nível global pode estar acompanhada de mudanças muito pequenas que insensivelmente transformam o interior do sistema”. (JULIA, 2001, p.15, op. cit. VIDAL, 2005, p. 25).

Chervel (1990) defende a ideia de que a escola possui uma capacidade própria em produzir uma cultura específica, singular e original. (VIDAL, 2005, p. 27)

Para Vinão Frago, existem múltiplas culturas escolares. Ao conceber a existência de múltiplas culturas escolares, este autor permite “atribuir a cada escola, colégio e universidade uma singularidade”, ampliando “as possibilidades de estudos no campo da história das instituições”. (VIDAL, 2005, p. 35).

Nesse sentido, Vidal (2005, p. 63) conclui que

A concepção de uma escola real ou de uma escola de verdade vê-se então redimensionada. Como representação hegemônica suscita menos a descrença na eficácia das reformas e mais a percepção das representações em luta. Afinal, como ‘matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social’, induzem à compreensão das várias identidades coletivas em conflito. E, no terreno movediço da luta social, possibilitam vislumbrar as dinâmicas do cotidiano que só pelo olhar retrospectivo e restrito ao inventário das comunidades pode se apresentar como refratário às mudanças. A pergunta que se coloca, então, já não é ‘por que fracassam as reformas?’ e sim que representações de escola e de seus sujeitos, praticadas pelos diferentes grupos sociais – e aqui é preciso pensar nas múltiplas e cambiantes composições desses grupos – estão em litígio quando se elaboram, se impõem e se resistem às reformas educativas? Quais as resistências operadas e as apropriações efetuadas pelos diversos sujeitos escolares das imposições do espaço nas instâncias do tempo? E o que essa luta nos revela acerca dos vários significados sociais da escola e acerca das práticas escolares?

Nesses termos, vemos que falar de Cultura Escolar significa compreender com detalhe o que se passa no cotidiano escolar. O acesso a esse cotidiano pode acontecer de várias formas, tais como a partir de relatos de professores sobre o período em que lecionaram, ou mesmo através da consulta de provas, exercícios, diários de classe, etc. “Esses objetos e muitos outros, individuais e coletivos, necessários ao funcionamento da aula, trazem as marcas da modelação das práticas escolares, quando observados na sua regularidade”. (VIDAL, 2005, p. 64-65)

Assim, nesta pesquisa, as discussões sobre a Cultura Escolar centram-se na compreensão de como a Geografia Escolar pode ser influenciada pelas ideias e discussões tecidas pela professora Lívia. Embora suas pesquisas, especialmente sua Tese de Livre Docência não tenha sido uma obra referenciada em documentos oficiais sobre o Ensino de Geografia da escola básica entre as décadas de 1960 à 1980, dizemos que sua atuação docente teve repercussões para o ensino de geografia ministrado nas escolas, através das práticas dos professores formados por ela durante a Graduação e também através da pós-graduação na orientação de pesquisas diretamente relacionadas ao Ensino de Geografia. Ao longo de sua

carreira acadêmica a professora Livia orientou diversas pesquisas sobre o Ensino de Geografia, e também sobre a Cartografia para escolares.¹

Entretanto, nossas investigações sobre a influência de sua prática docente para a Geografia Escolar não foram feitas de forma sistematizada, pois o objetivo desta tese é compreender as estratégias envolvidas na institucionalização do ensino de geografia como um campo de investigações. As discussões sobre as relações entre a trajetória docente da professora Livia e a Geografia Escolar são uma consequência dos estudos desenvolvidos até o momento.

Mesmo não tendo nos aprofundado nas discussões sobre a contribuição da professora Livia para a Geografia Escolar, podemos trazer à tona algumas discussões sobre essa relação porque tivemos acesso a alguns materiais, fornecidos pela professora, compostos por aulas elaboradas por seus alunos de Estágio Supervisionado, e também à publicações da Associação de Geografia Teorética para a qual Livia e a professora Lucy Marion escreveram uma série de textos destinados a professores e alunos de Geografia da rede estadual de educação, na década de 1970.

A professora Livia nos disponibilizou oito coletâneas de textos produzidos por seus alunos de Estágio Supervisionado da FFCL de Rio Claro; estes documentos foram feitos ao longo das décadas de 1960 e 1970 e fazem parte das atividades didáticas que os alunos deveriam desenvolver nas escolas onde realizavam os estágios, principalmente no Colégio de Aplicação. Como a professora mesma nos esclareceu, esses documentos são, na verdade, as aulas que os seus alunos ministravam no Estágio Supervisionado.

Professora Livia – Eram aulas que eles davam. Eram textos que eles levavam, não era relatório; eles preparavam o material didático. Como eles não iam sozinhos, isso eu nunca deixei os meus licenciandos irem sozinhos na escola, eu ia junto; a professora deixava a classe pra gente, mas eles preparavam aquela... E chegavam lá, organizavam os alunos em grupos, distribuía, falava, dava aula, dava uma parte expositiva, uma parte de trabalho...

Pesquisadora – E quem elaborava os textos?

Professora Livia – Eu com os alunos, porque eu considerava que a Didática da Geografia não adiantava ficar dando aula, aula, aula; eles tinham que passar da Geografia Científica pra Geografia Escolar, que já era isso o que eu queria. [...] Então pegávamos os textos e os temas lá da professora, nós levávamos uma coisa fora pra ensinar, de dentro do tema; então ela me dava,

¹ Podemos encontrar uma lista completa das orientações realizadas pela professora Livia de Oliveira acessando o seu currículo lattes e também ao consultarmos a obra de: GARCIA, Lilita Bueno dos Reis. História e Memória - os 50 anos de ensino superior público em Rio Claro: da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” 1958 a 2008. Rio Claro: IGCE: IB. UNESP, 2008.

por exemplo, ela ia dar agricultura do Brasil, então ela dava o tema e nós organizávamos aqueles textos, e os alunos iam lá dar e depois também fazia a avaliação, porque nesse ponto sou bem piagetiana, como ele diz: se você não avaliar o que você ensinou, não adianta nada, você não sabe.

A professora Lucy também comentou sua participação no Colégio de Aplicação da FFCL de Rio Claro, bem como as publicações elaboradas para as aulas nos estágios:

Professora Lucy - [...] os estágios invés de serem feitos na rede pública, porque era um problema invés de ser feito na rede pública... porque era um problema. Tinha diretor que não deixava. Complicado. Então eles passaram a ser feitos todos no Aplicação.

Pesquisador - Daí ele durou pouco tempo “né”?

Professora Lucy - Três anos. E depois ele passou a ser... Entrou pra rede pública normal.

Pesquisador - Daí você nunca trabalhou com prática de ensino “né”?

Professora Lucy – Não. Era a Livia que trabalhava. Eu só fui um ano. O ano em que a Livia foi pra um congresso e deixou duas pessoas... Dois professores que tinham acabado de entrar no departamento, duas pessoas encarregadas pra acompanhar os estágios. Ela deixou tudo em ordem. As apostilas, tudo, tudo, tudo. E essas pessoas, têm outra vivência, outro horário, outra política. Na véspera de ir pro estágio com as alunas, essas professoras disseram que não iriam porque não concordavam com a apostila que a professora Livia tinha deixado. Então, o chefe de departamento era o professor Helmut. Ele falou comigo, nós olhamos a apostila, não tinha nada. Nada, imagina. E eu falei: Não, eu acompanho os estágios. Porque senão não teria estágio. Se elas não iam, aquela turma não se formava! Foi o único ano que eu acompanhei os estagiários e fiz tudo direitinho, terminei. Foi a única vez, foi a única exceção.

Pesquisador - E o colégio de aplicação, ele era uma política do estado “né”? O de Rio Claro foi o único que tinha na época? Porque os outros estavam sendo fechados...

Professora Lucy - É. Porque os outros tavam praticamente sendo fechados e o nosso tava abrindo. Foi meio tardio. [...] A USP tinha. Tem até hoje. Alguns tinham sim, mas era uma política que não deveria ser assim. E o nosso estava começando.

Pesquisador - Porque a professora Livia ela tinha as publicações do Colégio de Aplicação...

Professora Lucy - E nós temos... Esse foi o primeiro, porque nós queríamos fazer vários por causa dos programas experimentais que a gente fazia. Tirávamos cópia pra distribuir pros alunos, eu guardava. Eu tenho todos. Encadernei, por ano, fiquei um tempo comigo, porque nós íamos trabalhar pra publicar, acabamos não fazendo isso [...] A divulgação era em publicação e congressos. Publicação e congressos. E que os resultados fossem aplicados no

ensino público, nos professores. Porque a gente testava modelos, mapas, programas “né”? Como fazemos estudo de região, que foi o primeiro que nós fizemos com os alunos, nós fizemos com a professora de português com “Morte e vida Severina”. Então eram umas coisas muito bonitas, muito dinâmicas. Os estagiários preparavam as apostilas pra aplicar nos alunos, preparavam as provas. Material excelente. E a intenção era também que o resultado voltasse pro ensino também, pra contribuir, lógico. Muitos estagiários, que ficaram professores depois, vinham emprestar as coisas da gente pra aplicar. [...] a Livia tinha essa cabeça mesmo; Ela queria assim e que os resultados fossem aplicados no ensino, que seria uma ponte. Nós seríamos uma ponte entre a universidade e o ensino médio e o fundamental. Que é o ideal “né”? Pra que os professores utilizassem em sala de aula. Esse primeiro de capinha azul é pro primeiro colegial. Foi feito para o primeiro colegial, super cheio de atividades, ficou muito bom. [...] Se fosse fazer como hoje é agora na escola, você tem que falar com o diretor e com professor. Os dois têm que permitir. Senão você não faz o estágio lá. Se o professor permite, aí ele diz: Olha, eu dou tal unidade, vocês desenvolvem no mês de Janeiro. [...] Hoje já não sei como funciona o estágio... então Diretor tem que permitir e a escola tem que permitir. Porque senão você não entra na escola. Por isso que era difícil trabalhar na educação. Não era fácil trabalhar na educação. Não é. Continua. [...] Na escola comum nós num tínhamos voz ativa nenhuma. Era o que nos davam.

Pesquisador- Então, era o que a escola dava?

Professora Lucy - Dentro daquele programa que tinha que desenvolver o ano todo. Aí, vamos supor que a professora não gostasse de um ícone, uma unidade, ela pegava e dava pro estágio. Era assim. No Aplicação a gente tinha mais liberdade. Você tinha total liberdade [...] Mas nós tínhamos liberdade de fazer como queríamos viu? Sabe, nós tínhamos... Era um colégio experimental. Então a gente não podia fugir muito do programa existente porque os alunos saíam dali e iam prestar vestibular, tudo... Mas a forma de trabalhar, a ordem, enfim. Nós tínhamos total liberdade de fazer o que quiséssemos, sabe? No Aplicação, era confeccionado tudo por nós. Muita coisa a gente fazia pelo bom senso, pela experiência, mas a base era piagetiana. Sempre foi.

A gente tinha todo cuidado do conteúdo ao nível, primeiro colegial, segundo colegial... A gente tinha essa sequência. Apresentar psicologicamente pro aluno “né”? Então, isso tudo era respeitado. A gente pensava muito como que o aluno trabalharia, as palavras que se usavam, não se usavam tais palavras. Essas sim, tais verbos não. Que você acha? Não acho nada. Era uma resposta certa. Então esses cuidados a gente sempre teve. De apresentar corretamente, tudo... E as atividades eram todas atividades perceptivas como Piaget sempre colocou “né”? Você usando a inteligência e a percepção, e aí desempenhar as atividades perceptivas. Num crescer, às vezes. Estudo de Região foi assim. Ele foi crescendo, foi crescendo a análise do “Morte e Vida Severina” e aí eles mesmos chegaram a conclusão que região era a gente que determinava. Se fosse o clima, era uma área. Se fosse a... social, era outra área, podia até ser maior. Então, sabe... Mas esse era o objetivo da unidade. [...] Nós púnhamos qual o objetivo da aula, qual o objetivo da... No final, o que os alunos deveriam adquirir. Ta tudo lá.

Os principais temas trabalhados nesses documentos foram:

Documento de 1962

África:

- Visão Geral
- Aspectos Físicos
- Divisão Regional

África Equatorial:

- Aspectos naturais.
- A colonização no continente africano até a independência dos novos Estados.

O Congo- ex Belga:

- As bases econômicas do Congo.
- Aulas práticas de gráficos.

Documento de 1963

- Rochas e Solos – para a Primeira série ginasial
- Gráficos climatológicos, elementos e fatores do clima no Brasil e Regiões climáticas do Brasil – para a Segunda série ginasial.
- Divisão Administrativa do Brasil : a cidade de Brasília, a cidade de São Paulo e a cidade do Rio de Janeiro - para a Terceira série ginasial.
- Região Nordeste, Aspectos físicos da zona do litoral do nordeste oriental, a paisagem natural do sertão do nordeste – para a Quarta série ginasial.

Esta coletânea é a única em que exercícios, ou mesmo outras avaliações, não constam como parte integrante do material. Os temas são apenas citados, de forma esquemática e em tópicos. Alguns mapas são utilizados e exercem a função de ilustração dos textos elaborados.

Documento de 1966

- Trata-se de um documento elaborado para o curso de ‘Didática Especial de História para Ciências Sociais’. É composto por Planos de Aulas para a Segunda série Ginasial, Primeira série Normal e Terceira série Clássico. Também possui provas de História.

Documento de 1969

- Trata-se de uma coletânea de textos utilizados em sala de aula por alunos do Primeiro Ano Colegial, e foram elaborados pela professora Livia de Oliveira, pela professora Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado e pelos alunos de Geografia do ano de 1969.

Estes textos foram utilizados no Colégio de Aplicação da FFCL de Rio Claro.

Os temas desenvolvidos foram:

- Programa evolutivo da Geografia;
- O que é Geografia;
- O Globo Terrestre;
- A História da Terra;
- Os grandes rios e as antigas civilizações;
- O mundo grego;
- O mundo romano;
- O medievalismo europeu e o uso da terra;
- Noções básicas sobre agricultura (Geografia Agrícola ou Agrária);
- As cidades européias;
- O mundo moderno e as grandes invenções e a ampliação do horizonte geográfico;
- O desenvolvimento europeu do ‘resto do mundo’;
- A época das revoluções: as explorações continentais e o conhecimento de toda superfície terrestre;
- O mundo contemporâneo e a distribuição das águas e das terras.

Cada um dos temas foi desenvolvido de forma ampla, procurando contemplar os aspectos da paisagem natural, população, localização e descrição interpretativa das regiões, expansão geográfica das civilizações estudadas, etc. Ao final de cada bimestre eram elaboradas provas sobre os assuntos abordados até então; vários mapas aparecem no final de cada tema. O “manuseio de Atlas” aparece em todos os objetivos dos planos de aulas.

Documento de 1973

Trata-se de uma coletânea composta por textos elaborados e executados pelos alunos do Curso de Geografia de 1973, sob a orientação e supervisão da professora Livia de Oliveira. Os temas trabalhados foram:

- Ásia
- Oceania
- Atmosfera Terrestre
- Indústria.

Os textos que compõem esse documento são extensos e, assim como os demais documentos, possuem instruções para que os alunos saibam como utiliza-los nas aulas. O mapa é parte constante da avaliação, especialmente no que se refere à localização de pontos e fatos.

Documento de 1978

Trata-se de uma coletânea de textos preparados para as aulas de Prática de Ensino nos anos de 1975, 1976 e 1977. Foi organizada em fevereiro de 1978.

Em 1975 os seguintes temas foram desenvolvidos para a Quinta, Sexta e Sétima série do Primeiro Grau:

- Transporte
- Região Sul
- América do Sul

Em 1976 os seguintes temas foram desenvolvidos para a Primeira série do Segundo Grau:

- Mares
- Criação de Gado
- Lavoura

Em 1977 os seguintes temas foram desenvolvidos para a Sexta e Sétima série do Primeiro Grau.

- Brasil
- África
- Oriente Médio

Em todos os anos os temas foram trabalhados por grupos de alunos e não individualmente. A confecção de mapas e gráficos é uma constante; os exercícios aparecem ao longo dos textos, bem como palavras cruzadas e exercícios de relacionar.

Documento de 1978

Trata-se de uma coletânea de textos elaboradas por alunos de Geografia de 1978. Os temas trabalhados foram:

-Cana e a sociedade açucareira e Segundo Império – para a Quinta e Sexta série do Primeiro Grau.

Os mapas parecem nortear a aprendizagem; palavras cruzadas também são utilizadas como recurso à aprendizagem, bem como exercícios de completar e de localização de determinados estados no Atlas.

Em março de 1979 a Associação de Geografia Teorética – AGETEO – publicou uma coleção de ‘Textos Didáticos de Geografia’ intitulada “Texto nº 1 Geografia – primeira série colegial – por Livia de Oliveira e Lucy Marion C. Ph. Machado”. Os objetivos desta publicação eram ‘familiarizar professores, técnicos, planejadores e outros profissionais com o trabalho didático que vem sendo realizado em Educação Geográfica; fornecer subsídios para a ação didática de professores de Geografia do Ensino de Primeiro, Segundo e Terceiro graus; apresentar aos alunos novos caminhos para estudar Geografia e divulgar os trabalhos didáticos desenvolvidos por professores e licenciados de Geografia’

Logo na Apresentação as autoras esclarecem que este ‘Texto Didático’, utilizado pelos alunos do Colégio de Aplicação da FFCL de Rio Claro, se preocupava em fornecer aos professores um conhecimento mais amplo para que a prática em sala de aula pudesse ser melhorada. As autoras criticam os programas destinados ao ensino de geografia da época por serem ‘esquemáticos’ e não permitirem uma utilização direta e simples; pelo contrário, fazem com que o professor tenha que detalhar as unidades e subunidades, exigindo tempo para a leitura de uma bibliografia especializada. “Acrescenta-se a tudo isso que muitas vezes os

programas que chegam até os professores ou que eles mesmos elaboram são teóricos, isto é, não sofreram os ajustes necessários, que somente a prática pode fornecer”. Todas as Unidades são iniciadas pelos *Objetivos* e seus *Temas* são desenvolvidos a partir de textos explicativos, seguidos de exercícios.

A seguir, esboçamos a estrutura desta publicação:

Unidade I - A Geografia

A ciência

A ciência geográfica

A renovação teórica e quantitativa da Geografia

Unidade II- A representação geográfica do Espaço

Escalas cartográficas

Projeções cartográficas

O sistema simbólico

Localização geográfica

Iluminação da Terra

Escalas de mensuração

Unidade III – A Análise Geográfica

Resumo estatístico e apresentação dos dados

Análise Espacial

Um exemplo de análise espacial: variáveis climáticas

Outro exemplo de análise espacial: variáveis populacionais.

Leituras Recomendadas

A análise desses materiais torna-se importante porque documentam a história de uma disciplina que tem como principal objetivo a formação de professores: a Prática de Ensino de Geografia. São documentos, ou *monumentos* como tratou LeGoff (1990), da institucionalização da Geografia acadêmica que, por sua vez, possui estreitas relações com a geografia escolar. Foram escritos num contexto em que a profissionalização docente acontecia, principalmente, através da disciplina de Prática de Ensino.

Dessa forma, como então podemos compreender a contribuição da professora Livia para a Geografia Escolar, considerando que nossas reflexões não devem ter como foco somente os materiais consultados, mas também o contexto histórico no qual estão inseridos?

Estes documentos pertencem a um momento histórico em que a Geografia buscava sua afirmação como uma disciplina acadêmica na FFCL de Rio Claro, ao mesmo tempo em que precisava ser aceita como um conhecimento necessário na escola.

Alguns acontecimentos contribuíram para que esse processo acontecesse; para nossas análises destacamos a participação da professora Livia no Congresso da União Geográfica Internacional em 1968 – evento em que a Geografia Quantitativa passa a ser defendida internacionalmente como o caminho necessário ao estabelecimento da Geografia como disciplina acadêmica – e a promulgação da LDB de 1971, a 5692/71, que substituiu o ensino de Geografia e História pelo ensino de Estudos Sociais. Contudo nossas reflexões também acontecem sobre fatos que se desenvolvem neste contexto, tais como a participação da professora Livia no Colégio de Aplicação da FFCL de Rio Claro, a defesa de sua Tese de Livre Docência no final dos anos setenta, e o início de suas pesquisas na linha da Percepção.

Nesse sentido, a análise dos materiais fornecidos pela professora Livia tenta estabelecer uma relação entre estes acontecimentos-chave e os demais eventos ocorridos no contexto em que tais documentos foram escritos.

Inicialmente é necessário compreender que os trabalhos desenvolvidos pela professora Livia sobre o ensino de Geografia contribuíram com o estabelecimento de um conjunto de conhecimentos reconhecidos como úteis e válidos pela escola. Tal contribuição se deu ao longo do tempo, à medida que suas pesquisas foram se desenvolvendo e discutindo e ensino de Geografia.

Como discutiremos, ao estabelecer uma sistematização do conhecimento geográfico para a escola, a professora Livia contribui para o estabelecimento de uma vulgata, estritamente relacionada com os conhecimentos e discussões acadêmicas defendidos e estudados por ela enquanto professora da FFCL de Rio Claro.

De acordo com Lestegás (2002, p.175) toda disciplina escolar conta com quatro ingredientes: uma vulgata, uma série de exercícios-tipo, procedimentos de motivação e um conjunto de práticas de avaliação.

A vulgata é um conjunto de conhecimentos explícitos, compartilhados pelos professores e considerados como característicos da disciplina, o que significa que convém eliminar dela tudo o que não seja considerado como um saber absolutamente aceito por todos.

Assim, cada lição é composta por diversas noções, que exigem um conhecimento e um vocabulário específicos.(LESTEGÁS, 2002, p. 176)

Assim, termos como África equatorial, corte topográfico, vegetação estepe, bens-de-consumo, plantation, latitude, longitude, etc, são recorrentes e compõem a maior parte dos materiais elaborados e fornecidos pela professora Lívia, exigindo que o leitor tenha um conhecimento específico para a compreensão dos textos.

Em todos os materiais analisados os exercícios propostos demonstram reforçar a necessidade de que os alunos tenham um conhecimento específico sobre os temas abordados; muitos mapas, gráficos, palavras cruzadas, etc, são utilizados com a função de facilitar a aquisição da vulgata.

Abaixo um exemplo retirado de um dos materiais:

Documento de 1969. Textos elaborados para o Colégio de Aplicação:

Tema da aula: A época das revoluções

Assunto: As explorações continentais e o conhecimento de toda superfície terrestre.

Objetivos:

- Mostrar a lenta expansão do horizonte geográfico, a partir da bacia do Mediterrâneo até chegar ao conhecimento de toda a face da Terra.
- Desenvolver o manuseio do Atlas
- Enriquecer o vocabulário geográfico

Roteiro:

- Leitura do texto
- Localização dos fatos
- Confecção de mapas

Exercícios:

- Instruções: Leitura individual do texto, com a utilização do Atlas, e posterior confecção do mapa solicitado.

Questões: - Colorir, no mapa, a expansão do conhecimento geográfico no século XVI e na atualidade. – Localizar, no planisfério, todos os fatos citados no texto.

Segundo Lestegás (2002, p. 176), os exercícios-tipo estão sempre estritamente unidos à disciplina, contribuindo dessa forma, com a sua definição e delimitação. Como exemplo no caso da geografia, temos os mapas temáticos quando utilizados para nomear e localizar lugares.

Ainda de acordo com Lestegás (2002, p.177), toda disciplina escolar possui procedimentos de motivação ao estudo, caracterizados pelos esforços constantes da disciplina para justificar à sociedade, inclusive à comunidade escolar, o seu caráter essencial na formação dos jovens, sendo, portanto, necessária também na escola.

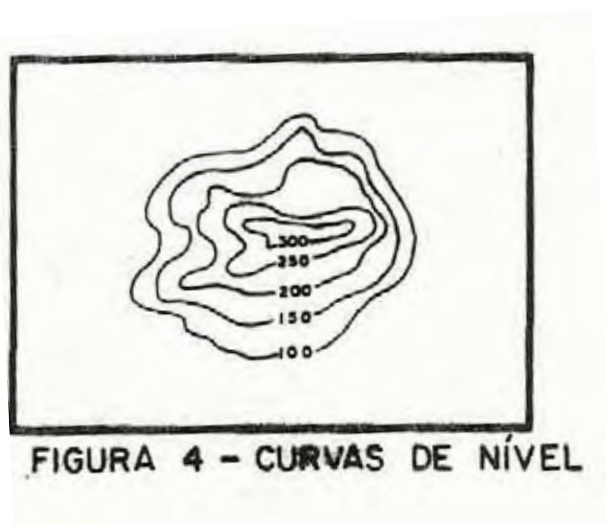
Em todos os documentos analisados existe uma preocupação em elaborar textos sobre acontecimentos da atualidade, com dados recentes sobre agricultura, clima, vegetação, etc. Chama-nos atenção um texto sobre ‘Criação de gados’, elaborado em 1976, em que dados atuais sobre a distribuição mundial de rebanhos são organizados em uma tabela, seguida por duas entrevistas realizadas com fazendeiros – um brasileiro e um norte-americano. A entrevista com o fazendeiro norte-americano do Corn Belt (cinturão do milho), de Iowa, não está datada, tampouco faz a referência ao nome do entrevistador. Entretanto, a professora Lívia nos contou que esteve em Iowa na década de 1960; ao pesquisar textos escritos pela professora Lívia nos deparamos com uma publicação de 1969 – *Cadernos Rioclarenses de Geografia* – em que a professora Lívia relata sua visita a uma fazenda no cinturão do milho no Estado de Iowa. Assim escreve a professora Lívia:

Esta comunicação tem por finalidade apresentar uma fazenda, no cinturão do milho, que pode ser considerado como uma amostra representativa das propriedades rurais, do estado de Iowa, pois quanto ao tamanho, atividades e localização ela representa a média da região. Este trabalho procura focalizar apenas, as impressões de uma visita e da entrevista feita com o criador, proprietário da fazenda. [...] **Desde que o contexto é outro, o conceito de homem rural muda, isto é, não coincide com o nosso.** A paisagem rural se os apresenta de maneira diferente daquela que estamos habituados. O homem contando com os benefícios da técnica, vive no campo nas mesmas condições que na cidade. Este homem rural encara a sua atividade agrícola como um trabalho agradável que tem problemas, mas também, que lhe pode propiciar meios para a sua realização como ser humano. (OLIVEIRA, 1969, p.59-62. Grifo nosso)

Mais uma vez, nota-se a constante preocupação em trazer aos alunos – da escola básica e também aos estagiários – um conhecimento da atualidade. Este procedimento torna-se uma ferramenta importante para o professor que precisa, constantemente, demonstrar a necessidade da aprendizagem de determinadas questões geográficas.

A preocupação com os exames também é uma característica da disciplina escolar. No caso da geografia, exercícios que exigem o conhecimento de um determinado mapa ou imagem, ou a construção e interpretação de gráficos adquirem, segundo Lestegás (2002, p. 177) a função específica de provas de valorização.

Não por acaso esta é uma das características dos materiais analisados. Como exemplo, podemos citar um exercício sobre a ‘Representação geográfica do espaço’ parte integrante da coletânea de textos publicada pela Associação de Geografia Teórica em 1979. O terceiro exercício pedia para que os alunos respondessem à algumas questões, após observarem uma figura denominada ‘Curvas de Nível’, tal como apresentamos abaixo:



Questões:

- a) Porque esta é uma representação em curvas de nível?
- b) Indique a equidistância entre as curvas
- c) Indique as direções em que as inclinações do terreno são maiores e menores.

Como podemos perceber, a Geografia desenvolvida pela professora Lívia enquanto docente de Prática de Ensino contribuiu para que a Geografia Escolar se desenvolvesse de forma muito singular e estritamente relacionada ao conhecimento geográfico discutido no âmbito acadêmico da FFCL de Rio Claro.

Dentre os diversos temas tratados ressaltamos uma Unidade da publicação da Associação de Geografia Teorética destinada a alunos e professores da escola básica, em que a Geografia Teorética e Quantitativa é discutida. Reescrevemos abaixo um trecho em que seus elaboradores ressaltam a importância desse tema para a época considerada:

Até 1950, a descrição geográfica consistia no estudo de relevo, clima, vegetação, hidrografia, solo, população, atividades econômicas, transporte, cidades e aspectos políticos, em termos de: levantamento dos elementos; classificação dos tipos; localização absoluta; distribuição geográfica; causa-efeito. A partir de 1950, a análise geográfica consiste no estudo de: medidas e escalas; relações espaciais; interações espaciais; classificações espaciais; movimentos; redes e fluxos; localizações relativas; processos de difusão; organização espacial; decisões espaciais (individuais e de grupos) sobre qualquer evento no passado, no presente e no futuro.[...] As consequências da 'revolução teorética e quantitativa' para a Geografia são: a) Dialogo com as demais ciências através da linguagem comum, que é a Matemática; b) Bases teóricas e práticas para a participação efetiva nos planejamentos; c) **Formação de professores com conhecimentos mais profundos e atualizados**; d) Conhecimento do meio-ambiente (environment) em termos probabilísticos, para: evitar a poluição e implantação inadequada de indústrias; localização de aeroportos e estradas; reconstrução de cidades; conservação dos recursos naturais (Parques Naturais); orientação do povoamento, da agricultura, etc.[...] A importância desta nova fase provém da necessidade que a sociedade moderna tem de poder dispor de informações corretas para prever e controlar certos eventos. (OLIVEIRA, L.; MACHADO, L., 1979, p. 10-11. Grifo nosso)

A leitura deste trecho nos mostra a preocupação latente em se divulgar uma Geografia moderna não só dentro da Universidade, mas principalmente para a sociedade em geral. Essa Geografia moderna deveria especialmente fazer parte do currículo oficial da escola básica. Ora, em discussões anteriores apontamos que no início da instalação da Universidade de São Paulo, Pierre Monbeig e muitos outros professores, defendiam a necessidade de que a geografia presente no ensino secundário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940 deveria ser substituída por uma Geografia Moderna. De acordo com as críticas, a Geografia Clássica presente nas escolas até aquele momento, contribuía para que seu ensino se resumisse à decoração de uma extensa nomenclatura de termos e conceitos; não possibilitava a compreensão da realidade, tampouco das transformações ocorridas no espaço.

Os materiais analisados, especialmente este último citado, enfatizam a necessidade de que a Geografia Escolar seja mais atual e desenvolvida de maneira que as relações entre o

homem e o espaço possam ser compreendidas pelos alunos; essas relações são estudadas a partir de uma Geografia mais *analítica*, favorecida pelas *técnicas matemáticas e estatísticas*.

Entretanto, podemos perceber que os primeiros documentos fornecidos pela professora Livia – de 1962 e 1963 – apresentam uma Geografia que ainda não utilizava as técnicas matemáticas e estatísticas; os textos desses materiais são mais curtos, e às vezes, elaborados em forma de itens. Os gráficos e os mapas possuem a função de facilitador da aprendizagem e de ilustração dos textos que compõem toda a coletânea. Numa das aulas sobre gráficos, assim escreve um dos autores do texto:

“Devemos sempre que possível, ilustrar os fatos para que a compreensão dos mesmos seja mais fácil, por parte de quem recebe ensinamento.[...] Muitas vezes, para a comprovação ou comparação de certos fatos somos obrigados a recorrer aos dados estatísticos. Tais dados muitas vezes mostram-se difíceis para uma análise e com a finalidade de facilita-la, recorrendo-se à construção de gráficos, ou diagramas, onde as quantidades numéricas são transformadas em figuras ou formas”

Na verdade, com a Geografia Quantitativa os dados estatísticos se tornam essenciais à compreensão do fato geográfico, bem como todos os demais recursos que se utilizam da linguagem matemática, tais como gráficos, diagramas, etc.

Interessante também ressaltar que em 1962 a professora Livia iniciava suas atividades docentes em Rio Claro. Como ela mesma nos disse, a disciplina para a qual havia sido contratada não possuía nenhum tipo de programa. Seus conhecimentos sobre a Geografia e também sobre Educação foram sendo *atualizados* na FFCL de Rio Claro:

Professora Livia – [...] eu assistia as aulas da Filosofia, eu assistia as aulas de Geomorfologia do Carlos Augusto, Climatologia, da Elza – de Agrária – então eu me atualizei em Geografia com os grandes que estavam aqui, e como eu não escrevia nem nada, eu só ia lá, se eu não podia ir eu não ia; mas eu assistia a Aerofotogrametria que também começou em Rio Claro; eu também fui fazer o curso porque os meus alunos faziam reconstituição e eu não sabia nada de Aerofoto, eu também fiz a Cartografia. E lá na Educação, Filosofia da Educação que eu não tinha, eu comecei a ler todos os livros ligados a ensino e educação [...] então minhas leituras foram ampliando juntamente na Educação e na Geografia. E também eu ia nas excursões da Geografia, todas as excursões, com o Carlos Augusto, com a dona Elza... falava que tinha, lá estava eu. Primeiro também que eu queria ver como que eles trabalhavam no campo; às vezes, por exemplo, a Olguinha Cruz estava fazendo trabalhos e ela queria conhecer a região, não tinha ninguém que fosse com ela, eu ia. Então eu

sempre acompanhei pro campo, sempre fiz e eu acho que isso que me deu esta base grande; e eu acho que quem vai pra educação geográfica precisa por os dois pés nas duas canoas, se ele ficar só num, ou só noutro, se ficar só na Educação, ele perde a evolução, o progresso na Geografia e ele fica pra trás e os alunos não respeitam a gente.

Dessa forma, a disciplina Prática de Ensino foi sendo estruturada a partir de seus conhecimentos e de sua atuação docente. A Geografia que Livia divulgava na escola era uma Geografia que também caminhava para o seu reconhecimento na Faculdade recém criada. Os métodos, os conhecimentos específicos sobre a Geografia, estabelecidos e divulgados pela atuação dos professores da FFCL de Rio Claro, vão compor a Geografia Escolar que Livia ajudava a estruturar.

Entretanto, essa Geografia Escolar também exercia sua influência: a continuidade das pesquisas desenvolvidas pela professora Livia na Academia estava estritamente relacionada a um conhecimento que ela identificava como necessário de ser ensinado na escola. Nesse sentido, podemos dizer que o cotidiano escolar, embora influenciado pelo conhecimento acadêmico, era capaz de desenvolver seus próprios mecanismos para a seleção deste ou daquele conteúdo.

Mesmo numa época em que a Geografia precisava se fortalecer como disciplina acadêmica numa Faculdade nova, a Geografia Escolar é quem vai determinar quais conhecimentos são válidos ou não. Ao mesmo tempo, para que a Geografia conseguisse seu lugar como uma disciplina acadêmica na FFCL de Rio Claro era necessário que a Geografia Escolar a reconhecesse como um saber válido e necessário.

Nesse sentido, a Geografia como disciplina acadêmica só conseguiria seu status se a Geografia Escolar reconhecesse aquele conhecimento como útil e válido, havendo, portanto, uma relação muito especial entre o conhecimento geográfico acadêmico e o conhecimento geográfico escolar.

Dessa forma, nossas reflexões nos autorizam dizer que a atuação da professora Livia foi muito importante, senão imprescindível, para que a Geografia da FFCL de Rio Claro conquistasse seu lugar como uma disciplina acadêmica.

À medida que o conhecimento geográfico acadêmico se especializava, a Geografia Escolar também foi se desenvolvendo de forma mais específica: mapas, gráficos e tabelas vão sendo utilizados como meio de aprendizagem e não mais como uma simples ilustração. Esse movimento pode ser observado pela leitura atenta dos materiais fornecidos pela professora

Lívia. Com o passar do tempo os materiais se tornam mais detalhados e bem estruturados, com planos de aulas mais completos e até mesmo com a quantidade de horas/aula de estágio.

Os documentos que analisamos sofrem uma grande influência da Geografia Quantitativa, especialmente a partir de 1968, ano em que a Quantificação é tida como o caminho a ser seguido para que a Geografia conquistasse de vez o seu lugar como uma disciplina acadêmica. Como citado anteriormente, a professora Lívia participou ativamente desse movimento, sendo membro da comissão de educação da União Geográfica Internacional. Em determinada ocasião, Lívia nos contou que havia ido à Índia apresentar o resultado de sua pesquisa de Doutorado num congresso:

Pesquisadora - E eu descobri o seu doutorado também...

Professora Lívia – Escondido lá... é a única coisa que eu levei para o Congresso Internacional da Índia, viu! Mas mesmo o Doutor João achou que eu não deveria ter levado, porque ele não gostou do...quer dizer, depois que a gente entra na trama, como o Carlos Augusto dizia, é que você descobre...[...] E o doutor João achava que ele deveria ter me orientado, não o Araújo; e eu não procurei ele, porque sei lá... ah, essas coisas que a gente se sente perdido – com quem que eu vou falar? Com quem eu tinha mais liberdade era com o Araújo pra falar isso, e com o Petroni; o Araújo disse: ‘Eu faço, traga aqui’. Então quando foi na audição, doutor João me pôs pra baixo viu, e dona Amélia também. Então quando eu me preparei pra ir pra Índia, pro Congresso, eu pedi um afastamento, não dinheiro, porque ele não me deu dinheiro pra Índia, sabe, só me deram o afastamento; e ele disse “Não vão aceitar, porque o seu trabalho não é bom”. Aí eu mandei, e aceitaram; o trabalho na Índia foi muito reconhecido, gostaram e tudo. E aí que eu fui conhecer o Norman Graves. Então ta publicado em inglês, e em português nem saiu, viu porque aqui eu não tive possibilidade de divulgar.

O Congresso a que Lívia se refere é justamente o Congresso da UGI, ocorrido em 1968 na Índia.

Neste evento Lívia conheceu Norman Graves, considerado como o responsável pela internacionalização da educação geográfica através de documentos publicados pela Unesco, através da UGI. (KENT, A., 2006)

Foi neste Congresso, como escreveu Goodson (1990, p. 243-248), que a ‘Nova Geografia’ foi defendida e apontada como necessária ao estabelecimento da geografia como uma disciplina acadêmica.

O paradoxo é que a crise na geografia escolar no final dos anos 60 levou não a uma mudança que poderia ter envolvido mais alunos das escolas, mas mudanças na direção oposta em busca da aceitação acadêmica total. O empurrão em direção ao status centrou-se em torno da ‘nova geografia’, que se afastou da Geografia regional em direção a dados mais quantitativos e à construção de modelos. A batalha pela Nova Geografia foi talvez o choque final entre aquelas tradições em Geografia que representavam tradições pedagógicas e utilitárias (notavelmente os geógrafos de campo e alguns regionalistas) e aqueles que lutavam por uma aceitação acadêmica total. [...] Portanto, por volta de 1970 a Geografia tinha terminado sua ‘longa marcha’ em direção à aceitação como uma disciplina acadêmica: de agora em diante seu futuro seria na verdade determinado não na sala de aula das escolas elementares e secundárias, mas nos ‘campos de batalha intelectuais da universidade. (GOODSON, 1990, p.243-249)

Evidentemente, as análises de Goodson são sobre o desenvolvimento da Geografia no Reino Unido. Contudo, não podemos deixar de considerar que a presença da professora Livia neste Congresso foi de extrema importância para a afirmação da Geografia de Rio Claro, ao mesmo tempo em que contribuiu e influenciou o desenvolvimento da Geografia Escolar veiculada por ela aos seus alunos da graduação, e também através dos documentos organizados por ela e destinados ao ensino da Geografia no ensino secundário.

Nesses termos, vemos que a atuação docente da professora Livia proporcionou à Geografia de Rio Claro o desenvolvimento de um corpo teórico próprio, que a fez ser reconhecida por suas pesquisas numa área totalmente nova – a Geografia Quantitativa -, muito criticada por diversos geógrafos de outras instituições, inclusive da USP, mas principalmente, influenciou de forma muito particular o desenvolvimento da geografia enquanto disciplina escolar.

Portanto, a Geografia Escolar, no contexto analisado, não possui uma corrente ideológica única, capaz de caracterizá-la e determiná-la num espaço-tempo. Os conhecimentos que a compõem são múltiplos e estão associados de maneira muito específica ao desenvolvimento da Geografia enquanto disciplina acadêmica. E justamente por isso, os embates e as discussões em torno do objeto de estudo da Geografia, bem como sua ‘aplicabilidade’ ou não na escola, fazem parte da história da institucionalização do ensino de geografia. Como escreve Lestegás (2002, p. 178)

Convém recordar que o caráter multiparadigmático da geografia faz com que os saberes científicos estejam longe de oferecer redes conceituais aceitas unanimemente, sendo, pelo contrário, objeto de debates tanto de natureza epistemológica como política e ideológica. O progresso científico não vem

determinado neste caso por uma sucessão de revoluções ou substituições de um paradigma por outro, e sim pela tensão entre as diversas correntes de pensamento vigentes. Por conseguinte, o não reconhecimento de uma geografia ‘oficial’ faz com que os saberes geográficos se encontrem permanentemente abertos ao debate e estejam muito longe de poder oferecer um conjunto de referências admitidas e comumente compartilhadas; não existe um único saber erudito, disposto para ser transformado em saber escolar, mas uma multiplicidade de saberes de referência que respondem a problemáticas e enfoques necessariamente plurais.

No contexto em que a ‘Nova Geografia’ é utilizada na FFCL de Rio Claro como uma ferramenta ao estabelecimento da Geografia como uma disciplina acadêmica, temos uma ampliação das discussões sobre a necessidade de que a legislação educacional vigente fosse atualizada e se modernizasse para atender à demanda populacional da época.

Umas das principais mudanças discutidas, e que muito afetaria a Geografia, era a proposta para que o ensino de História e Geografia fosse substituído pelo ensino de Estudos Sociais.

Retomando o pensamento de Vidal (2005, p.63), percebemos que nesse momento é imprescindível questionar quais representações de escola e de seus sujeitos estão em litígio, bem como quais resistências existem quando as reformas educacionais são impostas?

Dizemos isso por identificar, no relato da professora Lívia, resistências às mudanças preconizadas pela LDB de 1971. Tais resistências assumem para nós um significado muito importante, pois são articuladas de maneira a contribuir com a inserção e manutenção da Geografia como disciplina acadêmica na FFCL de Rio Claro, e consequentemente, das carreiras docentes envolvidas.

Enquanto professora de Prática de Ensino, Lívia de Oliveira resistiu às mudanças educacionais que ameaçavam o status acadêmico da Geografia, e sua própria carreira docente, através de suas pesquisas e de sua atuação num curso de formação de professores.

Seu relato pode ilustrar um pouco esse contexto:

Nós fundamos aqui a AGB de Rio Claro. O diretor era sempre um professor e os alunos participavam da diretoria, mas não como diretor, aliás sempre eu fui, o Tavares, o Carlos Augusto... Nós sempre tínhamos reuniões semanais e tínhamos uma palestra. [...] Depois nós tínhamos a UPEG, que era a União Paulista de Estudantes de Geografia, e aí os alunos eram diretores, mas precisava de um professor como orientador; por muitos anos eu fui isso, e eu acompanhava os alunos nas reuniões... Até hoje quando eu encontro com o Arquimedes ele lembra até hoje da nossa briga contra os Estudos Sociais; eles eram alunos e precisavam brigar em Diamantina contra os Estudos Sociais. E fui eu lá, com os alunos e brigamos, saímos correndo, o ônibus ligado e nós

corremos; a turma correndo atrás de nós porque éramos contra, e os que eram a favor dos Estudos Sociais [...] Naquela época a procura sempre foi alta, viu, porque nós sempre começamos um curso bom, de muito bom nível... o primeiro curso no Estado que teve Aerofotogrametria fomos nós... então nós tínhamos um certo corpo docente, uma grade curricular muito chamativa pros alunos, então nós sempre tivemos procura. Quando venceu os Estudos Sociais, muita gente procurou porque eram três anos, tinha até a curta de um ano e meio, e muita gente queria dar aula e então aí procurou e podia dar aquele curso de Educação moral e cívica... Então só naquela época houve uma diminuição, mas logo depois já começou de novo a procura.

Com o aparecimento dos Estudos Sociais no ensino secundário muitos docentes formados nos Cursos Superiores de Geografia e História se viam ‘ameaçados’ pelo crescente número de professores formados em Estudos Sociais, principalmente no que se refere a atribuição de aulas. Em meados da década de 1970 muitos cursos de graduação que ofereciam habilitação em Geografia ou História foram fechados devido a ausência (ou quase ausência) de alunos inscritos. De acordo com Conti (1976, p.65-66)

É inegável que hoje também se elaboram trabalhos geográficos de alto nível, porém, a Geografia, como disciplina escolar, entrou em declínio em virtude da nova orientação imposta ao sistema educacional, objetivando valorizar os conhecimentos técnicos em detrimento da formação humanística. Inúmeras escolas superiores, que durante anos consecutivos formaram centenas de licenciados, estão agora encerrando suas atividades por falta de clientela [...] O Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, que também integra um Instituto Isolado Estadual, foi obrigado a abrir inscrições para o vestibular de 1975 duas vezes. A primeira encerrou-se em branco e a segunda registrou apenas seis nomes. [...] Não está longe, portanto, o dia em que voltaremos ao ponto inicial quando só existia o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

Embora se vislumbrasse um futuro não muito promissor para a Geografia, na FFCL de Rio Claro algumas resistências foram articuladas para que a Geografia enquanto disciplina acadêmica pudesse se fortalecer cada vez mais.

Dessa forma, as resistências articuladas pela professora Lívia aparecem não só em sua fala – relembrando seu engajamento numa luta que contou com a participação de muitos professores e alunos de Geografia de todo o país – mas principalmente através de suas pesquisas que colocam o Ensino de Geografia em evidência.

Mesmo num momento em que a Geografia parece perder lugar como disciplina escolar, os trabalhos da professora Lívia com seus estagiários, insistem em divulgar um

conhecimento geográfico novo, com uma feição mais metodológica, e técnicas rigorosas necessárias ao ensino da Geografia; em outras palavras, traz para a sala de aula da escola básica a Geografia Quantitativa, e com ela todo um conhecimento especificamente geográfico, caracterizando e fortalecendo a geografia enquanto uma disciplina escolar.

Esse ‘mecanismo’ de introdução de um conhecimento geográfico novo e útil à sociedade pode ser também percebido a partir da leitura dos materiais que aqui analisamos, especialmente o Texto nº 1, escrito pela professora Livia e pela professora Lucy Marion, publicado pela Associação de Geografia Teorética. Este documento, composto por textos utilizados no Colégio de Aplicação da FFCL de Rio Claro, tinha a clara intenção de servir como um material de atualização para professores e alunos.

O fato de terem sido utilizados no Colégio de Aplicação nos desperta interesse porque estas instituições eram consideradas, na época, escolas de excelente nível educacional. Eram escolas diferentes das demais porque contavam com laboratórios didáticos que permitiam experimentar, na prática, o ensino discutido na teoria. De acordo com as autoras do texto,

O Setor Didático de Geografia do citado Colégio de Aplicação desenvolveu um extenso projeto de experimentos didáticos. Os trabalhos foram sempre produto das atividades científicas e pedagógicas das professoras responsáveis pela disciplina de Prática de Ensino de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e pelo Setor Didático de Geografia, do Colégio de Aplicação, havendo também a participação efetiva dos licenciandos em Geografia. (OLIVEIRA, L.; MACHADO, L., 1979, p. iv)

Assim, mesmo tendo sido aprovada em 1971, a nova LDB não impediu que a Geografia de Rio Claro continuasse sua trajetória pela conquista de seu lugar como uma disciplina autônoma, na Universidade e também na escola.

A tese de Livre Docência da professora Livia é outro exemplo de resistência; as discussões tecidas por ela em meados da década de 1970, contribuíram, principalmente, para o fortalecimento da Geografia como disciplina acadêmica numa Faculdade que começava a se reestruturar, e também para que a sua carreira acadêmica pudesse ser preservada.

Em 1976 foi criada no Estado de São Paulo a Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’; muitos Institutos Isolados, distribuídos pelo Estado, foram incorporados à nova Universidade como ‘Unidades Universitárias’, dentre eles a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Nestas Unidades Universitárias as cátedras deixaram de existir; toda estrutura universitária teve que ser reorganizada, gerando, nos anos seguintes, a

necessidade de ampliação do quadro docente devido a ampliação de áreas e disciplinas. (GARCIA, 2008, p.217-221)

Com a reestruturação dos cursos da FFCL houve o fechamento, por exemplo, da Pedagogia e conseqüentemente do Departamento de Educação. A carreira acadêmica da professora Lívia via-se ameaçada, pois seu cargo, lotado no Departamento de Educação, seria extinto e o curso de Pedagogia seria transferido para a cidade de Araraquara.

Lívia trata deste assunto numa entrevista realizada em 2003 para pesquisadores e professores da Universidade Estadual de Londrina, em ocasião da Aula Inaugural do curso de Geografia daquele ano². Abaixo transcrevemos um trecho da entrevista que nos ajuda compreender esse momento:

.... a minha sala era na Geografia, mas o meu contrato era na Educação. Então enquanto tava tudo muito bem, na hora que deu uma mudança lá aí lembraram na Educação que eu era administrativamente contratada pela Educação, e a Geografia também acordou e disse: você não é da Geografia, você é lá da Educação. E eu tive que ir pra Educação: saí de sala, pra Educação. Depois que nós saímos de Instituto Isolado e nos transformamos em Universidade, e como Universidade a classificação aí tava presente: você é da Didática da Geografia, então você tem que ficar na Educação. E a Educação tava saindo de Rio Claro, indo pra Araraquara, então você tem que ir pra Araraquara. Mas como que eu vou se a minha base, o meu conteúdo todo é geográfico e vai ficar em Rio Claro. Então aí o que foi feito? Eu sai da Prática de Ensino, que eu dei tantos anos, fiz até a Livre Docência, tudo, pra passar na Geografia. Eu deixei de..., administrativamente, de ser da Educação pra poder ser da Geografia. Então aí eu tive que dar disciplinas de Geografia, foi por isso que eu dei Recursos Naturais. Mas vocês vêem, pra gente fazer a carreira é uma dificuldade quando a gente está numa área que não é nem daqui nem dali e querem classificar que tem que ser de determinado lugar...

O relato da professora Lívia evidencia sua estratégia para manter sua carreira acadêmica numa área em que ela sempre atuou – a Geografia. Como ela mesma disse, a Tese de Livre Docência foi desenvolvida também como uma necessidade de justificar o seu cargo que agora estava vinculado à Geografia e não mais à Educação. Entretanto, até aquele momento, suas pesquisas e sua atuação docente estavam atrelados ao Ensino de Geografia, e não em áreas consideradas como próprias da Geografia; a ‘solução’ encontrada foi desenvolver uma pesquisa que possibilitasse a junção de temas pertinentes a áreas diferentes: a Geografia e a Educação.

2 A entrevista está disponível na internet no endereço <http://www.youtube.com/watch?v=8T7VnZOSLcA>

Assim, a Tese de Livre Docência da professora Livia foi desenvolvida num contexto em que a Geografia de Rio Claro, enquanto uma Ciência de referência, precisava fortalecer o seu lugar na nova estrutura da recém Universidade.

As investigações tecidas pela professora Livia ao longo de sua carreira como professora de Prática de Ensino, e especialmente sua Tese de Livre Docência, foram responsáveis por garantir que a Geografia de Rio Claro tivesse um lugar de destaque no âmbito acadêmico e, conseqüentemente, capaz de influenciar a constituição da Geografia Escolar num tempo e espaço determinados. Novamente a entrevista supracitada ajuda a confirmar nossas reflexões:

Professora Livia - Quando eu fiz o Doutorado, fiz em Geografia ninguém reclamou. Quando foi a Livre Docência eu tinha que fazer numa disciplina da Geografia: e o que é que eu ia fazer naquela altura, pra eu fazer... mesmo que fosse de Recursos Naturais eu não tinha condições pra na época fazer. Então eu fiz a minha Livre Docência ligada ao mapa, e ela se chama estudo cognitivo e metodológico do mapa. Já era meados de 80 quando eu fui no Congresso no Japão, quando eu voltei do Japão eu passei – eu tinha uma amiga que estava fazendo Mestrado em Iowa – e eu passei por Iowa pra visitá-la e foi a minha descoberta que Iowa era um grande centro de Geografia; então aproveitei, já que tava lá, fiz um estágio também, aí que eu trouxe as ideias da Percepção. Foi aí que eu entrei em contato, que já estava se abrindo uma nova leitura pra nós de Geografia que era a Percepção do Meio Ambiente. E pra mim caiu direitinho porque eu tinha toda a Percepção estudada do Piaget. E a Percepção do Piaget é que ‘quaduna’ com a percepção do meio ambiente. [...]

Portanto, podemos dizer que a mudança de Departamento, bem como sua Tese de Livre Docência e, mais particularmente, o início de suas investigações na linha da Percepção do Meio Ambiente, se tornaram ferramentas para que a professora Livia garantisse seu lugar no universo acadêmico, conseqüentemente influenciando o fortalecimento do status da Geografia de Rio Claro como uma Ciência de referência, e também a Geografia como uma disciplina escolar.

4.2 Estratégias e Significados de uma escolha

... E porque aí eu encontrei um lugar na Geografia pra eu trabalhar

Nesta parte do trabalho procuramos discutir quais significados as investigações realizadas até o momento assumem para nós, e de que maneira a interpretação desses significados nos ajudam a compreender a relação entre a trajetória da professora Lívia e a institucionalização do Ensino de Geografia como um campo de pesquisas.

Mais uma vez, afirmamos que neste trabalho apresentamos leituras possíveis da trajetória da professora Lívia e sua interrelação com o desenvolvimento de pesquisas sobre o Ensino de Geografia. Assim, não nos preocupamos em registrar *a verdade* dos fatos, mas sim em disponibilizar *caminhos de análise*, bem como ampliar as discussões sobre um campo que ainda precisa e merece ser melhor compreendido e estudado.

Uma das primeiras coisas que nos chamou a atenção foi a compreensão de que o ensino de geografia, para a professora Lívia, representava uma possibilidade de ascender na carreira acadêmica. Num primeiro momento, foi a porta de entrada a um universo muito disputado, composto em sua grande maioria por homens – o universo acadêmico. O aceite do convite do professor João Dias da Silveira representou a sua chance para desenvolver uma carreira e então se tornar independente, numa época em que às mulheres cabia, principalmente, o papel de *mães e cuidadoras*.

Assim, suas primeiras pesquisas sobre o ensino de geografia estão muito relacionadas às suas experiências enquanto professora da rede básica de educação no Estado de São Paulo, associadas às discussões sobre a Geografia enquanto aluna da USP. Os primeiros textos levados para a escola e discutidos por ela com seus alunos de Prática de Ensino (contidos nos materiais analisados) demonstram uma preocupação em *sistematizar* alguns conhecimentos para as aulas de Geografia; os documentos não apresentam uma discussão metodológica mais aprofundada.

Ao longo do tempo, Lívia volta a estudar a Geografia – como ela mesma nos disse - *com os grandes que estavam em Rio Claro*. Estes professores lecionavam disciplinas específicas da Geografia que continham métodos próprios para a análise dos temas estudados. Nesta época, a Geografia de Rio Claro começava a se estruturar como uma Ciência de Referência dentro da recém Faculdade, a FFCL – um Instituto Isolado de Educação Superior.

No entanto, as pesquisas que a professora Lívia desenvolve não possuem ainda esse rigor metodológico que caracteriza grande parte das investigações acadêmicas daquela época, naquela Faculdade.

Seu Doutorado sobre o Ensino de Geografia foi muito criticado por aquele que a convidou e exigiu uma atuação docente e de pesquisas sobre o Ensino de Geografia – o

professor João Dias da Silveira. O professor João Dias da Silveira era catedrático da USP, assistente de Pierre Monbeig na Cadeira de Geografia Física; uma das exigências às pesquisas realizadas nesta área era justamente o rigor científico, a aplicação de métodos para a análise do espaço estudado. As excursões, tão características dessa época, eram meticulosamente preparadas e também vistas como um caminho para se desenvolver na prática o que havia sido visto na teoria.

Ora, o trabalho da professora Livia, na Licenciatura, não tinha esse tipo de abordagem. Suas leituras sobre Educação vão acontecendo à medida que sua atuação docente também se desenvolve.

Mesmo em sua época, Educação e Geografia andavam de forma separadas, unidas apenas pelos trabalhos da professora Livia, que precisava fazer com que aqueles conhecimentos geográficos estudados chegassem às escolas, através de seus alunos de Prática de Ensino. Nesse momento, vemos que sua atuação não se restringe a ‘passar’ aos seus alunos conhecimentos sobre a Geografia e o Ensino, mas principalmente, contribui para que o professor de Geografia se profissionalize.

Com o passar do tempo, seu contato com as inovações no campo da Geografia se estreitam; a participação em Congressos no exterior, sobretudo no Congresso da UGI em 1968, faz com que sua prática docente seja transformada. A partir de 1968 sua atuação como professora de Ensino de Geografia passa a ter a possibilidade de se desenvolver de maneira mais rigorosa, tal como propagado pela Geografia Quantitativa ou Nova Geografia. Ao mesmo tempo, permitia que sua carreira acadêmica fosse garantida, pois suas investigações agora pertenciam ao que de mais inovador existia na Geografia; seus alunos poderiam aplicar na escola um conhecimento mais rigoroso, embasado pelas técnicas matemáticas.

Os documentos posteriores a 1968 nos mostram justamente que a Nova Geografia foi utilizada pela professora Livia para embasar suas discussões feitas com os alunos de Prática de Ensino; as técnicas matemáticas divulgadas pela Geografia Quantitativa ocupavam grande parte dos textos divulgados pelos alunos de Prática de Ensino aos alunos da rede básica.

Com os Estudos Sociais, substituindo a Geografia no currículo das escolas, era de se esperar que a Geografia acadêmica também não tivesse mais razão de existir. Entretanto, vemos que justamente na década de 1970 os textos aplicados aos alunos da escola básica são mais extensos, e procuram mostrar a necessidade e a utilidade do conhecimento geográfico para o desenvolvimento do aluno; mais uma vez, e de forma bem veemente, a Nova Geografia é colocada como o caminho imprescindível para que os alunos dominem as novas técnicas disponíveis no mundo daquela época.

Os trabalhos da professora Livia, portanto, contribuíram de forma muito particular para a formação de uma vulgata, fazendo com que a Geografia como disciplina escolar pudesse garantir seu espaço num currículo em que, oficialmente, ela já não era vista como uma matéria útil e necessária.

Em 1974 o Bacharelado em Geografia na FFCL de Rio Claro é reconhecido por lei. Até aquele momento, ele existia de forma atrelada à Licenciatura; os cursos oferecidos deveriam orientar, simultaneamente, para o bacharelado e para a licenciatura. (GARCIA, 2008, p. 189-190)

Com a institucionalização do Bacharelado a partir de 1974, a Geografia tem a possibilidade de se desenvolver de maneira mais específica, com métodos próprios e, conseqüentemente, permitindo que grande parte dos docentes vinculados ao Bacharelado tivesse suas carreiras garantidas.

A professora Livia, no entanto, não estava vinculada ao Bacharelado; seu cargo continuava lotado na Educação.

Com o fechamento do curso de Pedagogia na FFCL de Rio Claro, Livia se viu obrigada a ir para a Geografia, num momento em que as pesquisas já se estruturavam de forma mais especializada. A Geografia agora trilhava um caminho mais seguro para o seu reconhecimento como uma disciplina acadêmica, especialmente devido ao reconhecimento do Bacharelado como uma área específica da Geografia.

Até aquele momento Livia apenas se aproximava da *Ciência* pelos seus vínculos muito estreitos com a Geografia, já que sua atividade docente estava restrita à formação de professores de Geografia.

Para ela, a possibilidade *de iniciar trabalhos na Geografia*, e conseqüentemente de manter sua carreira no meio acadêmico, surgiu justamente com o fechamento da Pedagogia. Entretanto, agora suas pesquisas precisavam ter um rigor metodológico e versar sobre um problema específico de pesquisa - características de uma Geografia que acabava de ganhar o reconhecimento oficial como uma área onde as investigações de fato ocorriam.

Com a sistematização do conhecimento geográfico acadêmico as pesquisas desenvolvidas pela professora Livia também precisavam seguir os mesmos caminhos trilhados pelas pesquisas desenvolvidas sobre a Geografia.

Como ela mesma revelou, sua Tese de Livre Docência deveria ser numa disciplina da Geografia. Entretanto, seus conhecimentos sobre a Geografia se restringiam àqueles levados para a Escola; apesar de lecionar, a partir do fechamento da Pedagogia, a disciplina de

Recursos Naturais, seu arcabouço teórico sobre esta disciplina ainda não era suficientemente capaz de permitir uma Livre Docência nessa área.

A saída encontrada foi a pesquisa sobre o mapa, dando origem a sua Tese de Livre Docência denominada *Estudo Metodológico e Cognitivo do mapa*, defendida em 1977 para o Concurso de Livre Docência em *Metodologia da Geografia*, no Departamento de Geografia e Planejamento da Unesp de Rio Claro.

A grande inovação desta Tese foi o fato da professora Livia ter conseguido trazer discussões muito inovadoras na época, restritas à Educação, para a Geografia. O diferencial de seu trabalho foi justamente estabelecer uma relação entre o pensamento de Jean Piaget às discussões sobre a Cartografia, um tema muito específico e de domínio quase que exclusivo dos geógrafos.

A pesquisa da professora Livia foi embasada nas discussões sobre o desenvolvimento psicológico da criança, elaboradas por Piaget. Segundo Livia, o mapa é abordado do ponto de vista metodológico e cognitivo; sua pesquisa foi estruturada com a intenção de contribuir com as bases de uma metodologia do mapa. Seu trabalho

versa sobre os fundamentos psicológicos do mapa como um meio de comunicação espacial. [...] não é um estudo dos procedimentos da representação geográfica; ao contrário: a abordagem é metodológica e cognitiva. O objetivo é propiciar uma compreensão das bases do mapa e estimular uma forma de pensar sobre os problemas didáticos a ele concernentes. Este objetivo representa nossa convicção profunda de que somente desta maneira se pode preparar o professor para crescer intelectualmente e desenvolver métodos para transformar o ensino pelo mapa no ensino do mapa. (OLIVEIRA, L., 1977, p.iv)

As ideias de Piaget, na verdade, fornecem o embasamento teórico que Livia tanto precisava para inserir suas pesquisas nos moldes exigidos pela Ciência Geográfica da FFCL de Rio Claro.

De acordo com Carvalho (2001, p. 34-52), em Piaget

as questões relativas aos processos de desenvolvimento cognitivo, à inteligência e mesmo à aprendizagem são colocadas em abstração das instituições escolares. [...] a reflexão sobre as possíveis contribuições da psicologia à pedagogia não mobilizou Piaget pessoalmente, ficando essa tarefa a cargo de alguns de seus seguidores, como H. Aebli, por exemplo. No

entanto, a leitura de seus escritos educacionais mostra com clareza pelo menos duas formas pelas quais o autor concebe essas contribuições; [...] Em primeiro lugar, as investigações em psicologia forneceriam aos educadores descrições, teorias e mesmo certas ‘leis’ do desenvolvimento psicológico. Tais informações não só elucidariam certos aspectos do comportamento e do desenvolvimento infantil e adolescente com proveito para a pedagogia, como ofereceriam aos teóricos da educação dados e conceitos capazes de ‘inspirar’ projetos educativos consoantes com essas ‘leis’ e condições gerais do desenvolvimento cognitivo e mental.

A professora Livia teve contato com intelectuais que estudavam Piaget, tanto no Brasil como em Genebra, quando foi fazer um estágio no Laboratório de Piaget. A leitura atenta de sua pesquisa nos permite perceber uma preocupação em estabelecer determinadas regras para o ensino do mapa. Trata-se da *aplicação* da teoria de Piaget na Geografia, mais especificamente, numa área muito próxima para Livia: o ensino de Geografia.

[...] eu fui fazer um estágio em Genebra porque pra mim eu precisava ir a Genebra pra fazer um estágio; e quem trabalhava naquela época com espaço, lá no grupo de Piaget, era o Will Bang, da Tailândia. E aí eu tive muitas conversas porque pra mim interessava conversar com ele. E ele me disse: você é quem precisa encontrar essa passagem do espaço das crianças para o espaço geográfico; não somos nós aqui em Genebra que vamos nos preocupar com isso; a nossa preocupação é com o espaço em si. [...] então eu fiz muitas leituras, tinha muita coisa pra nós lermos, e voltei, daí que eu pude fazer minha Livre Docência; aí que me esclareceu essa preocupação básica que eu tinha com o espaço das crianças. (Trecho da entrevista da professora Livia de Oliveira para a aula inaugural da Universidade Estadual de Londrina em maio de 2003)

Ao elaborar uma pesquisa ‘*mais rigorosa*’, cujo tema era o ensino da Geografia, Livia acabou desenvolvendo uma vulgata que influenciou a Geografia Escolar durante muito tempo, especialmente a Cartografia nas escolas.

Esta *influência ocorreu de maneira restrita* quando ela ministrava suas aulas de Prática de Ensino e elaborava os materiais de estágio destinados aos alunos da escola básica; naquela ocasião, a vulgata por ela influenciada tinha um alcance que se restringia às escolas e aos alunos que tinham contato direto com esses conhecimentos. Óbvio que esses conhecimentos também foram divulgados através das práticas dos futuros professores.

Todavia, as ideias divulgadas pela sua Tese de Livre Docência repercutiram de uma forma mais ampla, e influenciaram a construção de uma vulgata sobre a Cartografia Escolar,

uma área que ainda não havia sido pesquisada pelos geógrafos. O trabalho da professora Livia se tornou pioneiro e inspirou inúmeras pesquisas nesta área, especialmente anos mais tarde.

Portanto, a pesquisa desenvolvida pela professora Livia foi o passo que faltava para que a Geografia da FFCL de Rio Claro conseguisse alcançar o seu status como uma disciplina acadêmica, pois estruturava um conjunto de conhecimentos – ou uma vulgata – que deveriam ser aplicados na escola. Com a Tese de Livre Docência de Livia, um conjunto de procedimentos para o estudo do mapa na escola foi desenvolvido, contribuindo para que a Geografia da sala de aula tivesse um quadro conceitual reconhecidamente válido e útil à formação do aluno. A viabilidade da Geografia enquanto disciplina escolar validava a Geografia acadêmica desenvolvida na FFCL de Rio Claro, pois esta foi capaz de desenvolver uma metodologia de aplicação de conceitos geográficos para a escola, capacitando o trabalho docente para o ensino da Geografia e também do mapa, instrumento utilizado especialmente por geógrafos.

A Tese de Livre Docência de Livia de Oliveira foi um de seus últimos trabalhos feitos na área de Ensino de Geografia. Ao longo do tempo, ela orientou diversos trabalhos nesta linha de investigações, mas a partir da década de 1980 sua atenção se volta, principalmente, para um tema também novo na Geografia: a Percepção.

De acordo com Capel (1988, p.423- 425),

El tratamiento consciente del tema del comportamiento, que há introducido em la ciencia geográfica una dimensión psicológica que hasta entonces estaba prácticamente ausente, puso de manifiesto la insuficiencia de los modelos teóricos elaborados por la geografía cuantitativa acerca de la localización espacial de las actividades humanas. [...] El descubrimiento de la dimensión psicológica representa, sin duda, un auténtico acontecimiento en la ciencia geográfica, en la cual si algo debe llamar la atención es precisamente lo tradíamente que este descubrimiento se ha realizado, teniendo en cuenta los temas que desde su nacimiento la geografía humana estudió. Constituye un apasionante campo de exploración científica que obliga al geógrafo a preocuparse por disciplinas científicas que hasta ahora eran ajenas a su formación (la psicología, la semiótica, la antropología cognitiva...) y enriquece así extraordinariamente su visión de la realidad.

Neste contexto, Percepção e Geografia Quantitativa são concebidos como caminhos opostos. Já na década de 1970 a Quantificação passa a ser criticada, até mesmo por geógrafos adeptos dessa linha de pensamento. As modificações mundiais, especialmente àquelas vividas ao longo dos anos 70, impulsionaram os geógrafos a tentar compreender o espaço de uma maneira diferente; a Geografia Quantitativa já não era suficientemente capaz de responder à

questões que envolviam, por exemplo, a Guerra do Vietnã, a miséria de países africanos, o subdesenvolvimento dos países, etc. (CAPEL, 1988, p.405)

O início das pesquisas sobre Percepção, representou para a professora Livia, a oportunidade de ser reconhecida como parte do corpo docente da Geografia da FFCL de Rio Claro; foi o caminho encontrado para, como ela mesma disse, trabalhar na Geografia.

Entrevistadora - E porque você não continuou aprofundando o estudo na linha piagetiana?

Professora Livia – É porque eu sempre gostei da novidade, e aí, mesmo trabalhando com o Piaget, eu encontrei a percepção, a do Piaget. E eu também, as vezes que eu fui nos Estados Unidos, eu já tinha... lá já estava começando o 'perception enviroment', com todos trabalhando nisso, e... porque aí eu encontrei um lugar na Geografia pra eu trabalhar. Então eu comecei a trabalhar com isso, mas era Piaget ainda, só que a percepção...

A fala da professora Livia nos mostra que mesmo ela não concebia seus trabalhos sobre ensino como parte integrante da *Ciência Geográfica*. Para ela, a pesquisa acadêmica e a pesquisa sobre ensino eram temas diferentes, característicos de áreas distintas do conhecimento; à licenciatura cabiam as pesquisas sobre o ensino e ao bacharelado as pesquisas que auxiliavam no desenvolvimento científico.

Também por isso as pesquisas desenvolvidas no âmbito da licenciatura em Geografia, na FFCL de Rio Claro, acabam sendo vistas como dissociadas da Ciência de referência.

O sentimento de não pertencimento à uma Ciência – no caso, a Geografia – impulsionou a professora Livia a desenvolver pesquisas numa área que pudesse contribuir com a sua inserção num grupo concebido como *mais científico*.

[...] E aí eu tinha que fazer carreira; eu fiz a Livre Docência, eu tinha que fazer Professor Adjunto, porque naquela época era um concurso também. Então aí eu tive que fazer publicações, fazer meu currículo, que justificasse eu ser julgada em Geografia de Recursos Naturais. Então trabalhei, só que era só de títulos, então não teve problema.

O problema foi quando eu fui fazer o Titular; o Titular pra nós, pra nossa carreira no Estado de São Paulo, é um Concurso que você faz numa disciplina específica e você tem que dar aula e você tem que apresentar um currículo voltado pra aquilo. E eu, vocês não podem imaginar o que eu estudei de Geografia Física, porque não era em Recursos Naturais, era em Geografia Física. Eu tive que estudar, reestudar toda Geomorfologia, toda Climatologia, toda Biogeografia, pra eu poder chegar em Recursos Naturais. E eu queria ser Professora Titular, eu queria chegar no máximo, por que não?

Por que eu não podia chegar? Então eu fiz o Concurso, vocês podem imaginar o professor Aziz fazendo banca, professor Petrone, professor Araújo - que foi um encanto de criatura, ele foi o meu orientador do Doutorado – e foi muito bom. [...] E cheguei a Titular, e cheguei na Geografia, saindo da Educação.

O processo de estruturação de sua carreira acadêmica pode ser consolidado com sua inserção na Geografia, conseguida através de pesquisas numa área específica: a Geografia Física.

Através de suas investigações, o Ensino de Geografia pode se desenvolver como uma campo de pesquisas na FFCL de Rio Claro, mesmo num contexto em que a licenciatura possuía um menor status, se comparada ao Bacharelado, e era vista como uma área em que apenas se *desenvolviam meios de se levar o conhecimento científico para a escola*.

Entretanto, os trabalhos da professora Livia foram na contramão desse movimento, pois abriram caminhos para que geógrafos – portanto, cientistas especialistas – pudessem ter também o Ensino de Geografia como tema de suas pesquisas.

Portanto, as reflexões tecidas neste trabalho trouxeram à tona discussões que puderam lançar luz ao processo de construção de um caminho de pesquisas: o Ensino de Geografia. Há ainda muitas investigações que precisam e merecem ser desenvolvidas nessa temática, especialmente porque podem contribuir com a ampliação dos debates que envolvem a estruturação do currículo de Geografia e a história das disciplinas escolares. Assim, esperamos que esta pesquisa suscite novas indagações sobre uma temática tão importante, a institucionalização do Ensino de Geografia como um campo de investigações no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, elaborada a partir dos relatos da professora Livia, trouxe à tona diversas ‘pistas’ sobre a institucionalização do Ensino de Geografia como uma área de pesquisas no Brasil.

Acreditamos que as discussões estabelecidas aqui podem suscitar indagações novas, novos olhares sobre o desenvolvimento deste tema, contribuindo para que outras *histórias*, de outras *Geografias*, de outros *lugares do Brasil*, também possam ser conhecidas e discutidas.

Na verdade, podemos conceber esta Tese como uma construção; as ideias que discutimos foram ganhando corpo e se desenvolvendo aos poucos, à medida que nos aprofundávamos nas (re)leituras das entrevistas realizadas com a professora Livia. Assim, sempre havia um *senão*, ou um *e se...* Tal processo de construção, no entanto, ainda encontra-se inacabado. Talvez, nunca acabe. Porque a pesquisa embasada em relatos sempre suscita olhares diferentes, compreensões que se somam àquelas já estabelecidas num outro momento, num outro contexto.

E é nesse sentido que buscamos aqui enfatizar algumas nuances do que para nós foi, num determinado contexto, importante e necessário para estabelecermos compreensões sobre o desenvolvimento do Ensino de Geografia como um campo de pesquisas. O nosso olhar se deteve em refletir a estruturação desse campo, tendo como principal fonte as lembranças da professora Livia de Oliveira no contexto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

Os autores utilizados para nossas reflexões, na verdade, contribuíram para que pudéssemos juntar as peças de um quebra-cabeça. Poderiam ser outros, se nossos objetivos de pesquisa também fossem outros. A nós, interessava entender como se deu a articulação entre a trajetória da professora Livia e sua contribuição com o desenvolvimento das investigações sobre o Ensino de Geografia.

E pensar em articulação é também pensar em estratégias; e foram as ideias de Ivor Goodson (1990) que mais influenciaram a estruturação desta Tese. Porque a partir de suas discussões sobre a construção social do currículo pudemos entender que toda ação pedagógica, seja na Universidade ou na Escola, não se dá de forma isenta, tampouco ingênua.

As escolhas, as idas e vindas que permeiam a trajetória de um professor, as substituições curriculares, os desaparecimentos de temas e disciplinas, são significativos e precisam ser compreendidos em sua estrutura.

É nesse sentido que pensamos essa Tese também como um *quebra-cabeça*, em que as peças parecem se juntar somente quando estabelecemos uma compreensão mais atenta das intencionalidades que permeiam a sua *montagem*.

Desse modo, o contato com as ideias de Ivor Goodson (1990), especialmente quanto à discussão das disciplinas acadêmicas e sua institucionalização nas Universidades, concomitante a análise das entrevistas realizadas com a professora Livia, nos ajudaram a entender a institucionalização da Geografia na Universidade Brasileira, mais particularmente os mecanismos engendrados no interior do meio universitário em que a Geografia foi se estruturando como uma Ciência de referência.

As histórias contadas pela professora Livia nos permitiu entrar em contato com um momento muito importante para a Geografia brasileira; momento em que diversas discussões acadêmicas aconteciam com a intenção de promover a Geografia como uma Ciência de referência.

Ao nos contar sobre sua graduação na Universidade de São Paulo Livia nos “obrigou” a mergulhar no universo acadêmico da Geografia freqüentada por ela, fazendo-nos compreender que a Geografia daquele tempo – década de 1950 - ainda ligada diretamente à História, lutava para ser reconhecida como um campo de conhecimento válido dentro da própria Universidade.

As histórias contadas por Livia nos permitiram entender que somente no final da década de 1950, entre 1956 e 1957, é que a Geografia brasileira pode se estruturar como um saber autônomo, especialmente porque nesta época a Geografia foi separada da História no Ensino Superior. Livia decidiu fazer Geografia por causa da História, e sua formação, em Geografia e História pela Universidade de São Paulo, possibilitou-lhe ministrar aulas de Geografia e também de História.

Quando a Geografia conseguiu garantias de um saber autônomo, como disciplina autônoma, no interior da Universidade, as carreiras docentes envolvidas também puderam ser mantidas. Este processo foi se desenvolvendo também na década de 1960, época em que a professora Livia iniciou sua atuação docente no Ensino Superior.

Livia de Oliveira, recém formada, tinha como experiência de trabalho sua atuação no magistério público. A docência no ensino universitário iniciou-se no âmbito do Ensino de Geografia e foi imprescindível à garantia de sua carreira no Ensino Superior.

As exigências feitas pelo professor João Dias à professora Livia quanto ao teor de suas investigações – o Ensino da Geografia - inauguraram uma linha de pesquisa necessária à

busca pela manutenção do status adquirido pela Geografia, e que, por sua vez, precisava ser também garantido no curso recém criado da FFCL de Rio Claro.

Ao longo das décadas de 1960 e 1970, as pesquisas sobre o Ensino de Geografia se tornaram essenciais à sobrevivência do Curso de Geografia da Universidade em que Livia iniciou sua atuação docente, e também à manutenção de sua própria carreira como professora universitária. Nessa época, a preocupação era desenvolver, no âmbito do ensino de Geografia, um arcabouço teórico e metodológico capaz de caracterizar e justificar as pesquisas que vinham sendo realizadas por docentes responsáveis por disciplinas ligadas ao Ensino de Geografia.

A substituição da Geografia e da História pelos Estudos Sociais ocorrida no currículo da escola básica brasileira na década de 1970 ameaçou o status adquirido pela Geografia enquanto uma disciplina acadêmica; como consequência as carreiras docentes, dos cursos de Geografia, também corriam sério risco.

Nesse contexto, as pesquisas sobre o Ensino de Geografia na FFCL de Rio Claro começaram a se tornar necessárias porque justificavam a necessidade do conhecimento geográfico na escola, e ao mesmo tempo, garantiam as carreiras docentes no meio acadêmico.

Nesse sentido, a Geografia como disciplina acadêmica na FFCL de Rio Claro precisava se fortalecer, pois seu fortalecimento dentro do meio acadêmico garantiria a sobrevivência da Geografia no currículo escolar.

As reflexões tecidas nesta Tese também trouxeram para o debate questões sobre as diferenças existentes entre Bacharelado e Licenciatura na Geografia. Ao longo do tempo, o Bacharelado na FFCL de Rio Claro foi se estruturando como a área responsável por desenvolver pesquisas acadêmicas, enquanto que à Licenciatura cabia a função específica de formação de professores sem que para isso houvessem pesquisas sobre o Ensino da Geografia realizadas por geógrafos. Os trabalhos da professora Livia foram pioneiros nesse sentido, pois permitiram que a Licenciatura também fosse concebida como uma área potencial às investigações científicas.

Todavia, o Bacharelado continuava sendo considerado como o local específico para o desenvolvimento das atividades científicas; os docentes que pesquisavam temas em disciplinas nesta área, por sua vez, foram *adquirindo habilitação para falar sobre a Ciência Geográfica*. O mesmo não aconteceu com os docentes ligados diretamente com a Licenciatura. Assim, com o passar do tempo, a escrita sobre a Geografia da sala de aula foi sendo desenvolvida por aqueles pesquisadores *habilitados para falar cientificamente*, ou seja, os bacharéis. Embora não tenhamos estabelecido reflexões mais aprofundadas sobre este

tema, acreditamos que este grupo de intelectuais – os bacharéis – tiveram um papel importante na construção do saber geográfico que permeia o currículo escolar das escolas brasileiras. Esta discussão é muito interessante, e merece reflexões mais aprofundadas, especialmente por pesquisadores que se interessam por temáticas concernentes ao Ensino de Geografia.

As discussões desenvolvidas no decorrer da Tese nos permitem dizer que a utilização da Geografia Quantitativa por grande parte dos docentes da FFCL de Rio Claro, a divulgação de uma vulgata para o ensino de Geografia nas escolas através dos materiais didáticos elaborados pela professora Livia e sua Tese de Livre Docência, se caracterizam como *estratégias engendradas* no interior do âmbito acadêmico para garantir a permanência da Geografia da FFCL de Rio Claro como uma disciplina acadêmica, e conseqüentemente, a manutenção das carreiras docentes envolvidas nesse processo.

As investigações desenvolvidas pela professora Livia nas décadas de 1960 e 1970 sobre o ensino de Geografia estão inseridas no contexto em que a Geografia acadêmica precisava fortalecer seu status como uma disciplina acadêmica.

Sua atuação como pesquisadora do ensino de Geografia contribuiu também com a profissionalização docente, e esteve intrinsecamente relacionada à necessidade de justificar sua função no contexto institucional em que estava inserida, no âmbito pessoal.

As investigações sobre o ensino de Geografia na FFCL de Rio Claro surgiram, então, como uma consequência da atuação docente de Livia de Oliveira no meio acadêmico. Assim, o modelo institucional da recém Faculdade onde Livia foi convidada a atuar, associado aos interesses pessoais do Diretor da instituição e à necessidade particular de Livia em garantir seu espaço como mulher no universo acadêmico, foram determinantes para o desenvolvimento de suas pesquisas sobre o ensino.

Sua Tese de Livre Docência trouxe para o Ensino de Geografia uma sistematização dos estudos sobre o mapa, o que contribuiu para o fortalecimento da geografia como uma disciplina escolar.

A pesquisa da professora Livia em sua Tese de Livre Docência permitiu a especialização das investigações sobre Ensino de Geografia através do desenvolvimento de um arcabouço teórico específico sobre a Cartografia Escolar, temática até então inédita aos professores-pesquisadores do Ensino de Geografia. Portanto, as discussões nesta sua Tese de Livre Docência contribuíram com o início de uma linha de investigações restrita ao Ensino de Geografia. A ampliação das possibilidades de pesquisas sobre o Ensino de Geografia, com a

Cartografia Escolar, também trouxe oportunidades a muitos outros docentes de estruturar suas carreiras acadêmicas ligadas diretamente a uma temática em franco desenvolvimento.

O estabelecimento da geografia como uma disciplina escolar foi de extrema importância para a sobrevivência da Geografia acadêmica da FFCL de Rio Claro, pois a agora *Unesp de Rio Claro* era concebida como um local de difusão de conhecimentos geográficos úteis aos alunos da escola básica.

Mas, para Livia não bastava que suas investigações sobre o ensino da Geografia fossem concebidas como úteis à escola; ela almejava algo a mais, isto é, chegar aos mais altos níveis da carreira acadêmica.

Seus desejos foram atingidos quando, já alocada no Departamento de Geografia, e não mais pertencente ao quadro de professores da Educação, começou a realizar importantes pesquisas numa área totalmente nova na Geografia: a Percepção do Meio Ambiente.

A Percepção do Meio Ambiente foi o caminho encontrado pela professora Livia para que sua carreira acadêmica atingisse o seu ápice. A partir da década de 1980 a professora Livia começa a estabelecer relações entre as discussões de Piaget e as ideias veiculadas pela Percepção.

Todas as vezes que líamos nas entrevistas as histórias de sua participação nas pesquisas sobre a Percepção, nos deparávamos com uma lacuna: como entender a repentina diversificação da produção acadêmica da professora Livia?

Mais uma vez a ideia das *estratégias engendradas*, discutidas por Goodson, nos auxiliaram a entender que a escolha da professora Livia pela Percepção não representaram um rompimento de pesquisa, mas sim uma escolha necessária à sua ascensão acadêmica.

Em nossos estudos nos preocupamos em encontrar uma resposta para a opção da professora Livia pelas pesquisas sobre Percepção e não pelo Ensino de Geografia; o desenvolvimento de trabalhos sobre A Percepção do Meio Ambiente nessa temática possibilitou que a professora Livia se tornasse reconhecida no Brasil todo pela sua contribuição aos estudos nessa área e suas relações com a Geografia.

Nesta Tese, no entanto, não procuramos discutir as possíveis relações entre a Geografia Quantitativa e a Percepção em Geografia, pois nossos objetivos de investigação centraram-se nas discussões sobre o Ensino de Geografia e sua institucionalização como um campo de pesquisas. Contudo, vale ressaltar que esta temática merece ser investigada, por exemplo, por pesquisadores preocupados com os debates sobre a história das disciplinas escolares.

Estas discussões nos abriu caminho para entender que a contribuição da professora Livia para com o Ensino de Geografia se deu como uma estratégia; assim, o ensino de Geografia não foi um problema de pesquisa identificado logo de imediato, mas uma alternativa para sua ascensão na carreira universitária. Tal alternativa não foi uma escolha meticulosamente criada pela personagem de nosso estudo; ela surgiu de maneira coerente aos contextos pessoal da professora Livia, institucional e político da Unesp, e epistemológico da Geografia dita científica. Foi, portanto, o resultado da confluência de histórias imbricadas.

A institucionalização do Ensino de Geografia como um campo de investigações surgiu, portanto, como uma consequência das estratégias engendradas no interior do meio acadêmico para sustentar o status da Geografia como uma disciplina necessária na Universidade.

Assim, conhecer os caminhos trilhados pelo Ensino de Geografia pode nos ajudar a pensar não somente o passado, mas as consequências das estratégias e decisões tomadas para o ensino de Geografia que hoje vemos nas escolas.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.), **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.p.xvi

_____(Org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

ANDRADE, M.C.de. A construção da geografia brasileira. **Finisterra**, XXXIV, n.67/68, 1999, p.21-30

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____**Obras escolhidas II**. Rua de Mão Única. São Paulo : Brasiliense, 1987.

_____**O Narrador**. In: **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense,p.197-221, 1987

BITTENCOURT, Agueda Bernadete. Memória e Arte: reflexões em torno de condições de formação e de trabalho em setores especiais. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado das Letras, p.545-569, 2004

Boletim Geográfico v.10-11. Rio de Janeiro, 1952/1953

_____**v.11-12**. Rio de Janeiro, 1953/1954

_____**n. 125-129**. Rio de Janeiro, 1955

_____**v. 15**. Rio de Janeiro, 1957

_____**v. 16**. Rio de Janeiro, 1958

Boletim Paulista de Geografia. v. 1-3. São Paulo, 1949.

BOLIGIAN, Levon. **A cartografia nos livros didáticos e programas oficiais no período de 1824 a 2002**: contribuições para a história da geografia escolar no Brasil. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro (SP): UNESP, 2010

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina. (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p.183-191, 1986

BOURDIEU, Pierre et.al. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008

BUSCHINELLI, Antonio. **Subsídios para a História do Ensino Superior Oficial em Rio Claro**: da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras ao Campus da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”- UNESP. Rio Claro, 1988.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrita e a não escrita. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001

CAMARGO, Aspásia. História Oral e Política. In: FERREIRA, Marieta de Moraes.(org.) **História Oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Ed.Diadorim, 1994.

CAPEL, H. **Filosofia y ciencia en la Geografía contemporánea**: una introducción a la Geografía. Barcelona: Barcanova temas universitários, 1988

CARRAHER, Terezina Nunes. **O método clínico**: usando os exames de Piaget. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1983

CARVALHO, J.S.F. A teoria na prática é outra? **Revista Brasileira de Educação**, v.16, n.47, mai-ago, 2011

CARVALHO, J.S.F. **Construtivismo**: uma pedagogia esquecida da escola. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001

CASTILHO, M.L.R. FERREIRA, **Memória e história da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (1957-1976)**. 2009. 255f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. Porto Alegre (RS), v. 2, p. 177-229, 1990

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa. In: LAROSSA, Jorge. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Laertes Ediciones, p.11-59, 1995

CONTI, J.B. A reforma do ensino de 1971 e a situação da Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.51, p.57-73, 1976

COSTA, P.C. Apresentar o Brasil aos brasileiros, aproximar os brasileiros de sua pátria: a materialidade na geografia escolar de Delgado de Carvalho. **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, v.24, n.48, p.265-283, jul-dez, 2011

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. Textos 3, 2 série, p. 42-59. 1992.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: MERLIN C.; WITTROCK. **Handbook of research on teaching**, Londres: Macmilian, p.19-161, 1986

FARIA, Lina. Educadoras Sanitárias e Enfermeiras de Saúde Pública: identidades profissionais em construção. **Cadernos Pagu**. n. 27, p.173-212, jul-dez 2006. Disponível em: <www.scielo.org.br> Acesso em: 10 set. 2010.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**. Curitiba, n. 28, p.17-36, 2006. Editora UFPR. Disponível em:<<http://calvados.c3sl.ufpr.br>> Acesso em: 10 set. 2010

FERREIRA, Márcia dos Santos. **Centros de pesquisas do INEP: pesquisa e política educacional entre as décadas de 1950 e 1970**. 2006. 256f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

FERREIRA, Marcia Serra. Investigando os rumos da disciplina escolar Ciências no Colégio Pedro II (1960-1970). **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.45, jun. 2007, p.127-144

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Ed. Diadorim, 1994

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.), **Usos e abusos da Historia Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

GAGNEBIN, Jean-Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Fapesp: Campinas. Editora da Unicamp.1994

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, História e (Re) Invenção Educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.).**Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p.287-330.

GARCIA, L.B.R. **História e Memória - os 50 anos do Ensino Superior Público em Rio Claro**: da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro à Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” 1958 a 2008. Rio Claro: IGCE:IB/UNESP, 2008

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

GOODSON, I. **O currículo em mudança**: estudos na construção social do currículo. Portugal: Porto Editora, 2001

GOODSON, I. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis:Vozes, 2010

GOODSON, I. **As políticas de currículo e de escolarização**: abordagens históricas. Petrópolis: Vozes, 2008

GOODSON, I. Professorado e Histórias de vida: um campo de investigação emergente. In GOODSON, I (ed.) **Histórias de vida del profesorado**. Barcelona, Ediciones Universitárias de Barcelona, 2004, p. 45-62.

GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. **Teoria & Educação**. Porto Alegre (RS), n.2, p.230-254, 1990

GONÇALVES, Amanda R. A Geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. **Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. XVI, n. 905, Jan 2011. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-905.htm>> Acesso em: abr. 2011.

GONÇALVES, Amanda R. **Os espaços-tempos cotidianos na Geografia Escolar: do currículo oficial e do currículo praticado.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro (SP): UNESP, 2006

GUARINELLO, Norberto Luiz. Memória coletiva e história científica. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANDUH, Marco Zero, p.180-193, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos, In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org), **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.(Org.). **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 3 ed. Petrópolis: Vozes. 2002.

KENT, A. Histories of Geographical Education. **International Research in Geographical and Environmental Education**.[s.i], v.15, n.4, p.307-323, 2006. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.2167/irg197.0>> Acesso em: 20 fev 2012

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. In: **Agruras e Prazeres de uma Pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. s/d, p. 77-83.

LAUBSTEIN, Geórgia S. P. **História da disciplina geografia:contribuições da memória de uma educadora.** Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Unesp: Rio Claro. 2008

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LESTEGÁS, F.R. Concebir la Geografia Escolar desde una nueva perspectiva: uma disciplina a servicio de la cultura escolar. **Boletín de la AGE**. [s.i], n.33,p.173-186, set.,2002

LIVIA DE OLIVEIRA. **Construção do saber: memória com Livia de Oliveira.** [maio. 2003]. Londrina. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=8T7VnZOSLcA>>. Acesso em: 20 fev. 2012

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org), **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lucia Helena Batista. Do sonho à memória: Livia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v.12, n.2, p.4-19, jul/dez, 2003.

MAUAD, Ana Maria. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias familiares. **Proj. História**, São Paulo, n. 20, p.157-169, jun. 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom . **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Rev. Inst. Est. Bras**, São Paulo, n.34, p. 9-24. 1992.

MENEZES, Maria Cristina (org.). **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

MENEZES, Maria Lucia Pires. A geografia de Delgado de Carvalho. **Revista de Geografia – PPGE**. [s.i.]. v.2,n.1,p.1-17.2011. Disponível em: <www.ufjf.br/revistageografia>. Acesso em: 02 jul 2012

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MONTENEGRO, A. T. **Memória e História**. Série Idéias, FDE, São Paulo, n.18, 1993a.

_____. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.13, n.25/26, set.1992/ago.1993. 1993b

NADAI, Elza. **A Educação como Apostolado: história e reminiscências (São Paulo 1930-1970)**. 450 f. Tese (Livre-Docente). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1991

OLIVEIRA, Cesar Alvarez Campos de. A geografia: de Matéria Escolar a Disciplina Acadêmica. **GEO UERJ - Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, n.4, jul/dez.1998. p. 55-66

OLIVEIRA, L. Texto nº 2 – Abordagem conceitual do ensino da Geografia na escola secundária por Don S. Biddle. **Textos didáticos de Geografia da Associação de Geografia Teorética**. Rio Claro: AGETEO, 1979.

OLIVEIRA, Livia de. **Consideração ao ensino de Geografia**. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de Campinas, Rio Claro, 1967.

_____. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. 1977. 128 f, Tese (Livre Docência), Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Three Brazilian Cognitive Studies on Geographical Education. **Research and Research methods in Geographical Education**. University of London Institute of Education. London. p.165 – 178, 1984

_____. Uma fazenda no cinturão do milho – Estado de Iowa, EUA. **Cadernos Rioclarense de Geografia**, Rio Claro, n.2, p.59-62,1969

_____. Percepção e Representação do Espaço Geográfico. In: OLIVEIRA, Livia de; RIO, Vicente del.(Org.) **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: Editora da Ufscar, 1996. p. 187-212.

OLIVEIRA, L. de; MACHADO, L.M.C. Ph. **Texto nº 1. Geografia 1ª série colegial: textos didáticos de Geografia da Associação de Geografia Teorética**. Rio Claro: AGETEO, 1979.

OLIVEIRA, L. de; BRINO, W. C. (Orgs). **I Encontro nacional de professores de prática de ensino de Geografia**. Rio Claro: AGETEO, 1985.

PASQUALE PETRONE. **Pasquale Petrone e a Geografia na USP**. [dez. 1994], São Paulo: Estudos Avançados, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141994000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 jun. 2011.

PEETERS, Madre Teresa Francisca. **Noções de Sociologia**. 2ª Edição. São Paulo: Melhoramentos,1938

PESSANHA, E.C; DANIEL, M.E.B; MENEGAZZO, M.A. Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.27, set-dez 2004, p.57-69

PEZZATO, João Pedro. **Ensino de Geografia – histórias e práticas cotidianas: estudo de caso envolvendo três escolas e três professoras atuando no Ensino de Geografia nas 5ª séries do ensino fundamental de Maringá-PR**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo (SP): USP, 2001

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212. 1992. Disponível em:<<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 31 maio 2006.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15. 1989. Disponível em:<<http://www.google.com.br>>. Acesso em: 31 maio 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’. In: SIMSON, Olga de Moraes Von. (Org.), **Experimentos com história de vida**: Itália Brasil. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, p. 14-43, 1998.

_____. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

_____. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LANG, Alice Beatriz da S. G. (Org.) **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU, 1992. p.13-29

ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)**. 1996. 302 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC: São Paulo.

ROIZ, Diogo da Silva. **A institucionalização do ensino universitário de história na faculdade de filosofia, ciências e letras da Universidade de São Paulo, 1934-1956**. 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista. Unesp: Franca.

ROMANELLI, Otaiza. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1982

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina.(org.). **Usos & Abusos da História Oral**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SALGUEIRO, H.A.(Org). **Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação**. Bauru: Edusc, 2006

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Subsídios para a implementação do guia curricular de estudos sociais para o 1º grau – 5ª a 8ª séries**. São Paulo, SE, CENP, 1981.

SAVIANI, Demerval. **Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987

SILVA, Osvaldo Aulino da. **Mosaico Iconográfico do Instituto de Biociências da UNESP Campus de Rio Claro**. Rio Claro: UNESP – Instituto de Biociências, 2002

SOUSA, C.P. de; CATANI, D.B.; SOUZA, M.C.C.C. de; BUENO, B. O. Memória e autobiografia- Formação de mulheres e formação de professoras. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.2, mai-ago 1996, p. 61-76

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992

TRIGO, Maria Helena Bueno. **Espaços e tempos vividos: estudo sobre os códigos de sociabilidade e relações de gênero na Faculdade de Filosofia da USP (1934-1970)**. 1997. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

VAIDERGORN, José. **As seis irmãs. As Faculdades de Ciências e Letras-Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo – 1957-1964**. Alguns subsídios interpretativos para o estudo do ensino superior do Estado de São Paulo. 1995. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. São Paulo

VIDAL, D.G. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez.2009

WOOLF, Virgínia. **Momentos de Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

APÊNDICE – A

A narrativa das três entrevistas

Eu nasci em Mairinque, que na época era um antigo distrito pertencente ao município de São Roque. Tive cinco irmãos, mas poderia dizer seis porque o primeiro morreu com alguns dias de vida. Naquela época, minha mãe punha os nomes todos começados com a mesma letra. O primeiro filho se chamou Cid, mas como morreu, minha mãe mudou a letra, e começou com a letra L. Então, veio primeiro a Laís, depois o Laércio, a Liseika, depois eu - Livia -, e o mais novo, Laerte. Nós éramos três mulheres e dois homens; desses já morreram a minha irmã Laís e o meu irmão Laércio. Minha mãe era professora primária, só que tenho que fazer um destaque, pois naquela época, uma professora primária formada pela escola da Caetano de Campos³ era como uma faculdade .

Minha mãe estudou em São Paulo, e se formou em 1910. Era como uma faculdade porque os livros em que estudou, por exemplo, álgebra, que depois eu dei para o meu sobrinho, era uma álgebra de faculdade. Ela aprendeu francês na escola e falava correntemente; não era uma normalista como as de hoje! Na verdade era como uma escola superior!

Meu pai era agricultor, vinha de trabalhos de fazenda, no início de cana, depois de policultura, enfim, meu pai trabalhava na terra. Eu fiz o primário em Mairinque. Minha mãe era professora primária e ensinava sempre para o primeiro ano. Eu era muito levada, e minha avó já tinha muita idade, então mamãe levava a gente para a escola. Com 4 ou 5 anos eu já fui para a escola e ficava sentada, quieta lá no canto, porque ela tinha que dar aula. Eu entrei na escola em 1934, 35 e eu sou de 1927. A escola chamava-se Grupo Escolar; havia um ano para cada série: o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto. As professoras sempre davam aula para a mesma série; minha mãe dava aula no primeiro ano, a outra no segundo, no terceiro e no quarto. As classes eram enormes, sessenta alunos; a gente sentava na carteira dois de cada um. Quando enchia muito a classe imaginem o problema da disciplina com três crianças sentadas juntas!

Na sala de aula havia um quadro negro e muitos cartazes. Minha mãe desde o início dava lápis para as crianças escreverem. Pela maneira como escreviam ela via se iam ser

³ A escola Caetano de Campos, ou Instituto de Educação Caetano de Campos, foi instalada num edifício construído especialmente para a Escola Normal em 1894, localizado na Praça da República, na cidade de São Paulo. Atualmente funciona a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. “[...] O prédio novo da Escola Normal tornou-se um símbolo da República e fixou-se como referência e pólo difusor de teorias científicas e pedagógicas. O conceito de Escola Modelo era aplicado à Escola Normal, tanto para os alunos de 11 a 14 anos como para as crianças menores, no jardim-de-infância que se situava nos fundos da edificação.” (SÃO PAULO 450 anos .Disponívelem:http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/escola_cidade/2_escola_catedral.asp. Acesso em: 04 fev. 2006

capazes de ser alfabetizados ou não. Na verdade ela estava vendo a coordenação motora da criança, porque na época ela tinha pouca psicologia e pedagogia. Ela aprendeu francês, matemática, álgebra, mas não aprendeu psicologia, porém pela prática ela era capaz.

Ela dividia a classe em A, B e C. A de letra A era a que ela achava que naquele ano não aprenderia, não seria alfabetizado. O B, mais ou menos. E o C ela achava que seria capaz de alfabetizar. E eu ficava no A, no B e no C. Naquela época também não tinha essa pressão para o professor passar os alunos, porque ela não iria sair de Mairinque nunca, ela precisava fazer carreira, fazer pontos. Então ela deixava a criança lá, o pai vinha e reclamava que fazia um, dois anos que o menino estava na escola e não aprendia a ler e escrever. Mas ela alfabetizava mesmo, só que ela não tinha pressa! Ficava lá fazendo cobrinha, como ela dizia; ficava lá dentro, já se disciplinando. E os que eram capazes já passavam para o segundo ano. Mas quando nós passávamos para o segundo ano, nós estávamos alfabetizados, líamos e escrevíamos com firmeza! Minha mãe fazia questão que a criança que fosse para o segundo ano não desse trabalho para a colega do segundo ano e não tivesse o trabalho de alfabetizar a criança. Se tivesse alguma dúvida ela retinha no primeiro ano, para depois, no ano seguinte, firmemente a outra professora passar. Tanto é que quando a gente chegava no segundo ano ninguém tinha dúvida do que o professor escrevia na lousa.

A grande diferença no segundo ano é que nós começávamos a escrever com tinta, e no primeiro ano só escrevíamos com lápis. Cada carteira tinha um lugarzinho para pôr um copinho e, no dia que íamos escrever com tinta o servente vinha, enchia os copinhos e nós pegávamos a caneta para escrever. Então na primeira semana, no primeiro mês, era aquele esparramo, mas nós sabíamos escrever, o que nós não sabíamos era controlar a tinta para por no papel. Passado um mês nós éramos capazes, e nos tornávamos mais adultos, mais maduros olhando para o primeiro ano que só usava lápis. A professora então começava com alguns conhecimentos de geografia, de ciências; a matemática já era mais complicada, e nós líamos muito mais o português.

No terceiro ano nós escrevíamos à tinta com a mesma facilidade, com a mesma correção. E também estudávamos mais, aprofundávamos todos os estudos.

No quarto ano era o estudo já de uma história mais geral, uma geografia mais geral; a gente já ouvia falar e via os mapas da Europa, da Ásia, das Américas...

Mas voltando um pouco no primeiro ano, como eu ia com minha mãe na escola desde pequena, eu aprendi a ler e escrever sozinha. Minha mãe não me dava atenção porque era só para eu ficar quieta lá dentro, mas eu já fui escrevendo! Aí um dia - eu ainda

tinha seis anos e não era registrada na escola! - eu estava sentada com o jornal O Estado de São Paulo que minha família assinava desde o início de sua formação, e minha mãe me perguntou o que eu estava fazendo. Eu respondi que estava lendo, e ela me pediu para ler um trecho do jornal. Minha mãe ficou espantada, mas eu expliquei que como ela me levava todos os dias pra escola eu havia aprendido a ler e a escrever!

Agora, depois que estudei o Piaget é que eu vi claramente que não fui nada extraordinária, porque para o Piaget o aprender a escrever é espontâneo. Qualquer criança, não importa a época, pode ser um pouco mais tarde, um pouco mais precoce, mas nós aprendemos a ler e escrever espontaneamente.

Assim, eu comecei a ler e até hoje eu nunca mais parei. Leio, leio, leio e eu sempre digo que mesmo estando meio surda não importa, podendo ler já estou contente!

Voltando um pouco mais, na experiência da minha escola primária, nós não fazíamos excursões, não fazíamos visitas, não tinha vídeo, não tinha televisão, nem rádio. E me pergunto o que as professoras faziam conosco? Talvez tinham um relacionamento muito mais íntimo com os alunos! Os professores conheciam cada aluno, conheciam os pais de cada aluno, sabiam os problemas de cada aluno!

Tanto as professoras do terceiro e do quarto ano davam uma disciplina que se chamava Trabalhos Manuais, e todos nós tínhamos que bordar, tricotar; os meninos usavam serrinha, faziam sacolas com macramé. Segundo as professoras e segundo minha mãe, era para dar uma atividade para os alunos aprenderem a trabalhar com as mãos, além de ler e escrever.

Outro aspecto que eu também guardo, é que a escola perdeu o Canto! Nos reuníamos todas, dava o sinal da entrada, todas as séries formavam uma fila por tamanho, primeiro as meninas e depois os meninos; cada série cantava um pouquinho, uma estrofezinha: “- Minha jangada de vela...”. Cantava a do sabiá... Cada um cantava e depois entrávamos para a sala. Também havia aula de Canto com as professoras nos sábados, e isso eu acho que a escola perdeu! Trabalhos Manuais e a parte da música; acho que a escola perdeu um pouco a vivência que dava para as crianças!

E naquela época também aos sábados era dia letivo comum, e as professoras aproveitavam para a higiene. Minha mãe cortava a unha de todos os moleques que na casa não deixavam o pai e a mãe cortar; minha mãe cortava, as professoras cortavam. Iam para a torneira com escova: escovava o pé, a mão; era revistado todinho para ver a cabeça, matava piolho, outros parasitas; tomava banho ali mesmo, porque se não tomava em casa,

tomava no sábado! No sábado todo mundo tinha que levar uma roupinha pra trocar e ficar bonitinho; depois que lavava tudo vinha a aula de religião.

Naquela época eram poucos os não católicos, mas havia já uma tolerância! Então os que não eram católicos e se o que se ensinava não interessava, eles saiam da sala de aula; mas a religião católica era a oficial e todos tinham. Depois tinha os Trabalhos Manuais. Então sábado era um dia muito cheio. Também tinha brincadeiras e tudo. No final do ano havia sempre uma exposição por série, e cada um tinha que expor seus trabalhos.

O ano letivo também tinha uma festa em que toda a família ia. Minha mãe conta que antes da minha época (1934-35), logo em 1920-21, os exames na escola primária eram conduzidos pelos promotores e pelos juízes. Havia uma banca para examinar os alunos; não era a professora que aprovava de ano!

Já na minha época não era assim, era só a professora. O diretor também era nomeado, era escolhido, mas hoje perdeu isso de ter as pessoas de fora que faziam a prova!

Na época, a escola em Mairinque (Escolas Reunidas) só tinha até o terceiro ano. Então para fazer o quarto ano, meus irmãos, a Laís e o Laércio, tiveram que ir para São Paulo para terminar o quarto ano e depois poderem estudar. Quando a Liseika já estava, e depois eu e o Laerte, já tinha a quarta série.

Mas a partir da quinta-série, que naquela época era primeiro ano do Ginásio, nós já tivemos que sair. Eu com onze anos fui para São Paulo fazer o primeiro ano.

Nessa época tinha o que nós chamávamos de Exame-Admissão; era um medo tão grande quanto tem agora do vestibular, porque a gente estava com 10 anos ainda, nem tinha onze, e tinha que fazer um Exame de Admissão! A minha irmã Laís que já estudava em São Paulo, estava fazendo a Escola Normal. Ela estudava no Ginásio Ipiranga que era um ginásio particular, muito conceituado. Então eu terminei o quarto ano e fui para São Paulo fazer o cursinho para o Exame de Admissão.

Cheguei, com o pé grosso porque eu não conseguia pôr sapato, só punha para ir para a escola. Queimada de sol, cabelo em pé com aquele suor... Eu com nove anos perdi o dente da frente - o incisivo- numa brincadeira; caí e quebrei o dente na cabeça de uma menina e fiquei banguela!

Então, imaginem esta figura chegando em São Paulo, na capital, para estudar! Sentei lá, não conhecia ninguém, tinha quarenta e tantos alunos! Mas o diretor quando viu as minhas notas disse para a Laís que eu deveria freqüentar as aulas do cursinho somente uns dias, e então fazer o Admissão já de cara! Assisti umas dez aulas e senti que tudo o que o professor falava eu sabia. O professor falava de História, eu sabia; de Geografia, eu

sabia; de Português, eu sabia. Então falei para a Laís que faria o Exame e ela me inscreveu no Exame de Admissão. Quando eu passei era eliminatório, Português e Matemática era escrito. Quando fui lá para saber o resultado ficou minha alegria porque eu tinha passado de primeira, e daquela classe de quarenta já restavam só vinte.

Depois tinha a prova oral de Português, de Geografia, de História. O professor de História me perguntou, quando eu sentei na frente dele, se eu sabia o significado do meu nome, já que as mães põem nomes nos filhos e não explicam o que significa! E eu muito rápida, respondi que Lúvia foi imperadora de Roma, mulher de Augusto, e mãe de Tibério que também foi imperador! E ele disse que eu podia ir embora porque eu sabia o que significava o meu nome.

Aí passei para o de Geografia e ele me perguntou se eu já tinha olhado para o céu. Eu respondi que sim, e ele me pediu para dar o nome de uma estrela. Todo mundo citaria o Sol, mas eu falei Bételgeuse! Ele ficou espantado e me perguntou por que eu não falei do Sol. Aí eu disse que o Sol é uma estrela de quinta grandeza, e a Bételgeuse é uma estrela de primeira grandeza! E ele me mandou embora porque eu sabia Geografia. No de Matemática eu nunca tive nota muito boa, mas caiu máximo divisor comum e eu fui capaz de responder. E no de Português também ele mandou eu ler um trecho e interpretar, interpretei e eu passei! Aí voltamos para Mairinque antes do Natal; mamãe ficou surpresa quando eu disse que não precisaria voltar para São Paulo nas férias porque já havia passado no Exame! Eu já fiquei de férias, toda pimpolha com os meus colegas, porque de toda a minha classe, a única que ia continuar os estudos era eu; na época, fazer ginásio fora não dava pra ninguém fazer, então de toda classe foi só eu que continuei!

Eu entrei no Ginásio em 1939; era uma escola particular. Eu morava na casa de um parente. Meu pai, uma pessoa muito aberta, era contra colégio interno. Ele achava que tanto para o filho homem como para a filha mulher, a formação de internato não era boa. Então preferiram me colocar numa escola externa, ficar na casa de parente como minha irmã que morava na casa da madrinha dela. Quando a gente fica adulta é que a gente entende, conhece todos os problemas que aparecem na escola interna!

Eu gostava muito de ir à escola, eu gostava de saber cada coisa nova que os professores davam, gostava de olhar o corredor cheio de cartazes. Eu via ali o mapa da Europa, via onde estava localizado o país, onde estava localizada Nova Iorque, onde estava localizado Fortaleza...

Eu sempre sonhei em viajar, e o mapa sempre foi uma atração para mim! O número é que não, eu nunca tive uma atração muito grande pelo número. Eu sempre tive atração

pela cor, por isso acho que os mapas – que eram muito coloridos - pra mim, me diziam muito. Eu gostava também da parte de Português porque eu gostava muito de ler; eu escrevia muito com a imaginação, contava e inventava histórias.

E as brincadeiras que eu não falei! Abria a escola meia hora antes e a primeira a entrar era eu! Entrava correndo, para organizar os grupos de brincadeiras. Eu dominava mesmo quando estava no primeiro ano! No segundo eu decidia quem ia pra cá, quem ia pra lá, quem fazia as coisas... E aí a gente brincava até entrar na aula. Depois tinha o recreio que também era de meia hora; eu não comia, descia correndo para brincar.

Quando acabava a aula nós tínhamos que sair da escola. Eu brigava com todo mundo, batia num, batia noutro, e tinha que sair correndo porque a molecada corria atrás de mim. E aí gritavam - eram dois pontos fracos meus! -, me chamavam de banguela e de Olívia Palito por causa do Popeye; eu era muito magrinha e era chamada de Lívía Palito. Então aquele ódio acho que me fez ser agressiva, e depois ter orientado pelo bom caminho; mas eu fui muito agressiva por causa disso! Me olhavam, banguela e magra feito num sei o quê, era Olívia Palito! Então eu saía correndo porque sempre vinham; com dois meninos eu era capaz, eu batia em dois. Se viessem em três, eles me pegavam. Mas tudo longe, minha mãe nunca viu; nem sabia que eu batia em todo mundo e que todo mundo batia em mim. Quando eu chegava marcada contava uma história e ela, como foi lá fora, dizia que a gente tinha que resolver os problemas lá fora e não trazer para casa; a primeira vez que eu levei para casa e disse para mamãe que tinham batido em mim, ela me bateu. Nunca mais eu levei trabalho para minha mãe, eu resolvia tudo lá, batia, fazia o que eu tinha que fazer lá fora, com os meninos, com as meninas...

Nessa época a gente tinha uma professora, mas minha mãe era uma pessoa especial! No segundo ano eu gostei muito da professora e pedi para ela ser minha madrinha de crisma. No terceiro ano era dona Tereziana e no quarto ano voltou a minha madrinha de crisma. A gente tinha uma relação muito boa, muito franca com as professoras!

Eu nunca fui daquelas crianças de carregar caderno para professora. As crianças brigavam para esperar porque as professoras levavam os trabalhos, os cadernos para corrigir em casa. E eu nunca fiz isso, nunca fui de carregar nada para professora; eu achava que isso não era minha obrigação! Minha mãe ficava brava; às vezes ela pedia para eu ajudar, mas eu dizia que aquela não era minha obrigação! Levar flor ou fruta para professor eu também nunca levei. Eu estudava, eu fazia a lição e eu acho que era aí que estava a minha relação com o professor. Não levar flor, nem levar fruta, nem agradecer professor,

nem nada, isso eu nunca fiz! Também os professores nunca passaram a mão na minha cabeça, acho que tinham até medo de passar e eu levantar a voz contra eles!

Mais tarde fui fazer Escola Normal, mas dei poucas aulas na escola primária. Quando dei aula para o primário era substituta lá em Mairinque. A minha relação com as crianças era de brincadeira; eu tinha 17 anos quando terminei o Normal, e brincava com as crianças! O diretor achava que eu não podia ser daquele jeito, mas as crianças me adoravam porque eu ensinava brincando com eles, cantando, fazendo as coisas. Eu levava eles para o pátio e o Diretor ficava furioso, dizia que eu nem devia entrar no primário porque como é que eu ia ser professora?

Naquela época, em mil novecentos e... - agora já perdi um pouquinho! -, foi 1944, 45, quando eu terminei o Normal, se falava qualquer coisa de Escola Nova, mas muito pouca; mas eu intuía que teria que ter um outro relacionamento com as crianças. Eu substitui por pouco tempo; na minha escola já não era mais minha mãe porque ela já tinha se aposentado, mas na escola já estava havendo mudanças!

Eu comecei o ginásio no Ginásio Ipiranga e lá fiz a primeira e a segunda séries; depois por questões particulares - eu briguei com a prima da minha mãe que morava na casa! -, fui morar na casa de uma tia que foi excelente, mas ela morreu quando eu ainda estava na segunda série. Fiquei muito triste, achei que ia dar trabalho lá, para o meu tio que ficou viúvo. Nessa época eu tinha um conhecido lá de Mairinque que estava estudando no Ginásio do Estado de Sorocaba; ele me falou que não pagava no Estado e que a escola era melhor do que a particular. Aí eu falei pra mamãe, e mudei. Mairinque era muito mais perto de Sorocaba do que de São Paulo. Então eu me formei no Ginásio Estadual de Sorocaba e depois fiz a Escola Normal lá também!

Na minha época houve aquela reforma que eram cinco séries no Ginásio. Quando eu terminei eram quatro séries e eu passei de ano diretamente - com Exame, claro!, para a Escola Normal, e por isso é que eu me formei na Escola Normal com 17 anos. A reforma da Escola Normal de ser de três anos ainda não tinha acontecido, eram dois anos ainda; e eu fiz quatro anos de Ginásio e dois anos de Escola Normal⁴. Então minha base é de seis anos e não de sete como depois os outros foram!

⁴ As modificações assinaladas por Livia dizem respeito às Leis Orgânicas do Ensino. A Reforma do Ginásio à que Livia se refere é a Reforma Francisco Campos que pela primeira vez dá organização ao Ensino Secundário no Brasil. Esta Reforma ocorre no início da década de 1930, e em 1939, quando Livia inicia o Curso Secundário, ainda está em vigor. Porém, em 1942 – ano em que Livia cursava o quarto ano do Secundário – a lei Francisco Campos é modificada e o Ensino Secundário passa a ser regido pela Lei Orgânica do Ensino Secundário de 9 de abril de 1942, também conhecida como Reforma Capanema; nesta nova Reforma o Ensino Secundário passa a ter dois ciclos: o primeiro denominado Ginasial, com duração de 4 anos, e o segundo subdividido em dois cursos, o Clássico e o Científico, ambos com duração de 3 anos, sem caráter de especialização. A Reforma do Ensino Normal, citada também por Livia, diz respeito ao Decreto Lei nº 8.530 promulgado em 2 de janeiro de 1946 que pela primeira vez organiza e dá diretrizes ao Ensino Normal em nível nacional. Anteriormente a

No Ginásio eu ia ter bastante Latim e não tive. Fiquei contente porque tive um ano só; a quinta-série de latim era de lascar, todo mundo reclamava! Mas na quinta-série apareceu uma professora licenciada pela USP, que foi dar aula de latim, e nós todos ficamos encantados porque ela era uma belezinha; chamava Virginia, -não me lembro o sobrenome -, mas ela dava aula de Latim pedagogicamente, didaticamente como a gente imagina. E esta foi a primeira professora licenciada que eu tive, porque o de Português, o de História, o de Geografia, o de Matemática eram todos engenheiros, advogados, pessoas eruditas, mas não licenciadas. O meu contato com Licenciatura foi através da professora de Latim do Ginásio.

Dessa época eu gostava de Geografia, de História e de Português; também dos colegas... Eu tinha vindo do ginásio particular, tinha um grupo que tinha vindo da escola das freiras. Nós nos reuníamos, foi uma amizade muito boa, tanto é que a turma da formatura do Normal até hoje se encontra; até eu senti que nos 60 anos eu não pude ir!

Eu gostava muito do professor de Geografia, e depois fiquei encantada com a de Latim, e depois, - como o mundo dá volta! -, com o de Matemática. O de Geografia, senhor Abdias, eu vim conhecer o filho dele que veio fazer Geografia quando eu entrei na faculdade. O senhor Abdias era pai do Douglas Teixeira, um sociólogo! O Heber - outro filho do senhor Abdias -, fez Geografia mas depois desistiu. O filho mais velho do senhor Abdias era do Partido Comunista e ele estava preso naquela época de 1940, 41, 42.

Eu vinha à noite de Mairinque para Sorocaba aos domingos, ia de trem porque no outro dia eu tinha aula cedo. O senhor Abdias vinha com a senhora dele porque eles iam visitar o filho, e aí a gente vinha conversando; eu me lembro até hoje da fisionomia da mulher! Eles devem ter criado os filhos com muita abertura; depois eu vim saber que eles eram presbiterianos ou metodistas. Então estabeleci uma relação com ele, depois amarrei quando entrei na faculdade com o Heber, e quando eu conheci o Douglas.

Eu tinha muito medo da Matemática e acho que a gente projetava aquilo no professor. Eles eram educados com a gente, nunca gritaram, nunca falaram que a gente errou. Depois também teve um professor de Física que me disse que eu não era capaz de raciocinar por isso eu não conseguia fazer matemática e física. Isso então já me fechou, mas eu não posso dizer que não gostava desses professores, eu acho que tinha medo deles.

A conduta dos professores era de autoridade, em geral ficavam em pé ou sentados; usavam lousa, nós tínhamos livros para seguir e era tradicional, mas a gente aprendia!

O professor de História fazia uns parênteses e caminhava através da História e nós prestávamos mais atenção nessas viagens que ele fazia por toda a História. Eu ficava encantada com os livros didáticos porque eu sempre gostei deles, eu aprendia muito! E depois, na época que eu fiquei em São Paulo na casa da minha prima não podia ler jornal, romance nenhum, então eu lia livro didático!

O livro de Geografia me encantava, o de História então... História Medieval eu achava a coisa mais linda que podia existir. O de Ciências a gente lia, e de Matemática eu não entendia. Infelizmente eu não tenho mais nenhum; a gente foi dando, foi perdendo!

Eu fiz a Graduação na USP. Só que entre eu ter formado na Escola Normal e ter entrado na USP para fazer Geografia e História na antiga Filosofia, Ciências e Letras, eu fiz Enfermagem! Eu com 17 anos entrei na Enfermagem da USP; era apaixonada, como tudo que faço! Trabalhei, estudei, fui aos Estados Unidos, fiz o curso de especialização em Saúde Pública; trabalhava e dava minha aula, mas como eu era muito jovem não fui capaz de lidar com as coisas que aparecem na vida, e que depois apareceram na Geografia, mas aí fui capaz de lidar! Briguei feio na Faculdade de Higiene e eu saí; já estava fazendo Geografia quando fui trabalhar no Hospital de Ortopedia. Só depois é que eu fiz o Concurso para o magistério.

Quando eu terminei o curso, quis fazer uma outra faculdade. Pensei em fazer Letras porque eu tinha estado nos Estados Unidos, falava inglês e sempre gostei muito de Português. Pensei em fazer Filosofia que também me atraía. Mas aí a mamãe disse que, como eu havia feito Enfermagem sem a aprovação de ninguém, agora eu deveria mudar minha vida e escolher uma nova profissão. Ela disse que eu não deveria fazer nem Letras, nem Filosofia, mas sim Geografia. Minha mãe gostava demais de Geografia, desde a época da Escola Normal! Aí eu fui lá na Faculdade de Filosofia - naquela época era na Maria Antonia - vi o programa e decidi fazer o curso de História e Geografia por causa da História. Fiz um cursinho que eram os próprios alunos lá da Filosofia que davam. Na época a gente fazia o vestibular na própria Filosofia, não tinha essa história de coisa grande, nada! Só que naquela época não entrava Matemática; eu fiz Português, uma língua (Inglês), Geografia e História. Aí no vestibular - eu preciso contar para vocês!- eu entrei em primeiro lugar, aliás, a nota mais alta do vestibular do ano, de toda a Filosofia foi a minha nota. Eu tive sorte porque foi o doutor Eurípides Simões - de História - e caiu o Renascimento da Itália! E eu, em 1950, tinha estado na Europa a passeio e tinha visto o Renascimento! Então, eu escrevi 6, 7 páginas de almoço! Eu sabia tudo, comparava tudo porque tinha tomado nota na viagem!

Fiz o vestibular em 1952, então é claro, eu tive 10 em História! Aí de Português e Inglês também! E depois ainda tinha a parte oral. Todas as minhas notas foram assim, acima de 9! Eu tive a nota mais alta de todo o vestibular, entre de dia, de noite, de tudo!

Mas foi também uma sorte porque Geografia eu tinha estudado e o que caiu eu fui capaz de responder; eu me lembro ainda de Português, foi o Ayrosa Galvão o professor de Português que deu a parte oral; ele me pediu para falar alguma coisa sobre o livro O Último dos Moicanos. Nós assistíamos o seriado em Mairinque quando éramos crianças; nós brincávamos e representávamos aquilo tudo. Depois eu li o livro mais simples e agora eu mandei buscar o mais completo. Então aquilo para mim, O Último dos Moicanos, era uma coisa fabulosa, eu lembrava com todos os detalhes o nome das pessoas: eu sabia da Cora, da Alice, tão bonitinha, moreninha, o Moicano; tudo eu sabia e então eu contei para ele. Por isso a sorte foi essa, tudo o que caiu eu sabia, eu tinha vivido o que eu falava. Entrei na USP, na Geografia, era Geografia e História.

O meu encanto era a História, mas como sou sempre muito briguenta, briguei com o Rosendo e o Astrogildo que eram os de História da América e aí eu acabei ficando na Geografia. O Araújo sempre brincava comigo, dizia que nunca iriam brigar comigo, e que na Geografia tratariam muito bem de mim. Ele sempre brincava, e depois, minhas brigas dentro da Geografia não foram assim tão profundas para eu mudar de novo. Porque eu digo, se eu tivesse que mudar, teria mudado de novo, porque eu só faço as coisas que eu gosto, apaixonadamente! Pra fazer obrigada eu nunca faria nada!

Mas deixa eu voltar um pouquinho: antes de ingressar na USP eu também já tinha estado na Europa. Era uma ousadia, porque ir pra Europa em 1950... a guerra tinha acabado em 45,46. Nós tínhamos em Mairinque um abade, um alemão que veio fugido da guerra. Ele estava organizando uma viagem para o Ano Santo em 1950, então havia uma série de facilidades... Fomos quatro pessoas com ele: foi a Maria Betina que era da minha idade, a Dona Romilda e a Olga, que era irmã da minha tia e era mais velha. Fomos de navio, levamos 15 dias!

Lá nós tínhamos certas facilidades; em Roma ficamos num colégio de freiras, mas a gente tinha liberdade para entrar e sair; ficamos simplesmente 15 dias em Roma. Naquela época, no Ano Santo, a gente tinha um passesinho que a gente comprava para poder andar de bonde, de ônibus. Então conheci Roma inteira, e depois dali fomos para a Suíça e para a Alemanha onde a família dele estava nos esperando. A família dele morava numa aldeia, (na época as aldeias ainda tinham vestígios medievais), que era só de católicos, mas tinham outras que eram só de luteranos...

Eles nunca tinham visto um estrangeiro porque era uma aldeia mesmo, um lugar perdido... Eles vinham à noite para nos ver. As risadas eram em dois tempos porque o Dom Abade ficava traduzindo pra lá e pra cá. Nós ríamos, depois eles riam. Eles ficavam deslumbrados com nossas roupas coloridas, nossa alegria!

Depois de lá fomos até a Áustria, depois fomos para Paris e voltamos. Ficamos dois meses na Europa. Eu já era formada em Enfermagem e em 51 fui fazer um curso de especialização. Eu dizia que Minnesota era lá onde Judas perdeu a bota porque era quase lá no Canadá!

A viagem para os Estados Unidos eu fui com Bolsa, e para a Europa com o meu dinheiro mesmo. Minha mãe me ajudou, mas fomos com o meu dinheiro. O Abade arrumava muitos lugares, pagamos pouco.

Nós trabalhávamos na Faculdade de Higiene e Saúde Pública e fomos fazer um Curso nos Estados Unidos. Era um acordo pós-guerra que existia entre o Brasil e os Estados Unidos, mas a bolsa era americana. Nós recebíamos em dólar. Eu fui em 51 e voltei em 52. Aí depois eu entrei na Geografia.

E entrei na Geografia porque eu briguei na História. Mas se eu não tivesse brigado teria feito na História porque para nós podermos fazer Mestrado não podíamos fazer com o Curso de Enfermagem já que naquela época ele era de três anos - era considerado um curso superior não universitário; então eu ia fazer Filosofia para ter o título superior, mas depois, como aconteceu a briga, eu fui para a Geografia; mas eu tenho diploma de Enfermagem, Superior, é igualzinho ao da USP. Formei na quarta turma.

Com relação ao curso de graduação na Geografia eu me lembro das excursões. Pasquale Petroni que era um professor especial, Araújo, Aziz, Doutor João... A graduação na Geografia me abriu muito! E tem um detalhe, minha mãe estudou comigo a Geografia, como ela gostava! Ela traduzia todo o francês, eu trazia os livros e ela lia; ela fez o curso comigo! A História ela dizia que não ia ler, que ela não queria, mas os de Geografia, todos. E quando ela viajava, quando ia na casa dos parentes, ela ia com um livrinho, marcando as mudanças da paisagem, para que depois eu visse o que era. Ela dizia que se voltasse outra vez naquele lugar queria saber qual era a rocha etc! Ela também notava se estava frio e de repente ficava quente! Então a minha mãe sabia tanto Geografia quanto eu, porque ela lia, fazia as provas comigo! Por isso a Geografia foi para mim muito agradável; eu redescobri minha mãe nessa parte de nós estudarmos juntas, principalmente por causa do francês...eu dominava o inglês, e ela me ajudava com o francês, e o mesmo com o italiano; para mim foi muito gostoso ter estudado com ela!

Eu tinha duas colegas que entraram comigo no vestibular; elas eram irmãs, eram lá de Itapetininga. Também eram como eu, muito briguentas, e também gostavam muito de História. Mas aí elas acharam que como nós tínhamos diploma de Escola Normal podíamos fazer direto o concurso de ingresso no magistério, antes de terminar a Licenciatura. Aí nós faríamos, entraríamos e pediríamos um comissionamento, porque podia ser feito; mas na nossa época não podia mais fazer isso. Então, eu perdi um ano na graduação; eu entrei em 1952; fiz 53 e 54 e saí em 1955; aí eu fiz 57 e 58, porque eu fui dar aula lá em Pedro de Toledo; eu tinha que dar aula de História todos os dias, então eu comecei a estudar à noite na USP; a minha foi a primeira turma da noite que apareceu.

Eu morava em São Paulo, trabalhava no hospital e ia na escola. O Marcos Alegre⁵ - que todo mundo conhece - foi um dos meus colegas que entrou comigo; tem vários... Aí quando eu parei um ano e voltei, aí eu voltei de dia, não mais de noite. Fiquei morando em Santos, levamos a mamãe para Santos, morando com meu irmão. Eu ia dar aula em Pedro de Toledo, voltava quatro horas naquele trezinho de Santos-Juquiá. Dava quatro horas de aula e voltava quatro horas. Nos outros dias, eu ia dois dias por semana para Pedro de Toledo, e os outros dias eu vinha para São Paulo assistir as aulas. Aí, mudou a minha turma. Eu sou da turma da Helena Mirabelli, da Maria Alice Reis, do Conti, do João Rodrigues - marido da Adir⁶.

Eu voltei a estudar de manhã com outra turma, e era a última turma que continuaria História e Geografia. Os alunos poderiam escolher fazer só História, só Geografia ou Geografia e História. Eu escolhi fazer licenciatura e bacharelado em Geografia e História.

Na época de estudante da graduação a gente não fazia uma pesquisa de fato; os professores também estavam fazendo Doutorado. Naquela época, a única pessoa que era Doutor era o Doutor. João que também já era catedrático. Ari França, o professor Aroldo...O Aziz tinha feito o doutorado, Pasquale Petrone também. Então eles não tinham essa tradição, este conceito de pesquisa. O que nós fazíamos eram excursões com os professores; fazíamos levantamentos bibliográficos, mas pesquisa, pesquisa, não.

O professor Aziz sempre me dizia que com os meus alunos, lá em Pedro de Toledo, eu deveria fazer pesquisa. Então com eles nós saíamos para o campo; mas não era pesquisa, na verdade, eu classificaria de levantamentos, nós fazíamos levantamentos dos lugares, das áreas onde a gente estava.

5 Marcos Alegre, colega de Livia no Curso de Geografia da USP, depois professor de Cartografia em Presidente Prudente.

6 Helena Mirabelli, Maria Alice Reis e José Bueno Conti, forma também colegas de Livia durante a Graduação da USP.

Dessa época o que eu mais gostava era das excursões. Quanto aos professores eu não sei dizer qual eu mais gostava, eram todos iguais para mim, todos especiais. A professora Nice Lecoque Muller⁷ era um pouco assim..., mas depois quando eu fiz viagens com ela...

Nas excursões usávamos um caderninho, tomando nota de tudo. No final da tarde, reuniam-se os alunos; no caso do Doutor João ele não admitia que fosse em boate, em festa, porque no outro dia tinha que levantar cedo, e a gente tinha que ir prestando atenção em tudo que ia vendo enquanto o ônibus passava. Sempre era preparado antes, era dado um roteiro, o que a gente ia ver no caminho, e depois quando voltávamos fazíamos um relatório.

Eu me lembro antes da aposentadoria, eu e a Lucy Marion éramos responsáveis pela Disciplina O Estado de São Paulo e nós fizemos uma excursão com os alunos. Foi obrigatório e não tinha muito dinheiro, mas nós fomos até o Paraná, até Paranaguá. Fizemos todo o preparo com eles; fizemos como era na nossa época, tudo pago, com todas as coisas, o que comia, tudo! Até me lembro que sobrava um pouco de dinheiro; aqui sempre diziam que era difícil você prestar conta de pouco, então compramos frutas para os alunos para zerar o dinheiro. Mas a última excursão que eu fiz acho que era válida, e era desse tipo. O que chamava atenção entre as outras escolas de Geografia é que nós tínhamos ônibus, os outros não tinham; nem o Rio de Janeiro tinha ônibus, mas nós tínhamos.

Eu acho que na graduação deveria ter a prática das excursões; eu acho que teria que ser na Prática de Ensino da Geografia, na Didática da Geografia - não sei que nome ela tem agora -, deveria sair com o professor, com o licenciando para ele aprender como se deve fazer a excursão.

Eu percebi isso quando dava aula de Prática de Ensino de Geografia. Eu falava com eles isso, eu sempre citei essa parte de que eles teriam que sair com os alunos, mas que não era pra repetir aquela excursão como tinham feito; que deveriam ser mais curtas, uma parte do dia, não duraria o dia inteiro, ou ia no sábado ou no domingo.

Eu me lembro quando dava aula na Prática de Ensino, fiquei com uma classe - mas não recebia - só para os alunos trabalharem no Bilac⁸ a Geografia, com a quinta ou sexta série. Nós fizemos uma excursão que a própria escola planejou; fomos num sábado para Piracicaba e foram os alunos do ginásio, da quinta série, e os meus alunos da Prática de

⁷ Professora aposentada de Geografia Humana da USP

⁸ Livia refere-se à Escola Olavo Bilac situada em Rio Claro-SP

Ensino. Fomos para eles verem de verdade como é diferente a excursão no nível da graduação para o nível de ginásio.

A questão da conduta das crianças é diferente⁹; eles tiram fotografia, não podem ficar o tempo todo prestando atenção, então tomam nota de alguma coisa; a excursão era mais no sentido de mostrar. Nós fomos ao rio, eles viram a cidade; então foi alguma coisa prática, mas isso eu acho que deveria ser feito na Prática de Ensino, de sair pelo menos uma vez para o aluno licenciando aprender.

Na minha época de faculdade os livros usados na graduação eram quase todos em francês e inglês, pouquíssimos escritos em português, pouquíssimos traduzidos. Eu por exemplo, que não sabia francês - eu tinha conhecimento só de ginásio -, aprendi a ler francês por causa disso. Eu não consigo falar francês, mas entender e ler o francês, eu leio correntemente.

Agora é que tem essa quantidade de traduzidos, porque eu fico imaginando vocês lerem o Tuan - Topofilia¹⁰ - no inglês, se vocês entenderiam ou não, porque me deu trabalho para fazer a tradução! Mas dessa época eu também não tenho guardado nenhum livro.

Eu não fiz pós-graduação, não existia. Na época, saía da graduação o próximo passo era o Doutorado. E o Doutorado tinha que se fazer três disciplinas que se chamavam geralmente assim: Geografia Física, Geografia Humana e Geografia do Brasil, na USP.

E isso eu fiz, ganhei um papel lá que eu não sei dizer o que seria, se poderia ser equivalente a pós-graduação, mas não se chamava pós-graduação. Depois que a gente fazia essas três disciplinas é que a gente escolhia a área e o professor para poder fazer o doutoramento.

Coincidiu eu ter vindo para Rio Claro, e veio também toda a remodelação do Ensino Superior. Então eu já fiz o doutoramento direto, já em Rio Claro, porque não tinha mestrado; no meu currículo não tem mestrado, e nem podia ter porque na época não tinha!

Eu fui convidada pelo Doutor João para vir para Rio Claro. Naquela época, era o catedrático que convidava, e Doutor João me convidou para eu vir para cá bem antes do Doutorado!

9 O texto da narrativa foi entregue à professora Livia. Neste trecho ela excluiu a palavra comportamento. Assim, a frase transcrita originalmente era a seguinte: "A questão do comportamento, da conduta das crianças, é diferente [...]." Cabe esclarecer que a palavra comportamento contraria as concepções piagetianas. Mas como o rememorar é diverso, Livia acaba usando essa palavra durante a entrevista. Mas, atenta à "tração do relato oral", logo corrige a palavra.

10 TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitude e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

Mas minha mãe já era muito doente, não tanto velha, mas muito doente; antes de 1960 eu não podia vir para Rio Claro porque minha mãe era cardíaca! Então, eu morava em São Paulo, e em Santos tinha um médico ótimo, mas nem me passou pela cabeça vir para Rio Claro!

Nessa época eu já tinha terminado a Geografia, já dava aula, já estava fazendo essas disciplinas, e o Doutor João sabia que eu tinha interesse de fazer carreira universitária. Aí depois, quando ele soube que mamãe havia morrido em 1961, ele voltou a me convidar. Aí eu disse que aceitava, por isso eu vim para Rio Claro em 1962. Ele foi meu professor e do meu concurso, também fizemos excursões juntos; conhecia o Doutor João desde o primeiro ano que eu fiz Geografia.

Eu dava aula no secundário, terminei a Graduação e comecei no Curso, vamos dizer, de Doutorado. Comecei porque a mamãe me incentivava muito; quando ele me convidou, ela disse que eu deveria ir. Mas eu disse que não ia. Naquela época, para vir pra cá, pra eu voltar pra Santos... Meu irmão dizia que não levaria de jeito nenhum minha mãe para Rio Claro; imaginem o que era Rio Claro naquela época!

Então, já no final de 61, ele voltou a convidar. Só que eu tinha a minha cadeira no secundário; eu falei para ele que eu pediria um afastamento, mas que eu não iria largar, porque eu não sabia se ficaria aqui ou não. Demorou para sair meu afastamento, e eu vim pra cá em maio, e não em março. Ele queria que eu desse a disciplina que se chamava “Didática Especial de Geografia” para o quarto ano; era o quarto ano para os formandos aqui de Rio Claro.

Ele me chamou bem atenção, porque ele não queria que eu transformasse a minha vinda como trampolim para eu passar para a Geografia; ele não queria que eu viesse pra cá e depois passasse a trabalhar em Geomorfologia - que eu gostava muito - em Climatologia, Urbana... Ele queria que eu viesse para trabalhar em Didática da Geografia; que eu fizesse pesquisa, ele usou bem a palavra, que eu iniciasse trabalhos de pesquisa em Ensino da Geografia, não em Geomorfologia. Ele dizia que eu poderia ir lá com o Carlos Augusto, com a Elza¹¹, ir lá observar mas não queria que eu fizesse pesquisa nisso. Ele queria que eu fizesse pesquisa em Ensino de Geografia! Nem a USP tinha esse tipo de trabalho!

Então o meu trabalho foi pioneiro, de vanguarda por causa da visão do Doutor João, porque foi ele que me colocou nisso. Quando eu cheguei não havia programa nem nada, havia a minha experiência de secundário e de primário.

¹¹ Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro foi professor titular de Geografia da USP, e também em Rio Claro. Elza Coelho de Souza Keller, professora de Geografia Humana, vinda da Universidade do Distrito Federal. (GERARDI, 2002)

Também estava chegando a turma da Filosofia para trabalhar na Pedagogia, a Maria da Penha Villalobos que vinha pra Didática Geral, a Maria Alice¹² que estava dando Filosofia da Educação, o Tamás¹³ que ia dar Pedagogia - Didática da Pedagogia; então o Doutor João disse para eu ficar na Geografia e também na Educação. E eu aproveitei, era tempo integral, eu não tinha muito o que fazer e estava acostumada a dar aula, correr pra cá, pra lá.

Então eu assistia às aulas da Filosofia, de Geomorfologia e Climatologia do Carlos Augusto, da Elza – de Agrária; eu me atualizei em Geografia com os grandes que estavam aqui, e como eu não escrevia, só ia lá, se não podia ir eu não ia. Eu assistia Aerofotogrametria, que também começou em Rio Claro; também fui fazer o curso porque os meus alunos faziam reconstituição e eu não sabia nada de Aerofoto; também refiz a Cartografia. E lá na Educação, Filosofia da Educação que eu não tinha. Comecei a ler todos os livros ligados ao ensino; foi aí que fui ler Kilpatrick, Dewey. Minhas leituras foram se ampliando na Educação e na Geografia. Eu também ia às excursões da Geografia, todas as excursões, com o Carlos Augusto, com a dona Elza, com todos; falava que tinha, lá estava eu, porque eu queria ver como eles trabalhavam no campo. Por exemplo, a Olguinha Cruz¹⁴ estava fazendo trabalhos e ela queria conhecer a região; não tinha ninguém que fosse com ela, mas eu ia. Então, sempre acompanhei para o campo, e acho que isso é que me deu esta base grande.

Eu acho que quem vai para a educação geográfica precisa pôr os dois pés nas duas canoas; se ele ficar só em uma, ou só noutra, se ficar só na Educação, ele perde a evolução, o progresso na Geografia, e ele fica para trás e aí os alunos não respeitam a gente.

Eu sempre falo que havia um pouco de ciúmes entre a USP e a UNESP. O Doutor João era lá da USP; o sonho do Doutor João sempre foi ser diretor da Filosofia, e sempre era escolhido o Doutor Eurípides. Ele achava que ia ser um ótimo diretor, se fosse ele o diretor da Filosofia na USP. Não conseguiu, nunca foi, porque eram aquelas indicações, aquelas coisas...

Aí ele aceitou organizar a Filosofia de Santa Catarina, que estava no começo; a experiência dele foi lá, o teste dele foi lá. Ele levou o Carlos Augusto, o Peluzo¹⁵, muita

12 Maria Alice de Azevedo Fonseca, docente da primeira turma do Curso de Pedagogia responsável pela disciplina História da Educação.(GERARDI, 2002)

13 Tamas J. M. K. Smzrecsanyi, docente da primeira turma do Curso de Pedagogia responsável pela disciplina Didática Especial. (GERARDI, 2002)

14 Olguinha Cruz, professora titular da USP. Depois professora de Geomorfologia em Rio Claro

15 Peluzo foi professor de Geografia Física em Santa Catarina.

gente boa lá pra Santa Catarina...Não sei se chamava federal em 1959, 58, devia ser Federal, mas não sei se fala ainda assim. E nós não falávamos USP naquela época. Essa sigla de chamar USP é relativamente nova; a primeira vez que eu ouvi nem sabia o que significava, mesmo tendo estudado lá.

Aí Jânio Quadros, que estava começando a dar uma nova orientação para o Ensino Superior, veio com essa idéia de ter campus espalhados pelo Estado de São Paulo. E convidou o Doutor João para organizar a Faculdade de Rio Claro, mas o Doutor João disse que só aceitaria se tivesse curso de Geografia. Ele aceitou e ficou aquela dúvida de onde se localizaria, e por questões políticas locais, ficou em Rio Claro.

A Faculdade começou com o curso de Geografia, de Matemática, Pedagogia e História Natural. Ficou História Natural por causa do Doutor Buschinelli¹⁶ que tinha interesse.

O Doutor João era, não sei se pode-se dizer amigo, mas ele tinha acesso ao palácio do governador a hora que ele queria, e o dinheiro que ele precisava. Então, ele organizou, fez o curso de Geografia como ele imaginava, já de cara com o ônibus para sair, com a Aerofotogrametria que ele tinha ido não sei onde e já tinha visto, já com todos os aparelhos, com o professor dando aula. Ele queria uma Geomorfologia, uma Climatologia moderna e convenceu o Carlos Augusto pra vir pra cá. E queria uma parte agrária e urbana também forte, por isso trouxe a Elza Keller lá do IBGE¹⁷, que era considerada uma das sumidades. Na Geografia do Brasil, veio o Penteado¹⁸. E na Cartografia era o Linton¹⁹, que dava a Aerofotogrametria.

A Geografia daqui começou já num outro nível. É claro, algumas coisas que tinham em São Paulo, na USP, aqui já não tinha. Primeiro, ele trouxe todos os professores com tempo integral. Isso foi também a base que ele exigia. Ele não queria que fosse “bico” vir pra cá; era para trabalhar, e pesquisar! Ele dizia que nós deveríamos ficar 40 horas fazendo pesquisa, docência, preparando material e pesquisa. Ele exigia que todos fossem em Congressos; naquela época também davam dinheiro para ir a Congressos levando trabalhos para divulgar o nome da Geografia de Rio Claro. Mas isso não foi só na Geografia, foi na Matemática, na História Natural e na Pedagogia, e por isso passaram a ter um alto nível de

16 Professor Doutor Antonio Buschinelli foi professor na FFCL de Rio Claro, assessor do Prof. Dr. João Dias da Silveira, enquanto diretor da Faculdade, e também Diretor da FFCL nos anos de 1967-1968, 1971-1975. Escreveu o livro *Subsídios para uma avaliação futura do ensino superior oficial de Rio Claro*. (GERARDI, 2002).

17 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

18 Antonio da Rocha Penteado, professor de Geografia do Brasil na USP e também em Rio Claro.

19 Professor Linton Ferreira de Barros. Professor responsável pela área de Cartografia e Topografia. (GERARDI, 2002)

pesquisa e de docência. Os alunos que entravam aqui ficavam de manhã, à tarde e às vezes até de noite. O Carlos Augusto dava aula de noite para eles aqui.

Para fazer meu doutorado, vocês não podem imaginar como foi. Cheguei sozinha naquelas discussões, batendo a cabeça pra cá e pra lá, sem ninguém para me dizer como que eu devia fazer! Naquela época a reprodução era por mimeógrafo de tinta...

Chovia lá fora, aquela umidade, e eu rodando os meus exemplares, todos borrados, e depois não acharam que era boa, acharam que aquilo não era pra ter sido feito. A minha defesa foi brava porque quem aceitou dar o nome de orientador foi o Araújo, e por isso eu tenho uma gratidão muito grande! Não foi dona Amélia que aceitou dar o nome como orientadora, mas o professor Araújo e o Petrone me defenderam porque eu disse que procurei fazer de uma maneira que outros pudessem repetir e ir pra frente.

Aquele grupo aqui da Filosofia era muito teórico, e eu achava que tinha que fazer uma pesquisa mais prática. O meu doutorado foi um trabalho que ficou muito esquecido, eu nem falava no meu doutoramento, eu o escondia! De fato, agora olhando para trás, para mim aquilo seria um mestrado, não seria o doutorado, mas nós não tínhamos mestrado...

Eu levei o meu Doutorado para o Congresso Internacional da Índia, mas mesmo o Doutor João achou que eu não deveria ter levado! O Doutor João achava que ele deveria ter me orientado e não o Araújo! Eu não o procurei porque eu me sentia perdida, sem saber com quem falar. Eu tinha mais liberdade com o Araújo e o Petrone. Então falei com o Araújo e ele me disse para levar o trabalho. Mas na defesa o Doutor João e a Dona Amélia²⁰ me colocaram pra baixo.

Então quando eu me preparei para ir para o Congresso na Índia só me deram o afastamento; o Doutor João disse que não aceitariam meu trabalho porque não era bom, mas eu mandei e aceitaram; o trabalho na Índia foi muito reconhecido! Aí eu vim conhecer o Norman Graves²¹. Então está publicado em inglês, mas em português eu não tive possibilidade de divulgar.

Havia uma separação entre o que acontecia na década de 70, na área de Ensino de Geografia, e a minha atuação aqui. Na USP a Educação sempre foi separada da Geografia. Agora é que eles estão tentando unir as duas. Mas naquela época era completamente separado.

20 Amélia Domingues de Castro, professora de Didática da USP

21 O texto à que Livia se refere faz parte da publicação *Research and Research Methods in Geographical Education*, uma coletânea de textos apresentados nos Congressos da União Geográfica Internacional, editados por Norman Graves, Professor de Educação Geográfica da Universidade de Londres. No texto publicado por Livia - *Three Brazilian Cognitive Studies on Geographical Education* - é brevemente apresentado o estudo realizado por ela durante sua tese de livre docência; também são mencionados mais dois estudos relativos ao tema, realizados respectivamente por Jandira Maria Cecchet e Lucila Elisa Lorenz Góes. Esta publicação foi fornecida por Livia de Oliveira

Quando houve um Congresso de Geografia no Rio de Janeiro na década de 60 eu levei uma parte do meu Doutorado; lá eu defendi que se precisava começar a fazer pesquisa em ensino. Eu estava sentindo que todos os que levaram, como até hoje levam trabalhos em Congressos, na seção de Ensino de Geografia, levam a sua experiência, como deveria ser o currículo. Não é uma pesquisa com metodologia, com análises!

Depois muita gente veio me procurar, e eu dizia que tínhamos que fazer pesquisa e não ficar relatando experiências porque em cada lugar vai ser um tipo desses relatórios.

Ainda agora você vê no EGAL²² que as comunicações ainda são relatos de como deveria ser feito, não é pesquisa!

Quando eu dava aulas lá em Pedro de Toledo eu tive muita sorte porque eu era nova, dava aula de Geografia fazendo Filosofia. Então, entre os alunos eu tinha muita autoridade porque eu estava estudando e ensinava uma Geografia já moderna para eles. Nós fazíamos trabalhos, eles faziam desenhos; por exemplo, na quinta série, que naquele tempo era o primeiro ginásial, eu pegava as últimas aulas dos outros professores; tinha um riozinho lá e nós íamos dar aula no rio. Todas aquelas nomenclaturas de rio eram dadas dentro do rio. Depois, nós íamos para Peruíbe ensinar a parte de mar; a cidade nós estudávamos a cidade de Pedro de Toledo, eles confeccionavam mapas!

Quando eu fui para a Europa pela segunda vez, em 1960, eu ainda estava dando aula em Pedro de Toledo e para cada série eu mandava um postal de um país: da França, outro da Itália, outro da Alemanha, outro da Inglaterra. Quando eu voltei do meu passeio as mães e os pais estavam todos lá na estação me esperando, com o cartãozinho na mão. Eu usava muito os cartões para eles fazerem análises geográficas do cartão; fizemos um grupo sobre a França, outro sobre a Alemanha...

Minhas aulas eram movimentadíssimas. Até hoje, nós lá de Pedro de Toledo, nos reunimos. Tem uma família, o sobrenome é Sato, e todos eles foram meus alunos. Agora os filhos deles levam o cartãozinho, porque o cartãozinho foi guardado até hoje!

Nós estabelecemos um relacionamento e todos eles têm um respeito pela Geografia que eu acho que é isso que nós temos que fazer enquanto professores. Os alunos dessa época foram trabalhar na Sabesp, no IPT. Todos aqueles que fizeram Engenharia, e dizem que o que eu ensinei de Geografia é o que vale pra eles! A questão de enchentes que nós estudávamos, a questão de prédios...

22 EGAL – Encontro de Geógrafos da América Latina

Eu queria que eles usassem a Geografia na vida deles. Eu dizia para eles nunca esquecerem da Geografia porque ela permeia toda a nossa vida. Esses que foram meus alunos até já são avós, mas até hoje continuam usando a minha Geografia.

A escola lá em Pedro de Toledo era bem simples, era um prédio emprestado. Quando vinha a chuva enchia tudo; a primeira vez eu perdi todo o material. Quase que 80, 90 por cento dos alunos eram de origem japonesa, e principalmente do arquipélago de Okinawa; eles eram todos da agricultura e eu aproveitava aquele conhecimento deles para organizar a parte agrária. Eles me davam todo o calendário agrícola para nós tirarmos em qual época chovia.

Eu cheguei muito com aquelas idéias de que no Estado de São Paulo o clima era tropical, com duas estações. Quando eu acabei de falar isso, um menininho levantou a mão e disse que lá chovia o ano inteiro! Pois eu estava em pleno Vale do Ribeira achando que as frentes chegam por ali e saem por ali. Quando fui falar com o Carlos Augusto ele disse que até então eles não tinham essa idéia, porque para muitos tudo era tropical. Aí ele disse que lá era um tropical úmido porque chovia o ano inteiro, e tem máximas equinociais.

Assim, eu aproveitei o conhecimento dos alunos, e aqui na Prática de Ensino eu sempre dizia para os meus alunos que quando eles fossem dar aula primeiro eles deveriam perguntar como era a cidade deles, o clima, para depois entrarem com o conhecimento que eles tiveram na faculdade.

Naquela época, com as crianças japonesas não havia problema de disciplina. Os mais malandros preferiam ficar na escola do que no campo com o pai, porque se não fosse na escola, iam trabalhar. Lá tínhamos um relacionamento muito informal; nós íamos de trem, e já em Itanhaém os alunos começavam a entrar; nós já íamos brincando de palavra-cruzada, de jogos, com as professoras de Matemática, Geografia, História e de Português. Quando eu me removi para São Paulo, dava aulas à noite, eu não gostava, e no começo tive um pouco de indisciplina.

Lá em São Paulo eu dei aula na escola Manuel de Paiva, na Vila Nova Conceição. A diretora tinha autoridade, e o grupo de professores era excelente, como ela dizia! Porque a de Matemática tinha dado Didática de Matemática durante vários anos na USP. Alaurindo, que era de Português, a Regina que dava História...

Então, não tínhamos problema de disciplina porque éramos todos capazes e interessados, dávamos aula, e trabalhávamos com eles. Problema mesmo eu tinha era à noite! A escola era usada de dia, não tinha ainda prédio próprio, então usavam à noite para escola; mas eram poucos os que trabalhavam.

Dei aula de Prática de Ensino durante mais de 20 anos, influenciei muitos professores; todos os professores de Geografia, aqui da redondeza, tinham sido meus alunos. Tanto de Limeira, como de Araras, São Carlos, Araraquara, Piracicaba, todos tinham sido meus alunos.

Então, a gente recolhe coisas, como por exemplo uma aluna que formada aqui em Rio Claro, foi dar aula lá em São Bernardo do Campo, e a diretora por ficar sabendo que eu tinha sido a professora dela de Prática de Ensino, contratou essa aluna sem fazer seleção! Essa diretora tinha sido a minha secretária lá em Pedro de Toledo! E também ainda continuo sendo conhecida aqui em Rio Claro, porque depois de tantos anos aqui...

Com relação às mudanças do Ensino de Geografia vejo que mudou a condição sócio-econômica dos alunos. Eu acho que com a saída da classe média, que ia à escola pública, a clientela mudou! E nós, talvez na Prática de Ensino, continuamos dando aula, formando professores, para aquela classe média que não existe mais; teria que haver uma reformulação na formação do professor, porque agora o professor sai daqui da faculdade e encontra um aluno que ele não imagina! Eu tenho conversado com professores que não esperavam aquele aluno; ele não sabe que mudou completamente a conduta do diretor, de tudo! Tenho uma orientanda que está dando aula em Sumaré e diz que o diretor é muito bom, mas morre de medo dos alunos!

Houve esta inversão! No meu tempo, e há até pouco tempo atrás, a pessoa importante, central, era o professor, e agora o aluno é o central! Agora colocaram o foco no aluno, e todos têm medo do aluno. O professor tem medo, o diretor tem medo, todos tem medo porque a clientela mudou.

Então precisa tratar essa clientela de outra maneira; eu acho que a Psicologia teria que mudar, a Pedagogia teria que mudar! A Pedagogia teria que dar instrumentos para o professor em escola pública entrar em sala de aula

Eu não sou contra, pelo contrário, que a massa entre na escola, afinal precisava, havia a necessidade! Mas nós ficamos defasados na Universidade, na formação do professor, e não é só o de Geografia, é o de Matemática, o de História, de todos! Eu acho que os nossos cursos de licenciatura não se atualizaram sociologicamente, culturalmente, economicamente para aquela clientela que agora vêm à escola pública. Porque nós ainda estamos ensinando como se a clientela fosse a de classe média!

Estão falando aí que a classe média está voltando, mas não vai voltar porque os pais vão fazer de tudo para poder continuar na escola particular. E também tem um detalhe, na minha época, a escola boa era a pública! Os professores bons, bem pagos, eram da pública.

Hoje, as escolas que melhor pagam, são as de escolas particulares. E por um detalhe, que a gente não pode esquecer: o BIRD²³ dá todo o apoio para a escola particular! Como eu digo, por que o Integrado²⁴ ficou essa escola desse jeito? O próprio Koelle²⁵ aqui de Rio Claro, nunca foi desse jeito; o BIRD emprega dinheiro, ele dá empréstimo para pagar em 30, 50 anos, por 2% ao ano. O Puríssimo²⁶ era péssimo aqui em Rio Claro; o Koelle era péssimo em Rio Claro. Escolas boas aqui eram o Ribeiro²⁷, o Batista Leme²⁸. E por que houve essa inversão? Não é só a clientela não, porque se tivessem colocado dinheiro nessas escolas, teriam mantido o nível delas. Porque nós sabemos perfeitamente, gente, mesmo as escolas públicas e Universidades, por que nós estamos nessa situação? Porque nós não recebemos auxílio do BIRD, mas quem continua recebendo? As particulares, e elas se transformam materialmente numa maravilha, mas nós sabemos que o conteúdo continua fraco e em certos sentidos até o próprio secundário particular!

Eu sempre achei que ensinar é bom senso

Quando fui professora da rede básica eu tentava trazer o cotidiano dos alunos para a sala de aula. Agora voltando um pouco, com retrospectiva, eu poderia dizer que isso foi intuitivo! Eu não tinha um conhecimento científico sobre isso. Eu sentia que se eu levasse as crianças, os alunos de quinta, sexta série ao campo para eles observarem, para eles me fazerem perguntas, eu achava que isso era válido. Mas dizer que eu tinha uma base científica, eu não tinha mesmo. Por isso, eu diria que minha base foi intuitiva! Eu sempre achei que ensinar é bom senso; se eu tiver um bom senso com os meus alunos eu não vou ensinar nada errado, não vou ensinar nada absurdo porque eu parto dele e volto para ele. Porque eu sempre procurava ver o que eles conheciam sobre o meio ambiente; naquela época também não se falava meio ambiente, se falava paisagem, onde vocês vivem, as suas cidades, como seus pais cultivam. Então era isso que eu retirava deles e depois voltava para eles. Na verdade o que eu fazia era uma sistematização daquele conhecimento, só que

23 Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento

24 Colégio particular situado em Rio Claro-SP

25 O colégio particular mais tradicional da cidade de Rio Claro. Foi fundado em 1883 por alemães. Inicialmente também funcionava como Colégio Interno. Hoje possui educação infantil, fundamental e média

26 Colégio Puríssimo Coração de Maria confessional católico, também particular situado em Rio Claro-SP.

27 Escola Estadual Joaquim Ribeiro. Nesta escola, já denominada de Instituto de Educação, também funcionou o Curso Normal. Atualmente possui somente educação de nível médio.

28 Escola Estadual João Batista Leme, situada em Rio Claro-SP. Possui educação de nível fundamental e médio.

filtrado pelo meu conhecimento geográfico, da universidade, já que eu ainda estava terminando o Curso.

Nas aulas de Prática de Ensino na Universidade não havia exatamente esse tipo de abordagem. O que, por exemplo, o Carlos Augusto fazia eram blocos diagramas para ensinar Geomorfologia, ou ele fazia todas as representações da circulação atmosférica usando uma lousa toda pra fazer esses desenhos com giz colorido; quando os alunos entravam em sala de aula encontravam aquilo já desenhado. Ele desenhava muito bem, um artista na verdade; ele dizia para os alunos - eu assistia às aulas dele!- fazerem a minha atualização de Geomorfologia, de Climatologia. Ele dizia que quando fossemos dar aula no Ginásio deveríamos fazer desenho na lousa para os alunos. O Doutor João também, quando nós saíamos para as excursões ele dizia que tínhamos que sair com os alunos no campo, mas não era para ensinar Geomorfologia profunda. Mesmo a Elza, ela também chamava atenção para o estudo da cidade; dizia que se fossemos dar aula no Ginásio, em qualquer cidade, mesmo que não a conhecêssemos, deveríamos sair com os alunos para dar um reconhecimento da cidade.

Nessa época havia um consenso entre os professores de que o trabalho de campo era importante para as práticas das aulas da universidade e do ensino fundamental, mas no meu caso foi meu pai quem me incentivou a observar a paisagem, a ter o hábito de observar. Meu pai trabalhava numa fazenda; foi na época de escravo - ele teve escravo - mas a preocupação dele sempre foi com a natureza. Quando saíamos, tínhamos que coletar folhinhas para ver a diferença uma da outra; ele nos ensinava a ouvir os passarinhos, e a discriminar um que estava cantando, outro que cantava de maneira diferente. Assim, toda essa parte de natureza foi dada por meu pai. A mamãe também gostava, é claro, ela gostava muito de flores, mas quando nós saíamos com ele, era ele quem ia indicando e nos ensinando a discriminar sons, ruídos, cores, enfim, todas as diferenças! Ele dizia que o mundo não era igual, que nós tínhamos que observar. Com 11 anos eu saí de casa para estudar, e sempre tivemos o hábito de relatar o que tinha acontecido enquanto nós estávamos fora.

A mamãe exigia, e o papai também, que prestássemos atenção; eu também desenvolvi a fala, o discurso, porque eu tinha que descrever, com detalhes, tudo que eu tinha visto. Meu pai sempre perguntava sobre a paisagem, o que eu tinha visto de diferente em São Paulo, etc. Por isso eu sempre tive essa preocupação com a observação, e isso foi do meu pai.

Quando eu dava aula lembro que usava o livro didático do Aroldo de Azevedo, mas muitas vezes, para o primeiro ano, quinta e sexta série, eu achava um pouco difícil porque eram crianças lá do meio rural, do Vale do Ribeira; muitas vezes só falavam japonês em casa, então eu escrevia muito na lousa. Eles tinham um caderno em que copiavam e completavam com o livro didático, como uma consulta para eles! Tanto é que eu nem os obrigava a comprar o livro, eles usavam os livros já usados, de outros colegas, de outros pais. Com a quinta e a sexta série eu exigia um caderninho de desenho, não de Cartografia, um caderno de desenho onde eles tinham que fazer os desenhinhos de solos, de camadas, de geomorfologia.

Eu tinha um sobrinho que fez a quinta série comigo, e eu também mandei ele fazer os desenhos...Minha irmã morava em Raposo Tavares, e eu dava aula em Pedro de Toledo, então meu sobrinho vinha de trem. Aí eu mandei que ele fizesse um caderninho, e ele pegou um caderno velho, arrancou umas folhas, fez de qualquer jeito e me entregou. Eu fiquei muito brava: “Logo você, Luis Antonio, o meu sobrinho, olha este daqui! Você tinha que fazer deste jeito!”. Peguei, rasguei o caderno e pedi para ele fazer outro, bonitinho, porque ele era capaz! Ele diz que até hoje lembra disso, que eu disse que ele era capaz de fazer uma coisa melhor do que ele tinha feito!

Então, eles davam esses cadernos, eu corrigia, dava nota e depois eu indicava para eles que não comprassem um caderninho tão fininho, porque já serviria para o segundo ano. Aí no segundo ano, eles punham “segundo ano”, que era a sexta, e continuavam. Eu fazia só com a quinta e com a sexta-série por causa da idade deles, porque achava que pedir caderninho de desenho para aluno já na sétima série era tratá-los muito como crianças, e eles não gostariam. Aí na sétima e oitava série, o que nós fazíamos eram os mapas tirados dos Atlas, dos livros do Aroldo de Azevedo; nós fazíamos grandes reproduções, reproduzíamos para deixar como material para a própria escola. Então aí eu já mudava o tipo de trabalho que eu solicitava para eles, mas eles faziam o trabalho em grupo, e deixávamos para a escola, para outro professor e no ano seguinte a gente já aproveitava o que tinha feito.

Na escola não tinha Atlas. Eu comprei os Atlas com o meu dinheiro, aquele que era do IBGE, e deixei na escola, para serem usados. Alguns pais ficaram tão entusiasmados que compraram, mas eu comprei 40, pedi para o IBGE e eles me mandaram mais barato. Deixei os 40 mapas porque desde quando eu comecei a lecionar Geografia, no secundário, eu sentia que a base da Geografia, para o ensino, tinha que ser o mapa. Eu tinha que partir

do mapa e chegar no mapa, porque qualquer coisa que eu ia trabalhar com eles, como representação, precisava do Atlas. Por isso eu comprei os Atlas para a escola.

Para fazer a ampliação era uma loucura! Eles iam, procuravam os engenheiros de lá, e arrumavam pantógrafo, eles se viravam! Sempre tinha um agrimensor porque tinham muitas terras que precisavam ser medidas... A ampliação não era feita por quadrículas, eles iam com o pantógrafo! Eu sempre deixei os meus alunos se virarem, mesmo quando eu fazia as excursões dentro da cidade ou na redondeza; eles iam com um caderninho - aí já era sétima e oitava série - e eles tinham que anotar o que eles viam. Mas também eu ficava com a parte mais alegre, porque nós fazíamos músicas nas excursões!

Então nós íamos cantando com eles -“O relevo hostil, do meu Brasil...!”- e depois quando voltava eles pegavam uma outra música, com uma outra letra -“Gnaisse, gnaisse e mais gnaisse...”- porque nós andamos e só encontramos o gnaisse, eles ficaram desesperados porque não encontraram outra rocha, só gnaisse!

Mas eu fazia isso no sábado e no domingo. Para não ficar longe da minha mãe eu trazia ela para Pedro de Toledo; ela ficava na casa de uma família muito amiga. Eu vinha na sexta-feira com a mamãe; no sábado eu saía com um grupo e no domingo com outro grupo, todas as famílias nos ajudavam muito! Tinha uma padaria que fazia os lanches para nós levarmos; cada família dava uma coisa, eles gostavam de ver esse interesse com os alunos, já que no sábado e no domingo eu voltava pra trabalhar com eles!

Eu não ganhava nada para fazer isso! Eu ganhava a satisfação de ver aquela criançada descobrindo coisas, essa é que era a minha satisfação! Nessa época o meu pai já tinha morrido e eles gostavam muito da mamãe. Quando eu ia corrigir as provas deles minha mãe refazia todas as leituras e opinava nas notas que eu dava para os alunos. Então, havia uma relação muito íntima porque todos sabiam que a mamãe era a protetora deles. Mandavam goiaba, mandavam coisas para a mamãe porque sabiam que ela era protetora deles, assim eu não seria muito rígida com eles. Mas eu era mesmo exigente com eles, eu dizia que não podia ser fácil porque a vida lá fora ia ser difícil; eles sabiam que eu gostava deles, que eu estava fazendo tudo por eles, e lá fora eles iriam estar sozinhos.

Eu dava oito aulas na semana, quatro aulas num dia e quatro aulas no outro dia. Eram duas aulas por semana para cada série, e na época eu tinha uma quinta-série, uma sexta, uma sétima e uma oitava-série. Então viajava e ia dois dias pra lá de segunda e de sexta, porque os outros dias eu voltava para São Paulo para terminar a Faculdade.

O salário até que dava para pagar a viagem. Mas eu sempre senti que no mundo inteiro o professor nunca vai enriquecer. Isso eu também falava nas minhas aulas de

Didática; eu dizia pra eles que você enriquece porque tem uma realização íntima muito grande, porque a relação do professor com o aluno é uma relação especial, e isto você não tem entre patrão e empregado, em lugar nenhum, nem no comércio, nem na indústria, em lugar nenhum, é só no magistério que a gente tem essa relação! O que eu ganhava dava pra eu viajar - eu viajava muito - comprava as coisas que eu queria, mas nunca fui de muito luxo, então por isso dava! Existiu um mito de que professor, na década de 70, 60, ganhava igual um juiz. Na época de 1920, 1930, ganhava, mas na década de 60 não. Eu entrei em 56 e não ganhava não! O professor universitário talvez sim, mas o professor secundário não.

Não sabia exatamente o que eu queria fazer, mas (...) intuitivamente, eu sabia

Quando comecei a trabalhar na Didática, senti que a questão do mapa é que seria importante para desenvolver trabalhos. Mas, antes de eu entrar em contato com Piaget, eu estive várias vezes nos Estados Unidos, principalmente na Universidade de Iowa que já estava com uma Geografia moderna, diferente, pra frente; lá era um centro importante, tinha o Doutor Harold Carter, Doutor Kohn²⁹, vários professores já famosos na Geografia. Lá eu entrei em contato com uma bibliografia numa biblioteca daquelas fabulosas! Eu entrei e fui procurando tudo, não sabia exatamente o que eu queria fazer, mas intuitivamente, intuitivamente, eu sabia, mas claramente não! Ao procurar toda a biblioteca, não encontrei nada. Eu tinha muitas conversas com o Doutor Kohn; ele sempre se interessou por ensino, porque, em geral, lá nos Estados Unidos, quando os professores chegam a ser professor, quando eles chegam no máximo, eles passam a se interessar pelo ensino. Então, ele já estava nessa fase - chefe de departamento nos Estados Unidos é uma coisa importantíssima! - e ele já tinha publicado livros, já tinha sido presidente da AAG³⁰, e agora ele estava voltado para o Ensino. Nós conversávamos muito, ele brincava comigo, que eu já no começo estava indo para o ensino, e ele estava indo para o fim, mas que nós tínhamos muita coisa em comum. Foi ele que me deu muitas dicas, de como fazer uma pesquisa, de procurar tudo, porque eu não sabia direito!

Aí, eu fui no encontro - as datas pra mim já me confundem um pouco - da UGI, na União Soviética. A UGI - União Geográfica Internacional era um encontro internacional que eu fui várias vezes. Então, como nós íamos pagar a passagem para a Europa, eu fui

²⁹ Ambos foram professores de Geografia na Universidade de Iowa, nos EUA

³⁰ American Association of Geography

com antecedência e escrevi lá para o centro de epistemologia do Piaget, e consegui um estágio! Fiquei um mês estagiando, aí encontrei a biblioteca específica, conversei muito rapidamente com Piaget - ele ainda estava vivo, com oitenta anos! Eu tive a oportunidade de ter uma entrevista com Vinh Bang³¹, que era o que trabalhava com espaço. Aí eu coloquei todos os meus problemas, as minhas angústias, as minhas preocupações, como o espaço geográfico; eu disse pra ele que eu estava lendo toda a parte de espaço do Piaget, mas não encontrava o espaço geográfico. E aí ele me disse que quem iria encontrar seria eu mesma, porque ele e o Piaget não encontrariam o espaço geográfico para mim. Eu é que deveria fazer essa ponte, porque eu conhecia Geografia e deveria então fazer essa superposição. E isso me deu direção para fazer esse trabalho. Eu já tinha feito alguns, e aí quando eu voltei - deve ter sido em 64, 68, 72 - me deu um estalo, de que no mapa, no plano, é que eu tinha que fazer a passagem para o aluno, e não na realidade, não lá fora; eu tinha que trabalhar com ele na representação! Então, eu pensei como é que nós faríamos essa passagem, se no mapa é tão importante a direita e a esquerda, e acima e abaixo? Muita gente, erradamente, fala “em cima” e “em baixo”, mas “em cima” e “em baixo” é altimetria. No plano, não há “em cima”, é acima e abaixo. Conversando com uma professora de Português ela me ajudou a usar a palavra exata no Português; ela disse que no mapa é acima, porque eu não vou pra cima no mapa, eu vou em direção, para o norte!

Então, eu encontrei no Piaget, aquilo da frente e atrás. Mas e a direita e a esquerda? Aí eu criei uns testes e as provas também de direita e esquerda. Porque também eu ia na Matemática e perguntava para o Mario Tourasse³² o que era direita, o que era esquerda, porque a Matemática tem que me descrever, tem que me definir! Mas ele disse que não tem uma definição exata em Matemática para direita e esquerda. Disse para que eu mesma definisse, e eu defini. Então eu defini voltando com o Piaget, que trabalha com o próprio corpo. Assim, eu tinha que fazer a passagem para o mapa; aí eu encontrei os mapas para poder fazer as provas. Então quando eu tive as provas - acima e abaixo, direita e esquerda - eu passei para o mapa: norte - sul, leste - oeste. E aí eu fiz a prova.

Eu testei numa escola só - ainda era aquela época em que o Batista Leme ainda estava situado na avenida Um- e usei a escola toda! Aperfeiçoei os meus testes, as minhas provas, acertei tudo, porque eu queria que a pesquisa fosse perfeita!

31 Vinh Bang, segundo Livia, trabalhava no Grupo de Genebra, com Piaget. Trabalhava com epistemologia do espaço.

32 Mario Tourasse Teixeira, professor responsável pela Cadeira de Geometria. Fez parte do grupo de primeiros professores a lecionar na FFCL de Rio Claro. (BUSCHINELLI, 1988)

Coletei em cada escola - ainda naquela época não tinha tanta escola em Rio Claro - todos os nomes dos alunos de todas as primeiras às oitavas séries. Organizei em letra alfabética, misturando todas as escolas. Então as minhas listas eram, por exemplo, de idade, tinha que amarrar a idade com a série. Assim, quinta série eram 11 anos, etc. Aí fiz listas e listas de todas as crianças. Depois eu fiz o sorteio aleatoriamente, usando a tabela do Acaso. Eu sorteava os alunos: por exemplo, quatro saíam numa escola, três saíam da outra, e aí eu tinha que aplicar os testes num período curto, porque para Piaget um mês faz diferença e você já não pode comparar! Eu preparei alunas da Pedagogia para poder me ajudar a aplicar; não peguei da Geografia, tinha que ser da Pedagogia. Então eu fiz quatro cópias, levei em casa e elas aplicaram em mim; todas viram, estava direitinho, eram alunas já de terceira, quarta série da Pedagogia.

Fui nas escolas e eles me deram uma sala, porque eu tinha que tirar as crianças da sala de aula. E aí como que eu ia tirar uma criança de sete anos da classe, dizendo que ela tinha que sair? Ela já viria com medo, preocupada para poder fazer o teste. Então eu trouxe uma sobrinha minha que se dá muito bem com criança; ela ia buscar as crianças na sala de aula e eu pedia para que ela desse a mão para as crianças. Ela dizia que as crianças apertavam a mão dela porque não sabiam para onde elas iam. Então, eu tive todos esses cuidados para que isso não atrapalhasse na coisa. Mas depois, quando elas viam que era um brinquedo, que era uma coisa, elas se sentiam à vontade. Na sétima, oitava série já não precisava, mas precisava de alguém que os tirasse da sala.

Se eu não fizesse com rigor não poderia comparar, e depois, eu queria fazer uma pesquisa completa, rigorosa, precisa, que qualquer outro professor pudesse reproduzir, ou a partir da minha pesquisa, realizar outras pesquisas. Então, foi feito com todo esse cuidado, e depois quando tive que fazer a análise já foi mais fácil! A coleta foi rigorosa, o preparo de instrumento de medida foi trabalhoso; eu demorei para chegar naquilo, e depois, a coleta também foi trabalhosa porque eu tinha que controlá-la, não queria que passasse nada de fora!

Durante a pesquisa eu detectei uma pequena defasagem. Mas depois, conversando com dona Amélia e outras pessoas, vi que essa defasagem é comum porque não se pode comparar as nossas escolas com as européias e americanas! O mês que eu fiquei lá em Genebra, eu ia quase todo dia na escolinha; lá é uma beleza, vocês não podem imaginar o que é ensinar numa escola daquele tipo! Mas eu também fui numa escola pública de Genebra, com alunos e professores comuns; o diretor me deixou entrar na sala, e eu vi que lá a escola pública é uma coisa...! Não tem nada a ver com a nossa escola, e por isso não

dá para você comparar mesmo! Depois quando eu encontrei Barbel Inhelder³³ – nós fomos à Curitiba e ela recebeu o Honnoris Causa da Universidade do Paraná – ela falou que todos que tem feito pesquisas desse tipo e usam o Piaget encontram uma defasagem, a não ser, por exemplo, na Finlândia, na Suécia. Ela disse que pode até ter algum que possa ir um pouco a mais, mas você encontrar um pouco a menos não tem problema; o importante foi que todos os alunos atingiram o estágio! Se eles atingiram o estágio um pouco atrasado, isso não vai fazer com que eles se sintam infelizes - ela ainda usou essa palavra! – porque o importante é que o aluno atinja os estágios!

Eu sempre gostei da novidade, e aí, mesmo trabalhando com o Piaget, eu encontrei a percepção, a do Piaget. As vezes que eu ia nos Estados Unidos, notei que lá já estava começando o “perception environment”, com todos trabalhando nisso, e aí eu encontrei um lugar na Geografia para eu trabalhar. Então eu comecei a trabalhar com isso, mas ainda era Piaget, só que a percepção. E agora nós já estamos saindo da percepção e passando para a cognição, porque na verdade, não é propriamente percepção, mas sim cognição. A percepção é um pouco parada, ela é de laboratório, de dentro da sala de aula. E nós agora já estamos usando a palavra cognição, já estamos vendo, porque na verdade, o que nós trabalhamos é a cognição e não com a percepção. Já estão começando os primeiros trabalhos, e muita gente já está mudando a palavra para cognição.

Eu mesma estou orientando trabalhos voltados para a cognição. Mas mesmo nessa volta eu continuo com o Piaget. Eu li toda a parte do Vygotsky, e ele me dá um outra complementação. Muita gente, quando ele apareceu, disse que ele havia derrubado o Piaget. De jeito nenhum, primeiro que na época, na União Soviética era proibido ler e trabalhar com o Piaget, como agora ainda em Cuba. Uma amiga minha, a Maria Lucia, que é psicóloga, esteve lá e apresentou um trabalho; foi um horror, só faltaram levar ela pra fora, porque não podia dizer aquela palavra, porque é claro, o Piaget leva as crianças, os alunos à crítica, à realização, não é uma doutrinação, tanto é que não há conscientização, há tomada de consciência! Então, ela disse que nem imaginava, porque a União Soviética tinha acabado, já era Rússia, mas em Cuba ainda é completamente proibida a palavra Piaget. Então, em questão de educação, você encontra essa dificuldade, como quando eu fui lá na União Soviética e o meu trabalho era piagetiano, o Stoltman³⁴ mesmo me incentivou a falar porque ele também ia falar do Piaget. Nós já tínhamos um grupo grande,

³³ Pesquisadora com Piaget, sobre a representação do espaço com crianças.

³⁴ De acordo com a professora Livia, Joseph Stoltman, professor de Didática de Geografia na Universidade de Kalamazoo, EUA.

e eles não podiam nos prender por causa disso, porque lá era um congresso, e nós tínhamos mandado os trabalhos antes.

Notei que houve uma cisão entre eles e o pessoal da Geografia lá de São Paulo

Quando eu estava estudando mais sobre a percepção do meio ambiente e situei o pessoal de Rio Claro nisso, notei que houve uma cisão entre eles e o pessoal da Geografia lá de São Paulo, que era mais marxista, e predominou na década de 70 e 80. Eu, agora com perspectiva, vejo que na época também não conseguia perceber isso exatamente. Para mim foi a questão do marxismo, porque nós sabemos perfeitamente que a doutrina marxista é dogmática. Quando a gente estuda epistemologia, eu não entendia como uma pessoa que quer fazer ciência podia ser marxista, doutrinariamente falando! Porque é uma doutrina e é um dogmatismo, não permite a crítica, não permite nem a dúvida, nem o ceticismo, tem que ser aquilo e acabou! Muitos dos geógrafos não leram Marx, só ouviram falar; eu conversava com as pessoas que nunca leram, mas eu li O Capital antes de entrar na Geografia por questão de religião - eu pertencia a um grupo, na JUC - Juventude Universitária Católica -, e nós na época de 1940 já líamos todo o Marx!

Nessa época eu li toda a obra do Marx e já tínhamos constatado que era uma ideologia, mas a parte econômica, isso eu não entro em discussão porque isso é outro aspecto do Marx. O que eu falo é essa parte, e para o Ensino, eu acho que de jeito nenhum poderia ser colocada a noção de Marx para a educação, a começar que ele nunca teve preocupação com isso, ele não tem livros, não tem trabalhos, não teve essa preocupação com a educação. A preocupação dele era muito mais econômica, com as classes operárias, as classes sociais; essa era a sua preocupação, que é válida, ninguém dizia que devia ser tratado o trabalhador de outra maneira, mas muitos de nossos geógrafos - da CENP³⁵ - usaram ele. Porque enquanto eu fui da CENP, nós sempre tínhamos essa preocupação de que a parte universitária se preocupasse também com o ensino, já separasse o universitário com o secundário; mas aí acabou, eles tomaram conta, mudaram toda a grade curricular, tiraram toda a parte de natureza, tiraram toda a parte de Geografia Física, e quem tinha que dar era economia, era sociologia, porque eles deturparam Marx; na verdade, a meu ver foi isso! Eu acho que Marx não concordaria com isso, e eu também!

35 CENP- Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

O que eu falava na época é que como havia o materialismo histórico, eles que procurassem o materialismo geográfico porque deveria existir uma dialética geográfica. Eu não estava preocupada com a dialética, nem com o materialismo geográfico, mas tinha que ter um materialismo e esse era o papel do geógrafo; ele tinha que fazer e não transformar o materialismo histórico para depois transformar o Ensino da Geografia! Para mim - pode ser que eu esteja errada - mas não sei quando vamos conseguir recuperar a nossa parte perdida, ou como diria o Carlos Augusto, o nosso “geo”! Porque nós perdemos mesmo, e os professores de Ciências não sabem nada de Climatologia, não sabem nada de solo, nem de relevo, nem de vegetação, mas dizem que dão toda a parte física!

Eu tenho visto os PCNs³⁶, discuti, e muitas das proposições são válidas, só que eu acho que como perdeu uma parte aqui, para retomar o que estava lá colocado, eu não sei mais... E depois era assim: quando eu fiz concurso para o Ensino Secundário apareciam cinquenta, sessenta professores candidatos, mas passavam vinte, quinze. Hoje, aparecem dez mil, e passam dois mil! Então, eu acho que agora a CENP deveria usar outra estratégia, porque é outro contexto, é outra realidade. Hoje é um ensino de massa.

Durante um período não houve uma produção voltada para o Ensino de Geografia. Por isso que uma das explicações entre o período da minha tese em 1977, e depois com o aparecimento da Cartografia Infantil, é que durante esse período muitos professores estavam preocupados com a parte marxista, com a parte da dialética, com outras coisas, e quando começou fazer a volta, passaram a se interessar pelo Ensino da Geografia. Eu sou otimista, e acho que nós já estamos voltando. Eu já vi muitos dos meus colegas que já foram radicais, hoje estão procurando fazer pesquisa dentro do Ensino da Geografia; muitos já estão aceitando a percepção e já estão vendo Marx mais como ele deve ser visto, como filósofo, como um homem estudioso, preocupado com a economia que era naquela época. Eu acho que hoje eles estão pondo Marx na devida posição.

Quando o Armando Correia propôs um encontro sobre as categorias da Geografia, que foi no Rio de Janeiro, Milton Santos estava lá, e só eu de diferente, como um patinho feio lá no meio; até a Fani brincou comigo... Não me lembro quando foi isso, mas o Milton Santos disse que tinham que me aceitar porque se eu era uma pessoa preocupada com a teoria da Geografia, então deviam me aceitar lá! E eles aceitaram o que eu coloquei, da questão que tinha que se pensar nas categorias da Geografia a partir do Ensino, não a partir do geógrafo; ver como a criança e o adolescente categorizam a Geografia, porque a partir

36 Parâmetros Curriculares Nacionais.

daí um categoriza o outro. Eu me dava muito bem com o Armando, ele dizia que a única pessoa que entendia os livros dele era eu porque eu lia, nunca tive problema de ler; o Milton Santos também, ele sempre me respeitou muito como eu também a ele; ele sempre dizia para mim que mesmo esses marxistas aí não sabem nada, e que eu sabia muito mais de Marx do que eles.

Eu acho que valia a pena a gente voltar, fazer uma discussão sobre a questão dos PCNs, só que eu acho que essas coisas que vem lá de cima não vem pra durar. Vem o PCN, mas passa, porque lá em cima eles têm que fazer relatórios, dizer que fizeram algo, então fizeram o PCN. Eles não estão nem aí, nem com o PCN, nem com o professor, nem com o aluno, eles não estão nem aí; estão só fazendo relatórios para dizer que fizeram. Mas eu acho que seria válido estudar, fazer uma análise, mas não sei até quando esses PCNs serão válidos!

Talvez até vir outro que proponha outras coisas, por isso eu não sei se eu teria interesse em gastar meu tempo nisso. Eu preferia fazer as pesquisas diretas, dentro do Ensino da Geografia.

A minha sala era na Geografia (...) mas depois eu descobri que administrativamente eu era da Educação

Mas voltando um pouco, no início do meu trabalho aqui em Rio Claro lembro que também tinha a parte da Educação. A minha sala era na Geografia porque o doutor João queria que eu ficasse na Geografia, mas depois eu descobri que administrativamente eu era da Educação, e não da Geografia. Eu me ligava muito com a turma da Educação, e também naquela primeira época, naqueles primeiros anos, a Pedagogia teve grandes nomes, como a Maria da Penha Villalobos, que dava Didática e era formada em Filosofia; a Maria Alice Fonseca que dava História da Filosofia e que também era formada em Filosofia; a Regina Bicalho³⁷, que ainda está em Araraquara e também era Filósofa; e o Támas, que depois ficou mais na Economia do que na Pedagogia. Então, era um grupo muito bom, eu aprendi muito com eles e entrei em contato com muitas leituras que eu não conhecia como o Kilpatrick, Dewey, Bertrand Russel ! A Penha me dava livro e eu lia para saber como eu passava tudo aquilo para a Geografia; Anísio Teixeira, todos esses nomes eu li e entrei em contato com o pessoal da Educação. Nós tínhamos também a Matemática que era muito

37 Regina Célia Bicalho, professora de Filosofia da Educação da FFCL de Rio Claro. (GERARDI, 2002)

boa, e o Ubiratan³⁸ estava chegando de fora com a Teoria dos Conjuntos; então tínhamos – e isso perdeu um pouco! - ele que era da Matemática, e dava para nós a Teoria dos Conjuntos como uma introdução, porque nós não sabíamos e precisávamos trabalhar com isso!

Esses cursos que ele dava eram informais, no fim da tarde a gente se via no dia que todos podiam, e o Ubiratan D'Ambrósio, que está agora na UNICAMP, nos ensinava. Tinha também a questão da Epistemologia, ligada à Matemática, e o Mario Tourasse fazia discussões com a Penha, porque a Penha para ler o Piaget teve que ir no Tourasse para entender a Matemática do Piaget. Então, eu aproveitei esse começo, a gente não tinha compromisso, não sabia que tinha compromisso com doutorado, nada disso, e aí eu aproveitei para ler, participar de reuniões de cá, reuniões de lá, na SBPC³⁹...

E naquela época na Universidade tudo era mais fácil; de repente, quando a gente acordou já tinham passados os cinco anos e era obrigatório fazer o doutorado ali, se não a gente ia ser mandado embora; então foi uma água fria na cabeça porque foram cinco anos que eu passei inocentemente, porque não sabia que tinha que fazer o Doutorado; eu queria fazer, mas não sabia que tinha uma data para fazer!

Nós fundamos aqui a AGB⁴⁰ de Rio Claro. O diretor era sempre um professor, e os alunos participavam da diretoria, mas não como diretores; aliás eu, o Tavares⁴¹ e o Carlos Augusto sempre participamos. Nós tínhamos reuniões semanais e tínhamos sempre uma palestra. A reunião era bem do tipo da AGB: primeiro tinha uma reunião, a gente trazia alguém, um professor, e aí eu levava a Maria da Penha para fazer um aparte de Filosofia, levava um da Matemática, reunia alunos e professores de Geografia. Depois nós tínhamos a UPEG, que era a União Paulista de Estudantes de Geografia e os alunos eram os diretores, mas precisava de um professor como orientador; eu por muitos anos acompanhei os alunos nas reuniões da UPEG. Até hoje quando eu encontro com o Archimedes, ele ainda lembra da nossa briga contra os Estudos Sociais; eles eram alunos e precisavam brigar em Diamantina contra os Estudos Sociais e fomos e eu fui lá com os alunos e brigamos, saímos correndo, o ônibus ligado e nós corremos, a turma correndo atrás de nós porque éramos contra os Estudos Sociais. Então, havia uma ligação entre os professores e os alunos de graduação muito grande!

38 Ubiratan D'Ambrósio foi professor de matemática em Rio Claro.

39 Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

40 Associação de Geógrafos do Brasil

41 Professor Antonio Carlos Tavares, professor de Geografia Física em Rio Claro.

Mesmo naquela época, no período de OSPB, a procura sempre foi alta porque nós sempre começamos o curso com um nível muito bom, já que em Rio Claro foi o primeiro curso no Estado que teve Aerofotogrametria. Então nós tínhamos um corpo docente, uma grade curricular muito chamativa para os professores, para os alunos e por isso nós sempre tivemos procura!

Mas quando venceu os Estudos Sociais, muita gente procurou porque eram 3 anos, a licenciatura curta era de um ano e meio, e muita gente queria dar aula. Aí muita gente procurou porque podia dar aquele curso de Educação Moral e Cívica. Só que naquela época houve uma diminuição, mas logo depois já começou de novo a procura.

Pensando agora na relação entre o ensino na Universidade e na formação dos alunos acho que enquanto nós fomos um instituto isolado, que nós podíamos escolher até os professores para contratar, eu acho que nós tivemos um nível melhor. Porque, nós mesmos, os professores, é que fazíamos o vestibular dos alunos; os alunos nos viam, e nós, por exemplo - isso era muito comum – fazíamos a seleção. Eu sempre examinava inglês, o Carlos Augusto, Geografia; o francês, o Jorge⁴². E como o Carlos Augusto sempre dizia e mesmo a Elza, é que às vezes o aluno estava nervoso, não tinha ido bem na prova escrita, nem na prova oral - tinha prova oral naquela época - ela deixava de lado e depois nós fazíamos uma reunião para ver cada um, e aí a gente olhava o currículo, as notas que ele tinha aqui no Ginásio, de qual Ginásio ele vinha, e dizia que era um aluno bom, ficou nervoso, pode ser tímido, e por isso íamos perder esse aluno? Não, não vamos. Então decidíamos aprovar! Então, havia muito isso, e muitos que entraram através disso - não vou dizer os nomes - hoje são professores aqui! Aqui e noutro lugar, porque este vestibular, do jeito que é feito hoje, fica muito impessoal! Não é que nós protegíamos, mas era pessoalmente! Mesmo na chegada dos professores também se reunia o departamento e todos davam palpite, contava a história de quem estava querendo entrar. Aí a gente fazia um balanço, e entrava. Eu também acho que foi com isso que nós tivemos um nível bom, porque no momento que entra um professor que dá uma aula no data-show, isso não vai indicar para nenhum que ele vai entrar aqui no nosso departamento, com o nosso espírito de corpo docente porque nós perdemos esse espírito que nós tínhamos! Nós sentíamos que nós éramos um grupo que não era fechado, podia entrar, mas para entrar tinha que ter certos valores. Constato isso, que a seleção de um professor para entrar, tem que ser, por

42 De acordo com Livia, Juergen Richard Langenbuch, apelido “Jorge”. Professor de Geografia Humana em Rio Claro.

exemplo, com base no que ele considera ser o curso de Geografia; se ele sente que vai entrar num grupo em que ele se sinta orgulhoso de fazer parte; mas eu não sinto isso hoje!

Hoje o ensino passa por uma massificação. O aluno faz o exame, passa em primeiro lugar, mas eu acho que hoje é dada mais importância à prova que ele fez do que à entrevista, quando nós sempre demos mais importância à entrevista, porque muitos professores que entraram aqui, usaram só como trampolim porque queriam ir para São Paulo, etc.

Lembrando da época em que eu era professora de Didática da Geografia posso dizer que não sei se meus alunos enfrentavam muitos problemas, porque eles nunca foram sozinhos fazer estágio, eu sempre acompanhei-os. Eu nunca deixei os meus licenciandos sozinhos lá na escola; eu achava que era largá-los na cova do leão sozinhos, porque os alunos lá sabiam que eles não eram professores, o professor sabia que eles não eram professores, e por isso quem impunha respeito lá era eu. Eu conversava com os professores antes, para preparar os meus alunos; eles preparavam um capítulo de dados da escola, eu escolhia dentro do programa do professor o que os meus alunos podiam dar. Então, um grupo preparava um de quinta série, outro de sexta, outro de sétima, e cada um preparava aquele tema. Eles preparavam o texto e iam lá dar aula, mas eu ficava lá na sala, porque também os meus alunos, os meus licenciandos sentiam um pouco de medo de ficar sozinhos na frente da classe, ainda mais com a professora lá, olhando para eles! Nos vinte anos que eu trabalhei, eu nunca deixei os meus alunos sozinhos! O ano que eu mais tive alunos foram cinquenta. E eu trabalhava de dia e de noite, mas nunca deixei os meus alunos sozinhos. Mas em média tinha uns vinte, trinta, nunca foram poucos!

Eu pegava o tema que o professor deu; por exemplo, ele ia dar Geografia Física Geral, de rios, e eu pegava o tema de lá. Os meus alunos preparavam uma apostila - eu tenho isso! - com mapas, distribuíam para cada aluno; nela tinham exercícios, e a gente dava uma para a professora porque aí as apostilas atualizavam os conhecimentos do professor de sala de aula. Eu me lembro de uma que teve que falar sobre cana-de-açúcar e não tinha idéia de como plantar e produzir. Aí eu falei para ir numa dessas fazendas da região, e ela descobriu que para plantar a cana, era o pedaço de cana que punha, e punha de atravessado. Então eu sempre fiz isso, eu tenho todos os que foram feitos na época!

A minha parte da aula de Didática me tomava muito tempo por causa do estágio, e eu sempre achei que estágio era desse jeito, com acompanhamento e supervisionado. E eu nunca tive tempo, mas o meu sonho, era escrever um livro. Eu sinto nunca ter conseguido;

eu tentei com algumas alunas, das que saíram, fazer um livro didático, como que eu imaginava, mas eu nunca consegui reunir um grupo pra isso! Mesmo porque eu também já estava na percepção, correndo, viajando - eu viajava muito, ia muito em congressos, dava muito cursos fora - mas agora estou me realizando...

Na época eu até dava uma aula sobre estudo dirigido, mas não trabalhei com estudo dirigido. Eu fazia na prática com eles, dava um texto só para eles terem idéia do que era ensino dirigido. Eu dava uma aula, como uma aula prática; dava um texto, arrumava os grupos, e eu ia dando a parte de sistematização.

Na passagem da Didática para a Prática de Ensino eu continuei fazendo a mesma coisa, não mudei de jeito nenhum, porque o meu conceito de didática era a prática. É claro, eu dava um pouquinho de teoria para eles, a gente discutia, e enquanto eu ia dando as aulas da prática, eu dava um pouco de teoria da didática. Então, eu não sentia diferença. Talvez eu sentiria agora, com a carga horária, já que agora ela está mudando. Por isso eu acho que agora teria que fazer uma remodelação, porque eu dava aula o ano inteiro, e não sei como faria para preparar os temas e a contagem de horas/aula.

Nas aulas dos estágios os meus alunos davam um tema, cada um dava um, mas todos preparavam. Vamos dizer se o grupo dava 4 ou 5 temas, todos os alunos preparavam, todos iam lá em todos os dias de aula, e cada um dava uma aula. Então, por exemplo, um dava apresentação, um dava isso, etc, e depois nós dávamos o trabalho com os alunos. Agora, com a mudança curricular do ensino superior, as iniciativas mudaram, mas eu não sei exatamente o que mudou e para que foi! Isso, sinceramente, eu não sei. Eu nunca separei a prática do estágio, mas se tivesse que separar, acho que daria para separar...

Depois de formada em Geografia, (...) depois de 62 é que comecei a estudar a parte da Nova Educação

Eu não me recordo da vinda do Piaget ao Brasil. Quando ele veio eu acho que nem tava ligada à geografia. Em 1950 eu estava na Geografia, estava saindo, ou pode ser que até estivesse na Enfermagem, mas não na Geografia. Mas é que não me disse nada o Piaget na época.

Depois de formada em Geografia, depois de dando aula, quando eu vim aqui para Rio Claro depois de 62 é que comecei a estudar a parte da Nova Educação. Comecei ler livros de Educação, do Horkheimer, do Bertrand Russel; aí que eu entrei em contacto com essa literatura e junto com o Piaget. Porque a Maria da Penha Villalobos já estava

preparando o Doutorado dela sobre o Piaget. Então aí que eu entrei em contato e comecei a ler o Piaget e como tinha o problema do espaço e nós também na época já estávamos discutindo que a Geografia estudava o espaço, não era simplesmente a descrição, então foi aí que eu entrei. Foi depois de 62 meu primeiro contato com a obra do Piaget.

O que mais marcou nesse primeiro contato foi porque ele se preocupava com o espaço, com o espaço das crianças, e aí também que eu vi a primeira vez a palavra de dizer construção do espaço pela criança; aí acendeu a lamparina, que de fato os alunos da primeira, do fundamental, agora do ensino médio, eles estavam construindo o espaço deles. E aí que eu fui também, junto com isso, eu fui ver o que era espaço.

Então fui para a matemática a partir também já da matemática porque o Piaget também trabalhava com o espaço da matemática. E quando eu dizia no grupo de professores aqui da pedagogia que eu trabalhava com espaço geográfico, ninguém sabia o que era espaço geográfico. Porque para eles só existia o espaço matemático e o espaço físico, mas o espaço geográfico, o que era? O que era a geografia? Então também comecei a me perguntar o que era geografia? E todos me tiravam sarro, porque o que é geografia, o que é?

Aí que eu vi que eu não podia mais dar aquela resposta da descrição da geografia. Eu também fui reler o Sorre, reler o Demartone, o Vidal de La Blache, que na verdade, nós é que líamos como se fosse uma simples descrição, mas mesmo esses geógrafos mais antigos, eles não ficavam presos à descrição; nós aqui no Brasil é que dizíamos isso. Então quando eu comecei a ler as minhas leituras e claro, junto com o do Piaget, eu fui encontrando respostas no Piaget, e junto, a parte da educação, que também já tinha passado que não era só psicologia, não era só pedagogia, que a criança também tinha um desenvolvimento mental. Então aí toda a década de 60 e começo de 70 lendo, lendo, lendo as coisas do Piaget.

Eu conheço a obra da Amélia Domingues de Castro porque a dona Amélia foi minha professora na USP, e eu tinha muita ligação com ela. Tanto é que ela foi da minha banca de Livre Docência. Eu trabalhei, conversei muito com ela, porque agora eu acho que é mais fácil fazer uma Livre Docência, porque já tem muita gente com o título. Mas naquela época eram pouquíssimas, então eu tinha muito medo se o que eu estava fazendo daria uma Livre Docência; é sempre essa a preocupação... Porque a gente, no Doutorado, você tem um orientador, e ali eu não tinha um orientador. Então eu discuti muito com ela e ela diz que sim, que eu consegui, porque apesar da dona Amélia ter vindo da Geografia, o Doutorado dela foi em História.

A dona Amélia é formada em Geografia e História, por isso o Doutorado dela é Didática de História, por isso que o meu foi o primeiro em Geografia.

Datas exatamente eu já não sei, mas eu estava cursando, freqüentando o curso de Geografia e História quando veio a separação, porque achavam que não podia mais continuar, faltavam disciplinas para História, faltavam disciplinas para Geografia, não havia tempo na grade curricular e aí separaram. Então, quem estava no momento podia escolher ir para a Geografia, terminar Geografia, ou terminar para História, ou terminar Geografia e História. Eu continuei na Geografia e História; eu tinha entrado então na licenciatura em Geografia e História.

Minha Livre Docência foi em 1977. A Dona Amélia já tinha feito a dela. Ela fez um trabalho muito bom. O Doutorado dela também não tinha grandes coisas porque ninguém sabia direito como pesquisar em educação. Agora, a Livre Docência dela já é uma grande contribuição para o ensino geral, e para nós da geografia estava bom, casava tudo o que nos interessava. E a Zélia Chiarottino foi o livro dela que a gente começou a ler. Aí também como eu procurei em São Paulo, ela já estava dando aula na psicologia, e ela também continuava trabalhando porque ela tinha estado na França, ela trabalho com Granger⁴³. É, acho que o Doutorado foi orientado pelo Granger; foi aí que eu entrei em contato com a Zélia.

Percepção, Cognição

Percepção não é separada do meio ambiente, porque quando eu trabalhava com o espaço baseado no Piaget, eu tive que trabalhar com a percepção. Então eu li toda a parte de percepção, de inteligência do Piaget, os livros e tudo. E aí que para minha definição, e que eu uso, porque muita gente usa agora outras definições para percepção, a percepção é atribuição de significados; a gente vê tudo, ouve tudo, pega em tudo. É através dos sentidos, mas você tem que, ao selecionar o que lhe interessa, é aquilo que atribui significado. E também aí que chegamos à conclusão, fazendo parte daquele grupo em Araraquara - tivemos vários encontros, eu não me lembro o nome - que nós vimos com o Battro⁴⁴, que vinha da Argentina e dava tudo. Aí que nós chegamos à conclusão, como Battro também falou que nós não trabalhávamos exatamente com a percepção, mas com a cognição.

43 Granger trabalhava com Piaget na França

44 Antonio Battro, especialista em Piaget; trabalhou com Piaget na França.

Também quando tinha um dos professores que vinha de Ribeirão Preto, ele é psicólogo, era do nosso grupo, fez Mestrado, fez Doutorado - até fui fazer parte da Banca que era de titular dele. Como tinham poucos titulares ele pediu que eu fosse. Aí que também, discutindo, a gente viu que na verdade, nós não fazemos percepção do meio ambiente, nós fazemos cognição do meio ambiente, é o conhecimento que nós temos. Então, agora é que nós estamos passando para o outro lado, mas o título ficou percepção do meio ambiente. Agora nos últimos orientandos nós temos acrescentado no título percepção e cognição porque a percepção em psicologia é o aqui e agora, e é um trabalho de laboratório, você, para fazer todos os experimentos em psicologia visual, você fica parada vendo as coisas, todos aqueles testes. Mas não é isso que nós fazemos. E também quando o Piaget reconhece que entre a percepção e a inteligência, a cognição ele coloca uma atividade perceptiva, na verdade nós trabalhamos com as atividades perceptivas.

A cognição é mais atividade perceptiva, está mais perto porque ele coloca que é um contínuo. Então a cognição está mais, vamos dizer, no final e a percepção no começo da atividade perceptiva.

E também com a percepção eu tive que ver e rever, entender toda essa fase, destrinchar todo esse conhecimento do Piaget, dos livros dele. Nessa época nós estávamos começando a fazer os primeiros estudos, as primeiras pesquisas aqui; aí quando fui - agora não me lembro exatamente, acho que foi depois que fiz a Livre Docência que teve um Encontro de percepção do meio ambiente lá na Nigéria que era da UGI - aí que conversamos, eles também não se incomodavam em dizer que não estavam preocupados com a base psicológica que eles estavam trabalhando. Para eles isso era nada, eles queriam, na verdade, atitudes das pessoas diante da paisagem, diante do meio ambiente. Mas o nome ficou percepção do meio ambiente, também naquela época deveria ter-se atitude, mas... Aí depois que veio o livro do Tuan.

E a Geografia da Percepção começaram a falar, nós mesmos começamos a falar. Depois eu vi que não era, porque a geografia da percepção é comportamental, a psicologia é Skinneriana, por isso que nós falamos percepção do meio ambiente, ou percepção geográfica, mas não geografia da percepção. Porque a geografia da percepção é um tipo de pesquisa, eles nem falam como campo, é um tipo de pesquisa encomendada, em geral, pelos legisladores, os deputados, para o mercado. Por exemplo, querem implantar um supermercado, uma loja num lugar, então aí que faz a percepção; é uma geografia da percepção porque eles usam um mapa e distribuem o que lhes estão interessando. Mas nós

nunca trabalhamos nisso. É válido, tem muita gente que ganha a vida fazendo isso, mas nós aqui nunca fizemos isso.

Mas são coisas que entram e a gente não consegue tirar. Mas mesmo no começo eu também não falava Geografia Humanista, foi depois que a gente foi vendo que existia, que o Tuan já estava falando assim, e o Claval no grupo francês chamava de Geografia Cultural, mas é a mesma Geografia Cultural, só que no inglês, no americano, nos ingleses, é Geografia Humanista.

Na Geografia ninguém estava preocupado com a Escola Nova (...), pelo menos lá na USP ninguém falava

Na época da transição da escola para Escola Nova eu não trabalhava com educação, eu era Enfermeira nessa época. Eu vim ler Dewey, eu vim ler Anísio Teixeira quando entrei aqui em 62. Então eu entrei em contato com a Escola Nova, vamos dizer, ela já tinha acontecido aqui.

Então, quando eu entrei na Geografia foi em 53 eu não estava interessada em educação, eu estava interessada em Geografia, eu estava saindo da Enfermagem, passando por Geografia. E na Geografia, não se falava, ninguém estava preocupado com Escola Nova, nem com nada, pelo menos lá na USP ninguém falava; talvez na pedagogia falasse, mas cada curso apesar do prédio ser o mesmo, cada um estudava o seu.

Quando eu comecei a dar aula, aí que eu comecei a fazer indagações, como o que acontece, como que os meus alunos aprendem, como que eu posso afirmar que eles aprenderam, como que eu devo chegar até eles, a Geografia. Mas quando eu cheguei aqui em 62 para dar Prática de Ensino é que eu comecei a ler Dewey, e todos eles. Li Kilpatrick, todos, todos, todos a partir daqui. Só quando eu cheguei aqui que eu ouvi falar em Piaget.

Eu fiz isto intuitivamente

Com relação aos trabalhos de campo eu fazia por mim. Eu considerava, porque eu nunca ouvi falar, nunca tinha ouvido falar o nome do Estudo do Meio, porque eu só ouvi Estudo do Meio quando cheguei aqui que conheci o Colégio Vocacional, mas antes disso não. Eu fiz isto intuitivamente, e com quem eu falava muito era com o Aziz, ele que me dizia: “Você está lá numa região como é lá no litoral sul - eu estava em Pedro de Toledo – é um riquíssimo lugar pra você levar os alunos seus pra entrar, pra você conhecer”.

Então, eu no fim de semana saía com os alunos; nós entrávamos por trilha, e mostrando, eles vendo a rocha, que tipo de rocha que era, a parte de vegetação; o tempo todo eles marcavam horas que choviam, isso na escola mesmo, em casa, o dia que chovia. Então nós fazíamos gráficos. Então, isso tudo o que eu fazia era intuitivamente. Por exemplo, tinha um rio lá perto, eu dava aula de rio lá dentro do rio pra eles aprenderem. Então não esquece o que é margem, o que é talvegue, todas essas coisas. E de cidade também, eles faziam a planta da cidade, localizavam. E também eu trabalhava muito com a professora de desenho, ela ajudava muito, os croquis que eles faziam, e a de português para corrigir o português. Então, eu fazia isso daí; eu trabalhei seis anos lá em Pedro de Toledo, mas era intuitivamente, porque eu considero que se o professor, mesmo que ele não tenha grandes leituras, ele colocado diante dos alunos e se ele tiver bom senso para ensinar ele consegue descobrir as coisas com os alunos.

Quanto à didática no ensino da Geografia não sei o que se quer dizer com “propunha como didática”. Também era uma outra parte que nós não sabíamos direito o que era Didática. Aí que eu fui ler o que era Didática, o que era pedagogia. E também, para os meus alunos - você vê que as primeiras turmas que eu dei aula foi pedido pelo Departamento - eu fazia um pequeno histórico da Geografia, dava para eles e dava um pouco das Escolas portugue..., inglesa, americana, francesa, alemã. Dava um pouco dessa visão e depois eu dava leituras para eles. Então eu procurei tirar. Eles começaram a ler Anísio Teixeira, Kilpatrick. Então eles começaram a ler para saber o que tinha que ensinar, mas eu passei aí para a prática. Então eu já começava a preparar para fazer os estágios com eles, para eles entrarem em contato com os alunos no secundário, no ginásio. Mas a Didática, se você me perguntar que Didática eu usava, eu não posso dizer para você que eu sei, como agora.

E como eram relativamente poucos alunos, nós nos reuníamos... Eu também já comecei a usar uma mesa redonda, fazendo em grupos, isso eu usava. Depois até o Carlos Augusto gostou muito dos grupos. Aí ele também começou a fazer grupos; ele dava trabalho e mandava que cada um fizesse um grupo, porque todo mundo dava aquela aula magna, lá na frente dando aula. E eu, desde o começo, comecei dando aula, não assim expositiva, expositiva, de discussões, de usar grupos.

Nessa época, no Brasil, não havia algo produzido sobre Didática da Geografia. Eram os traduzidos, porque para mandar... Não ia dar o Dewey pra eles lerem em inglês! Eu preparava alguns textos, já conversava com a Maria da Penha, ela já dava algumas

leituras e aí apareceu, logo no começo, o livro do Aebli⁴⁵ traduzido, primeiro em espanhol. Então esse já começamos a ler, aí eu dava...

O livro se chamava Prática de Ensino, é, Prática de Ensino! E aí o Aebli dava umas técnicas, umas práticas, e eu usava aquelas práticas que ele dava. Por exemplo, na parte de geografia que ele dizia que a geografia devia usar o contraste. Então eles preparavam aula para mostrar isto e aquilo, para fazer a comparação através do contraste; não dá tudo igual porque não era tudo homogêneo. Então eu usei muito o Aebli.

Os documentos que eu dei para vocês eram as aulas que os alunos da graduação davam. Eram textos que eles levavam, não é relatório. Eles preparavam o material didático, mas eu nunca deixei os meus licenciandos irem sozinhos na escola, eu ia junto; a professora deixava a classe pra gente, mas eles chegavam lá, organizavam os alunos em grupos, distribuíam, falavam, davam aula; davam uma parte expositiva, uma parte de trabalho. Mas aquilo não são relatórios.

Quem elaborava os textos era eu com os alunos, porque eu considerava que a Didática da Geografia não adiantava ficar dando aula, aula, aula. Eles tinham que passar da geografia científica pra geografia escolar. Era isso que eu queria. Então muitos ali não sabiam o que tinham que falar, e eu sempre junto com eles, trabalhávamos com os grupos. Eles ficavam em grupos, pegávamos os temas, as classes lá no Ribeiro, depois fomos aqui no Batista Leme. Então pegávamos os textos e os temas lá da professora, nós não levávamos uma coisa fora pra ensinar, de dentro do tema. Então por exemplo, ela ia dar agricultura do Brasil; ela dava o tema e nós organizávamos aqueles textos, e os alunos iam lá dar, e depois também faziam a avaliação, porque nesse ponto sou bem piagetiana, como ele diz: se você não avaliar o que você ensinou, não adianta nada, você não sabe.

Os alunos iam observar aula. No começo eu solicitava várias vezes que eles fossem. Aí depois os próprios alunos licenciandos disseram que as aulas eram do mesmo jeito. Eram todas tradicionais e que o professor ficava meio inibido com o aluno sentado lá atrás. Então eu acabei, porque eu acho que não adianta ir lá pra se indispor com o professor que é o dono da classe... E muitas vezes eles vinham fazendo críticas pesadas e o que eu dizia, ainda me lembro até hoje: “Ela fica lá repetindo, repetindo...” e eu falei: “Eu quero ver você daqui há 20 anos, você com filho, com marido, com tudo, tendo que trabalhar 40 horas, um diretor ‘chato de argola’ e tudo”... Ainda argola eu falaria para os alunos, porque naquela época os alunos eram normais. Então, como que você vai criticar? Ele tá fazendo o

45 Hans Aebli, autor do livro ‘Didática Psicológica’.

que ele pode, e nós dávamos muito material para as professoras quando nós íamos! Porque tinha uma das professoras do Ribeiro que ela tinha formado em Campinas... Quer dizer que nunca mais faziam...Agora que estão fazendo esses ensinios, porque antes não, professor formava, fazia o Concurso, entrava, nunca mais ouvia falar nada.

...E eu consegui afastamento pra ir pra Europa...

O Ano Santo eu fui em 1950, eu era geógrafa ainda. O Ano Santo foi... Porque na Igreja Católica, de 50 em 50 anos tem o Jubileu que a Igreja faz essa... , como teve agora no ano 2000, também teve o Ano Santo. E eu consegui afastamento para ir para a Europa porque davam para os funcionários públicos. Eu lutei de cá, lutei de lá e consegui. Fiquei dois meses na Europa.

Isto me ajudou muito depois na geografia, eu fui como geógrafa, mas sempre fui muito curiosa, sempre gostei, tomava nota de tudo. Quando eu fui fazer o vestibular eu não tive quase dificuldade, porque o que eles estavam falando, principalmente a parte de história, tudo o que eles estavam falando eu tinha vivido aquilo.

Eu entrei na Geografia em 54. Na época eu era Enfermeira. Mas depois em 1960 eu voltei de novo à Europa com mais tempo. Aí eu fui, era o Congresso Eucarístico, também eu consegui de novo – aí eu era professora secundária - e consegui dois meses de novo de licença. Eu aproveitei muito mais em 60, porque aí eu já tinha formado em Geografia. Então foi aquela beleza mesmo. Depois outras vezes eu voltei para a Europa, mas para Congresso, mais rápido. Mas foram duas vezes, em 1950, em 1960 eu fiquei dois meses.

Quanto à mania de entrar em livraria e ficar caçando livro eu fiz um pouco disso, não muito. Na primeira vez não, e uma segunda vez eu não fiz muito não! Eu achava que era perder muito o tempo que eu tinha; eu preferia, por exemplo, se eu estava em Roma, se eu estava em Paris, ir na periferia, pegar o metrô chegar até o final, do que ficar... Porque na biblioteca, nas livrarias a gente manda buscar daqui, e agora então com a Internet. Mas naquela época não tinha.

Mas nos Estados Unidos eu fui muito em livraria porque eu fiquei lá muito mais tempo, fiquei na casa de uma amiga. Então eu tinha tempo, eu precisava encher o tempo, aí eu enchia nas livrarias, nas bibliotecas. Aí frequentei muito biblioteca, muita livraria, mas nos Estados Unidos, na Europa não muito.

Eu fui da JUC na época que eu estava de Enfermeira, na Enfermagem. Era o auge do marxismo, e era para nós sermos preparados, para nós podermos enfrentar o que tinha aceitação ou não aceitação do marxismo.

Não tinha ligação com a Teologia da Libertação. Nem sabia o que era isso em 1940, 46, 47, 48. Depois acabou, tinha Juventude..., JEC, tinham vários assim. Depois isso acabou na Igreja Católica, esses encontros. Nós nos reuníamos com teólogos, advogados que nos preparavam, que nos davam conhecimento pra gente não... Nessa época eu li O Capital, li todo o Marx.

Eu estava na Enfermagem, não foi aqui na geografia. E era para nós podermos, o que tinha de bom, aceitar, e o que não tinha, pra não aceitar, porque não ia dar certo, aquelas coisas. Então isso que é Juventude Universitária Católica.

O objetivo da JUC só a parte teológica, não era social e nem política. Não era um movimento pra fazer alguma reforma. Era pra dar conhecimento das novas... ,as novas... ,enfim, as novas doutrinas, as ideologias...Nem usava a palavra ideologia, não existia essa palavra ideologia. É que vocês já tão acostumados com o jargão de agora, e no final de 1940, em 1950 era outro o linguajar da gente.

Eu não saí da JUC. É que terminou. Eu me formei na Enfermagem, aí era só juventude, era só profissional, já não pertencia... Aí eu saí.

Em 62 quando eu vim pra Rio Claro já não tinha mais JUC. Eu acho que em cinquenta e pouco, cinquenta e cinco, cinquenta e seis, já não tinha mais. Aí também já estava, como se diria, a situação política já era diferente aqui no Brasil!

Essas viagens não tinham ligação com a JUC não. Apesar de que eu fui no Ano Santo, fui no Eucarístico, e ainda fui por minha conta visitando as coisa que eu queria. Nunca viajei para fazer peregrinação não. Nós fomos em todas as Igrejas que queríamos ir, mas não junto assim.

Não acho que a Igreja, preocupada com as conseqüências da guerra da década de 40, promoveu esse tipo de movimento. Porque você vê, a guerra tá acabando em 1945. Então a gente já tinha, já existia.

Era mesmo para dar um preparo para o universitário poder conhecer as doutrinas que se ensinava, na verdade, na universidade. Não, não era do pós-guerra não.

O marxismo também foi proibido na década de 60. Mas também em 45 ele era aberto, as pessoas eram marxistas, a gente tem amigos daquela época, tudo mais. Cada um de nós discutia, mas nunca brigamos, nunca ofendemos ninguém. Nós nos encontrávamos

em reuniões, em tudo, principalmente na parte de vôlei, de natação que a gente ía muito, na Medicina que tinha esses esportes.

Esses encontros serviram também para as pessoas se conhecerem, pra se confraternizar.

Essas viagens que eu fiz não eram comuns para todos que freqüentavam a Universidade. Era eu que, como eu sempre dizia, desde menininha, que eu ia comer pão e banana, mas eu ia conhecer Paris. Essa mentalidade minha foi sempre comigo! Todo o meu dinheiro, eu guardava dólar pra poder viajar. E vou contar a você, nenhuma das minhas viagens - nem antes nem depois - a faculdade me deu um tostão. Sempre viajei com meu dinheiro, nunca pedi pra ninguém. O dinheiro foi sempre meu; eu não sou rica, mas também não tinha casa, não tinha nada, nunca fiz conta de roupa nem de nada, mas eu viajava! Isso eu sempre fiz, viajar. Sempre desejei viajar.

Quem me financiava era a Livia de Oliveira. Enquanto minha mãe foi viva ela me ajudava com dinheiro, mas depois que ela morreu... ,aí eu fiquei com a pensão...

Mas mesmo depois quando apareceu essas Capes, essas coisas, eu nunca pedi, eu sempre fui muito independente, eu não sei obedecer ninguém. E eu via, por exemplo, os mesmos colegas aqui do Departamento, preparavam tudo, eu vejo, preparam tudo e a passagem não vem. A passagem chega na hora e você têm que pegar correndo o avião que já tá saindo. Eu não, minhas viagens sempre foram planejadas.

Já fui pra Rússia, mas não vou mais, é muito longe. Então, por exemplo, para o Japão, eu já fui. Mesmo todos esses Congressos internacionais, sempre foram com o meu dinheiro.

Para Minnesota eu fui fazer um estudo, aí foi Bolsa porque era Enfermagem. Aí sim, eu fiquei lá um ano e meio, mas era um estudo. Estava fazendo um curso de especialização, aí foi com Bolsa.

A fluência do inglês vem dessa época. Mas tive que aprender antes, fazer um exame na União Cultural, ser aprovada. Chegamos lá e ainda ficamos um mês só falando inglês pra depois ir pra Universidade.

Eu não tenho fluência em francês. Quem eu falei foi minha mãe, minha mãe que teve fluência em francês. Eu acabei nunca estudando francês, só aprendi na escola. Eu leio, entendo um pouco, mas não falo francês.

... ele queria mais para a frente, ele queria pesquisa

Doutor João Dias da Silveira que começou, que fundou aqui a Faculdade de Filosofia, instalou um Departamento de Geografia. E o Doutor João queria um Departamento de Geografia diferente do da USP; ele queria mais para a frente, ele queria pesquisa, ele achava que tinha que ter pesquisa. Por isso ele foi buscar o Carlos Augusto, foi buscar a Elza. Aí trouxe o de cartografia, começou já com a Aerofotogrametria, porque ele tinha estado na Europa e já viu que era utilizado.

Doutor João foi o primeiro geógrafo a defender Doutorado. E todo nome daqui é porque ele era da Geografia. E aí também já existia ônibus pra nós fazermos excursões, pra fazer trabalho de campo. A USP não tinha isso viu! Para pegar um ônibus para a gente sair quando era estudante, era uma dificuldade.

Então essa nova visão era daqui de Rio Claro. E como não eram, não tinham vindo da USP - a não ser o Penteado que era de geografia aqui do Brasil, a Cecília França⁴⁶ que depois já foi embora - eram de fora; e o Carlos Augusto já começou com aquela parte mesmo, a geomorfologia dele que era muito viva, com desenhos, com croqui e a parte da Climatologia, e a Elza que já trabalhava com a parte de Agrária.

Então, desde o primeiro dia os alunos já começavam sair para o campo para fazer trabalho, já fazer pesquisa, e eles já começaram a pedir auxílios de Bolsa, de tudo. Não é que na USP não tinha; tinha, mas era para um ou para outro; agora aqui não, eram vários que tinham; o Carlos Augusto fez uma equipe de trabalho, 5, 6 alunos trabalhando.

Muita gente falava que existia uma certa rivalidade entre USP e a Faculdade de Filosofia de Rio Claro. Mas eu, como era uspiana, porque eu fui formada lá, eu sempre fui muito amiga do Araújo, do Aziz, de todos eles. Eu nunca tive, eu ia lá..., mas a turma daqui achava que falava.

Eu não posso dizer isso, eu não posso dizer. É como agora falam de Rio Claro com Presidente Prudente; se eu chegar lá em Presidente Prudente, eu sou muito bem recebida, nunca tive problema. Agora, talvez seja até pessoal. Eu nunca tive dificuldade, não de impor, de me aceitarem. Eu sou assim, eu faço as coisas. Agora, também nunca jogo na cara do outro que eu sei que ele não sabe; se você fizer isso ninguém vai gostar! Então, falavam que tinha. O que tinha era isso.

Porque quando nós saíamos para um Congresso, era maior o número de alunos nossos que apresentavam trabalhos, porque lá não tinha essa tradição da USP. Depois é que

⁴⁶ Professora Maria Cecília França, indicada como Assistente. Os professores responsáveis pelas Cadeiras indicavam, quando julgavam necessário, professores que seriam Assistentes. Os Assistentes tinham a incumbência de instalar laboratórios e gabinetes. (BUSCHINELLI, 1988)

começou a também o professor..., porque os professores lá eram catedráticos, para mim a diferença toda era essa. Eles eram catedráticos.

O que significa isso? A cátedra, o que é a cátedra? A cátedra - até me lembro sempre que o Doutor Eurípides que dizia - ele vinha para dar aula de História, ele vinha com uma coisinha, um móvelzinho, e ele punha ali. Aquilo é a cátedra. Então você se coloca numa situação acima do aluno, o aluno fica lá embaixo e o professor...

Então a cátedra foi isso também, uma das Reformas Universitárias; foi contra a cátedra, e quem escolhia o assistente era o catedrático, não havia concurso, não havia seleção, o catedrático escolhia fulano, beltrano para ser os assistentes dele. É de formação européia.

Aí, quando chegou aqui, o Carlos Augusto não se sentia catedrático; primeiro que ele nem era doutor, lá todos eram doutores, todos eram catedráticos! O Carlos Augusto não era, nem a Elza.

Então havia ali o nosso... A nossa sala... , era muito mais fácil de entrar junto com professor e o aluno. Havia um entrosamento, umas discussões. Agora na USP também é assim, mas na época dos catedráticos não era. E com isto nós íamos, o grupo todo, apresentando trabalho, em todas as seções. Os alunos, também os daqui, quando iam lá chegavam superiores aos da USP para se impor, mas isso depois passou.

Aí, quando veio a pós-graduação também, eles achavam que nós não tínhamos como ser... Como que nós ousávamos implantar um Doutorado numa cidade do interior! O problema todo era o interior, a província como eu dizia, a província. Lá é o centro, a metrópole, aqui era província.

Porque os catedráticos em geral não aceitavam que tivesse outro curso de geografia, de que tivesse outro de nível universitário no interior. Quer dizer, a parte universitária pertencia à metrópole, à capital. Depois a própria USP abriu o curso; me lembro quando abriu o curso de medicina de Ribeirão Preto, o Zeferino Vaz⁴⁷ só faltaram comê-lo, porque onde já se viu uma faculdade de medicina no interior! Aí ele respondia: “não é no interior, é em Ribeirão Preto, cidade rica!”. Então era essa a resposta que ele dava. E depois começou com aqui de São Carlos, que também é USP. Então agora já não tem mais isso!

Quando foi criada a UNESP na década de 70 a situação mudou. Aí já tinha aparecido outra Universidade Estadual no interior. A UNICAMP é antes da UNESP. Então nós já éramos a terceira. Agora, o que nós sentíamos, e sentimos até hoje, é que nós nos

47 Zeferino Vaz, o primeiro reitor da UNICAMP.

sentíamos muito bem – ainda que somos unespianos - porque somos muito fragmentados. Não tem um elo que ligue as Faculdades. Isso falta na nossa Universidade de Unesp. Está acontecendo lá dentro e a gente não sabe. Agora, por exemplo, na USP não; o que está acontecendo na Geografia está ali acontecendo na Geografia, mas o nosso não.

Então, eu acho que por isso é que ainda falta este sentimento universitário, por ser do interior e por ser todo... Porque na época, antes de juntar como Universidade da Unesp, nós pretendíamos grupos de Universidades! Nós iríamos unir com Araraquara, faria assim um grupo, seria de centro, Universidade do centro. O grupo mais antigo não concordava com isto, de toda essa extensão geográfica do estado de São Paulo, de fazer do sul, do norte, do centro. E acabou, era politicamente pra sair, só podia sair desse jeito e saiu.

Quando o Doutor João veio pra cá ele era formado, ele era catedrático lá da USP; deram uma licença pra ele, um afastamento, e ele veio aqui como diretor para instalar os cursos. Eram Institutos Isolados, se chamavam Institutos Isolados; nós éramos comandados pelo Conselho Estadual de Educação.

E era uma política do governo; foi do Jânio Quadros a idéia de trazer a Universidade para o interior. E depois o Carvalho Pinto continuou com esta política de trazer..., que a Universidade... Porque também se você levar em conta, o Estado de São Paulo, as cidades já estavam florescendo com as estradas, com o agronegócio, com as indústrias; a indústria já estava saindo de São Paulo para o interior. Então, o interior de São Paulo já começava marcando a posição dentro do Brasil. Aí, junto com isso, tem os Institutos Isolados, mas o Doutor João não tem nada a ver com UNESP, ele nem sonhava em formar a UNESP.

Mas estou às ordens, qualquer coisa.

APÊNDICE B

AS ENTREVISTAS TRANSCRITAS

TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA LÍVIA DE OLIVEIRA.

Entrevista realizada com a professora Lívia de Oliveira, na sala de reunião da Pós-Graduação do prédio da rua dez da UNESP, às nove horas da manhã do dia treze de abril de 2005. Bom, professora, nós estamos aqui pra fazer a entrevista com a senhora, é..., principalmente para preservar a memória da senhora naquilo que não está escrito nos documentos. A senhora como uma professora muito importante aqui, hã..., pra poder preservar a memória da senhora em coisas que... em documentos onde não estão escritas toda a sua trajetória de vida etc. Ah, então... eu queria... só... me apresentar, meu nome é Geórgia, eu estou começando o mestrado agora com a professora Rosângela, juntamente com o professor João também, e... agora eu vou então começar a entrevista e... qualquer intervenção que... necessária, tudo bem. Ah... posso começar?

Professora Lívia - Pode, pode começar.

- Tá, então eu queria primeiro deixar a senhora à vontade pra falar tudo que a senhora quiser. A primeira pergunta então: onde a senhora nasceu e quantos irmãos a senhora tem?

Professora Lívia - Eu nasci em Mairinque, uma peq..., na época quando eu nasci não era cidade, era um Distrito pertencente à São Roque, ao município de São Roque. Eu tenho..., tive cinco irmãos, podia dizer seis, porque o primeiro nasceu vivo mas morreu em alguns dias, e depois os outros irmãos são... nós... Minha mãe punha, naquela época, os nomes eram todos na mesma... começava com a mesma letra. Então primeiro se chamava... se chamou Cid, mas como morreu, minha mãe mudou a letra, e começou com a letra L. Então, veio primeiro a Laís, depois o Laércio, a LiseiKa, depois eu – Lívia – e o mais novo, Laerte. Então nós somos... éramos, três mulheres e dois homens, porque desses, já morreu a minha irmã Laís e o meu irmão Laércio.

- O que faziam os pais da senhora? A profissão deles?

Professora Lívia - Eu não... você..., fale bem porque eu não escuto o que você fala... eu sou surda!

- A profissão dos seus pais, o que seus pais faziam?

Professora Lívia - Minha mãe era professora primária, só que eu tenho que fazer um destaque que naquela época, uma professora primária, formada pela escola, hã..., da Caetano de Campos, era como uma Faculdade. Minha mãe estudou em São Paulo, formada em 1910, e... ela... por isso que eu digo que era como uma Faculdade, porque a letr..., as pa..., os livros que ela estudou, por exemplo o Álgebra, que depois eu dei pro meu sobrinho, era uma álgebra de Faculdade, ela estudava, viu?! Ela aprendeu francês na escola, falava francês correntemente, então não era..., não era uma esc..., não era uma normalista como de hoje, viu?! Ela na verdade, ela era como uma escola superior. Meu pai era agricultor, vinha de..., de, de... trabalhos de fazenda de..., no início de cana, depois de..., ah... policultura, então meu pai trabalhava na... na terra.

- Tá. Sobre a... sua vida então... e quando e onde a senhora fez o curso primário?

Professora Lívia - Não escuto o que você fala. Por favor, eu tô explicando pra você que eu tô surda. Você fala pra baixo, fala pra dentro. Você não é uma professora, porque o professor fala pra fora, não pra dentro.

- Então quando e onde a senhora fez o curso primário?

Professora Livia - Eu fiz em Mairinque. Então eu entrei... minha mãe, como era professora, primária, ela ensina sempre a primeira série... naquele tempo era primeiro ano. E eu, muito levada, minha avó já com muita idade, a mamãe levava a gente pra escola. Então, com 4, 5 anos eu já fui pra escola e ficava sentada, quieta lá no canto, porque ela tinha que dar aula e eu não podia ficar lá, mas um filh... mais um neto lá pra minha avó cuidar.

- E como era essa escola?

Professora Livia - Então, a escola era, e... a escola daquela época, você vê, eu entrei em 1934, 35, é porque eu tinha... sou de 1927... é de 34, 35. A escola era um..., um..., chamava-se Grupo Escolar, havia uma se... um ano para cada série, o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto. As professoras eram daquela série, elas repetiam, sempre davam aula praquela série, ela dava no primeiro ano, minha mãe no primeiro ano, a outra no segundo, do terceiro e do quarto. As classes eram enormes, sessenta alunos, a gente sentava na bi... na carteira sentava dois de cada um, quando enchia muito a classe, minha mãe punha de três, vocês podem imaginar o problema da..., da disciplina, três crianças sentadas juntas. Tinha um quadro negro, havia muitas... hã... cartazes e..., e minha mãe desde o início, ela... dava um lápis pras crianças ah..., é..., escreverem. E pela maneira como escrevia, ela via se ia ser capaz de ser alfabetizado ou não. Então ela pela maneira que pegava o..., o..., ela... o que na verdade ela tava vendo a coordenação motora da criança, porque ela teve na..., na época, tinha muito pouca psicologia e pedagogia. Ela aprendeu francês, aprendeu matemática, álgebra mas não aprendeu psico..., mas ela pela prática era capaz. Ela dividia a classe em A, B e C. A, que ela achava que, naquele ano não aprenderia a..., não seria alfabetizado. O B, mais ou menos. E o C, ela achava que ela consideraria, ela... seria capaz de alfabetizar. Então a gente ficava no A, no B e no C. E ela tinha..., naquela época também não tinha essa pressão do professor de apre..., de..., de passar os alunos, porque ela num..., ela numa ia sair de Mairinque nunca, então ela não precisava fazer carreira, fazer pontos. Então ela deixava a criança lá, o pai vinha, reclamava, que fazia um ano, dois anos que o menino tava na escola e não aprendia a ler e escrever. E a minha mãe dizia calmamente: “Tenha calma, porque ele vai aprender, em quanto tempo eu não sei, pode ser 2, 3, 4 anos, mas eu vou alfabetiza-lo”. E ela alfabetizava mesmo a criança, só que ela não tinha pressa... ficava lá fazendo cobrinha, como ela dizia, ficava lá... já ficava dentro, a pessoa já se disci..., se disci... se disciplinando. E os que eram capazes, já passavam pro primeiro ano, passavam pro segundo ano. Mas quando nós passávamos pro segundo ano, nós estávamos alfabetizados, nós líamos qualquer leitura, nós fazíamos todas as contas e nós escrevíamos com firmeza, isso minha mãe fazia questão de que a criança que ia pra..., pro segundo ano, pra colega no segundo ano, não tivesse trabalho de alfabetizar a criança. Se tivesse alguma dúvida, ela retinha no primeiro ano, pra depois, no ano seguinte, firmemente, a outra passar. Tanto é que quando a gente chegava no segundo ano ninguém tinha dúvida, no que o professor escrevia na sa... na lousa, o que nós tínhamos que ler porque nós sabíamos.

A diferença grande nossa do segundo ano, que nós começávamos a escrever com tinta, que no primeiro ano só escrevia com..., a lápis. Só que o..., a tinta não havia esferográfica, num tinha nem caneta..., é..., a tinta. Cada carteira tinha um lugarzinho pra por um copinho e, no dia que ia escrever com tinta, o servente vinha, enchia os copinhos e nós pegávamos um..., a caneta pra escrever. Então, vocês podem imaginar na primeira semana, no primeiro mês, era aquele esparramo, mas nós sabíamos escrever, o que nós não sabíamos era controlar a tinta pra por no papel. Isso passado um mês nós éramos capazes, e isto nos dava uma certa..., assim..., nos tornávamos mais adultos, mais maduros, olhando pro primeiro ano que só escrevia, usava lápis, porque nós já éramos capazes de escrever a tinta, e aí a professora começava com alguns conhecimentos de geografia, de ciências, a..., a matemática já era mais complicada, é... nós líamos muito mais o português. E no terceiro ano, nós escrevíamos a tinta como a lápis com a mesma facilidade, com a mesma... correção. E também, estudávamos mais, aprofundávamos todos os... os estudos.

E no quarto ano, era aquele finalmente, que e..., a... estudo já de uma história mais..., mais geral, uma geografia mais geral, a gente já ouvia falar e via os mapas da Europa, da..., da Ásia, da..., da..., das Américas... e eu, voltando um pouco no primeiro ano, quando você me perguntou da minha escola, eu, como eu ia com na minha mãe desde pequena, eu... aprendi a ler e escrever sozinha, porque minha mãe não me dava atenção, porque era... era só pra eu ficar quieta lá dentro, né, então eu já fui escrevendo. Aí um dia, eu tava ainda com seis anos, ainda não tava registrada na..., na escola, ela... eu

tava com..., com o jornal Estado de São Paulo, que na minha família desde o começo da formatação do..., do jornal, minha família a..., a..., assinava e nós líamos um pouco. Eu tava sentada com o jornal, o Estado de São Paulo na mão, e minha mãe perguntou: “Lívia, o que você está fazendo aí?”, eu disse: “Eu estou lendo, mamãe.”, “Lendo?”, “Sim, mamãe, tô lendo.”, “então leia pra mim.”, e eu li. E minha mãe ficou: “Como? Como?”, “Ué?! A senhora não me leva na escola todo dia? Eu aprendi a ler, mamãe.”, “E você sabe escrever?”, “Eu também sei escrever.”, então aí escrevi. Então, agora depois quando eu estudei o Piaget, é que eu vi claramente, eu não fui nada extraordinário, porque para o Piaget, o aprender a escrever é espontâneo, qualquer criança é..., é..., o que não é é a época, pode ser um pouco mais tarde, um pouco mais precoce, mas a gente aprende a ler e escrever espontaneamente, e daí, eu comecei a ler e até hoje eu nunca mais parei de ler. Leio, leio, leio, leio e eu sempre digo, eu... a única..., eu estou meia surda, mas eu podendo ver, não importa outro sentidos se eu não tenha, viu?! Eu ten..., podendo ler, eu... eu estou contente.

Ah, voltando um pouco mais na escola, da..., da minha experiência lá na..., na escola prim... antiga primária, nós não fazíamos excursões, não fazíamos visitas, não tinha vídeo, não tinha televisão, nem rádio num tinha naquela época, né?! E o que as professoras faziam conosco era..., tinha uma..., ou talvez um relacionamento muito mais íntimo com os alunos, né?! Os professores sa..., conheciam cada aluno, conheciam os pais de cada aluno, sabiam os problemas de cada aluno e..., e isto, por exemplo, e as aulas também, as matérias, eu me lembro que tanto mamãe com as professoras do terceiro e do quarto ano, havia uma disciplina que se chamava trabalhos manuais, e todos nós tínhamos que bordar, tricotar, e os meninos usavam serrinha, faziam sacolas com macramê. Então, era a..., segundo as professoras, e segundo minha mãe, era pra dar uma..., uma atividade manual pro..., pros alunos aprenderem a trabalhar com as mãos, além de..., de escrever..., de ler e escrever.

Outro aspecto que eu também me guardo, que eu acho que sinto que perdeu a escola, era o canto, viu?! Nós reuníamos todas..., dava o sinal da..., da entrada, formavam todas as séries, o..., o primeiro, segundo, terceiro ano numa fila, por tamanho, e..., primeiro os..., as meninas, depois os meninos, e cada série cantava um pouquinho um..., uma estrofezinha, sabe?! Minha..., minha jangada, do..., minha jangada de vela..., cantava..., a do sabiá, cada um cantava e depois que entrávamos pra sala. E também havia aula de canto, as professoras nos sábados, todos..., todos cantavam, eu acho que isso perdeu a escola, viu?! É um..., trabalhos manuais e a parte da música, eu acho que ela perdeu um pouco de..., de vivência que dava pras crianças.

E naquela época também, ao..., sábado era dia letivo comum, comum, né?! E nessa no sábado o que que as professoras aproveitavam: era pra higiene. Minha mãe cortava a unha de todos os moleques que na casa não deixava o pai e a mãe cortar a unha, minha mãe cortava, as professoras cortavam. Iam pra..., pra torneira com escova, escovava o..., o pé, a mão, era revistado todinho pra ver a..., a cabeça, matava piolho, matava... outros parasitas, tomava banho ali mesmo, que se não tomava em casa, tomava no sábado. No sábado todo mundo tinha que levar uma roupinha pra trocar e ficar bonitinho, depois que lavava tudo, aí vinha a aula de religião.

Naquela época também, eram poucos os não católicos, mas havia já uma tolerância, né?! Então os que não eram católicos, que a religião a..., o que se ensinar não interessava, eles saíam da sala de aula. Mas era a..., a religião, era oficial a católica e todos tinham. E depois tinham os trabalhos manuais. Então sábado era um dia... muito cheio. Também tinha brincadeiras e tudo. No final do ano, a..., havia sempre uma exposição por série, e cada um tinha que por..., por os seus trabalhos, expor seus trabalhos. Então tinha as séries do primeiro ano, segundo... e depois o encerramento do ano letivo. O ano letivo também tinha uma festa, em que toda a família ia, a gente representava. Minha mãe conta que ainda antes da minha época, de 1934,35, logo 1920, 21, ela conta que os exames na escola primária, eram a..., cond..., conduzidos pelos promotores e pelos juízes. Então havia uma banca para examinar o..., os alunos, então não era..., não era a professora que..., que..., que aprovava de ano. Então já na minha época já não tinha, não era assim, era só a professora, o diretor também era nomeado, era..., era escolhido, e..., e dep..., perdeu essa a..., como se dizia, essa... sei lá dizer pra vocês... de ter as pessoa de fora que faziam a..., a prova, né?! E, também, na época a escola, em Mairinque a escola era Escolas Reunidas, só tinha até o terceiro ano. Então pra fazer o quarto ano, ah... , meu irmãos, a Laís e o Laércio tiveram que ir pra São Paulo, pra terminar o quarto ano e depois poderem estudar. Quando a Liseica já estava, e depois eu e o Laerte já tinha a quarta série, então nós fizemos até a quarta série. Mas a partir da quinta, que naquela época era primeiro ano do ginásio, nós já tivemos que sair. Eu com 11 anos, fui pra São Paulo, ah..., fazer o

primeiro ano. Tinha o que nós chamávamos de Exame – admissão, era assim um medo tão grande quanto tem agora do vestibular, porque a gente tava com 10 anos ainda, nem tinha 11, e tinha que fazer um exame de admissão. Então, a minha irmã, a Laís, que estudava já em São Paulo, já tava fazendo oh..., a Escola Normal, ela estudava no..., no ginásio Ipiranga, era um ginásio eh..., particular muito conceituado, então eu fui pra lá e terminei a quarta série, o quarto ano e fui pra São Paulo, pra fazer oh..., o cursinho, né, fazer o exame oh..., est... de admissão.

Cheguei, vocês podem imaginar, uma..., vocês podem até chamar duma tabaroa, pra nós era uma caipira, né, o pé, grosso, porque eu num conseguia por sapato, né, só puna pra ir pra escola, tirava na hora. Queimada de sol, cabelo em pé com aquele suor, eu com 9 anos perdi o dente da frente, o incisivo, numa brincadeira caí e quebrei na cabeça duma menina, fiquei banguela. Então você pode imaginar esta figura chegando em São Paulo, na capital, pra estudar. Então, sentei lá, não conhecia ninguém, tinha 40 e tantos alunos, eu comecei. Mas o diretor, quando viu a minha..., minhas notas, disse pra Laís: “Não, não, ela fica, faz aí os dias e eu acho que ela deve fazer já de cara oh..., o admissão, não fazer tudo, janeiro, fevereiro, ela já faz de cara.” Então, assisti umas 4, 5, umas 10 aulas de..., de coisa, e o professor, e eu senti que tudo o que tava falando, eu sabia. Professor falava de História, eu sabia, de Geografia, eu sabia, de... Português, eu sabia, então falei pra Laís: “Acho que vou fazer”, então me matric..., matriculou no..., me inscreveu no vest..., no admissão. E, era... como se diz... quando eu... passei... eliminatório, Português e Matemática escrito. Então, quando eu fui lá pra saber o resultado, ficou a minha... minha alegria porque eu tinha passado de..., de primeiro, e aquela classe de 40 já tavam 20 só, né?!

E aí, era prova oral, de Português, de Geografia, de História, aí o professor de História me perguntou, quando eu sentei na frente dele, ele perguntou: “Você tem um nome histórico, você se chama Livia, se você souber porque que você tem o seu nome, não vou lhe perguntar mais nada, porque as pessoas põem no..., as mães põem nomes pros filhos, e não explicam o que significa!” E eu, muito rápida, respondi: “Livia foi imperadora de..., de Roma, mulher de Augusto, e mãe de Tibério também que foi imperador”. Ele disse: “Pode ir embora, porque você sabe o que significa o seu nome”. Aí, passei pro..., pro de Geografia. Geografia eu pensei: “O que que ele vai me perguntar?”. Aí ele disse assim: “Você já v..., já olhou pro céu?”. Eu falei: “Já”, “O que que você vê?”, “Olha, um monte de astros”, eu falei. Ele disse: “Só astros?”, “É, são estrelas, são... ah... são planetas, cometas...”, “Você me dê o nome de uma estrela...”, e todo mundo daria o Sol, e eu dei bete... Betelgezio, eu falei pra ele... Ele disse: “Mas você sabe?”, “É uma grande estrela, uma estrela de primeira grandeza!”, “Por que que você não falou Sol?”, “Porque o Sol é de quinta grandeza, não é de primeira grandeza, por isso que eu falei”, “Pode ir embora porque você sabe Geografia”. No dis..., de Matemática, eu fiquei... nunca tive muito boa na Matemática, mas caiu lá eh..., máximo divisor comum lá e eu fui capaz de responder, e de Português também ele mandou eu ler um trecho e interpretar, interpretei e eu passei.

Então voltamos para Mairinque, antes do Natal, e aí a mamãe disse: “Quando que você tem que voltar, Livia, pra Mairinque..., pra São Paulo. Ah..., a Laís disse: “Não, ela já passou”, “Como que passou?”, “Ela já passou”, “Mas não é possível!”, “Passei”. Então eu já fiquei de férias, já fiquei toda pimpolha com os meus colegas, porque ah..., de toda a minha classe, a única que ia fazer..., continuar os estudos, era eu. Porque, na época, pra fazer ginásio fora, num dava pra ninguém fazer, então..., de toda a classe, fui só eu que continuei.

- Em que época, em que ano aconteceu isso?

Professora Livia - Eu entrei no ginásio em 1939, então...

- E essa escola era particular?

Professora Livia - É, era particular...

- E interna?

Professora Livia - Extern...

- Você dormia, tudo lá?

Professora Livia - Não, não, não. Eu morava na casa de um parente. Meu pai ah..., uma pessoa muito aberta, muito tudo, ele era contra ah..., interno. Ele achava que tanto pra filho homem como filha mulher, a formação num era boa de... de internato. Então, preferiram me por numa escola..., ficar na casa de um parente, e frequentar a escola externa, como minha irmã também, morava na casa da madrinha dela. Nós nunca fomos em escola interna, viu?! E eu, continuo muito..., depois, quando a gente fica adulto, é que a gente entende, num falavam porque, mas era ah..., a escola interna, o internato, a gente conhece todos os problemas que..., que aparecem, né?!

- Disso tudo que a senhora... falou pra gente aqui, do que a senhora podia... dizer do que a senhora mais gostou dessa época do primário?

Professora Livia - Eu acho..., gostava da escola mesmo, viu, eu gostava de ir na escola, eu gostava de saber cada coisa nova que os professores davam, eu gostava de... de olhar os..., o corredor cheio de..., de cartazes, e eu via ali ah..., de..., de Geog..., o mapa da Europa, eu via onde tava localizado o país, eu via onde tava localizado Nova Iorque, eu via onde tava localizado Fortaleza... então, eu sempre sonhei em viajar, então o mapa sempre foi uma atração pra mim, viu, sempre foi uma atração. E..., o número que não, viu, o número... eu nunca tive uma atração muito grande pelo número. Eu sempre tive atração pela cor, por isso acho que os mapas pra mim, me diziam muito por causa da cor, eram todos eles eram coloridos. E também a parte de..., de Português, porque eu gostava muito de ler, e eu escrevia muito, com a imaginação, contava histórias, inventava histórias.

E, as brincadeiras que eu não falei pra você porque ah..., abria a escola, meia hora antes. Quando abria, a primeira que entrava, era eu, viu?! Entrava correndo, pra já a gente organizar os grupos de brincadeira, viu, e eu dominava um mesmo quando tava no primeiro ano, no segundo, eu que decidia quem ia pra cá, quem ia pra lá, quem que fazia as coisas... E aí a gente brincava até entrar, aquela meia hora de entrar na escola, na aula. Depois tinha o recreio, também era de meia hora. Também eu não comia, eu descia correndo pra brincar.

E quando acabava a aula, nós tínhamos que sair da escola, mas como durante o tempo eu briguei com todo mundo, porque eu batia num, batia noutro também, quando eu saía, eu tinha que sair correndo porque a molecada corria atrás de mim, porque eu já tinha brigado com outro. E aí, gritavam, porque eram dois pontos fracos meu: me chamar de banguela e por casa do..., do Popeye, da Olívia Palito, eu era muito magrinha, eu era chamada de Livia Palito. Então aquele ódio, você pode imaginar, eu acho que isto me fez ser agressiva, e depois ter orientado pro... pro bom caminho, mas eu fui muito agressiva por causa disso. Me olhavam, banguela, e magra feito num sei o que, era Olívia Palito. Então eu saía correndo, porque sempre vinham. Com dois meninos, eu era capaz, eu batia em dois. Se viessem em três, eles me pe..., dois me pegavam e aí eu num... me batia. Mas tudo longe, que minha mãe nunca viu, viu?! Minha mãe nem sabia que eu batia em todo mundo e que todo mundo batia em mim. Quando eu chegava marcada, eu contava uma história, e ela... como foi lá fora, não foi aqui dentro, ela dizia que a gente tinha que resolver os problemas lá fora e num trazer problema pra casa, porque, a primeira vez que eu levei pra casa e disse pra mamãe que tinham batido em mim, a minha mãe me bateu. “Você apanhou lá dentr..., você apanhou lá fora, você apanha aqui dentro. Você resolve os seus problemas na rua, não traga nenhum problema aqui”. Nunca mais eu levei trab..., trabalho pra minha mãe, eu resolvia lá, batia, fazia o que eu tinha que fazer lá fora, com os meninos, com as menin...

- E ainda dessa época, de qual professor você mais gostou?

Professora Livia - Não, aí a gente tinha uma professora. Claro, a minha mãe era uma pessoa especial, né?! Depois no segundo ano, foi minha madrinha, eu gostei muito dela e pedi pra ela ser minha madrinha de crisma. No terceiro ano era dona Terezinha e no quarto ano voltou outra vez a minha madrinha de crisma. Então, a gente tinha uma rea..., uma relação muito boa, muito franca com as professoras, viu?! Então eu num..., eu nunca fui daquelas crianças de carregar ah..., caderno pra professora. As crianças brigavam pra esperar porque, as professoras levavam os trabalhos, os cadernos pra corrigir em casa, num corrigia lá. E eu nunca fiz isso, nunca fui de carregar nada pra professora, eu achava que isso não era a minha obrigação, minha mãe ficava brava. Às vezes ela pedia: “Livia, vem me ajudar!”, “Não vou, não é minha obrigação ajudar a senh... peça pro seu... pra outros alunos ajudar,

eu não vou!”. Isso eu nunca fiz, viu?! Isso de..., e de levar flor pra professora eu também nunca levei, levar fruta pra professora, não. Minha relação com as professoras eram... como eu dizia, eu estudava, eu fazia a lição, eu acho que era aí que tava a minha relação com o professor. Não levar flor, nem levar fruta, nem agradar professor, nem nada, isso nunca fiz com professor. Também os professores nunca passaram a mão na minha cabeça, acho que tinham até medo, viu, de passar a mão e eu, levantar a voz contra eles.

- E depois, quando você foi professora de Prática de Ensino, como é que você viu a escola em relação a essa escola que você viveu na infância?

Professora Livia - Então, aí a escola já tava tão diferente, já rinha passado tanta água pelo rio, já não tinha muito, né?! Mas, a primária, eu dei poucas aulas na escola primária, né, porque eu fiz escola normal, né?! Eu fiz pouca, dei poucas aulas. Quando eu voltei da aula do primário, quando eu dei eu dei como substituta lá em Mairinque, a minha relação com as crianças era de brincadeira com as crianças, eu tinha 17 anos, né, quando term..., terminei o normal, e as crianças... a gente brincava, até ontem eu brincava com eles na rua, né?! Então, e o diretor não achava que eu podia ser daquele jeito, mas as crianças me adoravam, porque eu ensinava e nós..., eu ensinava brincando com eles, viu, cantando, fazendo as coisas. Eu tirava eles pro..., pro pátio e o diretor ficava furioso, já tava co..., que eu nem devia nem entrar no primário, porque como que eu ia ser professora? Então, ah..., eu, naquela época, vamos dizer, em mil novecentos e... agora já perdi um pouquinho, foi 1944, 45, né, quando terminei o normal. Se falava... ouvia qualquer coisa de escola nova, mas muito pouca, né, mas eu intuía que eu teria que ter um outro relacionamento com as crianças, viu, e substitui por pouco tempo, viu, então, eu... a minha escola já é..., não era da minha mãe, minha mãe já tinha aposentado, mas também a escola já tava havendo mudanças, viu?!

- E do Ginásio?

Professora Livia - Então, do ginásio, eu comecei o ginásio em..., no ginásio Ipiranga, fiz a primeira e a segunda série, e depois por questões, eh..., particulares, eu não vou entrar em detalhes aqui, eu..., só um detalhe: briguei com a prima da minha mãe, em que morava na casa, só podia ah...

Minha irmã morava e depois fui morar na casa de uma tia, que foi excelente, mas ela morreu quando eu tava na segunda série. E eu fiquei muito triste, achei que eu ia dar trabalho lá pro meu tio que ficou viúvo, e nessa época eu tinha um..., um conhecido lá de Mairinque, que tava estudando no ginásio, e ele tava fazendo no ginásio do Estado de Sorocaba, e aí ele me falou que não pagava no Estado, e que a escola era melhor da particular. Aí eu falei pra mamãe, e mudei e aí era muito mais perto Sorocaba de Mairinque do que de São Paulo. Então eu passei, eu me formei no ginásio estadual de Sorocaba. Eh..., e depois eu fiz a escola normal também lá.

Na minha época foi aquela reforma, que eram 5 séries no ginásio, no ano que eu terminei eram 4 séries, e eu passei de ano diretamente, com exame claro, para a escola normal, por isso que eu me formei na escola normal com 17 anos. Não veio a reforma da escola normal ser de 3 anos, então eram 2 ainda, então eu fiz 4 de ginásio e 2 anos de escola normal, então eu te... minha base é de 6 anos e não de 7 como depois os outros foram.

- Aí você pegou a reforma da 4024?

Professora Livia - Isso, eh... essa daí. Então, eu estudava na quin..., no ginásio eu ia ter bastante latim e não tive. Fiquei contente, tive um ano só de latim, porque a quinta série de latim era de lascar, todo mundo reclamava, viu, se bem que eu, na quinta série, apareceu uma professora, licenciada pela USP, que foi dar aula de latim e eu, nós todos ficamos encantados com ela, viu, porque ela era uma belezinha, chamava Virgínia, não me lembro o sobrenome, mas ela dava aula de latim pedagogicamente didaticamente como a gente imagina. Ela era licenciada, então, todos gostávamos de latim, todos nós ficamos encantados com o latim, e..., foi a primeira professora que eu tive de... licenciada, porque o de Português, o de História, o de Geografia, o de Matemática eram todos engenheiros, advogados, pessoas eruditas, mas não licenciadas. O meu contato com Licenciatura foi através com a professora de latim de..., do ginásio.

-Tá, dessa época, do secundário, do que a senhora mais gostou do secundário?

Professora Livia - Do secundário? Era da Geografia e de História. De disciplina, era de Português, Geografia e História, que eram as disciplinas que mais eu gostava dos..., das colegas. Nós éramos um grupo muito bom, nós éramos muito amigos, eu tinha vinho do..., de ginásio particular pelo Estado, tinha um grupo que tinha vindo da escola da..., das freiras para o ginásio do Estado, então nós nos reuníamos, foi muito..., foi uma amizade muito boa, tanto é que a formatura de normal até hoje nós nos encontramos, viu, até eu senti que nos 60 anos eu não pude ir, viu?! Mas a gente tem se.. nos reunido, porque a gente vinha do ginásio e mas... quem reúne é a turma do normal, viu, então a gente entra em contato, vê, conversa, cada um conta suas coisas, o que que tá fazendo, o que que tá vendo, cada um tem que ir lá falar, então isso eu tenho... só sinto de não ter feito..., não ter podido ido no ano passado de 60 anos, mas todos os outros, a gente..., eu fui em todos os encontros lá de Sorocaba.

- Qual professora a senhora mais gostou?

Professora Livia - Aí no ginásio? Eu gostava muito do de mat... do de Geografia. Eh... e depois fiquei encantada com a de... de Latim, e depois você como é interessante o mundo como dá volta, o de Matemá..., o de Geografia, senhor Abdias, depois eu vim conhecer o filho dele que veio fazer Geografia quando eu entrei na faculdade. O filho dele, e ele era pai do... do Douglas Teixeira, um sociólogo, viu?! Então o o..., o Éder, o Éder fez Geografia depois ele desistiu, mas aí conversando eu disse: "Mas eu gostava tanto do seu pai." E ele disse: "Pois é", e ele era pai do... do Douglas Teixeira, porque o primeiro fil... o mais velho, não me lembro qual é, eles eram 3 homens, o mais velho, era do Partido Comunista e ele tava preso naquela época de 1940, 41, 42, e eu vinha de noite de Soroca... e ia de noite de Soroc... de Mairinque pra Sorocaba, ia de trem, porque no outro dia eu tinha aula cedo, e ele vinha com a senhora dele, o seu Abdias, por que ele ia lá visitar o filho, e aí a gente vinha conversando, e eu me lembro até hoje a fisionomia da mãe, ela tinha uma fisionomia de Marte, viu, porque claro, eles devem ter criado os filhos com uma abertura, e depois... e depois eu vim saber que eles eram acho que presbiterianos, ou metodistas que eles eram, e eles devem ter criado os filhos com muita abertura, e o filho, por questão de... política, de idéias, era... tava preso. Depois, como eu digo, eu gostava muito dele, eu viajava todo sá... todo domingo a noite eu vinha com ele, vínhamos conversando, então estabeleceu uma... uma relação assim, depois amarrei quando entrei na faculdade com o Éder e depois quando eu conheci o Douglas, que era filho, eu falei: "Não me diga! Como o mundo é pequeno!", e na época, aquele meu colega que fazia... que foi pro ginásio do Estado, o Artur, era colega do... do Douglas, só que na época a gente não amarra muito as coisas que o Douglas foi ser um grande... eh... sociólogo.

- E de qual professor a senhora menos gostou?

Professora Livia - Num é bem... não gostou, mas era o medo que eu tinha da Matemática, viu, tanto quando eu fiz o ginásio do Estado e como no ginásio particular, era... eu não sei, depois com o tempo, eu que acho que projetava aquilo no professor, viu, porque eles eram educados com a gente, nunca gritaram, nunca falaram que a gente errou, nunca... mas eu sempre tinha horror a Matemática, eu achava que... e aí depois também teve um professor de Física que me disse que eu não era capaz de raciocinar, por isso que eu não conseguia eh... fazer Matemática, Física porque eu não tinha raciocínio, que raciocínio era uma... faculdade, e como eu não tinha essa faculdade em mim, eu não capaz mesmo de entender Matemática, eu não ia entender Física, então aquilo já me fechou mesmo. Mas eu não posso dizer que... que eu fosse... que eu não gostasse, eu acho que eu tinha medo, viu, eu tinha medo do... do professor.

- Com relação ao comportamento, como era a disciplina?

Professora Livia - Comportamento eu não posso falar, porque eu sou piagetiana, viu?! Você não pode usar essa palavra pra mim, você tem que usar a palavra conduta, falou comportamento você tá querendo que eu lhe diga... não posso, como você usa essa palavra aqui?

- Então, como era a conduta?

Professora Livia - Como que você fala comportamento pra mim? De jeito nenhum! A conduta de que você quer saber? Dos alunos, dos professores?

- Com relação aos alunos.

Professora Livia - Dos professores? Não, a conduta era... era de autoridade que o professor dava a aula, em geral em pé ou outro que dava sentado, usava lousa, nós tínhamos livros pra seguir, e era... era tradicional, vamos dizer, mas a gente aprendia, viu, por exemplo o de História fazia umas, uns parênteses e caminhava através de História, e essa a que nós prestávamos mais atenção, né, com essas pass... essas viagens dele, que ele fazia por toda a História.

-Com relação aos livros didáticos, como eles eram?

Professora Livia - Eu ficava encantada, viu, porque eu sempre gostei do livro didático pra mim, eu... aprendia muito, e depois, naquela época que eu fiquei em São Paulo, naquela cada daquela minha prima, prima da mamãe, ela não me deixava ler, eu não podia ler jornal e eu não podia ler romance nenhum, então eu lia o di... o livro didático, talvez por isso aprendi bastante Geografia, bastante Ciência, porque eu tinha que le... precisava ler alguma coisa, e aí eu lia o livro didático.

Eu, pra mim, eu gostava, viu, o de Geografia me encantava, o de História então, História Medieval eu achava a coisa mais linda que podia existir a ida... a Idade Média, então eu num... eram livros didáticos, Ciência a gente lia, e de Matemática eu não entendia, então não podia dizer que gostava ou não gostava da Matemática.

- A senhora tem algum?

Professora Livia - Liv... se eu tenho ainda? Ah, não tenho não, infelizmente a gente foi dando, foi perdendo, num sei se a... se a Marlene Colesante lá tem algum, porque ela que fez aquele trabalho sobre o livro didático, eu posso ver se ela tem ou não algum que era meu e que tá com ela.

- Tá. Com relação agora a graduação, quando e onde a senhora fez o curso de graduação?

Professora Livia - A graduação eu fiz na USP. Só que entre a minha... eu ter formado em escola normal e ter entrado na USP, pra fazer Geografia e História, na antiga Filosofia, Ciências e Letras, eu fiz Enfermagem, também na USP, eu, com 17 anos, entrei na... na Enfermagem, era apaixonada, como tudo eu faço as coisas só pela paixão, e trabalhei... estudei, fui aos Estados Unidos, fiz o curso de especialização, em... saúde pública e trabalhava e da minha aula, mas muito jovem eu num fui lida... num fui capaz de lidar com... as coisas que aparecem na vida, que depois apareceram na Geografia, e eu fui capaz de lidar, quando a gente é mais jovem, a gente não é capaz. Então, briguei... feio, na faculdade lá de Higiene, e aí eu saí e fu... eu já tava fazendo Geografia, e aí fui trabalhar no hospital do... de Ortopedia, e depois que eu fiz o concurso para o magistério.

Mas quando eu term... eu queria fazer uma outra faculdade, queria fazer um outro curso, eu pensei em fazer Letras, porque eu tinha estado nos Estados Unidos, falava inglês, sempre gostei muito de Português, eu pensei em fazer Letras, ou Filosofia, que também me atrairia, mas aí a mamãe falou: "Você foi fazer Enfermagem porque você quis, ninguém queria, mas você quis, você fez, nós demos todo o apoio. Agora, você vai escolher uma nova profissão, uma no... vai mudar sua vida, escute o que sua mãe vai falar", "O que a senhora acha que eu devo fazer, mamãe?", "Não vá fazer Letras nem Filosofia, vá fazer Geografia". Minha mãe gostava demais de Geografia, desde a época da escola normal, e ela dizia: "É tão bonito, você gosta de Geografia, você gosta de História". Aí eu fui lá, na Filosofia, naquela época era na Maria Antonia, e vi o programa, e achei, disse "Ah não, então faço... por causa de História, não de Geografia", minha decisão foi pela História. Aí eu falei: "Mas eu, pra fazer o vestibular agora", aí eu fiz um cursinho, que eram os próprios alunos lá da... da Filosofia que davam, mas a gente fazia o vestibular na própria Filosofia, não tinha essa história de... de coisa grande, nada, era um número de pessoas, tal. E eu fiz, fiz... só que naquela época não entrava Matemática,

também foi a minha decisão, eu fiz Português, uma língua, Inglês, Geografia e História, ofram essas, então eu falei: “Nessas hist... esse curso que eu vou fazer”, porque pra fazer Matemática, eu num... num daria pra eu fazer, né, depois de tantos anos, e aí eu fiz o vestibular. Aí o vestibular, também eu preciso contar pra vocês, que eu entrei em primeiro lugar, aliás a nota mais alta do vestibular do ano, de toda a Filosofia, foi a minha nota. Porque tive a sorte, entre aspas, né, era o doutor Eurípedes Simões de História, né, e ele caiu o... o Renascimento da Itália, e eu, em 1950, tinha estado na Europa, e tinha visto, de.... de... olhando mesmo, eu vi todo o... o Renascimento, então, eu escrevi essas páginas de... de almoço, eu escrevi 6, 7 páginas, não vamos... porque eu sabia tudo, comparava tudo, eu tinha tomado nota na... na viagem, em 1950, porque isso foi em 53, que eu fiz, 52.

- Foi à passeio?

Professora Livia - É, a passeio. É, eu fiz em 52, acho sim que foi em 52, que eu fiz o vestibular, então é claro, a nota eu tive 10 em História, né, aí de Português também, então Inglês, então eu tive notas altíssimas, e depois ainda tinha a... a oral, então em Inglês,... então todas as minhas notas foram assim, acima de 9 eu tive, então a nota mais alta de toda... de todo o vestibular, entre de dia, de noite, de tudo. Mas foi também uma sorte, porque todas as coisas que... depois a Geografia eu tinha estudado, então o que saiu eu fui capaz de... de responder, todas de... de Português, eu me lembro ainda de Português, foi o Ayrosa Galvão que foi o... o de Português, o oral, e ele me perguntou: “Se você me falar alguma coisa sobre o livro do..., do Último dos Moicanos”, né..., como é que é o nome... do... eu até mandei buscar o livro, e o Último dos Moicanos, nós assistíamos, quando era criança em Mairinque, uma... um seriado, e nós brincávamos e representávamos aquilo tudo, então depois eu li o livro mais comum e agora eu mandei buscar o mais completo, né, então aquilo pra mim, o Último dos Moicanos, era uma coisa, era assim... fabulosa, viu, que eu me lembrava com todos os detalhes, o nome dos..., das pessoas, eu sabia da Cora, da Alice, tão bonitinha, moreninha, o Moicano, tudo, tudo e sabia... então eu contei pra ele. Ele disse: “Mas você...”, falei: “ Não, mas é...”, aí ele disse: “Mas você assistiu... você é do tempo do seriado?”, doutor Plínio disse, eu disse: “Sim”, “Então pode ir embora”, também tirei 10, então... as notas, a sorte foi isso, tudo o que caiu, eu sabia e eu tinha vivido o que eu falava, então eu entrei na USP, na Geo... era Geografia e História. E o meu encanto era História, mas como sou sempre muito briguenta, briguei com o Rosendo, que a minha paixão era fazer História da América, né, e briguei com o Rosendo, e com o Astrogildo, que eram os de História, né, e aí, eu acabei ficando na Geografia, então Araújo sempre brincava comigo: “Mas nós nunca vamos brigar com você, viu Livia, na Geografia, nós vamos tratar muito bem você”, ele sempre brincava, e depois, as minhas brigas dentro da Geografia num foram assim tão profundas, pra eu mudar de novo, porque eu digo pra você: se eu tivesse que mudar, eu teria mudado de novo, porque eu só faço as coisas que eu gosto, apaixonadamente, viu?! Pra fazer obrigada, eu nunca faria nada.

- Vamos voltar um pouquinho, Livia, quando você fala que ingressou em 52 na USP, mas você já tinha estado nos Estados Unidos e já tinha...

Professora Livia - Na Europa.

- Já tinha estado na Europa. Isso era comum, ou você... era uma ousadia sua?

Professora Livia - Era uma ousadia, né, uma ousadia, porque pra ir pra Europa, era... 1950, a guerra tinha acabado em cinquenta e... 45, 46, mas nós tínhamos em Mairinque um abade, um alemão, que ele veio fugidio pela... da época da guerra, e ele, ia ter o ano santo, 1950, então havia uma série de facilidades e tudo, e ele tava organizando e fomos 4 pessoas com ele, foi a Maria Betina, que era da minha idade, e a... a dona Romilda e a Olga, que era irmã da minha tia, era mais velha, então fomos nós 4 e ele providenciou, nós fomos com ele, fizemos tudo

- Navio?

Professora Livia: De navio! Naquela época de navio, fomos de navio, levamos 15 dias, e todas as coisas... e lá, nós tínhamos certas facilidades, em Roma ficamos num colégio de freiras, mas a gente

tinha liberdade pra entrar e pra sair, e ficamos simplesmente 15 dias em Roma. Então, nós via... e naquela época, no ano santo, a gente tinha um... um passzinho que a gente comprava pra poder entrar..., então nós viaj... pra pod... de bonde, de ônibus, fomos por toda a cidade de Roma, então conheci roma pra baixo e pra... e depois dali fomos pra... pra Suíça, fomos pra Alemanha, que era a... a família dele tava nos esperando, e nós... a fami... era uma aldeia como na época, as aldeias ainda de... como vestígios medievais, era assim, a aldeia era só católica, a outra era só luterana, a outra era só... cada aldeia num tinha de outra religião, então, o dom abade, claro, a aldeia dele era católica, e nós ficamos lá, recebidos pela família, e eles nunca tinham visto um estrangeiro, porque era uma aldeia mesmo, assim, perdido, eles viram os russos passando lá diante, porque o... então eles nunca tinham... vinham a noite pra nos ver, pra ver aquela coisa diferente, que nós éramos estrangeiros, então nós fal... ficava assim, os alemães, nós aqui e dom abade traduzindo pra lá e pra cá. Então as risadas eram em dois tempos, nós ríamos, depois eles riam, e tudo, e eles também ficaram... nunca imaginaram como que era estrangeiro, isso você pode imaginar, naquela época tinha 22, 23 anos, eu e Maria Betina também nessa idade, com nossas roupas todas coloridas, todas... eles ficaram deslumbrados conosco, né, porque a alegria nossa, tudo. Depois de lá fomos até a Áustria, depois fomos a Paris e voltamos. Ficamos 2 meses na Europa, por causa do... da viagem de carro, então isso foi nos anos 50. E aí eu já tava formada em Enfermagem, aí em 51 eu fui pra Minnessota, pra fazer o curso de especialização. É... Minnessota eu dizia que era o... onde o Judas perdeu o bota, porque eu olhava no mapa, era pra lá de lá, né, quase no pa... no Canadá.

- E seu pai que pagou?

Professora Livia- A viagem?

- É...

Professora Livia - Não. A viagem... não, meu pai já tinha morrido nessa época. A viagem pra Itália?

- Não, pra...

Professora Livia - Não, pros Estados Unidos eu fui com bolsa, e na... na Europa eu fui com o meu dinheiro. Minha mãe me ajudou, mas fomos com o meu dinheiro e o abade arrumava muitos lugares que nós ficamos, pagamos pouco... tudo. Não, nos Estados Unidos foi com... com bolsa

- Especialização em Enfermagem?

Professora Livia - É. Nós trabalhávamos na faculdade de Higiene e Saúde Pública, fomos fazer um curso lá.

- Isso tem a ver com, o acordo MEC- USAID?

Professora Livia - Não, num era, era a... era um outro, era um outro, num era MEC- USAID, não, era outra... outro acordo que...

-. Mas era aqueles acordos dos Estados Unidos no pós-guerra pra...

Professora Livia - É, era um acordo sim

- A bolsa era americana?

Professora Livia - A bolsa era. Nós recebíamos em dólar lá. Então aí eu fui em 51, e voltei em 52. Aí depois que eu entrei na Geografia. Porque aí que eu briguei, e aí que eu fui entrar, porque senão eu nunca teria... aí eu teria feito na Filosofia, porque pra nós podermos fazer Mestrado, num podia fazer com o curso de... de Enfermagem, porque naquela época eram 3 anos, era considerado um curso superior não universitário, então eu ia fazer Filosofia pra ter o título superior. Mas aí depois como aconteceu a briga, aí eu fui pra Geografia.

- Então você não tem diploma de Enfermagem?

Professora Livia - Tenho, tenho. Superior, é... igualzinho o do... lá da USP, é, tenho sim. Formei na... na quarta, ah... turma que formou.

- Com relação ao curso de graduação, no caso daí, da Geografia, o que a senhora guarda na memória?

Professora Livia - As excursões. O... o Pasquale Petroni que era um professor especial, o Araújo, o Aziz, doutor João, então, eu acho que pra mim a Geografia, a graduação, me abriu muito, viu?! Eu já tinha a cab... mas a Geografia me abriu, e depois tem um detalhe, minha mãe estudou comigo a Geografia, viu, como ela gostava, ela... me traduzia todo o francês, eu trazia os livros, e ela lia e ela fez o curso comigo, viu, todos, todos, todos o c... a Geo..., a História ela dizia que não ia ler, que ela não queria, mas os de Geografia, todos. E ela quando viajava, quando ia na casa dos parentes, ela ia de livrinho, marcando, e ela “Pelo quilômetro tal, mudou o barranco, Livia”, dizia, pra depois eu ver o que que mu... o que que era, “Porque se eu voltar outra vez, eu quero ver que rocha que é aquela, viu, você me procure qual é”, aí ela também notava: “Tava um frio, e de repente ficou quente, quente”, então a minha mãe já come... ela observava porque ela fez Geografia comigo na verdade, ela... ela sabia tanto Geografia quanto eu, porque ela lia, ela... fazia as provas comigo, tudo, então... a Geografia foi pra mim muito agradável porque primeiro eu redescobri minha mãe, né, porque essa parte de... de nós estudarmos juntos, principalmente por causa do... francês, porque eu dominava o inglês, e ela ajud...me ajudava com o francês, e com mesmo o italiano também ela entendia bem o italiano, então foi pra nós, pra mim assim muito gostoso ter estudado a... ter estudado com ela, viu?!

E aí, eu tinha duas colegas, né, duas colegas que entraram comigo na vestibular e elas eram irmãs e elas eram lá de... de Itapetininga. E também eram como eu, muito briguentas, elas também gostavam muito de História, a gente fazia História e tal, mas aí elas acharam que nós, como nós tínhamos diploma de escola normal, nós podíamos fazer o concurso de ingresso na magistério direto, antes de formar a Licenciatura. E aí, nós faríamos, entraríamos, e pediríamos um... um condicionamento, porque podia ser feito, só que nós fizemos e não veio o... num podia mais fazer isso. Então, eu perdi um ano na pós... na graduação, eu entrei em 52, fiz 53 e 54, aí no 55 eu saí, aí eu fiz 57 e 58, então um ano porque eu fui... peguei lá a Pedro de Toledo e... e tinha que dar aula de História, eu tinha que todo dia ir pra lá e não podia, aí... então eu comecei a estudar a noite, na... na USP, foi a primeira turma da noite que apareceu, foi a minha.

- Você morava aonde nessa época?

Professora Livia - Morava em São Paulo.

- E dava aula em Pedro de Toledo?

Professora Livia - Depois. Aí, primeiro, morava em São Paulo, trabalhava no hospital e ia na escola. E quem foi meus colegas de... que entrou, o Marcos Alegre, que todo mundo conhece, tem vários que... aí, quando eu passei, quando eu parei um ano e voltei, aí eu voltei de dia, não mais de noite, aí eu fiquei morando em Santos, levei... levamos a mamãe pra Santos, morando com meus..., com meu irmão, e eu ia pra dar aula em Pedro de Toledo, voltava 4 horas naquele trenzinho de Santos-Juquiá “tic-tic-toc-toc”, dava..., ia 4 horas, dava 4 hora de aula e voltava 4 horas, né, davam 12 horas a gente... e aí, eu nos outros dias, eu ia 2 dias por semana pra Pedro de Toledo, e os outros dias eu vinha pra... pra São Paulo assis... pra assistir as aulas. Aí, mudou a minha turma, aí que eu fiquei pra turma do... do conte, do João Fran... do João Lao Rodrigues.

- Você foi contemporânea da Helena Cortejo?

Professora Livia - Não, não. Ela foi bem depois de mim, bem depois de mim.

- Você foi contemporânea da Tomoko?

Professora Livia - Não, bem depois, ela... ela é do...a Tomoko. Então eu sou da... da Helena Mirabele, da Maria Alice Reis, do Conte, do João... o Rodrigues, marido da Adir, quem mais que foi da minha turma... é que o Conte que a gente continuou muito ligado, né, e aí eu voltei a estudar de manhã com outra turma, e era a última turma que continuaria História e Geografia e os al... os alunos poderiam escolher fazer só História, só Geografia ou Geografia e História, e eu escolhi Geografia e História, então a minha licenciatura e bacharelado é em Geografia e História. O Conte ficou só com Geografia.

- Tá, enquanto estudante, que tipo de pesquisa a senhora realizava?

Professora Livia - A gente não fazia bem mesmo pesquisa, viu, os professores também estava de for... fazendo doutorado, naquela época a única pessoa que era doutor o João que já era doutor, que era titular... era catedrático, o Ari França, o professor Aroldo, o... o Aziz tinha feito o doutorado dele, o.. Pasquale Petrone também... então eles não fa... não tinha essa... essa tradição, e este... este conceito de pesquisa, então quando você me fala isso, num... num dá pra tran... num dá pra passar praquela época, viu, o que nós fazíamos era excursões com os professores, a gente fazia levantamentos bibliográficos, mas pesquisa pesquisa, não. O professor Aziz sempre me dizia que com os meus alunos lá em Pedro de Toledo, que eu fizesse pesquisa, então com eles nós saíamos pro campo, viu, pra fazer... mas num era pesquisa, na verdade eu... eu classificaria de levantamentos, nós fazíamos levantamentos dos lugares, das reg... das áreas onde a gente estava.

- Ainda dessa época do curso de graduação, do que a senhora mais gostou?

Professora Livia - Eu acho que das excursões. Das excursões.

- E de qual professor a senhora mais gostou?

Professora Livia - Ah, eu não sei dizer qual, viu, eram todos iguais pra mim, viu, todos especiais, viu, acho que não. Eu por exemplo, com a professora Alice Necoque Muller, que tinha... ela era um pouco assim, mas depois quando eu fiz viagens com ela, eu... a gente, quando fui... aqui depois quando fui na... na AGB..., ia com um caderninho tomando nota de tudo, no final da tarde, de noite, reunia-se e... no caso do doutor João não admitia que fosse em boate, que fosse em festa, porque no outro dia tinha que levantar cedo, e a gente tinha que ir prestando atenção em tudo que ia vendo enquanto o ônibus ia passar. Sempre era preparado antes, era dado um roteiro com o que que a gente ia ver no... no caminho, e depois quando voltava nós fazíamos um relatório.

- Tá... professora, hoje... hoje não, mas quando você tava na... na graduação ainda, eh... aqui tem uma tradição por fazer excursões, né, mas... mas você acha que tem a mesma... importância que tinha quando você fez?

Professora Livia - Não, aqui ainda tinha, eu me lembro antes da aposentadoria, eu e a Luci fizemos uma... nós tivemos... responsáveis pela... pela disciplina Estado de São Paulo, e nós fizemos uma excursão com eles, foi obrigatório e... não tinha mais muito dinheiro, mas nós fomos até o Paraná, fomos até Paranaguá, fizemos todo o preparo, com eles fizemos igual como era... na nossa época, tudo pago, com todas as coisas, os que comia, tudo, e até me lembro acaba... sobrava um pouco de dinheiro, aqui sempre dizia que era difícil você... prestar atenção... prestar conta por algum pouco, então... compramos frutas pros alunos no finalmente pra... pra ficar o dinheiro, pra ficar zerar o dinheiro. Mas ah... a última excursão da que eu fiz, ainda fizemos com alunos, eu acho que era... era válida, e era desse tipo, porque o que chamava atenção entre os outros ge.. entre as outras escolas de Geografia, é que nós tínhamos ônibus, os outros não tinham, a USP tinha mas nós éramos a única que tinha da... nem o Rio de Janeiro num tinha ônibus, então nós tínhamos ônibus.

- Agora, você acha que... porque, no ensino de Geografia, os professores da escola, né, não digo hoje, mas até 10 anos atrás, quando eu vim pra cá, há 20 anos atrás, né, eles poucas instruções faziam, não tem essa prática nas excursões. Você acha que... por ter participado da excursão na formação, eles temiam essa prática no ensino?

Professora Livia - Eu acho que sim, não idêntico porque eu acho que teria que ser em... na Prática de Ensino da Geografia, na Didática da Geografia, num sei que nome que ela tem agora, deveria ser... sair com o professor, com o licenciando pra ele aprender como que ele deve fazer a excursão, eu acho que teria que ter.

- Você percebeu isso quando você deu aula de Prática?

Professora Livia - Eu percebi. Eu falava com eles isso, viu, eu sempre citei essa parte de que eles teriam que sair com os alunos, mas que não era pra repetir aquela excursão como tinha feito, que deveriam, ser mais curtas, uma parte do dia, né, não duraria o dia inteiro, ou ia no sábado, no domingo, mas deveria ser, eu me lembro quando eu dava aula na Prática, eu... fiquei com uma classe, mas num recebia, era só pros alunos trabalharem no Bilac, de Geografia, na... naquela época era na quinta ou na sexta série, e nós fizemos uma excursão que a própria... a própria escola planej... nos deu... nós fomos num sábado, a Piracicaba e foram os alunos do ginásio da... da quinta série, e os meus alunos da Prática de Ensino, fomos a Piracicaba, pra eles verem, pres... de verdade, como é diferente a excursão aqui na... no nível da graduação pro no nível de ginásio. A questão do... a começar pela... pelo comportamento, pela conduta das crianças, é diferente, eles tiram fotografia, eles num podem ficar o tempo todo prestando atenção, e eles tomam nota alguma coisa, mas era mais no sentido de mostrar nós fomos, no rio, eles viram a cidade, então foi alguma coisa prática, mas isso eu tente... eu fiz uma excursão com os alunos, viu, eu acho que deveria ser feito na Prática de Ensino, de sair pelo menos uma vez pro aluno... pro aluno licenciando aprender.

- Tá. Ainda com relação ao curso de graduação, como eram os livros usados?

Professora Livia - Eram quase todos em francês, viu, inglês e francês. Pouquíssimos escritos em português, pouquíssimos traduzidos, viu, nós... quem não sabia... eu por exemplo, que não sabia francês, eu tinha conhecimento só de ginásio, eu aprendi a ler francês, por causa disso, viu, e eu num... num consigo falar francês, mas entender o francês e ler o francês, eu leio correntemente mas num consigo falar, porque todos os livros, ou eram francês ou inglês. Agora que tem essa quantidade de traduzidos, porque eu fico imaginando vocês lerem o Tuan, o Topofilia, no inglês, se vocês entenderiam ou não, porque foi me... me deu trabalho pra fazer a tradução.

- A senhora tem algum livro... dessa época, com qual a senhora aprendeu?

Professora Livia - Ah, acho que não, também não tenho não. Não, não tenho, viu. Sabe, com mudança de cá, de lá, ah... um tá fazendo Geografia, a gente dá, num tenho, num guardei nada, viu.

- Tá, agora... passando a... pós-graduação. Quando e onde a senhora fez a pós-graduação?

Professora Livia - Então, vocês fazem as perguntas pras pessoas de outra época, e não é válida essa pergunta. Eu não fiz pós-graduação, num existia, como é que eu poderia fazer? Então você não pode fazer essa pergunta pra nós, viu, você teria que... como você teria que mudar a sua pergunta? Que... remodele, refaça a sua pergunta, que pergunta vocêalaria pra mim?

- Como a senhora deu continuidade aos estudos?

Professora Livia - Isso, isso. Então vocês precisam ter cuidado, com isso, viu, porque vocês querem uma memória da gente, mas eu não tenho o... eu não posso, não vou te dar essa resposta.

- Com relação então a continuidade dos estudos... como foi?

Professora Livia - Então, na época saía do gin... saía da graduação, o próximo passo era o doutorado. E o doutorado tinha que se fazer 3 disciplinas que se chamava geralmente assim: Geografia Física, Geografia Humana e Geografia do Brasil, na USP. E isso eu fiz, cheguei a fazer e..., ganhei um papel lá que eu não sei dizer pra você o que que seria, se poderia ser equivalente a pós-graduação, mas não

se chamava pós-graduação. Depois que a gente fazia essas 3 disciplinas, é que a gente escolhia a área e o professor pra poder fazer o doutoramento. Coincidiu eu ter vindo pra Rio Claro, e veio toda... a... remodelação do Ensino Superior, né, já tinha mais aí... já pensavam em... doutoramento já foi direto, tudo, então, eu já fiz o doutoramento direto, porque não tinha mestrado, então não tenho, no meu currículo, não tem mestrado, e nem podia ter, como que eu ia ter? Só se eu num... ficasse... então eu fiz direto o meu doutorado, aí já fiz aqui em Rio Claro.

- Como aconteceu de você vir pra Rio Claro?

Professora Livia - Como é?

- Como é que você veio pra Rio Claro?

Professora Livia - Por causa... fui convidada por doutor João. Naquela época, as pessoas eram... o catedrático que combin... que combinava... e doutor João me conv... o que... me convidou, antes de eu vir pra cá, bem antes. Mas eu, minha mãe já era muito... muito doente, não tanto velha, mas muito doente, e... e vim pra Rio Claro, antes de 1960, vocês podem imaginar, eu não podia, né, minha mãe era cardíaca, precisa... então, morava em São Paulo e em Santos, tinha um médico ótimo, então, nem me passou pela cabeça. Eu falei: “Doutor João, de jeito nenhum, eu... “Mas eu gostaria que a senhora viesse pra... fosse pra... Rio Claro”, falei: “Mas eu de jeito nenhum”.

- Nessa época você já tinha terminado Geografia?

Professora Livia - Já, já dava aula, já tudo, já... já tava fazendo essas disciplinas, sabe, então ele sabia que eu tinha interesse de fazer carreira universitária, tudo. E aí, depois, quando ele soube que mamãe morreu, em 1961, ele voltou a me convidar. Aí eu disse: “Agora eu aceito, porque eu...”, por isso que eu vim em 1962.

- E você conheceu ele lá em São Paulo?

Professora Livia - Sim, ele foi meu professor, desde... fizemos excursão, ele foi do meu concurso, da banca... não, conhecia o doutor João desde a... do primeiro ano que eu fiz Geografia.

- Então, nesse meio de caminho aí, você prestou concurso de ingresso ao ensino público...

Professora Livia - É, de ingresso... público... e aí eu dava aula no secundário. Dava no secundário, e terminei a... a Graduação, e comecei no curso, vamos dizer, de doutorado, que seria... comecei, porque a mamãe me incentivava muito, ela queria... e quando ele me convidou, quando eu falei pra ela, ela disse: “Ah, você deveria ir, você...”, eu falei: “Não, mamãe...”, naquela época, pra vir pra cá, pra eu voltar pra Santos... e meu irmão disse: “Você não leva ela de jeito nenhum pra... pra Rio Claro”. Você pode imaginar o que era Rio Claro naquela época.

Então, em 62, aí ele voltou, já no final de 61, ele voltou. Só que eu tinha a minha cadeira no secundário, então eu falei pra ele que eu pediria aquele afastamento, mas que eu não iria largar, porque eu não sabia o que era da... o que... se ficaria aqui ou não. Então demorou sair meu afastamento, e eu vim pra cá em maio, e não em março, pra com... e ele queria que eu desse a disciplina que se chamava: “Didática Especial de Geografia”, e era no quarto ano, e era o quarto ano que era o primeiro ano de licenc... de formados aqui de Rio Claro. E ele me chamou bem atenção, porque que ele me chamava, ele me convidava. Ele não queria que eu transformasse a minha vinda como trampolim pra eu passar pra Geografia, pra eu vir pra cá e depois passar, trabalhar em Geomorfologia, que eu gostava muito, em Climatologia, Urbana, então ele que eu não... que eu viesse para trabalhar em Didática da Geografia. Que eu fizesse pesquisa, ele usou bem a palavra, que eu iniciasse trabalhos de pesquisa em ensino da Geografia, não em Geomorfologia. Ele... ele disse: “Você pode ir lá com o Carlos Augusto, você pode ir lá com... com a Elza, você pode ir lá... observar, fazer... mas não quero que você faça pesquisa nisso, eu quero que você faça pesquisa em ensino de Geografia”.

- Na época, isso era...

Professora Livia - Era, na... ninguém nem eu sabia o que que era..

.

- Nem a USP?

Professora Livia - Nem a USP, nem a USP não fazia isso...

- Então, foi um trabalho seu... eh... como eu... de pont...

Professora Livia - Pioneiro, de vanguarda e por causa de visão do doutor João, porque foi a visão dele, porque ele que me colocou nisso. Então, quando eu cheguei, não havia programa nem nada, havia a minha experiência de secundário, de primário, o que que eu poderia fazer com os alunos, e nós, também tavam chegando ah... a turma da Filosofia pra trabalhar na... na Pedagogia, a Maria da Penha Villa-lobos que vinha pra Didática Geral, a Maria Alice que tava dando Filosofia da... da Educação. Então era um grupo que... o Tamas Marquejani, que ia dar... ah... Pedagogia, Didática da Pedagogia, e então o doutor João disse: "Você, fica aqui na Geografia, e você fica lá também na Educação", e eu aproveitei, era tempo integral, eu num tinha, entre aspas, o que fazer, eu tava acostumada ah... a dar aula, correr pra cá, pra lá, o que que eu fiz: eu assistia as aulas da.. da Filosofia, eu assistia as aulas de Geomorfologia do... do Carlos Augusto, de Climatologia da... da Elza de Agrária, então eu me atualizei em Geografia com os grandes que estavam aqui, e como eu num... num escrevia nem nada, eu só ia lá, se eu não podia ir eu não ia, mas eu assistia ah... a Aerofotogrametria, que também começou em Rio Claro, eu também fui fazer o curso, porque os meus alunos sabia... faziam reconstrução e eu não sabia nada de Aerofoto, então eu também fiz... a Cartografia, tudo fui fazendo junto com aqui.

E lá, na Educação, Filosofia da Educação que eu não tinha, eu comecei a ler todos os livros ligados ah... a ensino de educação, aí que eu fui ler Kilpatrick, que fui ler Dewey, que eu fui ler todos esses, então... eeu fui, minhas leituras foi ampliando juntamente na Educação, e na Geografia, e também eu ia nas excursões da Geografia, todas as excursões, com Carlos Augusto, com dona Elza, com todos, eu... falava que tinha, lá tava eu. Primeiro também que eu queria ver como que eles trabalhavam no campo, né, então... não tinha, às vezes, por exemplo... a Olguinha Cruz tava fazendo trabalhos e ela queria conhecer a região, num tinha ninguém que fosse com ela, eu ia, então eu sempre acompanhei, ah... pro campo, sempre fiz e eu acho que isso que me deu esta base grande e que eu acho que quem vai pra educação geográfica, precisa por os dois pés nas duas canoas, se ele ficar só num, ou só no outro, se ficar só na Educação, ele perde ah... a evolução, o progresso na Geografia, e ele fica pra trás e aí os alunos não respeitam a gente.

- Na época que você veio pra Rio Claro, ah... a faculdade aqui tava começando ah... se estruturar, na verdade era a primeira turma que tava se formando. Como é que você via a relação de Rio Claro e a USP, já que você vinha da USP?

Professora Livia - Havia si... sempre eu falo, havia um pouco de ciúmes, de... de lá, de cá, e doutor João, porque doutor João era lá da USP, né, então contan... contando um pouco de detalhe, o sonho do doutor João sempre foi ser diretor da... da fac... da Filosofia, né, e era sempre escolhido o doutor Eurípedes, né, e... e a gente sabia, ele num... num conseguia escolher, ele achava que ele ia ser um ótimo diretor, se ele fosse diretor da Filosofia na... na USP. Não conseguiu, nunca foi, porq... era aquelas indicações, aquelas coisas, aí ele aceitou organizar a Filosofia de Santa Catarina, que tava no começo, e a experiência dele foi lá, o teste dele foi lá, que ele levou o Carlos Augusto, o Peluzo, e... e muita gente boa lá pra Santa Catarina...

- Na federal?

Professora Livia - Não sei se chamava federal, ou cham... federal em 1959, 58, não sei se... devia ser federal, mas não sei se fala ainda assim. E nós, nós já falávamos USP naquela época, na... essa sigla de chamar USP é relativamente nova, viu, a primeira vez que eu vi eu digo: "Mas o que que é USP?", universidade de são..., falei: "Ai, eu sou formada por lá, nem sabia que chamavam USP", isso é

relativamente se... novo, né, e... e aí o Jânio Quadros, que tava começando a dar uma nova... orientação pro ensino superior, veio essa idéia de ter campus, espalhados pelo estado de São Paulo. E... e convidou o doutor João pra organizar a daqui, a de... de Rio Claro, mas o doutor João só aceitou se tivesse curso de Geografia, por isso que ele aceitou e ficou aquela dúvida, onde que ia, onde que se localizava, e por questões políticas locais, ficou em Rio Claro. E começou com o curso de Geografia, de Matemática, de Pedagogia e de História Natural. Ficou História Natural por causa doutor Busquenelli, que era... que tinha interesse... e também dizem as más línguas que o doutor Busquenelli puxou a sardinha pro lado achando que ele que ia ser o diretor, e no final o diretor foi o doutor João. E doutor João, era... não sei se pode dizer amigo, mas ele tinha acesso ah... ao palácio do governador, a hora que ele queria, e o dinheiro que ele precisava. Então, ele organizou, por isso que ele fez o curso de Geografia como ele imaginava, já com o ônibus, de cara, pra sair, com a Aerofotogrametria que ele tinha ido não sei onde aí e já tinha visto, já com todos os aparelhos, com o professor dando aula, e ele queria uma Geomorfologia, uma Climatologia moderna e ele convenceu o Carlos Augusto pra vir pra cá. E... queria uma parte agrária e urbana também forte, e trouxe a e... a Elza lá do IBGE, que era considerado, umas das sumidades...

- Elza?

Professora Livia - Keller. Então, aí começou. Na Geografia do Brasil, que veio o Penteado. E Cartografia, era o Linton, que dava ah... a Aerofotogrametria, tudo, então começou já noutro nível, a Geografia daqui, e, é claro, algumas coisas que tinha em São Paulo, na USP, aqui já não tinha. Primeiro, ele trouxe todos os professores com tempo integral. Isso foi também a base que ele exigia. Ele queria..., não queria que fosse “bico” vir pra cá... era pra trabalhar, e pesquisar. Então vocês vão ficar 40 horas fazendo pesq... docência, preparando material e pesquisa, e eu... ele exigia que todos fossem em congressos, naquela época também davam dinheiro pra ir em congressos e... levando trabalhos, pra levar o nome da geog... da... de Rio Claro. Isso num foi só na Geografia, foi a Matemática, a História Natural e a Pedagogia. Foram os quatro cursos que começaram, e começaram pra isso, pra um... um alto nível de pesquisa e de docência. Os alunos que entravam aqui era em tempo integral, os alunos ficavam aqui de manhã, a tarde e às vezes até de noite, o Carlos Augusto dando aula de noite pra eles aqui. Num podia pensar de... de ir pra onde, não... eles não conseguiam dar aula, ah, havia aquele problema de eles não terem dinheiro, mas ninguém podia, não dava tempo pra... só se dava aula de noite, que aí ele forma... marcava aula de noite, o Carlos Augusto.

Professora Rosângela - Livia... agora eu tô falando as perguntas porque eu conheço um pouco o trabalho da Livia. O seu doutorado, eu li o seu doutorado, né, você buscou, né, eh... fazer um... uma contribuição, você trouxe uma contribuição para o currículo de Geografia, naquela discussão do seu doutorado. E, como é que você chegou naquilo?

Professora Livia - Vocês não podem imaginar, cheguei sozinha, batendo a cabeça pra cá e pra lá, sem ninguém pra me dizer como que eu devia fazer, vocês num pode imaginar naquela época, a reprodução era por mimiógrafo de tinta, chovia lá fora, aquela umidade, e eu rodando ah... as minhas... os meus exemplares, todos borrados, vocês não podem imaginar, viu, e depois não acharam que era boa, acharam que aquilo não era, não era pra ter sido feito, só que a minha defesa foi brava, viu, porque eu dizia que ninguém foi... porque quem aceitou dar o nome de orientador foi o... o Araújo, então eu tenho assim uma gratidão muito grande ao... porque nem foi dona Amélia nada, foi... foi o doutor... o professor Araújo, e o Araújo e o Petrone que me defenderam porque eu disse que eu sozinha, num tinha ninguém pra me dizer, ninguém me mandou pra and... o que eu fiz, o que achava que deveria ser feito, e procurei fazer de uma maneira, que outros pudessem repetir e ir pra frente.

Professor João - Por que é um proposta curricular, né, o que você fez...

Professora Livia - É, mas eu, sinceramente, aí aquele... aquele grupo aqui da Filosofia era muito teórico, já tinha saído, e eu achava que tinha que fazer um... uma pesquisa mais prática, mais que pudesse, porque eu também não tinha leituras pra ainda propôr teorias nem nada. Então foi um

trabalho, ficou muito esquecido, eu nem falava no meu doutoramento, foi um pe... foi um... você sabe João, você não pode imaginar a alegria que você me deu, porque eu escondia o meu doutoramento, viu, quando você em... em Maringá, me disse que tinha..., eu falei: “Você fez a livre doc...”, eu falei: “Não, o doutorado...”, você não pode imaginar, a alegria que me deu aquilo, viu, é sinal de que eu tinha feito alguma coisa de validade. De fato, agora olhando pra trás, pra mim aquilo seria uma... um mestrado, num seria o doutorado, mas nós num tínhamos mestrado, mas você me deu muita... você sabe que vo... eu sentia nesse... eu nunca imaginei que o João iria pegar a minha te... a minha tese de doutorado, e iria usá-la, sabe, muito obrigada, viu, João!

Professor João - Obrigado você, pela sua contribuição que você tem dado...

Professora Rosângela - Eh... eu descobri no seu doutorado também...

Professora Livia: Escondido lá.

Professora Rosângela - ... escondido lá, porque procurei pelo seu nome, na busca da original da livre-docência, e me deram o doutorado...

Professora Livia - E aí que você descobriu...

Professora Rosângela - Aí, eu disse: “Ué?”, e eu que num sabia desse trabalho, quer dizer, realmente ele não foi nada divulgado, o que eu acho uma pena, porque nós... se na época ele tivesse sido divulgado, ele teria repro... eh... dado mais...

Professora Livia - É, a única de... a única foi que eu levei para o Congresso Internacional da Índia, viu, mas mesmo o doutor João achou que eu não deveria ter levado, porque ele não gostou do... ele... quer dizer, depois que a gente com... entra nos... na trama, como o Carlos Augusto dizia, que você descobre, na verdade dona Amélia esperava que eu... que ela orientasse, porque ela não tinha orientado ninguém...

Professora Rosângela - Ela er... desculpa, Livia, mas ela estava aqui ou na USP?

Professora Livia - Não, ela tava na USP...

Professora Rosângela - Na Educação?

Professora Livia - É, na Educação. E doutor João achava que ele que deveria ter orientado, não o Araújo, e eu não procurei ele... porque... sei lá, ah... essas coisas que a gente se sente perdido, “Com quem que eu vou falar?”, com quem eu tinha mais liberdade era com o Araújo pra falar isso, era o Araújo e o Petroni, que eu tinha muito mais liberdade, né, aí falei com o Araújo, o Araújo disse: “Eu faço, traga aqui...”, ele disse: “Não, não, vamos po...”, então, quando foi na... na audição, doutor João me pôs pra baixo, viu, e dona Amélia também. Então quando eu fui... quando eu... me preparei pra ir pra... pra Índia, pro congresso, eu ia man... mandei, eu pedi afastamento, não dinheiro, porque ele não me deu dinheiro pra Índia, sabe, só me deram o afastamento, ele disse: “Não vão aceitar, porque o seu trabalho não é bom...”. Aí eu mandei, e aceitaram e o trabalho, na Índia, foi muito reconhecido, gostaram e tudo... Graves tudo, e aí que eu vim conhecer o... o Norman Graves, né, e então tá publicado em inglês, viu, e então, em português num saiu mesmo, viu, porque eu num... aqui eu num... num saiu, eu num tive possibilidade de... de divulgar.

Professora Rosângela - Se eu pegar um gancho na sua resposta e perguntar outra coisa, Livia. Esse... ah, a sua livre-docência, né, foi o seu trabalho de maior repercussão, juntamente depois que já foi publicado pelo IG, e... quando eu fiz a graduação, ele era citado como um trabalho pra ser lido na área de Educação e Ensino de Geografia. Mas, você vê, assim, ah... eu sinto que há um afastamento entre ah... o que acontecia na década de 70 principalmente, no final de 60, 70, na área de Geografia, de Ensino de Geografia, e... a sua atuação aqui. Como é que você vê isso?

Professora Livia - Havia porque... vamos dizer que... a USP, você sabe, sempre foi lá na Educação, sempre foi lá, separado da Geografia, agora que você vê eles tentando vir à mídia, outras pessoas estão vindo a Geografia, e a Geografia tá indo lá. Mas naquela época, não, era completamente separado. Quando houve os... o... aquele encontro, agora não me lembro, acho que foi em 65, não, 65 não..., 69 porque ah... o doutor... ah, foi em 67, foi em 69, que teve um encontro lá em... acho que um congresso de Geografia na... no Rio de Janeiro. Eu levei o trabalho, uma... uma parte do meu doutorado, e eu... o que eu defendi na me... não era mesa, era ct... eram as comunicações, o que eu defendi foi que precisava começar a fazer defe... pesquisa em ensino, porque eu tava sentindo, que todos os que levaram, como até hoje, levam trabalho em congresso, na seção de Geografia, de ensino, levam a sua experiência, o... como que deveria ser o currículo, como deveria ser não sei o quê, o... o que que foi lá... e não uma pesquisa, pesquisado, com metodologia, com... com análise, eh... isso, eh... eu acho que foi em 68, 69 eu devo ter aí que foi esse congresso lá... e eu batalhei isso na se... na seção de ensino da Geografia, chamava acho que ensino da Geografia. E depois muita gente veio me procurar, falei: “Mas isso que nós temos que falar, eu sou de Prática de Ensino, os que somos de Prática de Ensino, temos que fazer pesquisa, pesquisa, num pode mais ficar relatando experiências, que fez aqui, que fez acolá, porque em cada lugar vai ser um tipo de se... desses relatórios, desses relatos...”. E continuou, ainda agora você vê no EGAL também você vê os relató... as comunicações ainda são e... relatos de... de como que deveria ser feito, como fez ah... e não pesquisa.

Professor João - Deixa eu perguntar só um pouquinho sobre as suas... aulas lá em Santos, no Ensino Médio...

Professora Livia - Em Pedro de Toledo... lá na... lá no Igua... na.. na baixada lá, né. Eu fiquei, tive muita sorte, primeiro: eu tava dan... mais nova, dando aula de Geografia, fazendo Filosofia na coisa... então, entre os alunos, então eu tin... eu tinha assim muito... muita autoridade, porque eu tava estudando, e eu dava uma Geografia já moderna pra eles na época, né, as coisas, nós fazíamos trabalhos, eles faziam desenhos, por exemplo na... na sexta se... na quinta série, que naquele tempo era o primeiro ginásio, eu pegava as últimas aulas, dos outros professores e tinha um riozinho lá, e nós íamos dar aula no rio. Então todas aquelas nomenclaturas de rio era dada dentro do rio. Depois, nós íamos pra... pra Peruíbe pra dar a parte de mar, e depois a cidade nós estudávamos a cidade de Pedro de Toledo, então eu sempre fiz isso com os alunos, viu, e levei essa parte de... de excursões, de trabalhos de... práticos com eles, eles confeccionavam mapas, nós fazíamos torneios de isto, daquilo... e quando eu fui pra... pra Europa, as... a outra vez, em 1960, eu tava dando aula lá, em Pedro de Toledo. E eu tive a pachorra... sou bem... bem Livia de Oliveira, eu levei... (final do primeiro lado da fita)

Professora Livia - ... cada série eu mandava de um país, por exemplo da França, outro da Itália, outro da Alemanha, outro da Inglaterra, mandei pra todos. Você não pode imaginar, quando eu voltei da exc... do meu passeio, o trem, até as mães, os pais, tavam tudo lá na estação, me esperando, com o cartãozinho na mão, só... bem... era uma colônia japonesa, e mesmo os brasileiros, e... “Olha o cartão, que a sen...”, então foi assim aquela emoção, nunca tinha recebido um cartão, recebeu um cartão belíssimo, como os cartões europeus, né, então todos eles ficaram encantados e depois aí nós comentamos, eu... eu usava muito cartões pra eles fazerem, análises, viu, geográfica do cartão, e... nós não pudemos ir lá, aí cada um trouxe, fizemos um grupo sobre a França, outro sobre a... Alemanha, tudo através dos cartões deles, então isso sempre... minhas aulas eram movimentadíssimas, viu, e até hoje, o meu grupo lá de Pedro de Toledo, nós nos reunimos, viu, então a turma que entrou no primeiro ano comigo e foi minha pro... foram meus alunos de primeira a quarta, que... que eles me conheciam pela voz, tudo com eu... como eu dava as aulas, nós continuamos nos encontrando lá em Pedro de Toledo, viu, tem uma família, que o sobren... o sobrenome é Satto, e todos eles foram meus alunos, 4, 5, não sei quantos, viu, e nós continu... continuo indo a Pedro de Toledo pelo menos reunimos com todos... E eles, agora os filhos levam o cartãozinho, porque o cartãozinho foi guardado até hoje, e... e uma das últimas vezes um dos filhos veio mostrar e “Como que a senhora mandou esse pro meu pai?”, então, você vê que o... nós estabelecemos um relacionamento e todos eles tem um respeito pela Geografia, que eu acho que é isso que nós temos que fazer, enquanto professores, viu, então eu tenho

com... ah... esses alunos dessa época que estão... que foram trabalhar na Sabesp, que tão trabalhando no... no IPT lá, naqueles... todos aqueles... fizeram Engenharia, todos... todos eles dizem que o que eles aprenderam de Geografia de mim, é o que vale pra eles lá, viu, a questão de enchentes, que nós fazíamos estudo de enchentes, de... de questão de prédios, de tudo, fo... mutos foram pra Engenharia, pra Arquitetura, e eles disseram que até hoje, a Geografia que eles sabem, foi o que eu ensinei no ginásio, porque eles eram... “Depois a gente aprende, ninguém mais diz prático, a senhora dava Geografia prática pra nós aplicarmos, num importava...”. eu falei: “Eu num quero que vocês façam Geografia, eu quero que vocês usem mo... usem a Geografia na vida de vocês, o profissional, o pessoal, porque a Geografia vai valer em qualquer momento de vocês, isso que eu quero. Não quero que vocês façam Geografia, porque vocês vão fazer o que vocês quiserem, o que... que vocês tiverem oportunidade, mas num esqueçam da Geografia, porque ela é, permeia toda a nossa vida, todos os co...”, e essa... esses... criançada de lá até hoje, já tão até avô e continua ainda usando a minha Geografia.

- Só pra voltar um pouco, pra... pontuar o que a gente tá aqui falando agora, como ah... a senhora entrou pela primeira vez na escola, pra lecionar?

Professora Livia - No que? No primário, secundário, superior? Você tem que especificar...

- Na questão da... na escola... no secundário.

Professora Livia - No secundário?

- Isso...

Professor João - No concurso público?

- ... no concurso público...

Professora Livia: No concurso público, foi concurso público, é.

- Tá, e a senhora chegou a lecionar no secundário então?

Professora Livia - Dei, muito... pois foi esses alunos que eu acabei de falar agora pra você. Você nem podia ter perguntado isso, porque eu acabei de falar pra você, você não tá prestando atenção nas minhas respostas, viu.

Professora Rosângela - Mas Livia, o que é legal de você contar pra gente, como é que eram as condições de trabalho... na sala de aula, com os alunos, a escola...

Professora Livia - Então, a escola lá em Pedro de Toledo era bem simples, né, eh... não era prédio próprio, era um prédio emprestado, eh... de... quando vinha a chuva enchia, e no... a primeira vez, eu falei que ia encher mas não pre... não previmos, me... perdeu tudo o material que tinha, depois nós previmos, porque eu sabia, tinha falado pro diretor, porque que ia... a enchente, ele dizia que o rio passava lá longe, e que o rio... e eu falava: “Não é aquele lá, é esse aqui que vai encher. Aquele lá que vai fechar, vai represar e é esse que vai vir aqui, não é aquele!”, mas ele não... então, perdemos muita coisa. E eu também usava, porque... vamos dizer quase que 80, 90 por cento dos alunos eram de origem japonesa, e principalmente de Okinawa os alunos, não eram da ilha, eram todos do arquipélago de Okinawa, então eles eram muito.. todos da agricultura mesmo, e eu aproveitava aquele conhecimento deles, pra organizar a parte agrária, eles me davam todo... o calendário deles, viu, então, pra nós tirarmos que época que chovia, que época... porque eu também cheguei, muito... com aquelas idéias de que... o... o Brasil, o estado de São Paulo, o clima é tropical, com duas estações, uma chuvosa, out... quando eu acabei de falar isso, um menininho levantou a mão e... “Mas aqui chove o ano inteiro”, pois eu tava em pleno... pleno Iguape, plena ali... achando que... as frentes chegam por ali, saem por ali, eles... então falei: “Então vamos ver”, aí eu fui ver de fato, aí depois quando eu fa... quando vim aqui com o Carlos Augusto, o Carlos Augusto me usou até, porque ele disse: “Nós não

temos essa idéia, porque a gente fala que é tudo tropical, e num é, é um tropical úmido, porque chove o ano inteiro, e que... tem a máximas, é são... equinociais”, então, quando eu falei pra ele, disse que a enchente ia ser no outono, o professor lá, o diretor disse que era bobagem, que as enchentes só podiam ser no verão, falei: “Não, porque aqui as máximas são equinociais”, então eu aproveitei dos alunos e isso depois quando eu vim dar aula aqui na Prática de Ensino, eu sempre dizia: “Quando você chegar, você pergunta pros seus alunos, como que é... a cidade dele, o clima dele, como que é as coisas pra você depois entrar com o seu, porque ma... eu cometi esse erro dizendo que o que era... que era duas estações quent... seca e uma úmida, e lá era úmida o ano inteiro, então você tem que tirar, primeiro, a... o conhecimento deles”.

Professora Rosângela - E a disciplina dos alunos?

Professora Livia - Naquela época, você vê, eram crianças japonesas, num tinha problema, né, porque eles... faziam questão, e como os mais malandros preferiam ficar na escola do que no campo com o pai, porque o pai, se não fosse na escola, ia trabalhar... então eles preferiam ficar lá. Então, nós lá não tínhamos esse problema, viu, e era um relacionamento muito assim... informal, porque nós íamos de trem, e já em Ita... em Itanhaém começava a entrar alunos, e nós já íamos brincando, de... palavra-cruzada, de jogos, com a de Matemática, com a de Geogra... com a de História, com a de... com a de Português, nós já íamos... conversando com eles, tudo. Tanto é que a turma de lá, que vinha de cá pra cá, morria de ciúmes, porque nós convivíamos muito mais com os daqui pra lá, de Santos pra... pra Pedro de Toledo. Então, em pedr... lá em Pedro de Toledo eu nunca tive problema, viu.

Quando eu cheguei em São Paulo, antes de eu vir aqui pra Rio Claro, eu... eu me removi pra São Paulo, e era a noite, coisa que eu nunca dei aula a noite, num gostava, eu tive, no começo, um pouco de... de indisciplina, viu, mas depois comecei dar a aula, e comecei a ir quando eu... comecei, em... em fevereiro, e fiquei até maio, então esses 2, 3 meses, eu já não tinha mais também, era a época de 1962, eram... outros tempos, outras... cois...

Professora Rosângela - Aonde você deu aula?

Professora Livia - No... Manuel de Paiva. A diretora era muito... ali na... na vila Nova Conceição. A diretora tinha uma... era muito... não era rígida, ela tinha autoridade, e o grupo nosso de professores, éramos excelentes, como ela dizia, era school, nós brincávamos, porque a... a de... a de Matemática, ela tinha dado... Didática de Matemática um monte de anos na USP, aí agora tava dando no secundário, porque ela queria regimato. A Laurin... a... o Laurindo, que era de Português, que agora eu vejo ele escreve... então, no... a Regina, que depois casou com o... com o Eurípides, era que dava História, então o grupo era assim, então nós... acabou não tendo problema de... de disciplina porque éramos todos capazes e... e interessados, dávamos aula, e... e trabalhávamos com eles, mas eram... eu tinha um problema que era a noite, viu.

Professora Rosângela - Eram alunos que trabalhavam fora, ou não?

Professora Livia - Não, não. É que a escola era usada de dia, e num tinha ainda prédio deles, então usava a noite. Ah... então, mas não, num... era poucos que trabalhavam.

Professor João - Eu queria perguntar...eh, como que... que você vê ah... a sua influência na formação dos professores...

Professora Livia - É difícil, medir, dizer, eu... diria pelo seguinte: como eu dei aula de Prática de Ensino, até o ano... um pouco antes de você, até a...

Professora Rosângela - Você começou quando? Em sessenta e...

Professora Livia - Eu comecei em 62, e agora eu não sei até que ano, quando a... a Prática de Ensino foi lá pra educ..., pra Biologia, eu num sei que ano que aí ficou ah... a Mírian Propnov ficou, então até aquela época, eu que dei.

Professora Rosângela - Setent... não noventa... não, oitenta e quatro?!

Professora Livia - Oitenta e pouco, por aí. Então, é... foi... mas de 20 anos, então, todos alunos eh... foram meus de que.. professores de Geografia, aqui da redondeza, tinham sido meus alunos. Tanto do... em Limeira, Araras, São Carlos, Araraquara, eh... todos, Piracicaba, todos eh... tinham sido meus alunos, então, a gente... recolhe coisas assim, né, por exemplo... uma... formada por aqui, foi dar aula lá em São Bernardo do Campo, e a diretora perguntou: “Com quem que você teve aula de Geografia? Você é formada lá por Rio Claro...”, “Sim, pela professora Livia de Oliveira”, “Então, eu já num... num vou nem fazer seleção, eu contrato você”, porque a diretora tinha sido a minha secretária lá em Pedro de Toledo. Então, a gente encontra essas... essas coisas, e... outras, outros... em outras ocasiões, de pessoas..., de diretores num fazerem seleção, só por saber que eu que tinha sido professora de Prática de Ensino, “Então, entre outras pessoas, eu prefiro você, porque foi prof... você foi aluno lá da Livia”, então... você acha que... e também, ago... sei lá, a gente continua sendo conhecida, porque tantos anos aqui em Rio Claro...

Professor João - E você acha, eh... as mud... queria que você comentasse as mudanças que... que a Geografia, que o Ensino de Geografia teve nesse período.

Professora Livia - A mudança no secundário? Ou no... no superior? No secundário?

Professor João - E tem relação, o que aconteceu com o secundário e o superior?

Professora Livia - Não sei, não sei se tem relação... mas... é que mudou a condição, as... as condições socioeconômicas dos alunos, né, eu acho que com a saída do... da classe média que ia na escola pública, eu acho que aí mudou a clientela na..., na escola, ah, pública, e... e nós talvez na Prática de Ensino, continuamos dando aula, formando alu... professores, pra... pra aquela classe média que num existe mais, teria que haver uma reformulação na formação do professor, porque o professor agora ele sai daqui da... da faculdade e ele encontra um aluno que ele não imagina, eu tenho conversado mesmo..., mesmo os meus agora que estão... ele não esperava aquele aluno, ele não sabe que mudou completamente ah... a conduta, de diretor, de tudo, de tudo... ah, a própria Janaína tá dizendo, ela tá dando aula em Sumaré, que o professor... que o diretor é muito bom, só que o diretor morre de medo dos professor... dos alunos, e... e houve esta inversão, que... que no meu tempo e há até pouco tempo a pessoa importante, central, era o professor, e agora, num é que ele... que o professor não é o central, o aluno é o central, é que agora colocaram o foco no aluno, e todos tem medo do aluno. O professor tem medo, o diretor tem medo, todos tem medo porque a clientela mudou.

Então precisa tratar essa clientela de outra maneira, eu acho que a Psicologia teria que mudar, a Pedagogia teria que mudar, a Pedagogia teria que dar instrumentos pro professor entrar em sala de aula prof... ah... em escola pública. Porque ah... a Renata, que foi sua aluna, ela tá dando aula na... na pública em Santos, e na particular. Então, como ela disse, na particular não teve problema, é o que ela aprendeu aqui, agora no... na pública, ela teve que usar outros recursos pra poder aguent... pra poder enfrentar os alunos, viu, então... eu acho que... eu num sou contra, pelo contrário, que a massa entrasse na escola, precisava, havia a necessidade, o que nós ficamos defasados, a universidade, foi a formação do professor, e não é só o de Geografia, é o de Matemática, o de... de História, de todos porque... eu acho que os nossos cursos de... de licenciatura, não se atualizaram sociologicamente, culturalmente, economicamente, pra aquela clientela que agora vêm a escola pública. Porque nós ainda estamos dando uma... como se a... a clientela fosse a de classe média.

Estão falando aí que a classe média tá voltando, mas num vai voltar porque os pais vão fazer de tudo pra pod... e não, não é só não vai voltar, porque também tem um detalhe, na minha época, a escola boa era pública. Os professores bons, bem pagos, eram da pública. E hoje, as escolas mais bem pagos, são os de escola particular. E por um detalhe, né gente, que a gente não pode escolher. O BIRD dá todo o apoio pra escola... particular, como eu digo, porque que o Integrado ficou essa escola desse jeito? O próprio Koelle aqui de Rio Claro, nunca foi desse jeito quando eu cheguei, porque o BIRD emprega dinheiro, ele dá empréstimo, pra pagar em 30, 50 anos, por 2% ao ano, então com este dinheiro, eles fizeram as escolas... o COC, o Puríssimo, o Puríssimo era péssimo aqui em Rio Claro, o Koelle era péssimo em Rio Claro. Tinha boa aqui era o Ribeiro, era o... Batista Leme, e por que que houve essa

inversão? Num é só a clientela não, porque se tivesse colocado dinheiro nessas escolas, teria mantive... mantivesse o nível das escolas. Porque nós sabemos perfeitamente, gente, mesmo as escola públicas e universidade, por que que nós estamos nessa situ...? Porque nós não recebemos auxílio do BIRD, nem do... do BIRD, nenhum deles nós recebemos, né, mas quem que continua recebendo? As particulares, e elas se tranformam materialmente uma maravilha, mas nós sabemos que o conteúdo continua fraco e... em certos sentidos até a própria particular... ah.... o secundário.

Professora Rosângela - Livia, agradecemos... quer falar mais alguma coisa, Geórgia?

Professora Livia - Fale, Geórgia.

- Não, só agradecer...

Professora Livia: Viu, Geórgia... eu, eu sou professora, viu, e acho que vou morrer como professora, então vocês... qualquer coisa que vocês falam, eu corrijo. Até os meus sobrinhos já sabem que eu sou assim mesmo, viu, e me... me sai na hora, minha correção, viu...

- Mas é isso que a gente queria dessa entrevista, principalmente, sempre, muito... abertamente ah... a fala da senhora...

Professora Livia - Espero que esteja... tenha ficado satisfatório como você queria...

- Com certeza...

Professora Rosângela - Agradecemos muito a sua participação, Livia, e voltaremos...

Professora Livia - Tá, brigado..., eu que agradeço...

APÊNDICE C

TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA LÍVIA DE OLIVEIRA

Entrevista feita com a Profa. Dra. Lívia de Oliveira, no dia 09/05/2005, na Pós-Graduação da UNESP de Rio Claro. A segunda entrevista foi realizada pela professora Rosangela Doin de Almeida e pelo professor João Pedro Pezzato.

- Professora Lívia, retomando a nossa... entrevista anterior, a gente gostaria de fazer algumas perguntas, buscando esclarecer... eh, detalhar algumas questões que ficaram menos... eh... detalhadas na anterior, né. Então, eh, começando a respeito da suas experiência como professora da rede bas... básica, né, do ensino básico, eh... você falou naquela ocasião, que você fazia estudo do meio com os alunos, que você trazia conhecimentos dos alunos, conhecimento... cotidiano dos alunos, passa pra sala de aula, e a partir dele trabalhar os conteúdos da Geografia. Eu gostaria de saber como que você... partiu, da onde você partiu pra fazer... este tipo de trabalho, de prática...

Professora Lívia - Eu tenho a impressão que... agora, voltando... com retrospectiva, eu poderia dizer que foi intuitivo, porque eu num tinha um conhecimento... científico sobre isso. Eu sentia, de que se eu levasse as crianças, os alunos de... de quinta, sexta série ao... ao campo pra eles observarem, pra eles me fazerem perguntas, eu... encontrava que isso era... válido, mas dizer que eu tinha uma base científica, eu num tinha mesmo. Então eu diria que minha base foi intuitiva, e eu sempre achei que ensinar é bom senso, se eu tiver um bom senso... com os meus alunos, eu num vou ensinar nada errado, num vou ensinar nada absurdo, porque eu parto dele e volto para ele. Porque eu sempre pa... ah... procurava eh... ver o que que eles conheciam sobre o meio ambiente, naquela época também não se falava meio ambiente, se falava paisagem, sobre... onde que vocês vivem, as suas cidades, como seus pais cultivam, então era isso que eu... retirava deles, e depois, eu voltava para eles, eu, ah... o que na verdade o que eu fazia era uma sistematização daquele conhecimento, só que aí, filtrado pelo meu conhecimento geográfico, da universidade, porque eu tava na, ah... ainda tava terminando, mas eu tinha conhecimento geográfico, da Geografia, pra poder voltar para os alunos.

- Nas aulas de Prática de Ensino da universidade, não tinha esse tipo de abordagem?

Professora Lívia - Não, exi... exatamente não. O que... por exemplo, o Carlos Augusto fazia, ele fazia blocos diagramas pra dar Geomorfologia, ou ele fazia... aq... todas as representações da circulação atmosférica, ele fa... usava uma lousa toda, pra fazer esses desenhos com giz colorido, tudo, quando os alunos entravam em sala de aula, encontravam já aquilo desenhado. Ele desenha muito bem, né, um artista na verdade, e ele dizia pros alunos, porque... eu assistia as aulas dele, pra fazer a minha atualização de Geomorfologia, de Climatologia, ele diz...: “Vocês... é isso que vocês tem que usar na escola. Quando vocês forem pro ginásio dar aula, vocês também tem que fazer desenho na lousa, pros seus alunos”, então ele chamava atenção, pra toda essa parte dele. Doutor João também, quando nós saíamos pras ex... pras excursões, ele dizia: “Vocês tem que sair com seus alunos no campo, só que não vão ensinar... só que não vão ensinar Geomorfologia profunda” ele dizia, “Vocês tem que fazer uma passagem pros seus alunos”, então isso era mesmo, mesmo a... Elza também, ela chamava atenção da cidade, que se eles fossem dar aula em ginásio, no... em qualquer cidade, mesmo que eles não conhecessem, que eles saíssem com os alunos, pra dar um reconhecimento da cidade. Então, era mais ou menos, os professores chamavam atenção, para as disciplinas que eles ministravam, para os alunos lembrarem quando forem professores, pra fazer isso. Era feito sim, viu, de um modo geral era feito.

- Quer dizer que na época... existia... um senso entre os professores de que... eh... o trabalho de campo era importante para as práticas de aula, tanto da universidade quanto do ensino fundamental. Agora, Lívia, na sua experiência de vida, essa preocupação, essa... esse hábito de observar a paisagem sempre esteve presente? Como é que você começou a prestar atenção nisso?

Professora Livia - Aí eu num... na outra entrevista eu falei muito da minha mãe, agora eu vou falar do meu pai. Meu pai que me levou a isso. Meu pai era uma pessoa... ele trabalhava... fazenda, foi na época de escravo, ele teve escravo, tudo, mas a preocupação dele foi sempre com a natureza. Então, pra nós, quando saíamos, nós tínhamos que coletar ah... folhinhas pra ver a diferença de uma da outra, ele nos ensinava a ouvir os passarinhos, e discriminar um que que tava cantando, outro que tav... a maneira diferente, então toda essa parte de natureza, foi dada por meu pai. Ele... a mamãe também gostava, é claro, ela gostava muito de flores, e tudo, mas quando nós saíamos com ele, era ele que nos... indicando e nos ensinando a discriminar sons, ruídos, cores, eh... todas as diferenças que ele dizia, que o mundo não era igual, que nós tínhamos que observar. E, e nós sempre tivemos o hábito, de quando via... eu já sai... eu sai com 11 anos de casa, pra estudar, nós sempre tivemos o... o hábito de relatar o que tinha acontecido enquanto nós estávamos fora. A mamãe exigia e o papai também ficava prestando atenção, então eu desenvolvi também a fala, né, ah... o discurso, vamos dizer isso, por causa de que tinha que descrever, com detalhes, do que... tudo que tinha passado na... e meu pai, sempre perguntava sobre a paisagem. “Então, o que que você viu de diferente em São Paulo, o que que tem, o que que...”, então, eu sempre observei, sempre tive essa... preocupação com a observação, isso foi do meu pai.

- É... só mais uma perguntinha sobre essa parte, Livia... é... nos materiais didáticos que você usava, eram... tinham livros de Geografia, que livro que era, que você lembra que usava...?

Professora Livia - No ginásio?

- É.

Professora Livia - Você sabe... era o... o Aroldo de Azevedo, mas eu... muitas vezes, pro primeiro ano, pra... pra quinta, sexta série, eu achava um pouco comp... um pouco difícil pra... pras crianças, porque eram crianças lá do meio rural, do... do Vale do Ribeira, né, muitas vezes só falavam japonês em casa, e... eu então eu... escrevia na lousa muito pra eles, viu. E eles tinham um caderno que eles copiavam e eles completavam com a com... eu usava o livro didático como uma consulta pra eles. Tanto é que nem obrigava que eles comprassem, eles usavam o..., já usados, de... de outros colegas, de outros pais. E eu, pela... com a quinta e a sexta série, eu exigia um caderninho de desenho. Não de Cartografia, um de desenho e eles tinham que fazer os desenhinhos aí de... de solos, de... de camadas de... de geomorfologia, então até esse meu sobrinho que eu vou passar, que ele fez Matemática, ele fez a quinta série comigo, né. Então ele pegou, eu mandei ele fazer os desenhos...

- No Vale do Ribeira?

Professora Livia - É, é... Meu... minha irmã morava em Raposo Tavares, e eu dava aula em Pedro de Toledo, então ele vinha de trem. Aí, ele pegou... eu mandei que ele fizesse um caderninho, e ele pegou um caderno velho, arrancou umas folhas, pegou e fez de qualquer jeito e me entregou. E eu fiquei muito brava... “Logo você, Luis Antonio, o meu sobrinho, olha este daqui! Você tinha que fazer deste jeito!”. Peguei, rasguei o caderno “Você vai fazer outro bonitinho, porque você é capaz!”. E ele diz que até hoje, ele não esqueci isso, de que eu disse que ele era capaz de fazer uma coisa melhor do que ele tinha feito, e depois, da próxima vez, ele veio com o caderninho e como ele disse: “Isso, tia, eu na hora fiquei, assim... porque que você fez aquilo comigo? Mas eu na hora senti que você queria que eu fizesse o melhor”. Então, eles davam esses cadernos, eu corrigia, dava nota e eles depois, eu mandava... eu indicava pra eles que não comprassem um caderninho tão fininho, porque já servia pro segundo ano. Aí no segundo ano, eles punham “segundo ano”, que era a sexta, e continuava. Eu fazia só com a quinta e com a sexta, por causa da idade deles, porque já, eu achava que pedir caderninho de desenho pra aluno já na sétima série era tratá-los muito como crianças, e eles não gostariam, eu parava com isso. Aí na quin... na sétima e oitava série, o que nós fazíamos eram os mapas tirados dos Atlas, dos cad... dos livros do Aroldo de Azevedo, nós fazíamos grande reproduções, reproduzíamos pra deixar como material pra própria escola. Então aí eu já mudava o tipo de trabalhos que eu solicitava pra eles, mas eles faziam o trabalho em grupo, e deixávamos pra escola, pra... pra outro professor e no ano seguinte eu mudava que trab... que mapas que nós faríamos, porque a gente já aproveitava o que tinha feito

- E tinha Atlas na escola?

Professora Livia - Não. Eu fiz, comprei com o meu dinheiro, os Atlas... aquele que era do IBGE, e deixei na escola, pra... pra ser usado, porque eh... uns, ficar... os pais ficaram tão entusiasmados que compraram, mas eu comprei 40 eh... mandei lá pro IBGE e eles me mandaram mais barato né, e eu comp... deixei os 40 mapas, porque desde o começo, que eu comecei a lecionar Geografia, no secundário, eu sentia que a base da Geografia, pro ensino, tinha que ser o mapa. Eu sempre senti isso, tinha que ser o mapa. Eu tinha que partir do mapa e chegar no mapa, porque qualquer coisa que eu ia trabalhar com eles, eu ia tr... trabalhar com a representação, então sempre... por isso eu comprei os Atlas pra escola.

- E a ampliação, como vocês faziam?

Professora Livia - Era uma loucura, viu, eles iam, procuravam os engenheiros de lá, e arrumavam pantógrafo, viu, eles se viravam, viu, eu dizia: “Eu quero...” e eles se viravam, eles encont... sempre tinha um... um agrimensor, um... porque tinha muitas terras, né, que tinha que medir, aí... e eles faziam por pantógrafo, viu, isso eu deixava por conta deles.

-E não era por quadrículas?

Professora Livia - Não. Eles iam com o pantógrafo, viu, usava o pantógrafo, ia o pequeno de um lado... porque tinha um que descobriu isso, deixava isso por conta deles, viu.

- Isso de você... passar tarefa e deixar eles se virarem, já era alguma coisa que podia, no futuro, ter te aproximado do Piaget?

Professora Livia - É, talvez fosse, talvez fosse, viu. Eu deixava mesmo, mesmo quando eu fazia as excursões, dentro da cidade, ou na redondeza, também, eu deixava, eles iam com um caderninho, aí já era sétima, oitava série né, que eu fazia, e eles tinham que aprend... a ver o que que eles iriam ver. Mas também eu ficava com a parte mais alegre, eu não sei, você no seu tempo já não sei se era, que nós fazíamos músicas nas excursões.

- Sim. Tinha.

Professora Livia - Então com eles também: (cantando) “O relevo hostil, do meu Brasil...”, nós todos fazíamos, então com eles, também eu fazia, nós íamos cantando e depois quando voltava, eles faziam, pegava uma outra música, com uma outra letra e até o... “Gnaisse, gnaisse... e mais gnaisse...”, porque nós andamos e só encontramos o gnaisse, eles ficaram desesperados porque não encontraram outra rocha, só gnaisse, gnaisse, gnaisse... então isto, era assim... eh... pra outras... mas eu fazia isso no sábado e no domingo, né. Eu ficava lá, e pra num ficar longe da minha mãe, eu trazia a minha mãe, tinha uma casa de família, muito nossa amiga, lá em Pedro de Toledo, eu vinha na sexta-feira com a mamãe, e nós no sábado, eu saía com um grupo e no domingo com outro grupo, então nós saíamos, e a família tod... todas as... as famílias nos ajudavam muito, viu, tinha uma padaria, ela fazia os lanches pra nós levarmos, viu, cada família dava uma coisa, e eles gostavam de me ver, esse interesse com os alunos, que no sábado e no domingo eu voltava pra trabalhar com eles, viu.

- Você não ganhava pra fazer isso?

Professora Livia - Não, não. Não ganhava nada não. Eu ganhava a satisfação de ver aquela criançada descobrindo coisas, e isso que era a minha satisfação, né. Tanto é que ah... eles se conheciam, a mamãe gostava mui... porque nessa época o meu pai já tinha morrido, né, eles gostavam muito da mamãe, então quando eu ia corrigir as provas dela... deles, ela refazia todas as leituras, e aí ela vinha: “Mas fulaninho, você vai... dê mais meio pontinho pra... ele vai ficar reprovado, Livia, não deixe ele... olha, é aquele menininho, que veio...”, então, havia uma... uma relação muito... muito íntima, sabe, eles todos sabiam que a mamãe era protetora deles, viu. “Ah, fale pra dona Altina não sei o que...”, mandavam goiaba, mandavam coisas pra mamãe porque sabiam que a mamãe era protetora deles, pra que eu não fosse muito rig... exigente, porque eu era mesmo exigente com eles, viu, eu dizia que não podia ser fácil, porque a vida lá fora ia ser difícil, e era melhor eu exigir pra eles, porque eles sabiam

que eu tava... que eu gostava deles, que eu tava... in... fazendo tudo por eles, do que lá fora, eles iriam estar sozinhos.

- E qual era a carga horária sua, dessa época? Você lembra?

Professora Lívia - Ah, eu nem sei dizer, viu, porque eu... dava duas aulas por semana de Geografia, e era quatro... era oito, era oito aulas, né porque eu dava... ia num dia, e depois... era quatro... era duas... não, era oito por série, né. É, oito por série... então dava... era quatro séries, nem sei!

-Era quinta, sexta, sétima e oitava?

Professora Lívia - É...

- Uma de cada...

Professora Lívia - Uma de cada, é, então eu dava quatro aulas na... num dia, e depois quatro aulas... mas dava na todas... só tinha uma série de cada uma...

- Dois dias dava...

Professora Lívia - Dava... é. Então viajava, eu ia dois dias pra lá, porque os outros dias eu voltava em São Paulo pra terminar a faculdade. Então eu ia de sexta... de segunda e de sexta, porque sexta eu tinha História lá, então eu fazia um... um arranjo lá e...

- E o salário dava pra pagar a viagem, a estadia...?

Professora Lívia - Dava, dava. Eh... num era uma coisa... eu sempre senti isso, que no mundo inteiro o professor nunca vai enriquecer. Isso eu também falava nas minhas aulas de... de Didática: “Você escolheu o profissão, mas não vai enriquecer, dentro de... do ensino, você não enriquece. O que você enriquece é que você tem uma realização íntima muito grande, viu, porque o... a relação do professor com o aluno é uma relação especial, e isto você não tem entre patrão e empregado, em lugar nenhum, nem no comércio, nem na indústria, em lugar nenhum, é só no magistério que a gente essa relação”. E... eu... dava pra eu ganhar, dava pra eu viajar, eu viajava muito, comprava as coisas que eu queria, mas nunca fui de... de muito luxo, então... dava.

-Lívia depois que... você veio pra Rio Claro, né, você começou a trabalhar com... com a pesquisa, com a Prática... com a Didática, né...

- Só... só pra completar, desculpa, é que... é que existiu um mito de que... que professor, na década de 70, 60, ganhava igual um juiz.

Professora Lívia - Não, não...

-Eu queria... você já ouviu essa...

Professora Lívia - Já, já... Isso, sabe, ganhava... na época de 1920, 1930, viu. Já 60 não, viu. Nem 50... eu entrei em 56, não, não ganhava não. O professor universitário talvez sim, mas o professor secundário não. Era um... fui um mito mesmo.

- Então, Lívia, quando você veio pra Rio Claro, quando você começou a trabalhar com a Didática aqui, você passou a se voltar mais pra área da educação, assim... mas muito eh... preocupada com o ensino da Geografia, né. Eh... e a sua livre-docência... que é um trabalho, digamos assim pioneiro e de referência, né, na produção eh... acadêmica na área de ensino, né, eh... tem um... aporte teórico-metodológico muito rigoroso na sua parte, porque é um ponto extremamente positivo, né, e que você faz uma retomada de um... de uma pesquisa do... do Piaget, sobre a idade das crianças e relacionou isso com eh... as estruturas cognitivas pra compreensão do mapa, né. O que... no seu texto não tem e o

que a gente queria saber da sua parte, é como é que você chegou nesse tema, porque o Piaget tem uma obra muito vasta, né, sobre a representação do espaço, tem vários aspectos que você poderia ter explorado, né, mas você se voltou para esta questão específica, né. Como é que você chegou nisso?

Professora Livia - E... no começo, quer dizer, eu quando comecei a trabalhar na Didática, senti que era a questão do mapa que... que seria importante pro... desenvolver trabalhos. Mas, antes de eu entrar, ah... entrar em contato com o Piaget, eu tive várias vezes nos Estados Unidos, principalmente na universidade de Iowa, que já estava com uma Geografia moderna, diferente, pra frente, né, era um centro importante, ah... ela tinha o doutor... o Arold Carter, doutor Coalt, vários professores já famosos na Geografia, e eu entrei em contato com uma bibliografia... com uma biblioteca daquelas fabulosas, né, e eu entrando, tudo, procurando, não sabia exatamente o que eu queria fazer, mas instintivamente, intuitivamente eu sabia, mas claramente não. Ao procurar toda a biblioteca, não encontrei nada, e eu tinha muitas conversas ah... com o doutor Coalt, ele sempre se interessou por ensino, porque, em geral, lá nos Estados Unidos, quando os professores chegam a ser “professor”, quando eles chegam no máximo, eles passam a voltar... a se interessar pelo mínimo, pelo ensino. Então, ele já tava nessa fase, né, chefe de departamento nos Estados Unidos, é um... é uma coisa importantíssima você chefe de departamento, e ele já tava nesse ponto, já tinha livros, já tinha sido presidente da AG, então agora, ele já tava voltado para o Ensino, então nós conversávamos muito, então ele brincava comigo, que eu, de começo tava indo pro ensino e ele tava indo pro fim, mas que nós tínhamos muita coisa em comum. E... ele que me deu muitas dicas, de co... como fazer uma pesquisa, de procurar tudo, mas eu não sabia direito. Aí, eu fui no encontro, as datas pra mim já me confundem um pouco viu, fui num encontro da UGI, na União Soviética. E antes de... de ir pra União Soviética...

- UGI o que que era?

Professora Livia - Da UGI, União Geográfica Internacional. Era um encontro internacional, que eu fui em vários da... da... não me lembro, acho que foi em 80, não, foi antes, porque foi antes de eu ter feito a minha livre docência. E eu... então, como nós íamos pagar passagem pra Europa, tudo, eu fui com antecedência, e... escrevi lá pro centro de... de epistemologia lá do Piaget, e consegui um estágio, então eu fiquei um mês fazendo... estagiando. Aí, enc... encontrei a biblioteca específica, conversei... conversei muito rapidamente com Piaget, ele ainda tava vivo, tava fazendo ah... os oitenta anos, tudo, mas eu tive a oportunidade de ter uma entrevista com Will Ban, que era o que trabalhava com espaço. E aí eu coloquei todos os meus problemas, as minhas angústias, as minhas preocupações, como o espaço geográfico, eu disse pra ele que eu tava lendo toda a parte de espaço do Piaget, e que não encontrava o espaço geográfico. E aí que ele me disse: “Quem vai encontrar, é você. Você que ta... porque nós não vamos encontrar pra você. Você que vai fazer essa ponte, porque você conhece Geografia, e agora você trabalha com o espaço... do Piaget, então você faça essa superposição. Faça você isso.”, eu até re... ponho um trechozinho da nossa... da nossa conversa com Will Ban, então ele não mandou que eu... que eu procurasse. Então isso que me deu eh... mesmo direção pra fazer esse trabalho, né. Eu já tinha feito alguns, e aí quando eu voltei, eu me... deve ter sido... 64, 68, 72 deve ter sido... porque depois eu fui fazer o... e aí eu... me deu, pode dizer um insite, um estalo, o que que foi, de que, no mapa, que eu trabalhava no mapa, no plano, e que eu tinha que fazer a passagem pro aluno no plano, não na realidade, não lá fora, que eu tinha que trabalhar com ele na re... na representação. Então, vendo isso, eu... achei que... como que nós faríamos essa passagem, se no mapa é tão importante a direita e a esquerda, e acima e abaixo. E, muita gente, erradamente, fala “em cima” e “embaixo”, e “em cima” e “embaixo” é altimetria, não no plano. No plano, não há “em cima”, é acima e abaixo. Quando me... isso também conversando com uma professora de Português, que ela me ajudou ah... a usar a palavra exata no Português, e ela disse: “Livia, não existe... em cima é uma coisa, e acima é outra, e no mapa é acima, porque eu não vou pra cima no mapa, em vou... em direção pro norte...”

- ... que é bidimensional, né?

Professora Livia- É, é... mas o mapa não. Então, eu vi que faria... e eu encontrei no Piaget, aquele de... da frente e atrás. E... e pro direita e esquerda? Aí que eu criei um... os testes também. As provas

também de direita e esquerda, porque também eu ia na Matemática, e perguntava pro Mario Tourasse o que que era direita, o que que era esquerda, porque tem, a Matemática tem que me descrever, tem que me... definir. Ele disse que não tem uma definição exata em Matemática pra direita e esquerda. “Defina você”, ele dizia pra mim, e eu defini. Então eu defini voltando com o Piaget, que trabalha com o próprio corpo. Então naquela situação... aí eu tinha que fazer a passagem pro mapa, aí eu encontrei os mapas pra poder fazer as provas, né. Então quando eu tive as três provas, acima e abaixo, direita e esquerda, né, acima e abaixo, direita e esquerda, aí eu passei pro mapa. O que... norte sul, leste oeste. E aí eu... fiz a prova. Todas as provas, teve que fazer todo o trabalho, todo os... os materiais, toda aquela coisa.

E agora, como que eu vou fazer? Aí eu testei numa escola só, ainda era aquela época que o... Batista Leme mora... ainda tava situado ali na... na avenida 1, eh... usei a escola toda, e aí eu... ap... aperfeiçoei ah... os meus testes, as minhas provas, acertei tudo, e depois eu queria que fosse perfeito, o mais perfeito ah... a pesquisa. Então... coletei em cada escola, ainda naquela época não tinha tanta escola como aqui em Rio Claro, eu coletei todos os nomes dos alunos de todas as... de quinta a oitava série, ah... organizei em ah... letra alfabética, misturando todas as escolas, então as minhas listas era, por exemplo, de idade, tinha que amarrar a idade com a série, então quinta série eram 11 anos, então fiz listas e listas de todas as crianças. Aí depois que eu fiz todas as listas, aí eu fiz o sorteio por ah... aleatoriamente, usando aquela tabela. Então eu tirava os alunos, vamos dizer, quatro saiam numa escola, três saiam da outra, porque tava ah... a população era mesmo... completa, e aí eu tinha ah... que aplicar num período curto, porque você sabe que no Piaget, um mês faz diferença, você já não pode comparar os... Então eu preparei alunos da Pedagogia pra poder me ajudar ah... a aplicar, nem peguei da Geografia, viu, tinha que ser da Pedagogia, que entendia a história. Então eu fiz... quatro plan... quatro cópias, cada uma tinha pa... levei em casa, aplicou em mim, todas viram, tava direitinho, eram alunas já de terceira, quarta série... da Pedagogia, e aí eu fui nas escolas, eles me deram uma sala, porque tinha que tirar as crianças da sala.

E aí como que eu tirava... porque você sabe que... se você chegar numa sala e dizer: “Eu quero fulano que saia pra vir falar...”, as crianças pessoalmente, eh... eu fiz de primeira a oitava série, não foi de quinta, foi de primeira a oitava série...

- E tinha Pedagogia nessa época?

Professora Livia - Desde o começo tinha Pedagogia aqui... foi um dos cursos de... iniciais daqui. Depois que ficou uns anos sem...

- Ah...

Professora Livia - E aí, eu... como que eu tirar uma criança de sete anos da classe, dizendo que ela tinha que sair, ela já viria com medo, preocupada pra poder fazer... eu trouxe uma sobrinha minha, que é muito... eh... ela se dá muito bem com criança, muit... e ela ia buscar as crianças na sala de aula, viu, e ela vinha, eu falava: “Odilene, você venha com a mã... dando a mão”, e diz que as crianças apertavam a mão, porque elas não sabiam pra onde que elas iam, viu, todas as crian... então, eu tive todos esses cuidados pra não entrar... que a crianç... que isso atrapalhasse na coisa. E aí depois quando elas viam que era um brinquedo, que era uma coisa, elas se sentiam a vontade. Na sétima, oitava série já não precisava, mas precisava alguém que os tirasse da sala. Isso encontrei de todos os diretores, me ajudaram todos por... (pausa da fita)

... comparados, isso que eu queria, porque eu falei: “Se eu não fizer um rigor, num vou poder comparar”, e depois a minha procura também, como sempre como professora, eu queria fazer uma pesquisa completa, rigorosa, precisa... mas clara, que qualquer outro professor pudesse rep... reproduzir, pudesse a partir da minha pes... da minha pesquisa, criar outras pesquisas, inven... realizar outras pesquisas. Então, foi feito com todo esse cuidado eh... e depois que tive que fazer o... a análise, tudo, depois já foi mais fácil, porque a gente já tava dentro de cas... então a coleta que foi rigorosa, viu, o preparo de instrumento de medida foi trabalhoso, eu demorei pra chegar naquilo, e depois a coleta também foi trabalhosa, porque eu tinha que controla-lo, não queria que passasse nada de fora, e depois, pra sentar e fazer o... a análise e o... aí, já foi trabalho meu, discutido meu.

- Você constatou uma defasagem, né, nas crianças...

Professora Livia - É, uma pequena defasagem é. Isso... depois conversando com dona Amélia, outras pessoas, é comum porque... num compara as nossas escolas com as européias e americanas, não compara viu. O mês que eu fiquei lá em Genebra, e fui muito na escola lá de lá, eu ia quase todo dia na escolinha, viu, é uma beleza, vocês não podem imaginar o que que é ensinar numa escola daquele tipo. Mas eu também fui numa escola pública de Genebra, com alunos comuns também, professores, o diretor me deixou assistir, entrar na sala, então também a escola pública é uma coisa, gente, toda... então não tem nada a ver com a nossa escola, então não é possível, não dá pra você comparar mesmo viu, não dá pra você comparar... então, eu encontrei essa defasagem, e depois quando eu encontrei a... Barbel veio no Brasil naquele encontro, e depois nós fomos a Curitiba e ela recebeu doutor... o Honoris Causa da universidade do Paraná, eu perguntei a ela, falei que... ela disse: “É isso mesmo, viu” ela disse que “todos que tem feito, quando aplicam, usam o Piaget, encontram uma defasagem, a não ser por exemplo, como ela disse, na Finlândia, na Suécia”, ela disse que “pode até algum que possa ir um pouco a mais, mas você encontrar um pouco a menos, não, mas o importante é que você encontrou todos os... e todos eles chegaram. Se eles chegaram, atingiram o... o estágio um pouco atrasado, isso não vai atrás... vai fazer com que eles se infelizes”, ela ainda usou essa palavra né, “eles vão ser... chegaram um pouco mais atrasados, mas chegaram, isso que é importante é que o aluno atinja os estágios”.

- E porque você não continuou... aprofundando o estudo na linha piagetiana? Porque depois, na sua livre docência, você... nos seus trabalhos eh... acadêmicos, publicações, leituras, você acha que descobriu...

Professora Livia - A percepção.

- É...

Professora Livia - É porque eu... eu sempre gostei da novidade, e aí, mesmo trabalhando com o Piaget, eu encontrei a percepção, a do Piaget, e eu também, às vezes que ia nos Estados Unidos, eu já tinha lá... já tava começando o ‘perception environment’, com todos trabalhando nisso, eu e... porque aí eu encontrei um lugar na Geografia, pra eu trabalhar. Então eu comecei a trabalhar com isso, né. Aí... foi isso, por causa da... mas era Piaget ainda, só que a percepção. E como agora, nós já tamos saindo da percepção e passando pra cognição, porque na verdade, num é propriamente percepção que a gente faz de... é cognição, porque a percepção é um pouco parada, né, é meio... ela é de laboratório, ela é de... de dentro de sala de aula, né, de sala... e nós agora já tamos usando a palavra cognição, já tamos vendo, porque na verdade, o que nós trabalhamos é a cognição e não com a percepção. Então, já estão começando os primeiros trabalhos, e muita gente já tá mudando a palavra pra cognição.

-E esses são os trabalhos que você tá orientando agora?

Professora Livia - É, os trabalhos que eu to orientando agora. E que eu orientei já voltando pra cognição.

- E nessa volta, você retoma o Piaget ou não?

Professora Livia - Sim, sim. Continuo, continuo com o Piaget. Porque eu li toda a parte do Vigotsky, mas o Vigotsky é o... me dá um outra complementação, né. Muita gente, quando ele apareceu, disse: “Ele derrubou o Piaget”. De jeito nenhum, ele... primeiro que na época, na União Soviética era proibido ler e trabalhar com o Piaget, né, como agora ainda em Cuba, vocês sabe que Cuba, uma amiga minha que é psicóloga, teve lá e ela apresentou um trabalho e foi um horror, viu, só faltaram levar ela pra fora, porque não podia abrir aquela palavra, porque é claro, o Piaget leva as crianças, os alunos à crítica, à realização não... não é repetida, não é uma doutrinação, tanto é que não há ah... conscientização, há tomada de consciência, então você sabe... ela ficou, ela disse: “Olha, eu nem imaginava, porque já na União Soviética tinha acabado, já era Rússia, tudo”, mas em Cuba ainda é completamente proibido e a palavra Piaget é... pe pecado, viu, inda. Então, em questão de educação,

você encontra essa dificuldade, como quando eu fui lá na União Soviética, que leve.. que ainda era União Soviética e o meu trabalho era piagetiano, o Stouffman disse: “Não, você fala, eu também vou falar de Piaget”, nós já tínhamos um grupo grande... “não, nós vamos falar, eles não vão poder nos pregar... prender por causa disso, porque aqui é um congresso, eles não podiam... você mandou trabalho antes...”, mas o da Maria Lúcia lá em Cuba, ela passou mal, viu.

- Agora, Livia, aproveitando um ganho aí da sua discussão, as vertentes teóricas da... da Psicologia, da Sociologia, da Educação, né, em relação à Geografia, eh... eu diria que no artigo que você deixou com a gente, né, a sua preocupação quando você estava estudando mais sobre a percepção do meio ambiente e situou o pessoal que tava trabalhando com a percepção, em Rio Claro, né, e daí houve uma cisão com São Paulo, né, eh... o pessoal da geografia mais marxista, que predominou na década de 70 né, 80 e tal, eh... essa cisão, como é que você vê essa cisão, sobre a questão do ensino? Né, porque o ensino de Geografia ficou meio... como o João tava falando, quer dizer que tinha uma preocupação no passado, tinha. E como é que isso se perde? Quer dizer, onde é que tá... como é que você vê essa passagem, como é que você percebeu, sentiu essa fase, década de 70, década de 80, na... no ensino de Geografia?

Professora Livia - Eu, agora com perspectiva, podendo... na época também não conseguia perceber isso na... exatamente, pra mim foi a... a questão do marxismo, porque nós sabemos perfeitamente que a doutrina marxista é dogmática, quando a gente estuda epistemologia, eu num entendia como que uma pessoa que quer fazer ciência, possa ser marxista, doutrinariamente falando, doutrinariam... porque é uma doutrina e é um dogmatismo, não permite a crítica, não permite nem a dúvida, nem... não permite nem o ceticismo, é dogmático, é aquilo e acabou. Então muitos dos geógrafos, que também não leram Marx, ouviram falar, porque eu conversava com as pessoas e nunca leram porque eu li o Capital antes de entrar na Geografia, por questão de religião, na... eu pertencia a um grupo, na JUC, e nós já na época de 40, final de 40, nós já lemos todo o Marx.

- O que que era a JUC?

Professora Livia - Era juventude universitária católica, e nós tínhamos grupos de estudos, e já se...

- Isso lá na USP?

Professora Livia- E nessa época eu li toda a obra do Marx e já tínhamos constatado que era uma ideologia, agora a parte econômica, isso eu não entro em discussão, porque isso é outro... outro aspecto do Marx, o que eu falo é essa parte, e para o Ensino, eu acho que de jeito nenhum poderia ser, eh... colocado as noções de Marx pra educação, a começar que ele nunca teve preocupação com isso, ele não tem livros, não tem trabalhos, não teve essa preocupação com a educação... a preocupação dele era muito mais econômica, pras classes eh... operárias, as classes sociais, era essa a sua preocupação, que é válida, ninguém dizia que devia ser tratado o trabalhador de outra maneira, mas muitos de nossos geógrafos tomaram conta da... da CENP, e levaram... porque enquanto eu fui da CENP, nós sempre tínhamos essa preocupação de que a parte universitária se preocupasse também com o ensino, já separasse o universitário com o secundário, mas aí acabou, eles tomaram conta, fizeram isso, mudaram toda a grade curricular, tiraram toda a parte de natureza, você sabe, tiraram toda a parte de Geografia física, e o que tinha que dar era economia, era sociologia, porque eles deturpam o Marx na verdade, a meu ver foi isso. Foi uma deturpação, eu acho que o Marx não deve ter concordado com isso, e eu também, o que eu falava na época, como havia o materialismo histórico, eles que trabalhavam com o materialismo, que procurassem o materialismo geográfico, porque deveria existir, eu diria, uma dialética geográfica, eu não tava preocupada com a dialética, nem com o materialismo geográfico, mas tinha que ter um materialismo e é isso que era o papel do geógrafo que tinha que fazer e não transformar o materialismo histórico pra transformar o ensino da Geografia, então a mim, aí que ta, pode ser que eu esteja errada, mas aí que fez e hoje nós temos isso, não sei quando que vamos conseguir recuperar a nossa parte perdida, como diria o Carlos Augusto, o nosso “geo”, porque nós perdemos mesmo, né, e os professores de ciências não sabem nada de Climatologia, não sabem nada de... nem de solo eles sabem né, nem de relevo, nem de vegetação, dizem que dão toda a parte física.

- Então agora a gente já pode fazer um balanço desse período de geografia crítica né, que foi uma parte desse momento do ensino, e dá pra fazer umas análises como essa que você fez, né Lívia. E os PCNs? Você conhece, sabe o que é?

Professora Lívia - Eu não entrei mais, não entrei mais. Tive visto, discuti com um... muitas das proposições são válidas, só que eu acho que como perdeu uma parte aqui, pra retomar o que tava lá colocado, eu não sei mais, e depois era assim; quando eu fiz concurso pro ensino secundário, aparecia 50, 60 professores, candidatos... passavam 20, 15. Hoje, chegam... aparece 10 mil, e passa 2 mil, então, eu acho que agora a CENP deveria usar outra estratégia, porque é outro contexto, é outra realidade, viu.

- É um ensino de massa mesmo.

Professora Lívia- É, é de massa mesmo.

- Nisso, Lívia, ah... essa que você fala que perdeu e ficou fazendo falta, quer dizer que não houve durante um período, produção de conhecimento voltada para o ensino de Geografia, é isso?

Professora Lívia - Não houve. Por isso que uma das explicações entre o período da minha tese em 1977 e depois o aparecimento do... da Cartografia infantil, foram... porque durante esse período, muitos professores estavam preocupados com a parte marxista, com a parte da dialética, com outras preocupações, e quando começou fazer a volta, passaram a se interessar pelo... pelo ensino da Geografia. Eu... eu sou otimista, viu, eu acho que nós já fomos, e já estamos voltando... eu já vi muitos dos meus colegas que já foram radicais hoje já tão... procurando fazer pesquisa dentro do ensino da Geografia, muitos já estão aceitando a percepção, então você nota... e já estão vendo mais o Marx como ele deve ser visto, como filósofo, como um homem estudioso, preocupado com a economia que era naquela época, eu acho que hoje eles tão pondo o Marx na devida posição. Porque havia mesmo, aquele encontro que o... o Correia, com é que é...

-: Manuel Correia?

Professora Lívia - Não... o... ai, o da Geografia, que escrevia do lugar sem lugar...

- O Armando...

Professora Lívia- Isso, o Armando... quando ele propôs um encontro sobre as categorias da Geografia, que foi no Rio de Janeiro e que foi o... Milton Santos, só tava... só eu de diferente, como um patinho feio lá no meio né, e a Fani brincou comigo: “E você, Lívia?”, e eu digo: “Não, a categoria, a preocupação com as categorias da Geografia não são de vocês, não é da... do marxismo, da Geografia radical. A categoria básica da Geografia...”

- Que ano foi isso?

Professora Lívia- Ai, eu já nem sei, tá escrito aí... quando foi? Não me lembro quando foi, viu. E ainda o... o Milton Santos disse: “Não, nós temos que aceitar, porque se é uma pessoa preocupada teórica... com a teoria da Geografia é a Lívia e ela tá acima de todas essas coisas viu”, e eles aceitaram o que eu coloquei, da questão da... que tinha que pensar nas categorias da Geografia a partir do ensino, não a partir... até nem sei onde que foi para o meu trabalho, viu, que a partir do ensino e não a partir do geógrafo, ver quais as, como que a criança e o adolescente categoriza a Geografia porque a partir daí um categoriza o outro. Então aceitaram tudo, mas era da... foi naquela época mesmo, e... o... mas eu me dava muito bem com o Armando, ele dizia que a única pessoa que entendia os livros dele era eu, porque eu lia, nunca tinha problema de ler, e o Milton Santos também, ele sempre me respeitou muito como eu também a ele, ele sempre dizia: “Você... essa gentarada aí”, ele dizia pra mim “mesmo esses marxistas aí não sabem nada, Lívia, você sabe muito mais e Marx do que eles”, mas, foi uma época assim de... como se diz, de troca de... assim parecia uma... o final de uma... de um jogo do Corinthians,

como agora ontem o corinthians perdeu e ninguém aceitou que perdeu, desse de 5 a 1 do São Paulo, então é aquela coisa...

- Bom, eh... eu falei da questão dos PCNs relacionado com essa proposta que predominou por causa da CENP porque ele busca retomar um pouco a questão da natureza... então, por isso que eu perguntei... Professora Livia - É... eu acho que valia a pena a gente voltar, fazer uma discussão, só que eu acho que essas coisas que vem lá de cima não vem pra durar viu, vem o PCN, passou... é meio assim como... como é que se diz, eles tem que fazer relatórios lá tem cima, dizer que fizeram, então fizeram o PCN. Eles não tão nem aí, nem com o PCN, nem com o professor, nem com o aluno, eles não tão nem aí, como se diz viu... estão só fazendo relatório pra dizer que fizeram. Mas eu acho que seria válido estudar, fazer uma... e não sei... até quando vão ficar esses PCNs válidos? Não sabemos...

-Até vir outro...

Professora Livia - Até vir outro que proponha outro... então eu ao sei se... se eu tinha interesse de gastar meu tempo nisso. Eu preferia fazer as pesquisas diretas, e que... dentro do ensino da Geografia.

- Livia, daqueles outros professores que estiveram com você aqui em Rio Claro no início da sua formação, ah... o Carlos Augusto... quem mais esteve?

Professora Livia - Mas também tinha a parte da educação. Eu, a minha sala era na Geografia, porque o doutor João queria que eu ficasse na Geografia, mas depois eu descobri que administrativamente eu era da educação, não era da Geografia. Então, mas eu me ligava muito com a turma da Educação, e também naquela primeira época, naqueles primeiros anos, a Pedagogia também teve gente de grande nomes, né, como a Maria da Penha Villa Lobos, que dava Didática, era formada em Filosofia, a Maria Alice Fonseca que dava História da Filosofia, que também era formada em Filosofia, a Regina Bicalho, que ainda tá aqui em Araraquara também era filósofa, e... o Tamás, que depois ficou mais na economia mas que veio pra Pedagogia no começo, então, era um grupo muito bom, e que eu aprendi muito com eles e que eu entrei em contato com muitas leituras, que eu não conhecia... não conhecia, Kilpatrick, Dewey, Berthard Russel, então a me... a Penha me dava livro e eu lia, lia, lia pra saber como que eu passava tudo aquilo pra... pra Geografia, né, Anísio Teixeira, toda essa... todos esses nomes eu entrei em contato com o pessoal da Educação. E também tinha... nós tínhamos a Matemática que era muito boa, e o Ubiratã tava chegando na teoria dos conjuntos, então tínhamos que... isso perdeu um pouco, então nós tínhamos que... ele era da Matemática, e ele dava pra nós a teoria dos conjuntos, como uma introdução, porque nós não sabíamos, e precisávamos trabalhar com isso, né, então era gente da Sociologia, da Geografia, da Matem... mesmo da Matemática, e ele dava esses cursos, né.

- Esses cursos eram informais assim?

Professora Livia: É, eram informais, nós que... fim da tarde, a gente se... via o dia que todos podiam, eo Ubiratã, o Ubiratã Ambrósio, que tava... agora ele tá no... na UNICAMP, e ele nos dava. E também a questão da epistemologia, ligada a Matemática, ah... o Mario Turrasi fazia discussões com a Penha, por que a Penha pra ler o Piaget, teve que ir no Turrasi pra entender a Matemática do Piaget. E tinha também um grupo menor, uns 4 ou 5, mas com... então, eu aproveitei esse começo, a gente não tinha compromisso, não sabia que tinha compromisso com doutorado, nada disso, a gente... aí eu aproveitei, ler, ler, ler de cá, reuniões de cá, reuniões de lá, e na SBPC sabe, eu aproveitei...

- E na universidade tudo era...

Professora Livia- Era mais fácil, muito mais... e quando a gente acordou de repente que tinha passado os 5 anos e era obrigatório fazer o doutorado ali, se não os... a gente ia ser manda embora, então foi uma água fria na cabeça., porque foram 5 anos que eu passei inocentemente eu vou dizer viu, porque não sabia que tinha que... sabia que.. eu queria fazer o doutorado, mas num sabia que tinha uma data... até aquela data, né.

- Então você atribui a esse período inicial um momento em que houve uma toca intensa entre os professores e uma produção de conhecimento a partir daí muito grande...

Professora Livia- Muito grande...

-Quando não tinha controle, né... e com o controle...

Professora Livia- Acabou. E aí, nós mont... fundamos aqui a AGB de São Paulo ..., de Rio Claro. E também, o diretor era sempre um professor, e os alunos participavam da diretoria, mas não como diretor, aliás sempre... eu fui, o Tavares, o Carlos Augusto no começo foi ele, então a gente sempre tínhamos reuniões anua... semanais e tínhamos sempre uma palestra. A reunião era bem do tipo da AGB primeiro, então tinha uma reunião, a pal... a gente trazia alguém, um próprio professor, aí eu levava a Maria da Penha pra fazer um aparte de Filosofia, levava um da Matemática, então, e reunia alunos e professores de Geografia, na reunião, e isso era a reunião da AGB, e depois nós tínhamos a UPEG, que era a união paulista de estudantes de Geografia, e também na UPEG precisava... aí era os alunos na diret... que eram os diretores, mas precisava de um professor como... orientador e também, eu por muitos anos, eu fui isso, e eu acompanhava os alunos nas reuniões do... das reuniões de UPEG dos alunos, eu sempre fui com eles... As me... até hoje quando eu encontro com o Arquimedes, aí da... ele lembra até hoje da nossa briga contra os Estudos Sociais, eles eram alunos e precisavam brigar em Diamantina contra os Estudos Sociais e fomos nós, e fui eu lá, eu fui eu com os alunos, e brigamos, saímos correndo, o ônibus ligado e nós corremos, a turma correndo atrás de nós porque era contra, que eram a favor dos Estudos Sociais, e nós com a Geografia, Geografia... lembro até hoje isso, viu. Então nós, havia um... uma ligação entre os professores e os alunos de graduação muito grande viu, muito grande.

- E a procura pelo curso, né, nesse período de OSPB, Estudos Sociais...houve uma mudança?

Professora Livia - Agora?

- Não, naquela épo... naquele momento da década de...

Professora Livia - Não, a procura que sempre foi alta, viu, porque nós sempre começamos o curso bom... de muito bom nível, porque o doutor, o primeiro curso no estado, viu, que teve Aerofotogrametria fomos nós, que teve... Antropologia, não... então nós tínhamos umas certas, sabe... um certo corpo docente, uma grade curricular muito chamativa pros profess... pros alunos, então nós sempre tivemos procura, viu.

É que eu pensei que tinha havido...

Professora Livia - Não, uma época teve, quando... venceu os Estudos Sociais, muita gente procurou porque eram 3 anos, tinha até ah... a curta era de um ano e meio, e muita gente queria dar aula e então aí procurou e podia dar aquele curso de educação moral e cívica, lembra, então com aquele curso podia dar. Então, só naquela época que houve um pouco... uma diminuição, mas logo depois já... já começou de novo a procura.

- É, ainda sobre as mudanças no ensino, né, na década de 70, com a 5692, depois com as mudanças das propostas curriculares na década de 80, com a formulação, eh... você... como você percebeu essa mudança... fazendo uma relação com o ensino eh.. na universidade, com a formação dos alunos?

Professora Livia - Eu, eu diria a você o seguinte: enquanto nós fomos um instituto isolado, que nós podíamos escolher até os professores pra contratar, eu acho que nós tivemos um nível melhor. Porque, nós mesmos, os professores, que fazíamos o vestibular dos alunos, então os alunos nos vinham, e nós, por exemplo, e isso era muito comum, eu sempre examinava inglês. O Carlos Augusto, Geografia e essas coisas... o francês o Jorge, então nós mesmos fazíamos a seleção pra entrar na universidade. E como o Carlos disse... o Carlos Augusto sempre dizia e mesmo a Elza, que ela via também, que às

vezes o aluno tava nervoso, não tinha ido bem na prova escrita, nem na prov... porque tinha prova oral naquela época, né, ela deixava de lado e depois nós fazíamos uma reunião pra ver cada um, e aí a gente olhava o currículo, as notas que ele tinha aqui no... ginásio, né, e de que ginásio que ele vinha, e dizia que era um aluno bom, ficou nervoso, pode ser tímido, vamos perder esse aluno? Não, não vamos. Então vamos aprovar. Então, havia muito isso, e muitos, não vou dizer os nomes, muitos que entraram através disso, de nós termos feito essa... hoje são professores aqui, viu. Aqui e noutro lugar, porque este... este vestibular do jeito que é feito, fica muito impessoal, e nós, não é que nós protegíamos, mas era pessoalmente, e mesmo o contra... a chegada dos professores também, reunia o departamento, e todos davam palpite, contava a história do que tava querendo entrar. E aí a gente fazia um balanço, e entrava. Eu também acho que foi com isso que nós tivemos um nível bom, porque no momento que entra um professor que sabe fazer um data... um datashow e dá uma aula no data show, todo... isso não vai indicar pra nenhum que ele vai entrar aqui no nosso dep... e entra com nosso espírito de porc... de corpo, porque nós perdemos esse espírito de corpo, viu, que nós tínhamos, viu. Nós sentíamos que nós éramos um grupo que não... num era fechado, podia entrar, mas para entrar tinha que ter certas... certos valores, certos... e agora a gente...

(pausa da fita)

... constato isso, que a seleção de um professor pra entrar, seja por exemplo, como base que ele... o que ele considera o curso de Geografia. Como ele considera, se ele sente... vai entrar num grupo que ele se sinta orgulhoso de fazer parte, e eu não sinto isso, viu. Pra mim, um po... um pouco é isso que ta acontecendo...

- Passa por uma massificação do ensin...

Professora Lívia- É, uma massificação. Ele ta, ele faz o exame, passa em primeiro lugar, mas eu acho... é dado mais importância a... a prova que ele fez do que a entrevista, quando nós sempre demos mais importância a entrevista. Porque muitos professores que entraram aqui, usaram só como trampolim, em todos... um trampolim, porque queria ir pra São Paulo, ir pra não sei onde...

- É... a partir da sua experiência e formação de professora dando aula de Didática da Geografia, eh... que tipos de problemas os estagiários, os alunos que faziam estágio, traziam pra você? Você se recorda disso?

Professora Lívia - Não, difícil dizer porque eles nunca foram sozinhos fazer estágio, eu sempre acompanhei eles no estágio, viu. Eu nunca deixei os meus licenciando sozinhos lá na escola, viu, eu achava que era largar na cova do leão sozinhos, viu, porque os alunos, as crianças, os alunos lá sabiam que eles não eram professor, o professor sabia que ele não era um professor, quem impunha respeito era eu lá, viu, porque eu conversava com os professores antes, pra preparar... os meus alunos preparavam uma... um capítulo de dados da escola, eu escolhia dentro do programa do professor, o que o profes... então em tal... em agosto, em tal semana, eu vou dar esta... ela me dava e os meus alunos preparavam... um grupo preparava um de quinta série, outro de sexta, outro de sétima, e... e cada um preparava aquele... não era capítulo, como é que se fala?

- O tema...

Professora Lívia - O tema. E eles preparavam o... o texto, e iam lá dar aula, mas eu ficava lá na sala, viu, porque também os meus alunos, os meus licenciandos sentiam um pouco de medo de ficar sozinhos na frente da classe, ainda mais com a professora lá, olhando pra eles, porque era uma situação de gente que nunca deu aula, né, então isso eu nunca deixei, nos 20 anos que eu trabalhei, eu nunca deixei os meus alunos sozinho, viu.

- Quantos alunos você tinha, Lívia?

Professora Lívia- Tinha... o ano que eu tive mais foram 50. E eu, trabalhava de dia e de noite, mas nunca deixei os meus alunos sozinhos, viu. Foi o grupo maior que eu tive, mas dep... no começo eram poucos, mas depois tinha 20, 30, eu nunca... foram poucos, viu.

- E que texto que você usava com eles?

Professora Livia - Eu pegava o texto, o... o tema que o professor deu, tirava lá do professor, por exemplo, ele ia dar... Geografia física ah... geral de rios, por exemplo... então eu pegava o tema de lá. E eles preparavam uma apostila, eu tenho isso, posso ver pra você. Acho que eu dei tudo lá pra Renata, vou tomar da Renata, viu. Então eles faziam mapas, distribuíam pra cada aluno, tinha mapas, tinha... eh... exercícios, e a gente dava um pra professora, porque aí nisto, eles atualizavam os conhecimentos do professor de sala de aula, e eu me lembro de uma que teve que falar sobre cana-de-açúcar, num tinha idéia, “Mas como que eu vou falar? Como que produz?”, eu disse: “Vá numa dessas fazendas aí, e entre lá”, e aí que ela descobriu que pra plantar a cana, era o... o pedaço de cana que punha, e punha de atravessado, e ela ficou boba, ela achava que se... enfiava a... então eu sempre fiz isso, viu, elas todas eh... eu tenho todos os feitos da época viu.

- É muito interessante, né.

Professora Livia - É... então a minha... a minha idéia, mas é que... a parte minha, da minha aula de Didática, me tomava muito tempo por causa do estágio, e eu sempre achei que estágio era desse jeito, acomp... com acompanhamento, né, supervisionado e com acompanhamento. E eu nunca tive tempo, mas o meu sonho, era escrever um livro e o atlas, quando vocês eh... conseguiu, e fez o atlas, eu me senti realizada, viu, eu num senti... a minha inveja foi muito positiva de você, não... porque tem gente que tem aquela inveja duída, “Ah, ai... eu que... eu que tinha que ter feito”, não, eu fiquei feliz que você tivesse feito, viu. Agora o que eu senti que nunca consegui, com algumas alunas, das que saíram, nós tentamos fazer um livro didático, como que eu imaginava, mas eu nunca consegui reunir um grupo pra isso, viu. Porque eu também já tava na percepção, correndo, viajando, eu viajava muito, ia muito em congressos, dava muito cursos fora, então eu senti isso, viu, mas agora, eu tô me realizando...

- Livia, eu fiz prática de ensino com o Bernardo Isller, você tinha aproximação com ele? (Com relação à professora Rosângela)

Professora Livia- Muito, nós somos muito amigos, fomos colegas na época, o Bernardão, como falávamos...

-Você trabalhou com estudo dirigido? Ele fazia a gente escrever o estudo dirigido, você fez isso também?

Professora Livia - Não, não... eu dava uma aula até sobre estudo dirigido... eu fazia na prática com eles, viu, dava um texto, e isso na prática, só pra eles ter idéia do que que era ensino dirigido...

- Tem a ver com a escola nova, né?

Professora Livia - É...

- O Bernardo... obrigava a gente a fazer o estudo, e tinha que fazer...

Professora Livia- É, eu não fazia com eles não... eu dava uma aula, como uma aula prática, né, dava um texto, fazia os... arrumava os grupos, dividiam, e eu dava... e eu ia dando a parte de sistematização, mas não... pra eles fazerem não...

- E a passagem da didática da Geografia pra prática de ensino? Como que foi essa mudança?

Professora Livia - Eu continuei fazendo a mesmo a coisa, não mudei de jeito nenhum, porque o meu conceito de... de didática era a prática. É claro, eu dava um pouquinho de teoria pra eles, a gente discutia, e enquanto eu ia dando as aulas da prática, eu dava um pouco de teoria da didática. Então, eu num sentia diferença, viu. Eu talvez sentiria agora, com o... a carga horária, que agora que mudou a carga horária, então eu... eu acho que agora eu teria que fazer uma remodelação, mas a... a passagem primeira, num sei por... porque a minha aula era de 60, era de 120, porque eu dava aula o ano inteiro,

mas eu já mais au... horas/aula, por causa do preparo dos temas, tudo, então, mas eu não sei o que eu faria agora com os alunos o cont... a contagem de horas/aula, da carga horária.

- Quantas aulas os alunos davam?

Professora Livia: eles davam uma... um tema, viu. E cada um dava um, mas todos... todos preparavam, vamos dizer se o grupo dava 5, ou 4, todos os alunos paravam, todos iam lá, todos os dias de aula, e... e cada um dava uma aula. Então, por exemplo, um dava apresentação, um dava isso, e depois todos trabalhavam com... aí nós dávamos o trabalho com os alunos, e todos trabalhavam com os alunos.

- E... e agora, com a mudança curricular do ensino superior, as iniciativas mudaram, né, você acha que foi bom?

Professora Livia - Mas eu não sei exatamente o que que mudou e pra que que foi, viu. Isso, sinceramente, eu não sei.

- Por exemplo, separou o estágio da prática de ensino... ainda tá...

Professora Livia - Eu num... eu num sei, eu num acompanhei mais. Porque eu nunca separei a prática do estágio, né. Mas se tivesse que separar, dava pra separar...

- Acho que acabou, né?

- Livia, nós agradecemos você, pela disposição aqui na nossa entrevista, e prometemos dar um bom destino...

- Obrigado.

Professora Livia - Eu que agradeço, de... de ter a oportunidade de falar com vocês...

APÊNDICE D

TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA LÍVIA DE OLIVEIRA

Entrevista realizada no prédio da pós graduação da Unesp no dia 14/05/2007 pela professora Rosagela Doin de Almeida, professor João Pedro Pezzato e Geórgia S. Picelli Laubstein Oliveira.

- A senhora se recorda da vinda de Piaget ao Brasil?

Professora Lívia - Não, quando ele veio eu acho que nem tava ligada à geografia. Você tem a data que ele veio?

- Não, mas mais ou menos na década de 50...

Professora Lívia - É, em 50 eu estava na Geografia, estava saindo, ou pode ser que até estivesse na Enfermagem, mas não na Geografia. Mas é que não me disse nada o Piaget na época.

- Então como foi seu primeiro contato com a obra dele?

Professora Lívia - Depois de formada em Geografia, depois de dando aula, quando eu vim aqui pra Rio Claro depois de 62 é que comecei a estudar a parte da Nova Educação. Comecei ler livros de Educação, do Hokeimer, do Bertrand Russel; aí que eu entrei em contacto com essa literatura e junto com o Piaget. Porque a Maria da Penha Villalobos ela já estava preparando o Doutorado dela sobre o Piaget. Então aí que eu entrei em contacto e comecei a ler o Piaget e como tinha o problema do espaço e nós também na época já estávamos discutindo que a Geografia estudava o espaço, não era simplesmente a descrição, então foi aí que eu entrei. Foi depois de 62.

- E nesse seu contato o que mais marcou? A primeira coisa quando a senhora teve contato com o Piaget o que mais te marcou nesse primeiro contato?

Professora Lívia - Porque ele se preocupava com o espaço, com o espaço das crianças, e aí também que eu vi a primeira vez a palavra de dizer construção do espaço pela criança; aí acendeu a lamparina, que de fato os alunos da primeira, do fundamental, agora no ensino médio, eles estavam construindo o espaço deles. E aí que eu fui também, junto com isso, eu fui ver o que era espaço. Então eu fui pra matemática a partir também já da matemática porque o Piaget também trabalhava com o espaço da matemática. E quando eu dizia no grupo de professores aqui da pedagogia que eu trabalhava com espaço geográfico, ninguém sabia o que era espaço geográfico. Porque para eles só existia o espaço matemático e o espaço físico, mas o espaço geográfico, o que era? O que era a geografia? Então também comecei a me perguntar: o que era geografia? E todos me tiravam sarro, porque o que é geografia, o que é? Aí que eu vi que eu não podia mais dar aquela resposta da descrição da geografia. Eu também fui reler o Sorre, reler o Demartone, o Vidal de La Blache, que na verdade, nós é que líamos como se fosse uma simples descrição, mas mesmo esses geógrafos mais antigos, eles não ficavam presos à descrição, nós aqui na geo... ,aqui no Brasil que nós dizíamos isso. Então quando eu comecei a ler as minhas leituras e claro, junto com o do Piaget, eu fui encontrando respostas no Piaget, e junto, a parte da educação, que também já tinha passado de que não era só psicologia, não era só pedagogia que a criança também tinha um desenvolvimento mental. Então aí toda a década de 60 e começo de 70 lendo, lendo, lendo as coisas do Piaget.

- E a senhora também conhece a obra da Amélia Domingues de Castro, e Zélia Chiarottino?

Professora Lívia - Sim, porque a dona Amélia foi minha professora na USP, e eu tinha muita ligação com ela. Tanto é que ela foi da minha banca de Livre Docência; eu trabalhei, conversei muito com ela, porque agora eu acho que é mais dif..., mais fácil fazer uma Livre Docência, porque já tem muita gente com o título. Mas naquela época eram pouquíssimas, então eu tinha muito medo se o que eu

estava fazendo daria uma Livre Docência; é sempre essa a preocupação... Porque a gente, no Doutorado, você tem um orientador, e ali eu não tinha um orientador. Então eu discuti muito com ela e ela diz que sim, que eu consegui, porque apesar da dona Amélia ter vindo da Geografia, o doutorado dela foi em História.

Professora Rosângela - A dona Amélia é formada em Geografia?

Professora Livia - É, em Geografia e História, por isso o Doutorado dela é Didática de História por isso que o meu foi o primeiro em Geografia.

Professor João- Mas você também era História e Geografia?Naquela época...

Livia - Era tudo junto, era tudo junto.

Professor João - Só que depois cada uma caminhou...

Professora Livia - Datas exatamente eu já não sei, mas eu estava cursando, frequentando o curso de Geografia e História quando veio a separação, porque achavam que não podia mais continuar, faltavam disciplinas pra História, faltavam disciplinas pra Geografia, não havia tempo na grade curricular e aí separaram. Então quem estava no momento podia escolher ir para Geografia, terminar Geografia, ou terminar para História ou terminar Geografia e História. Eu continuei na Geografia e História, eu tinha entrado então na licenciatura em Geografia e História.

Professor João - Você falou da Amélia, da questão da Livre Docência, em que ano foi a sua Livre Docência?

Professora Livia - Em 1977, a Dona Amélia já tinha feito a dela né? Ela fez um trabalho muito bom; o Doutorado dela também não tinha grandes coisas porque ninguém nem sabia direito como pesquisar em educação. Agora, já a Livre Docência dela já é uma grande contribuição para o ensino geral, e para nós da geografia estava bom, casava tudo o que nos interessava.

-É justamente isso que nós íamos perguntar, qual era a contribuição dessas autoras para a educação?

Professora Livia- E a Zélia Chiarottino foi o livro dela que a gente começou a ler; aí também como eu procurei em São Paulo, ela já tava dando aula na psicologia, e ela também continuava trabalhando porque ela tinha estado na França, ela trabalhou com Granget. É, acho que o Doutorado foi orientado pelo Granget; foi aí que eu entrei em contato com a Zélia.

- A senhora nos mostra nas entrevistas passadas que a senhora encontrou a percepção no Piaget. E que notou que nos Estados Unidos já estavam começando estudos sobre o “perception environment”. Aí então os seus trabalhos e suas pesquisas se tornaram conhecidas no Brasil e internacionalmente, principalmente pelo seu trabalho ligado à geografia humanista; tanto é verdade que muitos encontros foram feitos em sua homenagem, suas publicações nessa área são sempre lembradas e citadas... E nós gostaríamos que a senhora falasse porque o interesse por essas duas áreas diferentes?

Professora Livia - Percepção não é separado do meio ambiente, porque quando eu trabalhava com o espaço baseado no Piaget, eu tive que trabalhar com a percepção. Então eu li toda a parte de percepção, de inteligência do Piaget, os livros e tudo. E aí que pra minha definição, e que eu uso, porque muita gente usa agora outras definições pra percepção, a percepção é atribuição de significados, a gente vê tudo, ouve tudo, pega em tudo, porque a percepção é... como eu poderia... É através dos sentidos, mas você tem que, ao selecionar o que você, o que lhe interessa, é aquilo que atribui significado. E também aí que chegamos a conclusão fazendo parte daquele grupo que nós reunimos em Araraquara, que tivemos vários encontros de..., eu não me lembro o nome, que nós vimos com o Batro, que vinha da Argentina e dava tudo...Aí que nós chegamos à conclusão, como o Batro também falou que nós não trabalhávamos exatamente com a percepção, mas com a cognição. Também quando tinha um dos professores que vinha de Ribeirão Preto, ele é psicólogo, era do nosso

grupo, fez Mestrado, fez Doutorado - até fui fazer parte da Banca que era de titular dele. Como tinham poucos titulares ele pediu que eu fosse. Aí que também, discutindo, aí a gente viu que na verdade, nós não fazemos percepção do meio ambiente, nós fazemos cognição do meio ambiente, é o conhecimento que nós temos. Então agora é que nós estamos passando pro outro lado, mas o título ficou percepção do meio ambiente. Então agora nos últimos orientandos nós temos acrescentado no título percepção e cognição porque a percepção em psicologia é o aqui e agora, e é um trabalho de laboratório, você pra fazer todos os experimentos em psicologia visual, você fica parada vendo as coisas, todos aqueles testes. Mas não é isso que nós fazemos. E também quando o Piaget reconhece que entre a percepção e a inteligência, a cognição ele coloca uma atividade perceptiva, na verdade nós trabalhamos com as atividades perceptivas.

Professor João - Então a cognição é mais atividade perceptiva...

Lívia - É, está mais perto porque ele coloca que é um contínuo. Então a cognição está mais, vamos dizer, no final e a percepção no começo da atividade perceptiva.

Professora Rosângela - É um movimento entre a assimilação e a acomodação...

Professora Lívia - E a acomodação, é que ela tá ali. E também com a percepção eu tive que ver e rever, entender toda essa fase, destrinchar todo esse conhecimento do Piaget, dos livros dele. E nessa época que nós estávamos começando a fazer os primeiros estudos, as primeiras pesquisas aqui; nós aí, quando eu fui... agora não me lembro exatamente, acho que depois que eu fiz a Livre Docência que teve um Encontro de percepção do meio ambiente lá na Nigéria que era da UGI. E aí que conversamos, eles também não se incomodavam em dizer que não estavam preocupados com a base psicológica que eles estavam trabalhando. Pra eles isso era nada, eles queriam era na verdade atitudes das pessoas diante da paisagem, diante do meio ambiente. Mas o nome ficou percepção do meio ambiente, deveria também ser naquela época deveria ter-se atitude, mas... Aí depois que veio o livro do Tuan.

Professor João - E a geografia da percepção?

Professora Lívia - Então, e a geografia da percepção começaram a falar, nós mesmos começamos a falar, depois eu vi que não era, porque a geografia da percepção é comportamental, a psicologia é Skinneriana, por isso que nós falamos percepção do meio ambiente, ou percepção geográfica, mas não geografia da percepção. Porque a geografia da percepção é um tipo de pesquisa, eles nem falam como campo, é um tipo de pesquisa encomendada, em geral, pelos legisladores, os deputados, pra mercado. Por exemplo, querem implantar um supermercado, uma loja num lugar então aí que faz a percepção, é uma geografia da percepção porque eles usam um mapa e distribuem o que lhes estão interessando. Mas nós nunca trabalhamos nisso. É válido, tem muita gente que ganha a vida fazendo isso, mas nós aqui nunca fizemos isso.

Professora Lívia -. Mas são coisas que entram e a gente não consegue tirar, mas mesmo no começo eu também não falava Geografia Humanista, foi depois que a gente foi vendo que existia, que o Tuan já estava falando assim, e o Claval no grupo francês chamava de Geografia Cultural, mas é a mesma Geografia Cultural, só que no inglês, no americano, nos ingleses, é Geografia Humanista.

Professor João - E americanos é Cultural?

Professora Lívia - É... não, franceses é Cultural.

Professor João - Americanos também?

Professora Lívia - Não, francês é Humanista. Vamos dizer, de língua inglesa é Humanista, e francês é que é Cultural.

- A senhora vivenciou a transição da escola para a Escola Nova; como a senhora vê a influência do Dewey e do Anísio Teixeira na educação e também no seu trabalho no magistério?

Professora Livia - Nessa época eu não trabalhava com educação, eu era Enfermeira nessa época. Eu vim ler Dewey, eu vim ler Anísio Teixeira quando entrei aqui em 62. Então eu entrei em contacto com a Escola Nova, vamos dizer, ela já tinha acontecido aqui.

Professor João - Porque veja bem, até as publicações, aquele livro que divulga um pouco as idéias da Escola Ativa é de 60, final de 60, início de 70...

Professora Livia - Então, quando eu entrei na Geografia foi em 5348. Então eu não estava interessada em educação, eu tava interessada aí em Geografia, eu tava saindo da Enfermagem, passando por Geografia. E na Geografia não se falava, ninguém tava preocupado com Escola Nova, nem com nada, pelo menos lá na USP ninguém falava; talvez na pedagogia falasse, mas cada curso apesar de que o prédio era o mesmo, cada um estudava o seu.

Então quando eu comecei a dar aula, aí que eu comecei a fazer indagações, como o que acontece, como que os meus alunos aprendem, como que eu posso afirmar que eles aprenderam, como que eu devo chegar até eles. Mas quando eu cheguei aqui em 62 pra dar Prática de Ensino é que eu comecei a ler Dewey, e todos eles, li Kilpatrick, todos, todos, todos a partir daqui. Pode me arrumar um copinho d'água?

- Então senhora disse que não teve contato direto, a senhora não vivenciou a passagem da Escola Nova. Mas de alguma forma a Escola Nova ou as idéias da Escola Nova estavam presentes, a senhora teve algum contato, a senhora fez alguma discussão, ou não se fazia algum tipo de discussão, nada?

Professor João - Porque na sua época de 60, começavam algumas publicações, até no sentido de divulgar o pensamento do Piaget, um pouco dessa idéia construtivista estava surgindo na década de 60 e 70...

Professora Livia - Então, mas eu só ouvi quando eu cheguei aqui que eu ouvi falar em Piaget.

Professora Rosângela - Os trabalhos de campo, estudo do meio, são atividades bem, vamos dizer assim, situadas dentro do movimento da Escola Nova, que é ir ao campo, observar, fazer registro. E isso na outra entrevista você falou que fazia muito já antes...

Professora Livia - Mas eu fazia por mim. Que eu considerava - porque eu nunca ouvi falar, nunca tinha ouvido falar o nome do Estudo do Meio - porque eu só ouvi Estudo do Meio quando cheguei aqui que conheci o Colégio Vocacional, mas antes disso não. Eu fiz isto intuitivamente, e com quem eu falava muito era com o Aziz, ele que me dizia: "Você tá lá numa região como é lá no litoral sul que eu tava em Pedro de Toledo, esse é riquíssimo lugar pra você levar os alunos pra entrar, pra você conhecer".

Professor João - Que é um método da pesquisa geográfica, na verdade, esse trabalho de campo.

Professora Livia - É. Então, eu no fim de semana saía com os alunos; nós entrávamos por trilha, e mostrando, eles vendo a rocha, que tipo de rocha que era, a parte de vegetação; o tempo todo eles marcavam horas que choviam, isso na escola mesmo, em casa, o dia que chovia. Então nós fazíamos gráficos. Então isso tudo o que eu fazia era intuitivamente. Por exemplo, tinha um rio lá perto, eu dava aula de rio lá dentro do rio pra eles aprenderem. Então não esquece o que é margem, o que é talvegue, todas essas coisas. E de cidade também, eles faziam a planta da cidade, localizavam. E também eu trabalhava muito com a professora de desenho, ela ajudava muito, os croquis que eles faziam, e a de português pra corrigir o português. Então, eu fazia isso daí; eu trabalhei seis anos lá em Pedro de Toledo, mas era intuitivamente, porque eu considero que se o professor, mesmo que ele não tenha

48 Nas duas entrevistas anteriores a professora Livia diz que entrou na Geografia da USP em 1952. Assim sendo, utilizamos essa data como base em nossas análises.

grandes leituras, ele colocado diante dos alunos e se ele tiver bom senso pra ensinar ele consegue descobrir as coisas com os alunos.

- Aí então, na época quando a senhora começou a lecionar na Faculdade aqui de Filosofia, aqui em Rio Claro, o que se propunha como didática no ensino da Geografia?

Professora Livia - Não sei o que você quer dizer com “propunha como didática”. Também era uma outra parte que nós não sabíamos direito o que era Didática. Aí que eu fui ler o que era didática, o que era pedagogia. E também, pros meus alunos - você vê que as primeiras turmas que eu dei aula foi pedido pelo Departamento - eu fazia um pequeno histórico da Geografia, dava pra eles e dava um pouco das Escolas portugue..., inglesa, americana, francesa, alemã, dava um pouco dessa visão. E depois eu dava leituras pra eles. Então eu procurei tirar. Eles começaram a ler, também os alunos, sabe: Anísio Teixeira, Kilpatrick . Então eles começaram a ler pra saber o que tinha que ensinar, mas eu passei aí pra prática. Então eu já começava a preparar pra fazer os estágios com eles, pra eles entrarem em contacto com os alunos no secundário, no ginásio. Mas a Didática, se você me perguntar que Didática que eu usava, eu não posso dizer pra você que eu sei, como agora.

- Mas agora, justamente isso, não exatamente à essa didática, mas justamente às idéias que permeavam essa didática, quais idéias a senhora utilizava pra dar a tua aula, pra colocar aquilo, usar aquilo como didática...

Professora Livia - E como eram relativamente poucos alunos, nós nos reuníamos, aí eu também já comecei a usar uma mesa redonda, fazendo em grupos, isso eu usava. Aí depois até o Carlos Augusto gostou muito dos grupos. Aí ele também começou a fazer grupos; ele dava trabalho e mandava que cada um fizesse um grupo, porque todo mundo dava aquela aula magna né? Lá na frente dando aula, e eu desde o começo eu comecei dando aula, não assim expositiva, expositiva, de discussões, de usar grupos.

Professora Rosangela - Mas é importante esse seu comentário porque assim, quando a gente tá preocupado com um currículo de geografia, de ensino de geografia, sabendo de quem esteve na Universidade nessa época que não existia algo produzido como didática da geografia, já pontua que esse conhecimento de como ensinar não tava situado lá, daquela fase, por exemplo, a fase pós 60 né? Até 70 por aí, não havia mesmo produção nacional sobre isso, tanto então que você traz os autores estrangeiros...

Professora Livia – Não, não tinha. E eram os traduzidos, porque pra mandar, não ia dar o Dewey pra eles lerem em inglês né? Eles liam já o Dewey. E eu preparava alguns textos, já conversava com a Maria da Penha, ela já dava algumas leituras e aí apareceu logo no começo o livro do Aebli traduzido, primeiro ele em espanhol. Então esse já começamos a ler, aí eu dava...

Professor João: Qual era o título do livro?

Professora Livia - Era... como é que chama...

Professora Rosangela - Era o Prática de Ensino da Geografia ou Didática da Geografia não era?

Professora Livia - É o que? Não, não é da Geografia, o do Aebli...

Professora Rosangela: Hans Aebli

Professora Livia - O Hans Aebli, não é da Geografia, é da Didática.

Professora Rosangela: Prática de Ensino

Professora Livia - Prática de Ensino, é, Prática de Ensino. E aí o Aebli que dava umas técnicas, umas práticas, e eu usava aquelas práticas que ele dava. Por exemplo, na parte de geografia que ele dizia que

a geografia devia usar o contraste. Então eles preparavam aula pra mostrar isto e aquilo pra fazer a comparação através do contraste, não dá tudo igual, nada, que não era tudo homogêneo. Então eu usei muito o Aebli

Professora Rosângela - E ele traz uma parte bem da construção do pensamento do Piaget...

Professora Livia - Do Piaget, é.

-E daí, continuando, eu li os relatórios elaborados pelos seus alunos da graduação, aqueles relatórios que a senhora deu pra Rosângela...

Professora Livia - É, não é relatório aquilo, era aula que eles davam, não é relatório.

-Eram as aulas?

Professora Livia - Eram as aulas que eles davam. Eram textos que eles levavam, não era relatório, eles preparavam o material didático. Como eu não punha... eles não iam sozinhos lá na... isso eu nunca deixei os meus licenciandos ir sozinhos na escola, eu ia junto, a professora deixava classe pra gente, mas eles preparavam aquela... E também chegavam lá, organizavam os alunos em grupos, distribuía, falava, dava aula, dava uma parte expositiva, uma parte de trabalho mas aquilo não são relatórios.

-Ah, interessante, e quem elaborava os textos?

Professora Livia - Eu com os alunos, porque eu considerava que a Didática da Geografia não adiantava ficar dando aula, aula, aula, que eles tinham que passar da Geografia Científica, pra Geografia Escolar, que já era isso que eu queria. Então muitos ali, ou não sabiam o que que eles tinham que falar e eu sempre junto com eles, trabalhava com os grupos, eles ficavam em grupos, pegávamos os temas as classes lá. Nós íamos no Ribeirão, depois fomos aqui no...quando tinha aqui o... não era mais Vocacional, era Batista Leme. Então pegávamos os textos e os temas da esc... lá da professora, nós não levávamos uma coisa fora pra ensinar, de dentro do tema então ela me dava, por exemplo, ela ia dar agricultura do Brasil, então ela dava o tema e nós organizávamos aqueles textos, e os alunos iam lá dar e depois também fazia a avaliação, porque nesse ponto sou bem piagetiana, como ele diz: se você não avaliar o que você ensinou, não adianta nada, você não sabe.

-Daí voltando um pouco professora, como a senhora vivenciou...

Professora Livia - Me chame de Livia, eu acho que, quando vocês falam... eu não sou sua professora, eu não sou sua professora, agora você é minha colega.

- Tá bom, que ótimo... Livia. Então voltando um pouco Livia, como a sen... Como você,... posso te chamar de você?

Professora Livia - Claro, aluno de primeiro ano aqui me chamava de você e eu gostava.

- Tá bom então, como você vê... vivenciou as realidades da USP e da UNESP. Gostaria que você falasse, como você viu daí no caso o movimento da Escola Nova na USP, mas a senhora disse que já não faziam nada né?

Professora Livia - Eu fazia geografia, não tinha nada a ver com a escola nova.

Professor João -Poderia pensar assim, se nesse contato com a escola, com os estagiários, das escolas públicas que eles iam fazer os estágios...

Professora Livia - Aqui.

Professor João - Aqui em Rio Claro

Professora Livia - O que quê tem?

Professor João - Que é... como que você percebia o ensino nas escolas, se eles tinham passando alguma mudança e etc.

Professora Livia - Não, eles iam observar aula, eu no começo eu punha..., solicitava mui..., várias vezes que eles fossem. Aí depois os próprios meus alunos licenciandos disseram que... Tanto é que as aulas eram do mesmo jeito. Eram todas tradicionais e... era aquele jeito mesmo. E que o professor ficava meio inibido com o aluno sentado lá atrás. Então eu acabei viu, porque eu acho que não adianta ir lá, e outra, pra ir lá se indispor com o professor que é o dono da classe e muitas vezes eles vinham fazendo críticas pesadas e o que eu dizia, ainda me lembro até hoje:

“Ela fica lá repetindo, repetindo”. Eu falei: -Eu quero ver você daqui há 20 anos, você com filho, com marido, com tudo! Não adianta criticar!” Falei: “você ganha uma miséria, tem que trabalhar 40 horas, um diretor “chato de argola”, tudo... Ainda agora eu ainda falaria os alunos, porque na aquela época os alunos eram normais!

Então, como que você vai criticar? Ele tá dando, ela tá fazendo o que ele pode, e nós dávamos muito material pras professoras quando nós íamos viu! Porque tinha uma das professoras do Ribeiro que ela tinha formado em Campinas, no ano da Amanda viu, não sei que ano. Quer dizer que... Nunca mais, num faziam, nunca fizeram, agora que tão fazendo esses ensinos e... em serviço, essas coisas... E antes não, professor formava, fazia o concurso, entrava, nunca mais ouvia falar nada.

- Nas entrevistas anteriores, agora a gente vai mudar o rumo um pouco, você mencionou que foi pra Europa durante a comemoração do Ano Santo, e o que quê era o Ano Santo e como que você conseguiu fazer a viagem, porque na primeira, depois que a gente foi atentar na entrevista que isso merecia um detalhe assim, e num ficou bem explicado.

Professora Livia - É, o Ano Santo eu fui em 1950, eu era geógrafa ainda. O Ano Santo foi... Porque na Igreja Católica, de 50 em 50 anos tem o Jubileu que faz a Igreja faz essa... como teve agora no ano 2000, também teve o Ano Santo. E eu consegui afastamento pra ir pra Europa, porque davam pra... pros funcionários públicos né? E eu lutei de cá lutei de lá e consegui, e fiquei dois meses na Europa. E isto me ajudou muito depois na Geografia; eu fui como geógrafa mas sempre fui muito curiosa, sempre gostei, tomava nota de tudo. Quando eu fui fazer o vestibular eu não tive quase dificuldade, porque o que eles tavam falando, principalmente a parte de História, tudo o que eles tavam falando eu tinha vivido aquilo. Então foi isso que...

Professor João- Mas você entrou na geografia em que ano?

Professora Livia - Em 54.

Professor João - Ah, foi antes de você fazer Geografia, quando você era Enfermeira...

Professora Livia - É, eu era Enfermeira. E depois em 1960 eu voltei de novo à Europa com mais tempo. Aí eu fui, era o Congresso Eucarístico, também eu consegui de novo - aí eu era professora secundária - eu consegui dois meses de novo de licença pagando o paga... Aí eu aproveitei muito mais em 60, porque eu aí eu já era geogra..., já tinha formado em Geografia. Então aí foi aquela beleza mesmo né? Então eu fui... depois outras vezes voltei pra Europa, mas assim mais de Congresso, mais rápido, mais...essas duas vezes, 1950 e 1960 eu fiquei dois meses.

Professora Rosângela - Deixa eu perguntar uma coisa, quando a gente viaja, a gente tem mania de entrar em livreria e ficar caçando livro lá, você fez isso naquela época?

Professora Livia - Um pouco, não muito. Na primeira vez não e na segunda vez eu não fiz muito não viu. Eu achava que era perder muito tempo que eu tinha... eu preferia por exemplo, se eu tava em

Roma, se eu tava em Paris, vê por exemplo ir na periferia, pegar o metrô chegar até o final, lá vê, do que ficar... porque na biblioteca, nas livrarias a gente manda buscar daqui e agora então a com Internet, mas naquela época num tinha, eu mais conversei. Nos Estados Unidos é que eu fui muito em livraria porque eu fiquei lá muito mais tempo, fiquei na casa de uma amiga. Então eu tinha tempo, eu precisava encher de tempo, aí eu enchia nas livrarias... nas bibliotecas. Aí frequentei muito biblioteca, muita livraria mas nos Estados Unidos, na Europa não muito.

-Em entrevistas anteriores, você falou alguma coisa sobre a JUC. Eu queria que você falasse sobre esse movimento pra que a gente pudesse saber dele. Porque até fui procurar e não acha, não tem.

Professora Livia - Era Juventude Universitária Católica, e eu fui da JUC na época que eu tava de Enfermeira, na Enfermagem. Então era o auge do... do marxismo, e era pra poder... nós sermos preparados pra nós podermos enfrentar o que tinha aceitação ou não aceitação do marxismo.

Professor João- Tinha ligação com a teologia da libertação?

Professora Livia - Não, nem sabia o que quê era isso. Esse foi em 1940 ,46, 47, 48 viu... que era.. Depois acabou, tinha Juventude..., JEC, tinha vários assim. Depois isso acabou na Igreja Católica, esses encontros. A gente..., nós nos reuníamos com teólogos, com pessoas que... advogados que nos preparavam, que nos davam conhecimento pra gente não... Nós lemos, nessa época que eu li O Capital, li todo o Marx. Então eu tava na Enfermagem, não foi aqui na Geografia. E era pra nós podermos o que tinha de bom aceitar e o que não tinha pra não aceitar porque não ia dar certo, aquelas coisas. Então isso que é Juventude Universitária Católica.

-E o objetivo da JUC?

Professora Livia - Era só a parte teológica.

-Ah tá, de discussão mesmo...

Professora Livia - Não era social e nem política.

-Não era um movimento pra fazer alguma reforma...

Professora Livia - Não, não, nada, nada, nada. Era pra dar conhecimento das novas... as novas... enfim, as novas doutrinas, as ideologias... Nem usava a palavra ideologia, não existia essa palavra ideologia. É que vocês já tão acostumados com o jargão de agora, e naque.. no final de 1940, 1950 era outro o linguajar da gente viu.

- E você saiu daí da JUC porque?

Professora Livia - Não, terminou. Eu me formei na Enfermagem, aí era também, era só juventude, era só profissional, já não pertencia. Aí eu saí.

- Tá,, daí você saiu e na época você tava na USP?

Professora Livia - Não, não, porque Enfermagem é USP também, Enfermagem é USP.

- E nessa mesma época que você ta na JUC, depois quando você veio pra cá em Rio Claro em 62 aí...

Professora Livia - Em 62 já não tinha mais JUC . Eu acho que em cinquenta e pouco, 55, 56 já não tinha mais. Aí também já tava, como se diria, a situação política já era diferente aqui no Brasil né!

Professor João - E essas viagens, tinham ligação com a JUC ?

Professora Livia - Não, apesar de que eu fui no Ano Santo, eu fui no Eucarístico, mas fui por minha conta visitando as coisa que eu queria. Não, nunca viajei pra fazer peregrinação não. Nós fomos em todas as Igrejas que queríamos ir mas não junto assim.

Professora Rosângela - Livia, essa Juventude Universitária Católica está no final da década de 40. Você acha que foi assim como um pós-guerra, a Igreja Católica, preocupada com as consequência da guerra, que promoveu esse tipo de movimento?

Professora Livia - Não, acho que não. Porque você vê, a guerra acabou em 1945. Então a gente já tinha, já existia. Era mesmo para dar um preparo para o universitário poder conhecer as doutrinas que se ensinava na verdade na Universidade, que se falava né. Não, não era do pós-guerra não.

Professora Rosangela - Marxismo também foi proibido depois na década de 60 né?

Professora Livia - É, mas também em 45 ele era aberto, as pessoas eram marxistas, a gente tem amigos daquela época tudo mais, a gente... cada um... nós discutia mas nunca brigamos, nunca ofendemos ninguém, a gente... nós nos encontrávamos em reuniões, em tudo... principalmente na parte de... de.. de vôlei, de natação que a gente ia muito né, ali da medicina que tinha esses esportes...

Professor João - Esses encontros eles serviam também para as pessoas se conhecerem né...

Professora Livia - É, é pra se conhecer é, pra se confraternizar.

-Essas viagens que no caso você fez para o Ano Santo, ou mesmo depois que você foi fazendo algumas outras para os Estados Unidos, depois Europa, elas eram comuns assim, pra todos que freqüentavam a Universidade?

Professora Livia - Não. Era eu que como eu sempre dizia, desde menininha, que eu ia comer pão e banana, mas eu ia conhecer Paris. Essa mentalidade minha foi sempre comigo viu. Todo o meu dinheiro eu guardava dólar pra poder viajar. E vou contar à você, nenhuma das minhas viagens, nem antes nem depois a faculdade me deu um tostão viu, sempre viajei com meu dinheiro viu, nunca pedi pra ninguém dinheiro, eu... foi sempre meu, e eu não sou rica, mas também não tinha casa, não tinha nada, nunca fiz conta de roupa nem de nada, mas eu viajava... isso eu sempre fiz, viajar. Sempre desejei viajar.

-É, porque era a próxima pergunta na verdade, com relação aos financiamentos para as pesquisas, hoje a gente tem...

Professora Livia - Quem me financiava era a Livia de Oliveira. Enquanto minha mãe foi viva ela me ajudava com dinheiro, mas depois que ela morreu... aí eu fiquei com a pensão...

-É, porque hoje a gente tem a CNPQ, tem a CAPES...

Professora Livia - Mas mesmo depois, viu Geórgia, quando apareceu essas Capes, essas coisas, eu nunca pedi, eu sempre fui muito independente, eu não sei obedecer ninguém. E eu via por exemplo os mesmos colegas aqui do Departamento, preparavam tudo, eu vejo mesmo a Rosangela, preparam tudo, tudo e a passagem não vem. A passagem chega na hora e você tem que pegar correndo o avião que já tá saindo. Eu não, minhas viagens sempre foram planejadas viu.

Professora Rosangela - Você vai pra Rússia, no Congresso de Cartografia?

Professora Livia - Não, já fui na Rússia, já não vou mais, é muito longe. Eu já fui. Então por exemplo, pro Japão, eu já fui. Então mesmo todos esses congressos internacionais, sempre foram com o meu dinheiro.

- Aquele que você foi pra Minnesota também?

Professora Livia – Também, não , aí era... Minnessota foi... eu fui fazer um estudo, aí foi Bolsa porque..., da Enfermagem, aí sim, aí eu fiquei lá, um ano e meio, mas era um estudo, tava fazendo um curso de especialização, aí foi com Bolsa.

- Daí você ficou um ano e meio...

Professora Livia - Um ano e meio.

Professor João - A fluência do inglês vem dessa época?

Professora Livia - Teve que aprender antes, fazer um exame na...na... União Cultural, ser aprovada, chegamos lá ainda ficamos um mês antes só falando inglês pra depois ir pra Universidade.

Professor João - E você já tinha fluência no francês nessa época?

Professora Livia - Não, eu não tenho fluência em francês. Quem eu falei foi minha mãe, minha mãe que teve fluência em francês. Eu acabei nunca estudando francês, só aprendi na escola. Eu leio, entendo um pouco, mas não falo francês.

- E assim, não está aqui mas eu tinha pensado em perguntar pra você agora, só pra esclarecer um pouco mais, como era o relacionamento, o que você acredita e pode dizer pra gente, reafirmar como era o relacionamento entre a USP e a UNESP?

Professora Livia - Quando eu...,eu vou dizer em questão da Geografia né? Doutor João Dias da Silveira que foi... que começou, que fundou aqui a Faculdade de Filosofia, ele é claro, ele instalou um Departamento de Geografia. E o Doutor João queria um Departamento de Geografia diferente do da USP, ele queria mais pra frente, ele queria pesquisa, ele achava que tinha que ter pesquisa. Por isso que ele foi buscar o Carlos Augusto, foi buscar a Elza. Aí trouxe o de Cartografia, começou já com Aerofotogrametria, porque ele tinha estado na Europa e já viu que era utilizado. Então eles...

Professor João - E qual era a formação dele?

Professora Livia - Como?

Professor João - Ele era geógrafo?

Professora Livia - Claro! O Doutor João foi o primeiro geógrafo a defender Doutorado. E todo nome daqui é porque ele era da Geografia. E aí também, ele já..., existiu um ônibus pra nós fazermos excursões, pra fazer trabalho de campo. A USP não tinha isso, viu! Pra pegar um ônibus pra gente sair quando era estudante, era uma dificuldade viu. Então esta... essa nova visão era daqui de Rio Claro. E como não eram, não tinham vindos da USP - a não ser o Penteado que era de Geografia do Brasil e a Cecília França que depois já foi embora - eram de fora, e o Carlos Augusto já começou com aquela parte mesmo a Geomorfologia dele que era muito viva, muito... com desenhos, com croqui, e a parte da Climatologia e a Elza que já trabalhava com a parte de Agrária. Então desde o primeiro dia, os alunos já começavam sair pro campo, já fazer trabalho, já fazer pesquisa, e eles já começaram a pedir auxílios de Bolsa, de tudo. Não é que na USP não tinha, tinha, mas era pra um ou pra outro; agora aqui não, eram vários que tinham, o Carlos Augusto fez uma equipe de trabalho, 5, 6 alunos trabalhando.

-E depois que surgiu, daí no caso a Faculdade de Filosofia, de certa forma você acredita que existia alguma rivalidade entre a USP...

Professora Livia - Olha, muita gente falava, mas eu, como era uspiana, porque eu fui formada lá, eu sempre fui muito amiga do Araújo, do Aziz, de todos eles eu nunca tive, eu ia lá mas a turma que

daqui achava que de lá falava. Eu não posso dizer isso viu, eu não posso dizer. É como agora falam de Rio Claro com Presidente Prudente; eu, se eu chegar lá em Presidente Prudente, eu sou muito bem recebida, nunca tive problema. Agora talvez seja até pessoal né? Eu nunca tive dificuldade de... não de impor, de me aceitarem, de... sabe, eu sou assim eu faço as coisas. Agora também, nunca jogo na cara do outro, que eu sei que ele não sabe, se você fizer isso ninguém vai gostar né? Então, falavam que tinha. O que tinha era isso, depois quando nós quise..., porque quando nós saíamos pra um Congresso era maior o número de alunos nossos que apresentavam trabalhos, porque lá não tinha essa tradição da USP. Depois é que começou a também o professor..., porque os professores lá eram catedráticos, pra mim a diferença toda era essa. Eles eram catedráticos.

Professor João- O que isso significa?

Professora Livia - O que significa isso? A cátedra, o que que é a cátedra? A cátedra -até me lembro sempre que o Dr. Eurípides que dizia- ele vinha pra dar aula de História, ele vinha com uma coisinha, um móvelzinho, porque ele punha ali... aquilo é a cátedra. Então você se coloca numa situação acima do aluno, o aluno fica lá embaixo e o professor... Então a cátedra..., foi isso também uma das Reformas Universitárias, foi contra a cátedra, e quem escolhia o assistente era o catedrático, não havia concurso, não havia seleção, o profe... o catedrático escolhia fulano, beltrano pra ser os assistentes dele.

Professor João - Se forma na Europa, né...

Professora Livia - É, a formação européia. Aí e quando chegou aqui, já o Carlos Augusto não se sentia catedrático, ele primeiro que ele nem era doutor, lá todos eram doutores, todos eram catedráticos né? E o Carlos Augusto não era, nem a Elza. Então havia ali o nosso... a nossa sala... era muito mais fácil de entrar junto com professor e aluno. Então havia um entrosamento, umas discussões. Agora também, na Usp também é assim, mas na época dos catedráticos não era. E com isto nós íamos então o grupo todo apresentando trabalho, em todas as seções, isto um pouco os alunos também os daqui quando iam lá, se chegavam superior aos da USP viu, pra se impor! Mas isso depois passou viu. Aí depois quando veio o da pós-graduação também, eles achavam que nós não tínhamos como... de ser, agora semana passada, como que nós ousávamos fazer... é... implantar um Doutorado numa cidade de interior. O problema todo era o interior, a província como eu dizia, a província. Lá é o centro, a metrópole, aqui era província.

- Porque essa questão de interior, de província, tem um livro- Mosaico Iconográfico, organizado pela Lucia Gerardi- e lá, tem um depoimento que fala justamente disso, de uma pessoa que- eu não vou me recordar o nome agora, eu tive lendo o livro, mas não me recordo qual depoimento- e fala justamente disso, dessa crítica de uma Universidade, Faculdade que vai parao interior...

Professora Livia - É, porque também os catedráticos em geral não aceitavam viu, que tivesse outro Curso de Geografia, de que tivesse outro nível de...universitário no interior. Quer dizer, a parte universitária pertencia à metrópole, à capital. Depois a própria USP abriu o curso, me lembro quando abriu o curso de Medicina de Ribeirão Preto, o Zeferino Brás só faltaram comê-lo, porque onde já se viu uma Faculdade de Medicina no interior! Aí ele respondia: -Não é no interior, é em Ribeirão Preto, cidade rica!. Então era essa a resposta que ele dava viu. Então depois começou com aqui de São Carlos, que também é USP. Então agora, agora já não tem mais isso!

Professora Rosangela - Livia, quando foi criada a Unesp na década de 70, aí a situação mudou porque criou uma única universidade e juntou todos os cursos do interior. Você percebeu essa questão de ser uma universidade do interior com relação a Usp, com é que isso ficou?

Professora Livia – É, porque já tinha a UNICAMP. A UNICAMP é antes da UNESP..

Professor João - A Unicamp é da década de 70

Professora Livia - É. Então aí já tinha aparecido outra Universidade Estadual no interior. Então nós já éramos a terceira. Agora, eu... ,o que nós sentíamos, e sentimos até hoje, é que nós nos sentíamos muito bem - ainda que somos unespianos - porque somos muito fragmentados. Não tem um elo que ligue as Faculdades. Isso falta na nossa Universidade de Unesp. A gente... tá acontecendo lá dentro e a gente não sabe. Agora, por exemplo, na USP não, o que tá acontecendo na Geografia, tá ali acontecendo na Geografia, mas o nosso não, por exemplo. Então eu acho que por isso que ainda falta este sentimento universitário, apesar... ,por ser do interior e por ser todo...Porque na época, antes de juntar como Universidade da Unesp, nós pretendíamos grupos de Universidades viu! Então nós iríamos unir com Araraquara, num sei, é... nós iri... sabe, faria assim um grupo, seria do centro, Universidade do centro. O grupo mais antigo não concordava com isto, de toda essa extensão geográfica do estado de São Paulo, de fazer do sul, do norte, do norde...,do centro. E acabou, era politicamente pra sair, só podia sair desse jeito e saiu.

- E aí digamos que casou com o Dr. João Dias de ele vir pra cá?

Professora Livia - Não! Ele vem em 54, 55 pra começar aqui. Você tá fora do tempo viu. Você tá completamente fora do tempo!

Professora Rosangela - Ele fundou a Faculdade...

Professora Livia - Ele fundou a Faculdade!

Professora Rosangela - Na década de 70 o governo do estado...

Professora Livia - Se juntou...

- Eu quero dizer assim, que quando o Dr. João Dias veio pra cá...

Professora Livia - Foi em 54.

Professora Rosangela - Foi em 50...

Professora Livia - 55. E ele saiu, e ele era da USP.- Ele era formado, ele era catedrático de lá. Deram uma licença pra ele, um afastamento e ele veio aqui como diretor para instalar os cursos.

- Tá, mas embora...

Professora Livia - Eram Institutos Isolados, se chamavam Institutos Isolados, nos éramos comandados pelo Conselho Estadual de Educação.

Professora Rosangela - E era uma política de governo do estado...

Professora Livia - Do governo... foi do Jânio Quadros sabe, de trazer... foi idéia dele de trazer a Universidade para o interior. E depois o Carvalho Pinto continuou com esta política de trazer..., que a Universidade..., porque também se você levar em conta, o Estado de São Paulo, as cidades já estavam se florescendo com as estradas, com o agronegócio, com as indústrias; a indústria já estava saindo de São Paulo pro interior. Então o interior de São Paulo já começava marcando o Brasil, a posição dentro do Brasil. Então aí, junto com isso, tem os Institutos Isolados, mas o Doutor João não, não tem nada a ver com , ele nem sonhava em formar UNESP. Mas eu entendo viu, porque você é nova. Então a história...Você... É uma coisa a gente estudar...

Professora Rosangela - Você não viveu!

Professora Livia - E a outra é você viver viu.

-É verdade, fica meio que fragmentado assim..., pra mim.

Professora Livia - Mas estou às ordens, qualquer coisa.

APÊNDICE E

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA LUCY MARION CALDERINI PHILADELPHO MACHADO.

Entrevista realizada no dia 22 de dezembro de 2011, no prédio da pós-graduação em Geografia da Unesp de Rio Claro.

Entrevistador 1: Geórgia, doutoranda.

Entrevistador 2: Prof. Dr. João Pedro Pezzato- orientador

Entrevistador 1: - Uma das primeiras coisas: O ensino de geografia, ele sempre foi uma preocupação sua?

Professora Lucy: - Inicialmente sim. Eu fiz a graduação aqui e já comecei a lecionar no segundo ano de faculdade, numa escola particular, no Além, Geografia. E aí quando cheguei ao quarto ano, durante a graduação eu sempre aproveitei as oportunidades, monitoria, trabalhar com os professores de todas as áreas, enfim, “né”? E quando chegou na didática, nós tínhamos, com a Lívia a Geral “né”, Especial... e os estágios que tínhamos que fazer nas escolas públicas, “né”? Então isso me despertou muito, eu já lecionava. E...

Entrevistador 2: - Então você começou a lecionar em que ano?

Professora Lucy: Em 1965, segundo ano de faculdade, eu entrei em 1964 e me formei em 1967... eu tenho as datas aí até te empresto viu, porque a gente as vezes nem lembra todas as datas, eu trouxe pra você, vou deixar com você.

Entrevistador 2: - Só tem mais um comecinho assim que é: Você nasceu aqui, você tinha pai quando... seus filhos... netos... aliás, quantos irmãos? Assim, só pra situar.

Professora Lucy: - É claro. Eu não sou filha única não. Eu sou... eu nasci em Corumbataí, na casa do meu avô. Família da mamãe é de Corumbataí, Canhoni, italiano. E o papai é de Itirapina, Calderini, também italianos “né”? Mas nós morávamos em Itirapina. Eu é que nasci na casa do meu avô. Eu tenho uma irmã mais velha. Ela fez na época na USP anglogermânicas, e... eu... Como Itirapina só tinha grupo escolar, para o ginásio nós nos mudamos para Rio Claro. Papai e mamãe sempre foram... apesar de terem só primário sempre foram muito zelosos com o estudo da gente. Então ele se mudou pra cá por causa do estudo. Aqui eu fui... morava, atravessando a rua era o Koelle. Então fiz o primário no Koelle, minha irmã estava no “Puríssimo”, aí eu fiz o ginásio no “Puríssimo” depois eu fiz... é... naquela época eu... era Normal e eu não fiz Normal, olha que interessante! A minha irmã fez. Eu fiz o clássico no “Ribeiro”. E acabei me formando em São Paulo porque minha irmã foi pra USP. Papai, foi pra lá de novo.

Entrevistador 2 - Foram morar lá...

Professora Lucy: - É, fomos morar lá. Eu fiz o último ano colegial lá. Por causa da minha irmã. Saímos de Itirapina por causa do estudo de Rio Claro, fomos até São Paulo.

Entrevistador 2: - A atividade de seu pai?

Professora Lucy: - Meu pai é comerciante. Em Itirapina ele tinha um armazém que era do meu avô “né”? E depois ficou pra ele. E a mamãe era... foi telefonista. E depois casou ela parou “né” de trabalhar. E em São Paulo eu me formei lá, minha irmã se formou e casou e ficou lá e está até lá até hoje porque ela se casou com um Histólogo que trabalha num museu de Histologia, da USP. E... mas eu queria fazer Geografia aqui, então nós voltamos, papai voltou. Eu fiz aqui a Geografia. E... Escolhi... Embora eu tenha querido vir pra cá, eu escolhi lá. Porque minha irmã me levou na USP, tinha um painel enorme com todos os cursos. E aí eu fui olhando, olhando e achei que seria mesmo a Geografia, que ela... Eu sempre tive notas altas em Geografia, sempre me fascinava “né” o estudo. Eu falei não, eu vou fazer Geografia, mas em Rio Claro. Aí voltamos. Então fiz a graduação aqui e comecei a lecionar como... – você veja, logo como aluno - logo surgiu oportunidade, era tempo integral naquela época. Fizemos... a seleção foi oral com todos os professores, o Carlos Augusto, Penteado, Helza Keler, eram os professores que faziam.

Entrevistador 1: - Eram oral assim...

Professora Lucy: - Era oral sim. Elas eram oral. Entramos em quinze e nos formamos em sete! Eram turmas pequenas naquela época. E eu também dei... uma vez formada, eu dei o cursinho. Porque tinha o centro de estudos... Geográficos “né”? E todo ano era dado um cursinho de dois meses para... Um vestibularzinho “né”? E naquele ano eu fui... fui eu que dei, eu e um colega. Mas eu fui pro ensino médio, fiquei cinco anos no ensino médio.

Entrevistador 2: - Depois que se formou?

Professora Lucy: - Depois que me formei. Dei aula no “Ribeiro” alguns meses, substituição, e depois peguei em Americana, Instituto Kennedy, enorme! Fiquei lá dando aula.

Entrevistador 2: - Como efetiva?

Professora Lucy: - Não. Não. Contratada. Aí abriu vaga aqui pro Colégio de Aplicação. Era o único que tinha no estado de São Paulo, os outros já tinham acabado, esse tava abrindo. Eu me inscrevi e fui selecionada para o setor didático de Geografia.

Entrevistador 2:- Você disse que tinha acabado as outras Escolas de Aplicação. Já tinham acabado...

Professora Lucy: - É... é, já estava... Já estavam terminando praticamente.

Entrevistador 1: - Era um curso então que eles faziam?

Professora Lucy: - Foi uma seleção. Foi uma seleção. E eu fui... Tinha história, português “né”... Todas as áreas. E eu fui selecionada pra Geografia. Então, no Colégio de Aplicação a Livia passou a fazer o estágio comigo, lá no setor didático, estágio dos alunos “né”, da Didática Especial. E nós começamos então... Ela sempre cheia de idéias, a Livia. Você viu pelo... pelo jeito dela, cheia de

novidade, uma atuação contínua, muito animada, fazia tudo com muita paixão e foi me envolvendo. E nós começamos a testar muitos programas no Colégio de Aplicação, em relação ao ensino.

Entrevistador 2 - Que que é programas? Testarmos programas?

Professora Lucy: - Nós tínhamos um programa, de conteúdo.

Entrevistador 2: - Currículo “né”?

Professora Lucy: - Conteúdo programático que eu tinha que dar. No primeiro, no segundo, no terceiro ano. E eu en... encaixava os estágios na... nessa... nesses programas “né”? Quando eu fazia no primeiro ano, no segundo, enfim. Todo ano a gente combinava via como é que ia ser feito, em que série. Qual unidade ela pegaria, que trabalharia com os estagiários “né”. Que eles desenvolviam, eles aplicavam a prova. Sabe, era assim a Livia, ela acompanhava, ela sempre foi muito zelosa em relação a Didática Especial “né”, em relação ao estágio supervisionado. E nós aproveitávamos e começamos a fazer programas especiais, testar programas, testar material didático, “né”? Fomos começando a trabalhar juntas. Ficou um material excelente, pena que começamos a publicar e acabou ficando sem publicação, mas eram programas... eram unidades desenvolvidas assim... naquela época era quantitativa que tava eclodindo, era a utilização de modelos. Então nós também começamos a introduzir essas coisas “né” toda, da maneira que podíamos “né”?

Entrevistador 2: - E a tese dela foi sobre programas “né”? A tese do doutorado.

Professora Lucy: - O doutorado, quando eu a conheci ela já tinha o doutorado. No ano em que entrei na faculdade ela defendeu. Então do doutorado eu não sei muita coisa. Mas a livre docência dela eu até acompanhei, ajudei em algumas coisas, aplicar material... tudo... foi o estudo cognitivo do mapa.

Entrevistador 2: - Já foi a cartografia escolar...

Professora Lucy: - Foi. Foi. É, porque ela também desenvolveu essa linha “né”, que continua até hoje, e a prática de ensino que também ela desenvolveu e que continua até hoje, entendeu? Congressos, e tudo “né”? Então eu acabei me envolvendo por esses motivos “né”? Mas que eu seria professora, isso eu também não tive dúvida. Que seria Geografia e que eu seria professora. Não tinha imaginado logo no começo do... da faculdade, do ensino superior e... mas o Colégio de Aplicação acabou, porque todos estavam sendo encerrados... o nosso ficou três anos e em 1973 ele entrou pra rede comum. Aí, a Livia falou: - Você não quer pedir uma bolsa de aperfeiçoamento, pra FAPESP? Porque a gente pode continuar as pesquisas... E eu achei ótimo. Então não voltei pro ensino médio. A bolsa saiu, nós fizemos um projeto de... hã... trabalhando com fotografia aérea... “né” era uma coisa muito de novidade, pro ensino então! Então vamos com a fotografia aérea trabalhar a percepção geográfica do espaço. Porque a Livia tinha ido num congresso no exterior, tinha voltado com um material de percepção, tava “né” aquela coisa... começando a ficar efervescente e ela foi lá... e eu acho que a gente devia aproveitar isso também. Então a bolsa foi pra isso. Foi o estudo geográfico do espaço através da fotografia aérea entre adolescentes, sabe... nós aplicamos nas escolas públicas.

Entrevistador 1: E isso em 1973, mais ou menos?

Professora Lucy - Isso. É. Antes nós tínhamos feito algumas coisas com o Colégio de Aplicação, levado a congresso e era na SBPC naquela época. E fizemos também. O primeiro mesmo que nós fizemos foi o estudo de região, que foi testado na... na... no Colégio de Aplicação e o que seria região? Porque dependendo do quê o limite muda “né”? É relativo. Então fizemos um trabalho assim, levamos a SBPC e publicamos. Em seguida veio a bolsa, nós fizemos esse trabalho com as escolas aqui em Rio Claro, aplicamos todo o material e também levamos para congresso.

Entrevistador 2: - Publicou também “né”?

Professora Lucy: - Publicamos. Eu tenho tudo aí. A publicação eu deixo com você. E... e... é.. Renovamos a bolsa por mais um ano e produzimos cartão postal, sabe outros materiais pra ver como os alunos se comportariam em relação ao mesmo elemento, por exemplo, visto em material diferente, foi muito interessante. Os dois nós publicamos... Tudo... Foi bem interessante. E aí eu já tava começando com a percepção e surgiu uma oportunidade no departamento de geografia porque naquela época era convite “né”? Convidavam-se as pessoas. Então me convidaram pra dar percepção e também aerofoto pra Ecologia. Então eu aceitei o convite e em 1978 eu entrei pro ensino médio.

Entrevistador 2: - Pro ensino superior!

Professora Lucy: - Desculpa. Pro ensino superior. Aqui no departamento de geografia.

Entrevistador 2: - Já com percepção...

Professora Lucy: - Já com percepção. Então aí eu... sabe... você “tá” no ensino superior você tem que fazer a carreira. Lógico, eu teria que fazer um mestrado. Aí eu tive que optar. Aqui não tinha nada ainda. Na USP ou eu ficaria na Geografia ou eu ficaria na educação. E eu preferi ficar na geografia, achei melhor. Então acabei fazendo em geomorfologia com a professora Olga Cruz. Fui pra USP, fiz o mestrado lá, mas nós não deixamos de lado. Nós seguimos meio paralelo, sabe, com a Livia. Eu comecei a fazer o mestrado mas continuamos com a percepção paralelamente.

Entrevistador 1: - Porque nessa época na USP quando você fala assim, que você tinha que optar pela educação ou pela geografia...

Professora Lucy: - É, educação seria em outra ssc... Não seria na geografia.

Entrevistador 1: - E dentro da Geografia não tinha nenhuma perspectiva de desenvolver uma... um trabalho, alguma coisa sobre ensino de geografia na USP, nessa época não existia isso “né”?

Professora Lucy: - Não, não. Nessa época era geografia física ou humana. E eu fiquei na física.

Entrevistador 1: - Entendi.

Professora Lucy: - A educação se eu ficasse, eu teria que ir pra educação mesmo.

Entrevistador 1:- Ah ta...

Professora Lucy - E então acabei ficando na geografia, fiz o mestrado em geomorfologia. Eu tinha feito outros cursos aqui com o professor Christofolletti de especialização com análise morfométrica, acabei fazendo isso no mestrado, trabalhei com bacias hidrográficas na serra do mar com índices morfométricos “né”, que a professora Olga era uma especialista em escarpas, áreas

escarpadas. E ela tinha uma vivência maravilhosa naquela área escarpada. Então nós ligamos as duas coisas “né”, a professora Olga e a análise morfométrica. Então foi o meu mestrado. Mas eu continuei com a Livia, trabalhando com ela em outras coisas “né”, principalmente em relação a percepção. Então o ensino meio que ficou de lado né?

Entrevistador 2- Só uma coisa... A análise morfométrica também tem a ver com a geografia quantitativa...

Professora Lucy: - Ah tem! Naquela época era o auge. Era o auge. Naquela época você... começamos a estudar matemática, estatística de novo, nos reunimos, os professores, falávamos com os professores da matemática, porque tava no auge né. E análise morfométrica dentro da geomorfologia tava ligado a isso também. Era uma outra maneira de analisar a paisagem “né”? Então eu acabei...

Entrevistador 2: - Todas as ciências. A sociologia também entrou nessa...

Professora Lucy: - Ah sim, todas.

Entrevistador 2 - Nessa onda porque era uma onda...

Professora Lucy - Foi geral. Foi geral mesmo. Foi um novo paradigma.

Entrevistador 2- É, exatamente.

Professora Lucy: - Não se podia fechar os olhos. Houve quando nasceu a teórica aqui... Que nós fazíamos parte do grupo de estudos. E aí claro, a carreira... as exigências continuam. Precisava o doutorado, mas aqui já começou a primeira turma do doutorado naquela época. Então eu também fiquei... minha vida foi sempre assim, que que eu ia fazer? Se eu ia continuar com a Olga em geomorfologia ou se eu ia ficar aqui em percepção? Porque naquela época já trabalhava, nós continuamos trabalhando em percepção paralelamente. Aí optei pela percepção, optei por fazer o doutorado aqui, com a primeira turma. E foi o que aconteceu “né”. Eu fiz e entrei com um projeto, porque na... No início da percepção, o que mais tinha era percepção do espaço urbano por causa do Lynch que naquela época, um arquiteto era “A imagem da cidade”, era... todo mundo lia, todo mundo aplicava. Então a Livia falou: -Ah faz um projeto né, pra CPRT e vamos fazer com Rio Claro, uma cidade de porte médio. Ah tudo bem. Fizemos o projeto, mandamos, que era estágio probatório “né”. Mas aí, o Ferrari de “Prudente”, ele era da CPRT. Ele já faleceu.

Entrevistador 1: - Que que é, desculpa, CPRT?

Professora Lucy: - É o órgão de São Paulo, onde ele é... Analisava os projetos. Porque você quando entra no ensino superior tem o estágio probatório, você fica três anos, você apresenta um projeto, desenvolve e eu ia aproveitar pro doutorado “né”

Entrevistador 2: - Depois de três anos você tem que dar conta desse projeto?

Professora Lucy: - Você faz o relatório... Tudo. E ele fazia parte dessa comissão. E ele me chamou porque ele estranhou que eu fizesse... Tinha feito o mestrado em geomorfologia na serra do mar e agora eu começava a percepção em Rio Claro. Era uma mudança muito drástica né. Ele quis entender.

Entrevistador 2: - Ele era da reitoria?

Professora Lucy: - Ele era professor de “Prudente”. Mas ele fazia parte do CPRT.

Entrevistador 2 - Ah! Que fica na reitoria “né”?

Professora Lucy: - Que ficava na reitoria. São reuniões né.

Entrevistador 2: - Como ainda hoje “né”?

Professora Lucy: - Como ainda hoje funciona assim muita coisa “né”?

Entrevistador 2: - Teve gente que entrou em Ourinhos né...

Professora Lucy: - É, que a gente nem conhece. Então ele me chamou. Eu também não conhecia, só conhecia de “Prudente”, das publicações aquelas coisas. E isso me alertou, eu disse: Não, eu posso ficar na mesma área. Eu faço em percepção, mas faço na serra do mar, que já conheço “né”. E ele achou ótimo. E foi assim que eu fiz o doutorado, com a paisagem valorizada, que foi a serra do mar “né”. O doutorado saiu assim.

Entrevistador 2- Você não saiu da serra do mar.

Professora Lucy: - Não saí da área, e ele achou ótimo. Porque falei: Nossa, vai mudar completamente área, tema. Como que é isso? E foi ótimo. Eu acho que... ele foi da minha banca de doutorado e eu agradei. Porque, por essa entrevista, por essa preocupação dele que acabou dando uma guinada aí na minha... na minha carreira “né”? Porque depois eu fiquei com a percepção, continuei trabalhando paralelamente com outras coisas, que a gente sempre trabalha, mas o ponto principal era a percepção “né”? Então acabou... foi uma trajetória que começou no ensino, mas que depois meio que naturalmente eu fui deixando o ensino.

Entrevistador 1: - E como que você chegou na percepção? Como que ela entrou na tua vida, assim..., como que você teve esse contato, como que ela... Ou de que forma essa passagem de ensino de Geografia pra percepção, ela são... é uma passagem tranquila, é uma passagem de forma tranquila e de que forma ela se encontram assim?

Professora Lucy: - Foi muito natural. Tudo que é... todas essas decisões foram meio naturais na minha vida viu. Não foram traumatizantes, nada. Quando nós estávamos trabalhando no ensino a Livia foi a um congresso e trouxe o material de percepção. Aí nós ficamos encantadas, nossa!

Entrevistador 1: - Que congresso é esse?

Professora Lucy: - Foi... Ai, tantos. Foi uma da UGI, eu até devo ter anotado nas coisas que vou te deixar, mas assim eu não to lembrando se foi o da África, se foi o da Nigéria. Acho que foi o da Nigéria, mas eu não me lembro muito bem. Que ela ia a todos internacionais. Então ela trouxe esse material e eu fiquei encantada. E ela me disse, se eu fosse começar agora como você, eu começaria na percepção. Isso me ajudou muito porque, com a experiência que ela tinha, e ela fazia tudo com muita paixão, e sempre fez “né”. Ela sempre teve ótimas idéias. Então... Eu... Aquilo eu refleti, tudo... E achei que valia a pena, “né”? E começamos a trabalhar em percepção, mas ainda trabalhando no ensino, começou paralelo. Por isso que não foi muito traumatizante. E à medida que eu fui deixando “esse” (ensino) fui passando pra “esse” (percepção) meio natural mesmo. E aí de... com o doutoramento foi a passagem mesmo “né”. Porque com a geomorfologia, ainda... Eu não tinha essa

idéia de que eu teria que continuar com a geomorfologia, isso eu não tinha muito na cabeça. Eu fiz a geomorfologia porque era o que eu podia escolher naquele momento na USP “né”. Ficando na geografia, o que que eu faria? E aí fiquei com a Olga Cruz, ela me aceitou. E...E depois eu queria fazer o doutorado aqui, em percepção. Quer dizer, foi tudo meio... Meio natural mesmo. Eu fui trabalhando paralelamente com as coisas e aí fui deixando um lado e ficando no outro.

Entrevistador 1:- E assim, até por uma falta de conhecimento minha mesmo. É... Nesse momento em que a percepção ela tá acontecendo, como você disse: “A professora Livia traz do congresso as idéias, é um material maravilhoso”. Nessa mesma época tava acontecendo aqui, essa idéia da geografia teórica...

Professora Lucy: - Ah! Sim, concomitantemente.

Entrevistador 1: - E... É... Essas não eram coisas diferentes. Elas eram coisas que se encaixavam, ou...

Professora Lucy: - Se encaixavam. Sim.

Entrevistador 1: - De que jeito?

Professora Lucy: - Porque são as escolas de geografia “né”? Então as escolas quando eu era aluna, era uma outra... algumas escolas, depois isso começou a... E vão surgindo novas é claro. E a percepção ela se encaixa na geografia humanista. Nós demoramos um tempo pra perceber tudo isso, porque as coisas acontecem “né” ããã... Em conjunto. As coisas que vêm de fora demoram um pouco pra chegar até aqui. Então aos poucos a gente foi se... Se encaixando. Não era nessa escola, não era naquela. E é... a cultural dos franceses.

Entrevistador 2: - É, isso que eu ia falar. É a cultural

Professora Lucy - É humanista cultural. É humanista cultural. Pra quem gosta de classificar, dizer “né”? Seria isso. E aí...

Entrevistador 2: - É que as vezes a classificação engessa um pouco.

Professora Lucy - Eu acho. Eu acho. Não tenho muito essa preocupação. E o que detonou mesmo tudo isso foi a tradução do Tuan que a Livia fez

Entrevistador 2 - Aqui no Brasil “né”?

Professora Lucy: - A partir dali é que as coisas foram se encaixando e crescendo e tudo...

Entrevistador 2 - Porque não existia esse movimento do Rio Janeiro na geografia cultural...

Professora Lucy: - O Rio de Janeiro tem.

Entrevistador 2:- Já tinha?

Professora Lucy: - Já tinha. Tem.

Entrevistador 2: - Já tinha nessa época?

Professora Lucy: - Eles sempre tiveram um pouco de cada coisa “né”? Sempre. Mas eles foram mais da quantitativa mesmo “né”?

Entrevistador 2: - Porque o Roberto Lobato Correa é um dos nomes “né”?

Professora Lucy: - Isso. É. Claro.

Entrevistador 2: - Ele não era ... Ele já era...

Professora Lucy - De urbana também né...

Entrevistador 2: - É, ele era de urbana.

Professora Lucy: - É, mas eles em percepção o que começou foi em urbana, era a percepção do espaço urbano. Por isso que escolhi Rio Claro. Por causa do Kevin Lynch, que é a imagem da cidade. Por isso que eu escolhi Rio Claro. Pra fazer em Rio Claro, mas em urbana, porque nós vamos trabalhar com o Lynch no espaço urbano de Rio Claro. Não tinha muita bibliografia das outras áreas. Eu fiquei com a serra do mar, mas foi um desafio, porque não tinha muito material da percepção. Nós tivemos que criar. Não tinha nada. Era mais do espaço urbano que tinha mesmo... Que era mais fácil trabalhar “né”? Então escolhi por essas circunstâncias, mas foi pioneiro o trabalho. Nós tivemos que criar praticamente tudo mesmo. Uma área verde não tinha praticamente nada naquela época. Foi ótimo, foi um desafio muito bom.

Entrevistador 1:- Foi. Nossa. Você viu, é gigantesco “né”?

Professora Lucy - É. Gigantesco. Mas a gente conseguiu “né”?

Entrevistador 2: - Foi precursor “né”...

Professora Lucy - “Né”!? Claro!.

Entrevistador 1 - Isso que é interessante nesse trabalho...

Professora Lucy - E abriu portas. Agora o quê nos ajudou, eu acho que a Livia até falou, que eu vi no seu mestrado, na mesma época que a gente tava aí com ensino e pensando na percepção, teve um curso em Araraquara do professor Battro. Eu vi que a Livia comentou com você. Eu fui junto, eu fiz o curso com ela. Porque a Livia é piagetiana “né”? E ela me falou: - Você vai trabalhar comigo em ensino e eu sou piagetiana! Quer dizer que eu fui piagetiana também “né”? Não tinha nem que escolher, porque se ficasse com ela tinha que ser o Piaget. E... Mas o Piaget me satisfazia muito. Todas as perguntas que eu tinha, tudo... Ele... Nossa, foi muito bom! Então nós fomos fazer o curso do professor Battro, que era um professor da Argentina e que era piagetiano. E o que ele estava trabalhando? Olha como as coisas vão acontecendo, né”? Ele estava trabalhando com espaço aberto, não no laboratório. Porque a percepção sempre foi de laboratório. Com espaço aberto mudava tudo “né”? Tudo se... E pra nós da geografia, nossa! Nós ficamos encantadas viu? É o tamanho real das coisas “né”? Rios, vales, cidades. Então, nossa, aquilo abriu uma janela pra gente, uma janela. Acho que isso... Com isso e com todas as coisas que a gente já tinha de percepção é que foi possível fazer meu doutorado.

Entrevistador 1:- Quer dizer, o Piaget ele acabou ajudando bastante “né”, nessa parte.

Professora Lucy – Ah, em tudo! Em tudo! Porque a percepção é da Psicologia, não é da Geografia. Então quando eu comecei a trabalhar em percepção com a Livia eu tive que ler psicologia, filosofia, um monte de coisa pra poder entender todo Piaget, que ele também é difícil “né”? E... E... Então como a percepção é da Psicologia, pra gente foi só casar Psicologia com Geografia “né”? E com

o Battro a gente achou esse casamento perfeito, era o espa... ele tava trabalhando com espaço aberto.

Entrevistador 2: - Batro?

Professora Lucy: - Battro. Dois “T”

Entrevistador 1:- Deixa eu perguntar...

Professora Lucy - Eu tenho esse material todo, eu deixo com você.

Entrevistador 1:- Ta.

Entrevistador 2: - E só uma coisa. Não é bem um foco. Assim, desculpa.

Entrevistador 1: Não... sem problema...

Entrevistador 2:- É... Você falou da geografia humanista. E qual é a diferença da humanística?

Professora Lucy: - É uma questão de... de... do português só viu! A Livia sempre preferiu humanista. E o próprio Tuan também fala e o... o do Rio de Janeiro... Quem também desenvolveu, ele também fala humanista. Então... Mas humanística não é errado, nada.

Entrevistador 2- Nem é outra coisa?

Professora Lucy - Não. Nem é outra coisa. O que tem diferença, o que a gente toma cuidado é Geografia do Comportamento, por exemplo. Que aí são os Behavioristas “né”? Aí muda tudo. Porque muda a base psicológica. Então é diferente. Às vezes falam que a gente faz... “-Ai, geografia do comportamento” Não é, não é da percepção e não é a piagetiana. Aí tem diferenças. Sutis mas têm “né”? Mas elas no mais são nomenclaturas que tão... tá havendo bom senso acredito, um consenso que vai acabar... deixando de lado uma ou outra “né”

Entrevistador 2: - É. Essa discussão “né”?

Entrevistador 1: - Então quer dizer assim, a percepção... A percepção do meio ambiente nessa...

Professora Lucy - Pois é que... Quando nós começamos, você viu que nós demos o título de “Percepção geográfica do espaço”. Depois você vê: Percepção Ambiental. Depois ficou: Percepção do Meio Ambiente. Que é o que a Livia gosta mais, que ela acha mais completo. Ambiental ela não gosta muito. Embora o livro que ela tenha organizado saiu como percepção ambiental. Não é errado.

Entrevistador 2 - É que ela enxuga um pouco.

Professora Lucy: - É. Não é errado.

Entrevistador 2 - Fica mais... Pra divulgação.

Professora Lucy - Mais fácil... Divulgação. Então... Mas ela prefere. Sempre falou isso nas palestras: “Percepção do meio ambiente” E também não é ambiente. É: Meio ambiente. Porque, não é que é meio, metade do meio. Não. É que sempre ela... também falou isso desde o começo: “Ambiente é o que ta mais próximo de nós” Ta ligado a biologia. E o nosso é muito mais amplo do que isso. Então é meio ambiente, que é o... É a tradução do Environment, que a gente não tem uma tradução muito boa, ficou o meio ambiente “né”? Mas ela fica brava se não falar: Percepção do meio ambiente. Ela briga. E aí, com a percepção nós entramos na análise qualitativa. Porque pra fazer o doutoramento,

não dava pra fazer em percepção com as técnicas de pesquisa convencionais. Eu não tinha como trabalhar.

Entrevistador 2 - Por amostragem?

Professora Lucy - Não tinha como trabalhar. Não era possível, não dava, não se encaixava. Nós temos... Fomos ter quer decidindo isso passo a passo, criando passo a passo e a... Foi ai que surgiu a análise qualitativa, a história oral, foram surgindo as novas maneiras de trabalhar.

Entrevistador 2: - O próprio Piaget fazia pesquisa clínica “né”? Que é um tipo de pesquisa qualitativa que envolve a questão...

Professora Lucy - Clínica. Claro, claro. Não dá pra trabalhar.

Entrevistador 2 - Mas na época, que referencial vocês usavam pra essa pesquisa qualitativa? Escola de Chicago?

Professora Lucy - A Livia tinha sim bastante material. E ela gostava muito da Anastásia. Sabe? Ela gostava muito de... De meio por ali. E ela tinha também, eu não me lembro de todos, mas ela tinha alguns estrangeiros, livros estrangeiros que nós começamos a nos inspirar ali nas coisas “né”? Porque não dava pra...

Entrevistador 2 - Eles eram americanos “né”?

Professora Lucy - Eram americanos.

Entrevistador 2 - Da escola de Chicago mesmo?

Professora Lucy - Nós num... num... Como trabalhar? Não dava pra extrair amostra, você num conhece... a gente nunca conhecia a população. Gozado... Quem... A serra do mar. Não tinha nenhum levantamento. Como é que eu ia trabalhar com a serra do mar? Não podia extrair amostra de nada. Então a gente foi vencendo cada etapa criando alguma coisa, lendo o que já havia, muito pouco coisa naquela época de análise qualitativa quase nada, quase nada. Tudo por fazer. Da percepção mais ainda. Tudo por fazer. Hoje não. Hoje você encontra todas as áreas trabalhadas “né”? Turismo, história, tudo trabalhado. E nesses trinta anos que decorreram, foi muito difícil. Porque as pessoas não acreditavam que era científico nem que era geográfico. Até hoje tem resistência.

Entrevistador 2: - Tem. Eu sei.

Professora Lucy - Até hoje tem resistência. Porque são... Olha. Só pra você ter uma idéia, eu trabalhei com três grupos no doutoramento, de oitenta pessoas, o que já foi um exagero. Porque o começo nosso a gente não trabalhou com pouquinho, porque ninguém ia aceitar. Então, oitenta moradores da serra do mar que são... Eram aqueles bairros cotas “né” que tem até hoje “né”? Muitos eram trabalhadores que vieram construir as rodovias e que continuaram morando na serra. Então eu entrevistei oitenta, entrevistei oitenta professores universitários ligados a estudos da serra do mar. E oitenta decididores sobre a serra do mar. Então eu trabalhei com três grupos assim. E eu construí um questionário. Mas com questões abertas, porque com questões fechadas não tem o que você precisa. Olha, pra aplicar um questionário aberto foi difícilíssimo. Você sabe que teve um professor de geologia aqui, porque eu peguei gente ligada a serra do mar. Então peguei da geologia, da ecologia, da

geografia, enfim. Ele me chamou lá e falou: Olha, eu reuni meus orientandos, mostrei seu questionário pra eles e falei pra eles nunca fazerem um questionário assim porque jamais eles terminariam o trabalho com questão aberta. Jamais. Você toma cuidado. Você não vai fazer o seu doutoramento! Você acredita?

Entrevistador 2 - Foi legal...

Professora Lucy - Não, a preocupação dele “né”? Pra você ver como as pessoas não entendiam o trabalho. Como que eu ia trabalhar com questões abertas? Como que eu... trabalhar o que vinha? Porque cada questionário vem uma coisa diferente “né”?

Entrevistador 2 - Depois criar as categorias...

Professora Lucy - Ai criar as categorias. Você categoriza, você tem como trabalhar. Você trabalha objetivamente com os objetivos. Mas é subjetiva. Então foi difícil, foi muito difícil mesmo. E no douto... Na defesa, nós também ficamos preocupados porque conforme a banca, poderia ser um problema a defesa né, Geórgia.

Entrevistador 1 - É isso que eu ia...

Professora Lucy - Se a banca não aceitasse ali poderia ser um problema grave “né”? E pusemos o Ferrari por causa da sugestão dele, a professora Olga que conhece a serra do mar como a palma da mão e... E o professor Helmut “né”? A Livia e... Faltando um “né”? Mas eu lembro já ja. Eu lembro já ja quem foi. Não ocorre no momento. E a professora Olga, ela... A serra do mar era como um Raio-X pra ela, porque ela conhecia cada detalhe. Ela ficou anos trabalhando nas escalas da serra. E ela falou: “Eu nunca tinha visto a serra do mar por esse ângulo. Nunca. Nunca. Nunca.” Então foi muito bom “né”? E deu tudo certo, graças a Deus. Mas a resistência continuou e continua até hoje.

Entrevistador 1 - E a resistência em algum momento vocês encontraram resistência aqui? Aqui na universidade?

Professora Lucy - Não. Pelo contrário. Aqui houve muito apoio. Até me orgulho mesmo que tivesse um centro de estudos em percepção aqui. Não, nunca. Nunca.

Entrevistador 2 - Eu queria perguntar – não sei... desculpa...

Entrevistador 1 - Não.

Entrevistador 2:- A diferença de cognição e percepção. Porque a própria Livia fala...

Professora Lucy - Ah, ela faz essa. Nós demoramos um tempo pra entender isso. Porque vem percepção “né”? Percepção, você pega psicologia. Percepção fica percepção “né”? Mas pra nós da Geografia não é uma pura e simples percepção. A gente trabalha muito porque a percepção é o “aqui e agora”. Por isso que ela é de laboratório. É o “aqui e agora”. O nosso não é assim. A gente trabalha com a memória, com a atividade perceptiva. Que é o que o Piaget falava. A gente trabalha com a percepção e com a inteligência. Que é a atividade perceptiva. Os alunos fazem atividade perceptiva. Em toda atividade que você da pra eles “né”? E a cognição é mais completa. É o pensamento. Não é a simples percepção que é o “aqui agora”. A imagem é uma cadeira. Não é isso. É muito mais do que isso.

Entrevistador 2: - É, a Lívia ela falou isso. A percepção é algo que... que...fluído...

Professora Lucy: -É imediato. É o “aqui agora”. Daqui cinco minutos já é outra percepção. E a...

Entrevistador 2: - E representação? Nunca ocorreu essa idéia?

Professora Lucy: - A representação caminha junto. Por causa dos mapas, dos materiais, do espaço. Caminha junto. Mas ela precisa da cognição. Precisa da atividade perceptiva, tudo... ela precisa. Porque é uma codificação.

Entrevistador 2: - Mas eu to falando a representação não como...

Professora Lucy: - Ah, o título?

Entrevistador 2: - É, a idéia.

Professora Lucy: - Não. Nunca.

Entrevistador 2: - Como conceito. Porque veja é...

Professora Lucy: - Nós ficamos na percepção.

Entrevistador 2 - A representação é uma imagem mental.

Professora Lucy: - É. Isso.

Entrevistador 2: - Entendeu. Não um...

Professora Lucy - Uma pura e simples percepção.

Entrevistador 2: - É.

Professora Lucy: - Mas não nos ocorreu a representação. Os franceses acabaram fazendo, falando “né”? Mas não nos ocorreu em momento nenhum que deveria mudar para representação. Não, nenhum momento. A gente ficou mesmo na percepção. Percepção ambiental, até che... Até a gente entender que na verdade nós não fazíamos uma pura e simples percepção. A gente sempre fez uma cognição ambiental. Sempre.

Entrevistador 1: - Então de certa forma, ou de fato o Piaget ele acaba fundamentando, digamos assim, entre aspas “né”?

Professora Lucy: - Ele tem todas essas coisas na psicologia clínica, tudo já definido, conceituado, tudo... Nós é que tínhamos que aplicar na geografia na verdade “né”? Mas sim, o Piaget embasa tudo, tudo, tudo.

Entrevistador 1 - É. Tanto que o trabalho da professora Lívia é “Estudo metodológico e cognitivo do mapa”.

Professora Lucy - E cognitivo do mapa porque é muito mais profundo. É uma cognição mesmo.

Entrevistador 1 - Mas acabou ficando a cognição...

Professora Lucy - E se você falar cognição, vão até achar que é outra coisa. Então a gente começou também com um pouco de cuidado, mas sabemos que é cognição sem dúvida nenhuma.

Entrevistador 1 - Deixa eu ver aqui o nosso roteiro, porque no fim a gente vai conversando e vai deixando...

Professora Lucy - É. Uma coisa puxa a outra. Porque é muito gostoso.

Entrevistador 1 - E várias perguntas assim, estão aqui no questionário só que a gente vai e volta.

Entrevistador 2: - Tem algumas que já foram...

Professora Lucy - Mas isso é natural. Na entrevista é natural.

Entrevistador 1: - Quando você fala que os americanos... Os autores americanos eles vieram pra geografia... Nessa época assim. Você pode citar alguns assim... autores que contribuíram muito pros trabalhos nessa vertente que você acabou seguindo?

Professora Lucy - Não sei se vou lembrar de todos, mas nós tínhamos quando começamos em percepção, nós tínhamos um material que com crianças em relação a consciência ecológica. Sabe? Como que se desenvolvia na criança, eles não jogar papel de lixo no chão. Isso veio de lá. Eu tenho. Se eu não me lembrar eu tenho anotadinho lá. Porque eu fiz a livre docência pela produção científica. Então ela tá toda ali documentada. Então fica fácil depois de nós... encaixar. Era americano, não vou me lembrar agora qual escola, mas nós começamos a trabalhar com isso também pouco antes de ir até o Battro, que as crianças tinham consciência ecológica, as pesquisas mostravam isso. Elas perdiam depois, quando eram adultas já. Nós começamos a trabalhar com isso também. Com a percepção ainda voltada pra ensino. Então eu me lembro agora assim... A gente já não lembra as coisas com tanta facilidade, mas os autores americanos estão aqui. Eu passo pra você. Mas na verdade em relação a percepção, são os que vocês conhecem hoje: O Tuan, enfim né. No meu tema do... Todas essas pessoas...

Entrevistador 2 - E os franceses não tiveram influência?

Professora Lucy: - Olha os franceses, engraçado... Nós acabamos, não sei se porque a Livia também tava mais voltada pra esse lado, ela foi pros Estados Unidos várias vezes, fez pesquisas lá, pesquisas que ela fez lá a gente reaplicou aqui para comparar os resultados. Enfim, ela tinha já essa atividade, nós ficamos meio distantes dos franceses. Mas os franceses também desenvolveram coisas lindas né. Coisas lindas.

Entrevistador 2 - Acho que era o momento também né. . Que na verdade nesse momento os americanos...

Professora Lucy - Eclodiram. Os franceses ficaram meio... é

Entrevistador 1 - Eles foram pro mundo inteiro.

Professora Lucy: - Mas depois os franceses reassumiram. Você vê o Claval, com a geografia cultural e existem coisas lindas “né”? O espaço vivido “né”? Então eles têm... É que a gente acabou trabalhando mais desse lado aqui, mas têm coisas lindas que daria pra... O Dardel, né, na mesma época que o Tuan “né”? Mas agora que o Dardel ta aí ascendendo bastante, ta todo mundo voltando pra geograficidade do Dardel, mas o que eclodiu mais foi o Tuan, foi esse lado aqui mesmo. Mas são circunstâncias “né”? São circunstâncias, eu acho. Poderia ter sido ao contrário se a Livia tivesse mais ligação pra ca “né”? Então acabou fazen...

Entrevistador 1 - E a própria, acredito, que a própria geografia quantitativa, quando ela começa ela é divulgada aqui em Rio Claro. O grupo é muito forte aqui...

Professora Lucy - Pra todas essas inovações. Sempre chegou muito rápido aqui “né”?

Entrevistador 1 - Se tornou conhecida por isso.

Professora Lucy: - É verdade.

Entrevistador 1 - E ela chega por um caminho que é dos norte-americanos.

Professora Lucy - Completo, completo de lá. Então o canal era muito livre ali, sabe? As coisas... A própria análise morfométrica, “né”? Com o professor Christofolletti. Eles trabalhavam assim, trazia... Então o canal ficou aberto assim “né”? Ficou mais fácil, mais aberto. E acabou pela facilidade dos próprios professores com os norte-americanos mesmo “né”?

Entrevistador 1 - E nessa época em que você tava desenvolvendo o ensino, a sua atuação docente aqui, aí pesquisando um pouco do ensino e já passando também pra percepção, como que era a estrutura aqui da faculdade? Porque ela começou como Faculdade de Filosofia Ciências e Letras...

Professora Lucy: - Grupo escolar. Era pra ser um grupo escolar o prédio, imagina. Aí em 1959 o Doutor João começou tudo e ficou faculdade. Então tudo muito a desejar. Sempre. Nós fazíamos verdadeiros milagres. Se contar vocês não acreditam. Olha, análise morfométrica eu tive que pesar tudo naquela bacia da química que pesa até fio de cabelo, de alta precisão. Eu tive que recortar, não tinha programa, não tinha nada, era tudo manual. Eu tive que recortar em papel vegetal as bacias, as sub-bacias, as sub-sub-bacias, até aqueles papezinhos que pegava com a pinça, pesar um por um pra poder fazer todos os cálculos. Então, era tudo muito assim. Por exemplo, pra trabalhar hoje, você pode fazer coisas com questionários abertos porque tem programa pra você. Eu fiz tudo na mão. Tirei tudo, imagina. Por isso que se a gente... Não que a gente ia trabalhar com amostra, nome de gente, eu trabalhei com duzentos e quarenta, foi uma loucura, uma loucura porque eu tirei tudo na mão, assim, copiava ia fa...

Entrevistador 2 - Não tinha Xerox com facilidade.

Professora Lucy: - O meu doutorado foi datilografado. O mestrado e o doutorado. Então você pode imaginar a época que foi.

Entrevistador 2- Quantas versões que tem que digitar “né”?

Professora Lucy: - Você... A Livia lia. A Livia lia, porque ela lê quinhentas mil vezes. Então ela lia, eu corrigia, datilografava...

Entrevistador 2: - Não tinha “copia, corta e cola “né”?

Professora Lucy: - Então, foi tudo muito assim. Nós sempre trabalhamos muito com muita garra, com muita vontade, o departamento era muito ativo mesmo, ele tinha mesmo... Era do perfil do departamento, sabe? Os docentes mais antigos tinham... Você vê o Helmut com a biogeografia, o Christofolletti com a geomorfologia. Eram as coisas novas. O Carlos Augusto com a climatologia. Então eram as coisas que foram... E eles... Foi por conta dos docentes, certamente. O perfil deles que a

coisa foi crescendo e foram surgindo os da percepção... A Livia já tava aque... A Livia foi convidada pra vir pra cá por causa da didática. Ela veio com didática.

Entrevistador 1: - É. Ela que começou essa...

Professora Lucy - A didática. Então a gente tinha essa facilidade. Foi um privilégio eu acho, ter entrado nessa época, com esses docentes com esse perfil, com esse dinamismo. Sempre incentivando a gente a fazer carreira, sabe? Não ficar sem fazer... Fazer o concurso, se efetivar, todos se efetivavam. Então era essa equipe que tinha mesmo. Mas era tudo assim... Você não pode imaginar como que a gente fazia as coisas.

Entrevistador 1: - Nossa, imagino. Eu fico imaginando...

Professora Lucy - Era muito engraçado.

Entrevistador 1 - Numa época, em 1968, década de 1970 também, período militar no Brasil... E aí, como que era essa...

Professora Lucy: - Eu tava na faculdade. Eu entrei em 1964. Olha.. Pra nós as coisas chegavam muito devagar. Aos poucos. Pela distância “né”? Então aqui tinha muita reunião lá na cantina, era muito gostoso, a gente ia tudo... Mas não tinha uma coisa assim “né”? Muito...

Entrevistador 1 - Forte igual São Paulo?

Professora Lucy - Era um zun-zun-zun mesmo. É. Foi São Paulo mesmo “né”.

Entrevistador 1 - E nessa época quando a Geografia, ela começa a crescer aqui com... até a Geografia quantitativa e com a percepção, em algum momento, assim, você lembra de ter um certo desconforto ou alguma relação difícil com o pessoal da USP? Quando eles criticavam. Porque uma vez eu tava olhando, nessa pesquisa do mestrado, alguns documentos históricos, e eu achei uma vez uma crítica do Estado de São Paulo, à faculdade aqui, à esse pensamento quantitativo e tal... Na sua época, você lembra de alguma coisa assim ou sentiu esse distanciamento?

Professora Lucy: - Existia. O pessoal do Rio não porque eles foram pra quantitativa com tudo “né”? Mas isso com a USP sempre existiu. Em todas as épocas, em todas as áreas. Sempre teve um “senão”, um “senãozinho”. Até pra convidar pra banca. Sempre teve um “senão”. Nos olhavam assim como pessoal do interior “né”? Pessoal do interior. E você sabe que, com Prudente também sempre teve uma coisinha assim meio esquisita. Nós com Prudente.

Entrevistador 2: - Acho que é competição, não é?

Professora Lucy: - É. Também “né”? Também. Poderia ter sido mais harmônico do que era.

Entrevistador 2: - E é da UNESP.

Professora Lucy: - É da UNESP, imagina. Poderia. Mas não foi. Não era harmônico não. Nunca foi. Sempre teve isso aí. Eu nem sabia que tinha saído essa coisa de Estadão e tudo. Mas sempre teve. Sempre teve assim, claro, civilizado, educado, mas sempre teve, sempre teve. E a gente não fazia mestrado, doutorado porque não tinha aqui.

Entrevistador 2 - Era lá que tinha “né”?

Professora Lucy: - Era lá que tinha.

Entrevistador 2 - Todos fizeram praticamente nessa época.

Professora Lucy: - Todos fizeram lá, todos. Nessa época não tinha aqui.

Entrevistador 2 - Você vê. Acho que é um pouco de mito também “né”?

Professora Lucy: - Acho que sim. Fica aquela imagem formada “né”? Mas isso nunca prejudicou a gente em nada, eu não me lembro.

Entrevistador 1 - Pelo contrário...

Professora Lucy: - A gente aceitava, achava que era aquilo e sabia e... Mas era muito civilizado. Não era nada assim...

Entrevistador 2 - Pode ser que o grupo, vamos dizer, gestor da USP, gestor da UNESP tinham políticos, muitos políticos diferentes “né”?

Professora Lucy - Os professores vieram de lá. Muitos professores vieram de lá. Então ficou, é um outro grupo. Lógico, fica mesmo. Fica... Tinha um mal estar sim. Sempre teve. Com Prudente também.

Entrevistador 1 - E quando a Geografia começou a ficar forte, nessa época, quantitativa e na sua época também, começou a ter... Tinham bolsas de estudos aqui?

Professora Lucy - Tinha. Eu fui bolsista. Fui no mestrado, fui no doutorado. Eu comecei com a Livia com bolsa de aperfeiçoamento, “né” lembra que eu falei? Tinha sim.

Entrevistador 1: - Mas eram só bolsas daqui...

Professora Lucy: - Fapesp, CNPQ...

Entrevistador 1: - Tinham bolsas estrangeiras em alguma...

Professora Lucy: - Já tinha. Tinha gente que ia pro exterior. Eu aliás, tinha esse sonho, depois do doutorado de ir pro Canadá por causa do Ian Burton “né”? Mas aí não deu. Fui bem depois! Mais a passeio quase. Não, a gente tinha sim esse desejo de fazer um estágio fora, um pós doutorado e existia sim. Sempre isso foi incentivado. E teve gente que fez sim.

Entrevistador 1 - E que bolsas eram essas?

Professora Lucy: - Era Fapesp, pra bolsa de Fapesp, mas era difícil você conseguir. Eles eram super exigentes. CNPQ era mais fácil. E algumas outras que eu não me lembro, mas essas duas eram a que mais a gente...

Entrevistador 2: - Até hoje. Ela tá com bolsa da Fapesp.

Professora Lucy - Da Fapesp. A Fapesp sempre foi muito exigente, mais difícil de conseguir. Mas a gente conseguia sim. Auxílios pros congressos, tudo conseguia.

Entrevistador 1 - É. Eu consegui...

Professora Lucy: É. Saía às vezes de última hora, saía depois que a gente foi, coisas desse tipo aí. Ou saía só passagem, você tinha que pagar o resto. Enfim, a gente sempre foi com muita dificuldade, fez tudo, mas fez “né”? Porque faz. Lógico “né”? Mas... Lembrar agora é interessante, mas fazer as coisas na época... Você lembra, você lembra do prédio lá como era?

Entrevistador 1 – Sim...

Professora Lucy - Imagina. Era uma coisa super acanhada, não tinha quase nada. E a gente trabalhava... Tudo que produziu, tudo que fiz foi ali “né”? Foi ali.

Entrevistador 2: - Você disse... Deixa eu perguntar uma coisa. O seu trabalho com o ensino foi...

Professora Lucy - Foi meio curto

Entrevistador 2: - Foi meio curto. Depois as suas pesquisas, elas não estavam...

Professora Lucy - Eu acabei. É... Com a percepção, eu acabei ficando...

Entrevistador 2 - Fazendo alguma relação...

Professora Lucy: - Porque eu também não falei, mas quando eu me efetivei eu fiz em recursos naturais. Nós começamos a trabalhar em recursos naturais porque era muito bom ligar o meio ambiente, os recursos naturais com a percepção. Qualidade de vida. Temas assim que eram desenvolvidos. Então eu acabei indo mais pra essa área do que... E deixei o ensino definitivamente.

Entrevistador 2 - E o Piaget ainda contribui nessa reflexão da percepção?

Professora Lucy - Ah sim. Sempre. Sempre. Porque a percepção é da Psicologia. Não dá pra você separar mais.

Entrevistador 2 - E o Piaget nessa época. Vamos dizer, que época que era? Década de 1970?

Professora Lucy - Eu me formei em 1967, fiz o doutorado, o mestrado defendi 1980, o doutorado em 1988... Tudo isso aí foi Piaget “né”?

Entrevistador 1: - Finzinho - início da década de 70 vamos colocar assim...

Professora Lucy - A primeira publicação acho que foi em 1971 mesmo nossa, aquele sobre o ensino de região.

Entrevistador 2 - Ele é o autor, vamos dizer, obrigatório para...

Professora Lucy - Não, não. Era assim. Você tem vários psicólogos importantes, famosos, Skinner “né”, o Piaget, entre outros. É uma escolha pessoal com quem você vai trabalhar. Só que você não pode misturar. Que o vocabulário é outro, a abordagem é outra. Não dá pra misturar. Ou você é esse ou você é aquele. E a Livia já começou a trabalhar com Piaget na didática. E eu automaticamente fiquei Piagetiana. Tudo... Na educação, a professora Cecília Micotti, elas eram muito amigas e trabalhavam juntas e ela também era Piagetiana.

Entrevistador 2 - E depois... na USP também...

Professora Lucy: Ah sim. Mas temos Skinianos também. Que trabalham com Skinner. Que é o reflexo... Há pesquisas bonitas, importantes. Só que era outra metodologia, outro vocabulário, outra explicação psicológica. Mas é tão importante quanto “né”?

Entrevistador 1 - E será que a gente pode dizer assim que o Piaget na Geografia ele se tornou inédito aqui? Ou não tão inédito, mas muito bem trabalhado aqui? Porque ele era trabalhado na USP, mas dentro da Geografia da USP, por exemplo...

Professora Lucy - Eu acho que sim. Eu acho que a Livia fez isso sim. Teve que... ela veio com a didática, foi ela que... “né” porque, o Piaget você... as coisas dele estão aí. A gente aplica as coisas

dele. Ele tem um modelo e a gente aplica. E a Livia tinha muito essa preocupação. Ela ia muito à USP conversar com quem trabalhava com Piaget, que aplicava Piaget. Então, eu acho que isso aconteceu realmente.

Entrevistador 2 - A Tomoko você conhece?

Professora Lucy: - Claro.

Entrevistador 2: - Ela também trabalhou com Piaget e com ensino de Geografia.

Professora Lucy - É verdade.

Entrevistador 2: - É mais ou menos contemporâneo.

Professora Lucy: - E a Livia falava também com ela, tocava nas coisas, tudo.

Entrevistador 2: - Mas, pelo que você está dizendo era uma escolha...

Professora Lucy: - Pessoal.

Entrevistador 2 - Pessoal. É.

Professora Lucy - Qual psicologia você adotaria. Você teria que adotar alguma!

Entrevistador 2: - Assim, a opção... Qualquer referencial teórico “né”?

Professora Lucy: - Aquele que respondesse melhor as suas perguntas, seus interesses “né”? Podia até começar a trabalhar, se não gostasse passasse pra outro. Porque era um modelo que se aplicava “né”? É que a Livia ela já veio dessa forma, ela criou aquilo “né”? Tudo voltado em torno do Piaget. Ela não saiu do... Não tentou aplicar outros, por exemplo. Pra Geografia ele respondia muito bem a todas as perguntas, as indagações, o que a gente tinha que trabalhar. Então nós não tínhamos nenhuma dificuldade assumindo o Piaget. As explicações dele são maravilhosas. As atividades perceptivas, pra Geografia isso é uma maravilha. O espaço aberto... Então a gente... Foi um casamento perfeito pra nós viu? Nossa, foi maravilhoso.

Entrevistador 1: - Na época em que você frequentou aqui a Geografia, havia habilitação só pra licenciatura..

Professora Lucy - Só licenciatura.

Entrevistador 1 - Não tinha bacharel...

Professora Lucy - Não. Não.

Entrevistador 1 - E na USP tinha os dois?

Professora Lucy - Eu não me lembro as datas mas a USP acho que já tinha antes de nós sim.

Entrevistador 1: - E como que aconteceu esse processo? Porque você tava num momento em que a Geografia ela passa, deixa de oferecer só licenciatura e passa a oferecer também o bacharelado.

Professora Lucy - O bacharelado...

Entrevistador 1 - Como que você iniciou esse processo, assim, como que vocês viam esse processo?

Professora Lucy - Teve muitas reuniões pra tudo ser implantado. E o que mais pesou é que era uma necessidade da época. Tinha gente que não queria licenciatura “né”? Muita gente não queria ser professor.

Entrevistador 2 - Até hoje. Mas tinha mercado de trabalho?

Professora Lucy: - Olha. Pra Geografia sempre foi muito difícil. Mas tinha. Tinha o IBGE, tinha outros institutos. Era um começo. Era um começo. Mas que foi sentido naquele momento que só a licenciatura já não atendia o mercado “né”? Que tinha gente que não queria mais ser professor. Aliás, foi perdendo bastante mesmo “né”? Daí a necessidade. Então foi uma das razões mais fortes pra que o bacharelado fosse implantado.

Entrevistador 2 - E você acha que isso trouxe alguma consequência para a licenciatura?

Professora Lucy - Eu acho que não. Não sei a opinião de mais gente. Na prática, na prática, porque eu sei porque alguns colegas não gostam de lecionar. A gente gostava, quis ser professor, mas tinha gente que não queria ser professor. Então fica muito difícil isso “né”? Eu acho que a opção só enriqueceu. Você ter alguma opção, bacharelado ou licenciatura é maravilhoso. Imagina, você querer fazer alguma coisa e não poder, não tem? Eu acho que só enriqueceu. Prejuízo não trouxe. O que eu sei de toda essa vivência com a educação é que a educação sempre teve muito problema. A pesquisa era complicada, o relacionamento com os professores era muito difícil, por isso que eu não fui pra educação. Falei: Eu não. Eu não vou entrar na educação mas de jeito nenhum. Porque eu via nos congressos, tudo... era muito complicado a educação, era muito difícil. Depois eu fiz graduação em Geografia, falei: Não. Eu vou ficar na Geografia mesmo. Não era fácil trabalhar, não era fácil. Os congressos eram muitas brigas, muito estrelismo e as pesquisas eram... Não eram como as da Geografia. Isso eu via já, desde o começo. Então sempre foi muito difícil a educação. A pesquisa em educação, muito difícil. Então eu acho, pra nós, pra Geografia, só enriqueceu. Tem gente que quer o bacharelado, não quer a licenciatura “né”? Você não pode... São sinais do tempo mesmo “né”? Hoje não sei, acho que pouca gente quer ser professor, nem sei mais como que tá isso. Mas...

Entrevistador 1 - Era difícil.

Professora Lucy - Difícil “né”? Então, foi mudando. E tinha que atender. Era uma necessidade. Não vi como um prejuízo não.

Entrevistador 1: - E os currículos eles eram diferentes. Do bacharel e da licenciatura...

Professora Lucy - Ah sim. Até o momento teria até o bacharelado e depois quem quisesse a licenciatura faria as pedagógicas.

Entrevistador 1 - Que eram? As pedagógicas...

Professora Lucy - Prática de ensino, a didática, a psicologia.

Entrevistador 2 - A prática de ensino da geografia está no departamento...

Professora Lucy: - Não estava. A Livia tinha a sala no departamento de Geografia, mas ela era da educação. (risos)

Entrevistador 2 - Então ela era vamos dizer, lotada, no departamento de educação?

Professora Lucy - Tava lá. Olha que interessante a estrutura. É aquele começo “né”? Sei lá, não sei. Ela tinha sala, tudo... Trabalhava todo dia no departamento de Geografia, mas ela era do departamento de educação.

Entrevistador 2 - Como que foi que ela foi transferida pra Geografia?

Professora Lucy - Não sei não. Eu não sei muitos detalhes porque foi assim meio traumático. Foi quando a UNESP começou a... Já era UNESP, e foi pra Araraquara. Como os cursos foram pra Araraquara. Lembra disso?

Entrevistador 2 - Curso de História, Ciências Sociais...

Professora Lucy - E a educação foi. E a Livia não queria ir. A Livia queria ficar na Geografia. Foi por aí que ela ficou na Geografia. E tinha mais gente que queria ficar na Geografia que era da educação. Foi muito complicado. Teve até perda de amizade, tudo... Foi muito difícil. E ela ficou. Ela ficou na Geografia.

Entrevistador 2 - Porque aqui tinha os cursos de biologia, que eram licenciatura. Então tinha que ter o departamento de educação.

Professora Lucy - De educação “né”? Com todas as responsáveis.

Entrevistador 1 - Foi em que época mais ou menos?

Professora Lucy - Ai, agora não sei.

Entrevistador 1 - Década de oitenta, final da década de setenta, começo da década de oitenta?

Professora Lucy - De oitenta. Com certeza. Mas a data precisa não me lembro.

Entrevistador 1: - Mas é quando tem essa mudança “né”? Com a UNESP que se caracteriza como UNESP mesmo.

Professora Lucy - É. Foi pra Araraquara.

Entrevistador 1 - Ah é. Porque a pedagogia ela deixa de existir durante um tempo “né”?

Professora Lucy: - É. Foi pra Araraquara, depois volta. Aí volta novamente vem tudo...

Entrevistador 1 - Entendi.

Professora Lucy - Mas foi muito difícil essa... As pessoas envolvidas com essa mudança foi muito traumática.

Entrevistador 1 - E de alguma forma essa... a Geografia ela... Você pela tua experiência assim, e vivência aqui nesse momento, a prática de ensino ou em Geografia, ela sofre alguma consequência por conta disso?

Professora Lucy - Não. Nenhuma.

Entrevistador 1 - Não “né”?

Professora Lucy - Com a Livia ela não deixaria. É Claro. Nunca teve nada muito complicado com a prática. Ela sempre levou isso... Se você ver começou os congressos, tudo... Ela sempre levou isso muito a sério.

Entrevistador 1 - Quer falar alguma coisa João?

Entrevistador 2 - Do colégio de aplicação. Esse colégio de aplicação foi como surgiu como todos os outros pra servir de laboratório dos estágios “né”?

Professora Lucy: - Isso. Os estágio invés de ser feito na rede pública... porque era um problema. Tinha diretor que não deixava. Complicado. Então eles passaram a ser feitos todos no aplicação.

Entrevistador 2 - Daí ele durou pouco tempo “né”?

Professora Lucy - Três anos.

Entrevistador 2 - E depois ele passou a ser...

Professora Lucy - Entrou pra rede pública normal.

Entrevistador 2: - E os estágio eles continuaram...

Professora Lucy - Na rede pública até hoje.

Entrevistador 2 - Daí você nunca trabalhou com prática de ensino “né”?

Professora Lucy - Não.

Entrevistador 2 - Era a Lívia.

Professora Lucy - Era a Lívia que trabalhava. Eu só fui um ano. O ano em que a Lívia foi pra um congresso e deixou duas pessoas... Dois professores que tinham acabado de entrar no departamento, duas pessoas encarregadas pra acompanharem os estágios. Ela deixou tudo em ordem. As apostilas, tudo, tudo, tudo. E essas pessoas, têm outra vivência, outro horário, outra política. Na véspera de ir pro estágio com as alunas, essas professoras disseram que não iriam porque não concordavam com a apostila que a professora Lívia tinha deixado. Então, o chefe de departamento era o professor Helmut. Ele falou comigo, nós olhamos a apostila, não tinha nada. Nada, imagina. E eu falei: Não, eu acompanho os estágios. Porque senão não teria estágio. Se elas não iam, a Lívia tava... Aquela turma não se formava! Foi o único ano que eu acompanhei os estagiários e fiz tudo direitinho, terminei. Foi a única vez, foi a única exceção.

Entrevistador 1 - E o colégio de aplicação, ele era uma política do estado “né”? Mas daí com... Só pra retomar, assim, ele é... O de Rio Claro foi o único que tinha na época? Porque os outros estavam sendo fechados...

Professora Lucy - É. Porque os outros tavam praticamente sendo fechados e o nosso tava abrindo. Foi meio tardio.

Entrevistador 1 - Mas não tinham em todas... Não era em todas as unidades...

Professora Lucy - A USP tinha.

Entrevistador 2 - Tem até hoje.

Professora Lucy - Tem até hoje. Alguns tinham sim, mas era uma política que não deveria ser assim. E o nosso tava começando.

Entrevistador 1: - E daí ele acabou?

Professora Lucy - Rapidamente.

Entrevistador 1 - E ele acabou por que, assim.

Professora Lucy - O professor Aragão, que foi... Que era da educação que ele que ficou diretor, ele que montou “né”, ele que fez tudo. E ele faleceu. Num acidente de carro. Ele faleceu. E

acho que isso também provocou, sabe, ou acelerou toda essa política de que não deveria existir então acabou...

Entrevistador 1 - Porque a professora Livia ela tinha – devia até ter trazido- três publicações, um livro da Ageteo, um azulzinho. São as publicações do Colégio de Aplicação...

Professora Lucy - E nós temos... Esse foi o primeiro, porque nós queríamos fazer vários por causa dos programas experimentais que a gente fazia. Eles estão... Eu... Tirávamos cópia pra distribuir pros alunos, eu guardava. Eu tenho todos. Encadernei, por ano, fiquei um tempo comigo, porque nós íamos trabalhar pra publicar, acabamos não fazendo isso, eu deixei, você pode até olhar com o professor Fadel, que ele tem aquele laboratório. Ta lá no laboratório. Eu deixei todo material de aplicação...

Entrevistador 2 - Lá tem os modelos que você falou?

Professora Lucy - É. La tá. São grossos assim. Por ano. Primeiro colegial, segundo colegial, terceiro colegial. Ta tudo lá. Tudo, tudo, tudo. Organizado.

Entrevistador 1 - Mas esse laboratório, não é onde a...

Professora Lucy - Era o professor Fadel na época. Você pode perguntar pro professor Fadel porque foi com ele que eu me aposentei e deixei o material que eu queria pra... Que era de ensino. Ele vai saber. Era ele que era responsável na época pelo laboratório de ensino. Não sei hoje como que está isso. Não tenho idéia.

Entrevistador 2 - Precisamos falar com ele.

Professora Lucy - Ta lá. Todo material. É claro que sim... Quem deve saber também acho que é a Rita. Sabe, a Rita? Ela deve saber porque...

Entrevistador 2 - A funcionária?

Professora Lucy - A funcionária. Ela ficou um tempo tomando conta. Porque eu emprestava esse material pros alunos, tudo... A Rita deve saber também.

Entrevistador 2 - A Rita é minha orientanda.

Professora Lucy - Então. Ela deve lembrar, ela deve saber. Mas eu entreguei pro Fadel. Porque era ele que era responsável na época por esse laboratório.

Entrevistador 1 - E a intenção dessas publicações, dos livros, assim, era divulgar dentro aqui na região? Qual que era intenção?

Professora Lucy - Não. A divulgação era em publicação e congressos. Publicação e congressos. E que os resultados fossem aplicados no ensino público, nos professores. Porque a gente testava modelos, mapas, programas “né”? Como fazemos estudo de região, que foi o primeiro que nós fizemos com os alunos, nós fizemos com a professora de português com “Morte e vida Severina”. Então era umas coisas muito bonitas, muito dinâmicas. Os estagiários preparavam as apostilas pra aplicar nos alunos, preparavam as provas. Material excelente. E a intenção era também que o resultado voltasse pro ensino também “né”.

Entrevistador 2 - Pra contribuir.

Professora Lucy - Pra contribuir, lógico. Muitos estagiários, que ficaram professores depois, vinham emprestar as coisas da gente pra aplicar, sabe?

Entrevistador 1 - Quer dizer, teve uma repercussão todo esse trabalho.

Professora Lucy: - Teve. Eu quando fiz a livre docência, que fiz pela produção, eu fiz pela produção, mas eu fiz como tese. Então tem a parte do ensino, tudo... Eu documento cada um, os resultados alcançados, o que aconteceu. Então acho que vocês vendo vai ser muito útil pra vocês. Até pra procurar as coisas depois “né”? Eu vou deixar.

Entrevistador 1 - E pra ver o quanto esse trabalho ele teve frutos “né”? A importância dele “né”?

Professora Lucy: - A importância. Ah não, a Livia tinha essa cabeça mesmo. Ela queria assim e que os resultados fossem aplicados no ensino “né”? Que seria uma ponte. Nós seríamos uma ponte entre a universidade e o ensino médio e o fundamental. Que é o ideal “né”? Pra que os professores utilizassem em sala de aula. Esse primeiro de capinha azul é pro primeiro colegial. Foi feito pro primeiro colegial. Super cheio de atividades “né”? Ficou muito bom.

Entrevistador 1 - Eu já tinha olhado no mestrado, vivo olhando...

Professora Lucy - É que a gente acaba, você vê eu acabei indo pra cá, pra lá, pra cá e você vai largando um pouco as coisas. Realmente. Mas eu encadernei, fiz uma capa dura, por ano. Ta tudo guardado, não se perdeu nada. Não, vocês vão achar esse material facilmente.

Entrevistador 2 - Falando nisso ainda “né”? Vocês, pra fazer essas atividades, você seguiu o currículo que estava...

Professora Lucy - O programa do... da escola.

Entrevistador 2 - Do Estado?

Professora Lucy - É. Da escola. Se fosse fazer como hoje é agora na escola, você tem que falar com o diretor e com professor. Os dois têm que permitir. Senão você não faz o estágio lá. Se o professor permite, aí ele diz: Olha, eu dou tal unidade, vocês desenvolvem no mês de Janeiro. Era assim que a Livia trabalhava. No mês de Agosto “né”? A Livia trabalhava assim. Hoje eu já não sei como funciona. A Livia ia junto, ela acompanhava os estagiários, eles nunca foram sozinhos. Nunca

Entrevistador 2 - É, ela falou isso...

Professora Lucy - Nunca foram. Hoje já não sei como funciona o estágio...

Entrevistador 2 - Hoje está mais massificado “né”? Até a educação superior foi massificada. Antes não era. As turmas iam em quinze e terminavam em oito, sete. Hoje as turmas são quarenta, trinta...

Professora Lucy - Depois das nossas já eram vinte e cinco, trinta. Mas a Livia dividia em grupos. Ela dividia em grupos...

Entrevistador 2 - Então, mas agora a gente tem estágio um, dois, três, quatro, cinco...

Professora Lucy - Então. Eu posso imaginar onde começou. Não tenho nem idéia...

Entrevistador 2 - É uma loucura.

Professora Lucy - Então, e também é isso. Diretor tem que permitir e a escola tem que permitir. Porque senão você não entra na escola. Por isso que era difícil trabalhar na educação. Não era fácil trabalhar na educação. Não é. Continua.

Entrevistador 2 - Mas o currículo, que eu to falando é assim, existia, me parece...

Professora Lucy - Ah, os programas?

Entrevistador 2 - É. Os programas.

Professora Lucy - Ah tinha. Lembra? Os planos curriculares... Não. Sempre existiram. As escolas tinham.

Entrevistador 2 - Mas vocês iam até esses programas ou vocês viam já que a escola tinha feito triagem.

Professora Lucy - No aplicação ou na escola comum?

Entrevistador 2 - Tanto...

Professora Lucy - Na escola comum nós num tínhamos voz ativa nenhuma. Era o que nos davam.

Entrevistador 2 - Então, era o que a escola dava?

Professora Lucy - Dentro daquele programa que tinha que desenvolver o ano todo. Aí, vamos supor que a professora não gostasse de um ícone, uma unidade, ela pegava e dava pro estágio. Era assim. No aplicação a gente tinha mais liberdade. Você tinha total liberdade. O professor Aragão tinha essa política.

Entrevistador 2 - E o programa era da lei... Era o “verdão”?

Professora Lucy - É. Ainda... Acho que sim. Acho que era o “Verdão” ainda. Mas nós tínhamos liberdade de fazer como queríamos viu? Sabe, nós tínhamos... Era um colégio experimental. Então a gente não podia fugir muito do programa existente porque os alunos saíam dali e iam prestar vestibular, tudo... Mas a forma de trabalhar, a ordem, enfim. Nós tínhamos total liberdade de fazer o que quiséssemos, sabe? Ele deu essa responsabilidade pra gente.

Entrevistador 1 - E nessa época, o “Verdão”, assim..., como que ele era? Você chegou a ver ele? Conhecia o “Verdão”? E como que ele era estruturado, assim, como que era essa proposta? Ele era muito distante dessa Geografia daqui, que estava se trabalhando aqui em Rio Claro?

Professora Lucy - Olha, distante sempre foi. E os planos à medida que foram aparecendo, por exemplo, um dos últimos da Geografia Física sumiu do programa “né”? Desapareceu. Não sei se ainda tá assim hoje.

Entrevistador 2 - Ah. Da década de oitenta?

Professora Lucy - É sumiu os da Geografia Física. Então esses programas sempre existiram. Os programas vinham com umas coisas muito estranhas viu. Mas a gente, não sei se porque tava no sangue ser professor, a gente driblava essas coisas. Preparava aula de outra maneira. Só que você não podia fugir ali daquele básico “né”? Mas os programas sempre foram muito complicados. Pra você trabalhar bem mesmo, trabalhar todas as atividades perceptivas... tudo, era muito difícil.

Entrevistador 2 - Dentro disso que você tá perguntando, você falou... Esse material que era aplicado pra trabalhar, na escola...

Professora Lucy - Na aplicação, era confeccionado tudo por nós.

Entrevistador 2 - Isso. E metodologicamente que, ou até instintivamente, porque a Lívia fala muito assim: Ou fazia...

Professora Lucy - Muita coisa a gente fazia pelo bom senso, pela experiência, mas a base era piagetiana. Sempre foi.

Entrevistador 2 - Ah, isso que eu ia perguntar. Qual era assim a metodologia de trabalho, sabe? Que vocês usavam.

Professora Lucy - Não. A gente tinha todo cuidado do conteúdo ao nível, primeiro colegial, segundo colegial... A gente tinha essa sequência “né”? O aluno... Apresentar psicologicamente pro aluno “né”? Então, isso tudo era respeitado. A gente pensava muito como que o aluno trabalharia, as palavras que se usavam, não se usavam tais palavras. Essas sim, tais verbos não. Que você acha? Não acho nada. Era uma resposta certa. Então esses cuidados a gente sempre teve. De apresentar corretamente, tudo... E as atividades eram todas atividades perceptivas como Piaget sempre colocou “né”? Você usando a inteligência e a percepção, e aí desempenhar as atividades perceptivas. Num crescer, as vezes. Estudo de Região foi assim. Ele foi crescendo, foi crescendo a análise do “Morte e Vida Severina” e aí eles mesmos chegaram a conclusão que região era a gente que determinava. Se fosse o clima, era uma área. Se fosse a... social, era outra área, podia até ser maior. Então, sabe... Mas esse era o objetivo da unidade.

Entrevistador 2: - Que a idéia é trabalhar com um conceito, que eles construíram...

Professora Lucy - Tinha um objetivo. Exato. Que eles deveriam chegar. É.

Entrevistador 2 - Sabe, porque eu fiz um aperfeiçoamento também com a professora do departamento de educação, logo que eu me formei aqui, em 1987. Eu vou lembrar o nome dela ainda. E a gente leu principalmente a Hilda Taba...

Professora Lucy - Ai, a Lívia gostava muito da Taba

Entrevistador 2 - Que acho que era uma autora que era Piagetiana, que era muito divulgada na época...

Professora Lucy - É verdade.

Entrevistador 2 - De oitenta, mas acho que até antes.

Professora Lucy - Até antes.

Entrevistador 2 - Porque acho que ela vivia também nos Estados Unidos “né”?

Professora Lucy - Foi. Foi

Entrevistador 2 - E eu fiz nesse aperfeiçoamento um material didático pra trabalhar com centro de colônia de exploração e de povoamento. Mas eu não falava o conceito, era uma série de atividades que eles chegavam...

Professora Lucy - Exato. Eles que deveriam chegar. Exatamente. Nós púnhamos qual o objetivo da aula, qual o objetivo da... No final, o que os alunos deveriam adquirir. Ta tudo lá. Cada apostila, cada unidade, vocês vão achar isso. Desenvolvendo tudo isso você vai...

Entrevistador 2 - E chama isso de estudo dirigido?

Professora Lucy - Sim.

Entrevistador 2 - Você acha que Piaget...

Professora Lucy - É uma técnica.

Entrevistador 2 - Mas é uma técnica que as pessoas colocaram isso como pedagogia tecnicista “né”?

Professora Lucy - Pois é. Aí começam os rótulos. A gente não se preocupava muito, sabe? Até hoje. A Livia nunca se preocupou. Rótulo nunca gostou. A gente vai fazendo as coisas, mas vamos trabalhando e vamos fazendo nosso trabalho. Mas é um estudo dirigido, lógico. Você sabe o caminho que o aluno vai percorrer pra chegar lá. Se ele não chegar, tem algum problema, vocês... “né”? Ta aí a avaliação.

Entrevistador 2 - Porque assim, pode por o rótulo mas é tão importante que hoje todas as ‘educação a distância’ usam o estudo dirigido.

Professora Lucy - Usam o estudo dirigido. É isso.

Entrevistador 2 - Mesmo que fale que é tecnicista, todo mundo... Eu sou construtivista, tá na moda ser...

Professora Lucy - Não porque o Piaget é construtivista. Mas isso daí também é bobagem, porque você pode às vezes usar uma coisinha dali que da maneira como você trabalha... É o professor. No fundo, no fundo é o professor. No fundo, no fundo é ele. De frente pros alunos. Não tem outro jeito. Quando fecha a porta da sala, é o professor.

Entrevistador 2 - Não adianta rótulo “né”?

Professora Lucy - Eles gostam, se sentem bem. Tudo bem, a gente respeita. E também a gente mudava as técnicas, num podia... Tinha que ir mudando pra classe também, enriquecer “né”? Então também tinha, não era só assim esse estudo dirigido. A gente fazia outras coisas também. Como outros professores, o de português, depois com o de história. Sabe, era muito gostoso, era muito gostoso trabalhar assim. Era uma delícia. Os alunos eles fazem encontros até hoje, os ex-alunos. Até hoje eles fazem encontros.

Entrevistador 2 - Então você teve essa experiência depois que passou pra UNESP. Então você foi com outra experiência no ensino básico “né”?

Professora Lucy - Cinco anos praticamente entre eu sair formada, começar a dar aula no particular “né”? Cinco anos. Aí já peguei bolsa de aperfeiçoamento e depois já entrei no departamento em 1978.

Entrevistador 1 - Quando você deu aula no particular, era diferente? Você sentiu uma diferença?

Professora Lucy - Eu era aluna de segundo ano ainda na faculdade. Mas olha, nós preparávamos aulas do mesmo jeito, gostávamos de fazer as coisas em ordem. A clientela que era diferente “né”? Clientela. Mas do jeito que preparei a aula desde que eu comecei eu continuei preparando no terceiro ano...

Entrevistador 2 - Mas as orientações, assim que vocês tinham que seguir, pra dar aula, o material utilizado na privada e o material utilizado na pública eles tinham coisas diferentes assim, você sentia que era...Tinha alguma diferença, assim...

Professora Lucy - Não, algumas diferenças tinha sim. Tinha. Eu na época não tinha como comparar. Eu só dei no publi... No particular depois que eu fui “né”? Mas tinha diferença sim. Tinha em relação a material didático, tudo... Tinha. Tinha sim. Quando eu comecei, nossa, eu achei... Fiquei encantada com o particular viu? E foi ali no Além, não sei... Tem até hoje a escola “né”?

Entrevistador 1 - Tem, tem.

Professora Lucy - “Né”? Foi ali. Uma escola pequena, tudo... Fiquei encantada, comecei assim... Eu queria ser professora mesmo, sabia que eu ia ser. Mas aquilo me deixou com mais certeza ainda que era o que eu queria. “né”? A equipe era muito boa, os diretores... E era um trabalho muito bom. Tinha muitos alunos da faculdade dando aula lá, de Geografia, de História, aula de Desenho, vários. Então era uma equipe boa de trabalhar. Então eu... Foi muito bom. Foi muito bom.

Entrevistador 2 - Lucy... e você estudou no Puríssimo, você falou “né”?

Professora Lucy - Eu fiz o ginásio.

Entrevistador 2: - Que era particular “né”?

Professora Lucy - É, particular. O Koelle, porque eu morava vizinha, fiz o primário. Minha irmã já estava no Puríssimo aí eu passei pro Puríssimo no ginásio. Ela fez Normal no Puríssimo e eu fiz Clássico no Ribeiro. Só tinha no Ribeiro aquela época, que aliás era a nata o Ribeiro “né”? Você tinha que fazer até um vestibulinho pra entrar. Tinha um vestibular pra entrar lá. Tinha um preparatório. Preparatório Líder (risos). Você acredita? Tinha. Era a nata. Pra você entrar lá, suava. Público “né”? Maravilhoso.

Entrevistador 1 - Na década de oitenta, você ministrou alguns cursos pra professores da rede estadual...

Professora Lucy - Oitenta? Agora eu preciso lembrar. Porque cursos de curta duração, essas coisas? Dei vários. Dei vários.

Entrevistador 1 - E como que eram esses cursos assim, como que surgiu a oportunidade de dar esses cursos? Quais eram os objetivos?

Professora Lucy - Isso fazia parte da nossa carreira. Nós sempre éramos convidados a dar palestras, cursos de pequena duração, uma semana, às vezes de quinze dias. Então a gente, dependendo do que você tava trabalhando, ou algum colega convidava... “Olha, você tá trabalhando com percepção, você não quer dar um curso de...” Então, isso era comum. Acredito que hoje ainda é. Em outras universidades. Então era assim. Era um convite. Geralmente era um convite. Você queria

oferecer durante uma semana de estudos, também tinha os cursos. Funcionava assim e acredito que funciona até hoje. Eu fui muito a Belo Horizonte, eu e a Livia. Porque eles estavam, primeiro como especialização, depois comandando o mestrado, e a gente ajudou muito em percepção. Então a gente deu bastante curso lá também. Mas eu dei em várias outras universidades. Era muito comum a gente dar esses cursos. Mas eram convites. Eram feitos convites e a gente aceitava.

Entrevistador 1 - E o objetivo era...

Professora Lucy - Divulgar a percepção. Acrescentar coisas, dependendo da universidade, “né”, o que eles queriam, coisas novas, apresentar coisas novas. Era mais ou menos assim que funcionava.

Entrevistador 1 - Eu só queria voltar só um pouquinho assim, na década de 1960, de 1970 na verdade, com a LDB 5692, a Geografia sai do currículo das escolas. E aí passa a ser utilizado os Estudos Sociais. Eu queria saber pela tua experiência enquanto professora, já na universidade, como que isso aconteceu aqui? Como que você viu essa experiência? De alguma forma essa... O fato da Geografia sair do currículo isso afetou de alguma forma aqui a universidade, o curso de Geografia, não sei como, de alguma forma...

Professora Lucy - Ele continuou. O problema foi o ensino mesmo “né”? Porque, preparar os professores aqui, a Livia não mudou uma “vírgula”.

Entrevistador 2: - Não caiu a demanda?

Professora Lucy - Não. Do curso aqui não. Eu acredito que não. Não tenho nenhuma lembrança de problema desse tipo. Que a Livia jamais mudaria em termos do que ela achava que deveria preparar um professor e mesmo o conteúdo de todas as disciplinas dos professores, aqui não. Aqui o curso sempre foi pra ser dado o melhor, o mais completo, as coisas novas. O problema maior foi o ensino “né”? Que começou a andar pra trás, lógico “né”? Foi um processo de andar pra trás. Uma pena

Entrevistador 1 - É, porque a Geografia desaparece...

Professora Lucy - Imagina. Isso foi uma coisa horrível. Uma coisa horrível.

Entrevistador 1 - E daí ela desaparece e reaparece na década de oitenta...

Professora Lucy - Aparece de novo. Mas também, depois some a Geografia Física. Se você olha... Só Geografia Humana. Só Geografia Humana.

Entrevistador 1 - E porque você acha que tem esse desaparecimento?

Professora Lucy - Ai. Os porquês eu não sei. Porque, na cabeça de quem pode ter aparecido uma coisa dessas? Porque isso é uma coisa de gabinete “né”? E de política. E a Geografia nunca foi assim, muito respeitada. Não em termos da universidade, do número de pesquisas, não. No ensino mesmo “né”? Nunca foi. Olha, só pra você ter uma idéia, só no colégio de aplicação, sabe o que era mais forte, que tudo girava em torno? Educação Física. Você acredita?

Entrevistador 1 - Nossa...

Professora Lucy - A gente falava: Gente, não pode ter tanta aula de Educação Física. Essa gente precisa porque tem vestibular depois. Era tudo em torno da Educação Física. Foi um problema pra nós. A gente conse... Então, eu não sei da cabeça de quem que sai essas coisas. O caminho que segue... É que não valoriza, corta o que não valoriza.

Entrevistador 2 - E você vê, já tinha um material com um trabalho interdisciplinar.

Professora Lucy - Já.

Entrevistador 2 - Pra trabalhar literatura... com a Geografia “né”?

Professora Lucy - É claro. Verdade. Por isso que eu digo: É o professor. Quando fecha aquela porta, o aluno... É o professor.

Entrevistador 1 - Quer dizer, já tinha toda uma estrutura, um material desenvolvido e que de repente por conta de uma legislação...

Professora Lucy - Absurda...

Entrevistador 1 - Também ele acaba desaparecendo e não tem essa, vamos dizer, visibilidade e não aparece na escola...

Professora Lucy - É incrível. É incrível isso. As perdas pra Geografia foram imensas. Não sei também se porque não era uma profissão regulamentada, ela demorou pra ser regulamentada, a Geografia “né”? Não sei quais as outras coisas envolvidas aí, mas eles cortavam porque não achavam importante, certamente.

Entrevistador 2 - Que temáticas que eram mais solicitadas, que temáticas... Se era convidada... quando dava curso de formação de professores, você que propunha o tema?

Professora Lucy - As vezes eu que propunha dentro de algum tema. E as vezes eles que determinavam.

Entrevistador 2 - Que temas que eram mais, vamos dizer, pedidos, ou que vocês...

Professora Lucy - Não tinham temas mais pedidos. Dependia da época o que tava se falando mais na mídia, por exemplo. Meio ambiente sempre foi muito solicitado, recursos naturais também, poluição.

Entrevistador 2 - E essa briga? Acho que não sei se é briga, mas o surgimento da Ecologia “né”? Surgiu o curso de Ecologia pra Geografia e na escola básica alguns criaram o curso de Ecologia. Você acha que isso também causou...

Professora Lucy - Prejuízo pra Geografia?

Entrevistador 2 - É.

Professora Lucy - Ah, eu acho que não. Eu acho que a Geografia sempre se impôs. Nunca em detrimento... Seria quando... Teve a faculdade, o curso aqui, nossa foi uma polêmica. Eu acho que não. Porque parece até que Milton Santos se colocou contra. Foi, foi, teve alguns questionamentos. No fim, nós...

Entrevistador 2 - Nada contra o caso aqui, mas no geral.

Professora Lucy - Mas no geral muita gente ficou contra. Mas olha, aqui a gente, contra não ficou. Tanto é que vários professores davam aula no curso de Ecologia.

Entrevistador 2 - Ainda hoje.

Professora Lucy - Ainda hoje “né”? Eu mesma dei anos. Orientei trabalho de formatura. Eu acho que não. Eu acho que essas coisas, não sei se sou eu, só enriquece. Mas cada um tem o seu limite. Tem área que você trabalha no limite, com esse ou com aquele. A gente... Não é o limite fechado “né”? Não é. Eu acho que isso só enriquece viu? A gente nunca se envolveu muito nessas polêmicas, porque eu achava um pouco de perda de tempo, sabe? A gente queria trabalhar, fazer as coisas. Então nós nunca fomos muito de se envolver. A Lívia também tem isso no perfil dela. Então a gente não perdia muito tempo com essas polêmicas que não iam levar a nada, sabe?

Entrevistador 1 - Você chegou a ir em algum congresso junto com a professora Lívia?

Professora Lucy - Desde o primeiro quando fui. Ah não.. Inclusive eu apresentei, ela ali do lado lógico. Porque as coisas do colégio de aplicação eu que apresentei na SBPC, tava estreando, lógico “né”? Mas ela sempre... Isso também ela faz. Ela dá o apoio sempre. Então começamos e nunca terminamos. Até hoje algumas coisas ainda fazemos “né”? Juntas. O latino americano, por exemplo. Começou aqui, o latino americano. Então SBPC fomos muito. Na época era o que era mais forte. A UGI tinha alguns. E depois os internacionais “né”? A cada dois anos. O da UGI a cada quatro anos. Então a gente ia assim...

Entrevistador 1 - Como que era esses congressos da UGI?

Professora Lucy - Eram maravilhosos, nossa! Você conhecia todos os expoentes. Ah, era muito lindo.

Entrevistador 1 - E como que surgiu esse começo, o começo da UGI. EM 1956 eu tava vendo o registro histórico, teve um congresso da UGI aqui e no Rio de Janeiro...

Professora Lucy - Em 1965. Eu era aluna. Eu fui.

Entrevistador 1 - E aí como que eram assim, os contatos, as pessoas?

Professora Lucy - Ah, pra nós como alunas era um deslumbramento. Porque estavam todos os professores lá. Imagina. E de fora que você via os livros “né”? Esse enriquecimento de contato é o que mais vale, nos congressos. E também as coisas novas “né”? É lá que aparecem as coisas novas. E aí você sempre nota, porque no próximo ano já abre uma outra seção com uma coisa nova. Você já encontra “né”? Então isso é maravilhoso.

Entrevistador 1 - Você foi em vários da UGI?

Professora Lucy - Fui. Em vários.

Entrevistador 1 - Qual você podia destacar? Os mais importantes assim, nessa perspectiva de trazer coisas novas. Que pra você enquanto professora e pesquisadora, te acrescentou mais assim, e que...

Professora Lucy - Como eu fiquei mais com a percepção, era sempre o da percepção que atraía mais, que eu ia mais e os temas novos e tudo “né”? Então... Porque aí já começou a ter seção com

percepção. Então era mais nisso. Era mais isso que eu procurava. Quando não tinha, que às vezes não tinha. Então eu ia pra recursos naturais, qualidade ambiental, coisas ligadas assim. E eu sempre levava a de percepção. Então a gente sempre divulgava, sempre divulgava.

Entrevistador 1 - E quando começou esse da UGI que trouxe...

Professora Lucy - Ah querida, isso não vou lembrar. Não tenho mais a memória que eu tinha (risos)

Entrevistador 1 - Mas acho que deve ser no início da década de 1960, final da década de 1960, não?

Professora Lucy - Aqui chegava bem tarde as coisas “né”? A gente... Hoje chega bem mais rápido, mas demorava dez anos pra aparecer as coisas. Então eu acredito que 1960 lá fora, já tinha percepção. Acredito sim. Alguns demoraram. A resistência era grande. Mas dos Estados Unidos logo começaram, porque começou... O volume de pesquisa começou a ficar grande. Aí força até uma seção, porque tanta gente trabalhando “né”? Mas não era fácil não. Demorou pra alguns congressos colocarem seção.

Entrevistador 1 - Eu tava vendo também que tem o Norman Graves? Que ele era da UGI “né”? E assim, os trabalhos dele também, ele teve uma participação importante dentro da UGI assim... Em algum momento você chegou a ver ele em algum congresso, alguma coisa, não?

Professora Lucy - Não, não me lembro. A gente procurava aqueles que a gente conhecia mais, tinha mais contato “né”? Que queria ver pessoalmente. Mas esses contatos são maravilhosos. E as mesas redondas, tudo, são fantásticas.

Entrevistador 1 - E acontecia cada hora em um lugar...

Professora Lucy - Cada hora num lugar. Era muito legal. Cada quatro anos. Quando era mais próximo a gente aproveitava. Às vezes era muito longe não dava pra ir “né”? Não recebia auxílio, tinha essas coisas também. Claro, algum lugar mais próximo você ia com seu próprio dinheiro, mas muita coisa não dava. A Livia vendia carro. Ela vendia carro, porque não chegava auxílio. Ela vendia carro e ia embora. Isso muita gente já não podia fazer “né”? Então era difícil participar também. Não tinha muito apoio. Não tinha. Nossa, quantas vezes ela vendeu carro. Ficava a pé um tempão até comprar outro carro, sabe? As coisas eram...

Entrevistador 1 - Tinha pessoas aqui do Brasil assim... A senhora sabe se tinha pessoas aqui do Brasil que representavam, tinha uma certa representatividade...

Professora Lucy - Da UGI? Tinha. A Livia foi um tempo. Tinha sim. Tinha sim.

Entrevistador 1 - E essas pessoas que eram daqui, participavam, lá tinham a incumbência de fazer exatamente o que assim, será...

Professora Lucy - No caso da Livia eu até participei uma época também com ela por causa disso. Muitos... Reaplicação de trabalhos. Trabalhos que eram reaplicados em vários lugares e que depois eram apresentados nos congressos. Isso era muito comum

Entrevistador 1 - Uma idéia divulgada e aí cada um aplicava num lugar...

Professora Lucy - É. Mandavam todo o material... Quantas vezes a gente não reaplicou essa coisas aqui e depois voltava pra um lugar só e era apresentado um trabalho. Ou que era divulgação, coisas novas. Então... Começou a abrir exceção, enfim, coisas desse tipo. Eu participei muito pouco, fui só uma vez. Mas a Livia participava sim.

Entrevistador 1 - E quando você participou foi em...

Professora Lucy - Foi em relação a esses estudos reaplicados. Nós trabalhamos aqui no Brasil. Com a parte do Brasil.

Entrevistador 1 – Interessante...

Professora Lucy - Interessante. Interessante mesmo. Pra ver as diferenças “né”? E era sobre o ensino. Pra ver as diferenças.

Entrevistador 1 - Diferenças de ensino...

Professora Lucy - Em relação ao aluno, ao lado. De tudo é.

Entrevistador 1 - Isso tem publicado? Tem essa...

Professora Lucy - Ah, deve ter sim. Isso é mais a parte da Livia. Ela deve ter, tudo. Eu já nem tenho mais as coisas, que a gente vai... Eu tenho muito dos colegas que ficaram na ativa. A gente vai deixando, já não fica tudo em casa mais “né”?

Entrevistador 2 - Você fazia traduções?

Professora Lucy - Eu fiz uma. A Livia fez mais. Mas eu fiz uma do Collot, que é em percepção que achei que ia ajudar muito. Foi a única que eu fiz. Ajudei... Achei que ajudaria muito nossos alunos “né”? Da graduação, da pós-graduação. Então eu fiz. Na época foi logo depois da tradução de Tuan, tudo... Ainda tinham muito pouca coisa, foi muito bom. Ajudou bastante.

Entrevistador 1 - Nossa, um trabalho incansável “né”?

Professora Lucy - Preocupante, porque tradução é uma coisa complicada. Porque a tradução ao pé da letra não funciona “né”? Não funciona. Não é João Pedro? Fica uma tradução esquisita.

Entrevistador 2 - Dá um medo de a gente interferir demais em cima...

Professora Lucy - Aquele... Ai, é muito delicado. Eu nunca achei muita graça. Mas esse eu me propus porque achei que ia ajudar muito os alunos da pós-graduação. Foi um artigo.

Entrevistador 1 - E assim, atualmente... como que você percebe os estudos na tua área, onde você mais se desenvolveu, da percepção assim... Vamos dizer, estado da arte, assim. Como que você acha que estão os estudos, as perspectivas...

Professora Lucy - Elas são as melhores. São ótimas. Porque é tudo por fazer. Ainda. Muito pouco tempo em Ciência. Trinta anos não é nada. Algumas áreas dentro da percepção avançaram um pouquinho, as outras não têm nada praticamente. Então em Ciência trinta anos não é nada. Nada, nada, nada. Tudo por fazer em percepção. Olha que coisa fantástica! O que eu lamento, que essa preocupação a Livia tinha, eu também tinha, que o grupo aqui se mantivesse forte, unido. Isso não aconteceu. Então praticamente se perdeu. “Né”? Praticamente. Porque a Livia ainda ta aí, mas ela tá ligada ao pessoal do Rio, “né”? Ela ta ligada ao pessoal do Rio.

Entrevistador 2 - Da Geografia Cultural?

Professora Lucy - Da Geografia Cultural... E eles estão trabalhando, não sei se vocês viram, eles vieram aí em Setembro, a Geografia do Sabor?

Entrevistador 2 - Eu vi.

Professora Lucy - Ah! Bem interessante. É um tema novo, quase não há nada. Bem interessante. E eles estão trabalhando nisso que eu sei. E a professora Solange, que também é de percepção, desde o começo ela foi pra outra linha, pra outro grupo, pra outra área. E eu fiquei na pós, mas...

Entrevistador 2 - Até a tese dela foi nessa área.

Professora Lucy - Trilhas. Acho que com trilhas. Ela começou como orientanda da Livia e depois ela não ficou no grupo. Foi pra outros temas, outro grupo, mais com São Carlos, enfim. E a Livia se aposentando, eu já saí da pós-graduação. Eu fiquei, me aposentei fiquei mais dez, onze anos, mas me descredenciei. Então o grupo praticamente desapareceu. Isso é uma tristeza muito grande. Porque você leva vinte anos pra formar um grupo e ele não se manteve. Porque devido a... Não tem continuidade. Os nossos orientandos estão todos esparramados por aí. Claro que há outros núcleos. Isso nós fizemos e temos uma alegria muito grande. Em várias partes do Brasil. Mas o de Rio Claro sumiu. Uma pena “né”? Uma pena o de Rio Claro praticamente sumiu. Uma pena muito grande. Mas as coisas são assim. Você vem... Um tema novo aparece e uns continuam, outros não. Enfim. Aparecem novos. Isso é da ciência mesmo “né”? Que ela é uma espiral. Mas isso eu fico triste sim. Isso eu lamento muito. Embora a gente tenha formado muita gente, mas é tudo de outras universidades “né”? Eles foram, fizeram várias sementinhas aí com outros grupos. Mas aqui não. Ele praticamente acabou. Praticamente. A Livia se aposentando, a Solange tá em outra linha, tudo... Eu já me aposentei. Então... É, realmente...

Entrevistador 1 - Vai ficando...

Professora Lucy - Foi uma pena. Nós tínhamos... Ela sempre dizia: “Você vai continuar as coisas.” De certa forma eu até continuei, mas depois as coisas vão acontecendo e... A vida toma outro rumo “né”? Mas ficou aí um legado.

Entrevistador 1 - Claro.

Professora Lucy - Legado importante na época, tudo... E tudo por fazer. Nossa, nesses trinta anos se fez quase nada, os dados são mínimos. Olha que coisa incrível “né”? Então isso pode se reacender lá na frente, isso é assim mesmo.

Entrevistador 1 - Faz parte de um processo.

Professora Lucy - Faz, faz sim.

Entrevistador 1 - Eu tava dando uma olhada num desses documentos, a professora Livia que me deu no mestrado, tem lá um registro do primeiro encontro, que foi feito aqui em Rio Claro de professores de prática de ensino.

Professora Lucy - Ela que começou.

Entrevistador 1 - E aí assim, tem várias.... Você trabalhou junto nesse encontro que foi feito aqui em Rio Claro na década de oitenta, se não me engano foi em 1984 mais ou menos...

Professora Lucy - Eu não lembro a data também, mas eu tava sempre presente. Porque eu falei, vai ser meio repetitivo. Porque onde ela tava eu também tava. Mas eu trabalhei sim.

Entrevistador 1 - E aí assim, eu tava olhando todo ele, e uma das propostas que vocês... Eram divididas por grupos de trabalho.

Professora Lucy - Grupos de trabalho.

Entrevistador 1 - De análise. E um grupo, um não, vários grupos de professores, uma das propostas recorrente era justamente da... Eles criticavam o bacharel e licenciatura. O fato de a licenciatura ser estruturada da forma como tava sendo. A prática de ensino como ela vinha sendo executada até então. E uma das propostas desse material era elaborar uma carta, um documento mais amplo e ser levado até o MEC. Pra que o MEC tomasse conhecimento e pudesse reestruturar os cursos de licenciatura, de alguma forma pudesse modificar alguma coisa. Então eu queria saber se esse material chegou a ser feito, chegou a ser levado até o MEC, se alguma proposta foi levada desse encontro ou de algum outro.

Entrevistador 2 - E que consenso será que foi construído pra construção desse documento, você sabe?

Professora Lucy - Olha, eu não sei. Não me lembro e nem participei desse documento. Se foi feito, acho que só a Livia pode te responder viu? Porque ela que coordenava tudo “né”? Aí o que seria encaminhado eu não me lembro. Nessa fase eu já não trabalhei. Não tenho como te dizer se chegou as mãos do MEC ou não, qual foi o resultado, isso... Porque a gente trabalhava em algumas coisas “né”? Isso ficou mesmo com a Livia.

Entrevistador 2 - Eu não sei muito também dessa história, mas parece-me que uma das críticas que se faz é na questão do Estudos Sociais. Que tava muito presente nesse momento. A outra coisa é que como os cursos de licenciatura estão organizados... É uma crítica que se faz até hoje...

Professora Lucy - É verdade, ninguém tá contente nunca.

Entrevistador 2 - Tanto é que eu fui pra Espanha pra ver se lá era...

Professora Lucy - Pra ver como era lá.

Entrevistador 2 - Pior do que aqui.

Professora Lucy - Pior que aqui João? É mesmo?

Entrevistador 2 - Não assim, até difícil falar “né”?

Professora Lucy - Não, a gente pensa que vai achar essas idéias e não é tanto assim.

Entrevistador 2 - E não é nada muito diferente. O que acontece assim, acho que nem vai contribuir pra pesquisa dela... Mas o que eu percebo assim, porque eu sou professor de prática de ensino há muito tempo.

Professora Lucy - Claro, lógico.

Entrevistador 2 - E os alunos nunca estão contentes, sempre reclamam. E isso vai gerando... Como que pode melhorar “né”? A gente tenta sempre melhorar.

Professora Lucy - Claro.

Entrevistador 2 - E a gente no fundo...

Professora Lucy - É claro. Quer fazer sempre o melhor “né”?

Entrevistador 2: - E daí eu fui, assim... Bom, um dos objetivos é ver como que é lá. E o que eu percebo? É mais fragmentado do que aqui, em termos da organização curricular. Entretanto a sociedade é bem diferente. Então em termos legais é quase muito parecido. Mas a história cultural de formação é outra. Então, assim...

Professora Lucy - O que vale lá não vale aqui.

Entrevistador 2: - Não vale aqui. Às vezes as leis são muito parecidas, mas a forma como que ela acontece é muito diferente do que são... muitos diferentes.

Professora Lucy: - Não, eu sempre falava...

Entrevistador 2 - Não...

Professora Lucy: - Isso é importante. Não tem receita. Porque o que as pessoas querem é uma receita que você faça, de tudo certo... Não tem receita. Cada escola é uma escola, cada classe é uma classe. A mesma classe o ano que vem já não é a mesma, não é do mesmo jeito. Então, não tem receita. Tem que arregaçar as mangas e fazer muito... Não adianta. Seria maravilhoso se tivesse receita. Mas não tem, não tem receita. As escolas são diferentes. É complicado. Muda a clientela, muda tudo. Nossa! O que você aplicou ano passado na mesma série, não funciona do mesmo jeito. É assim, muito dinâmico, muito especial esse trabalho professor-aluno, é muito especial essa relação.

Entrevistador 1 - Muito importante.

Professora Lucy - É. Muito mesmo. Muito. A responsabilidade é muito... A Livia, sabe daquele jeito dela... “O inferno tá cheio de professor” (risos). Não pode “né”? A responsabilidade é muito grande. A lesão pedagógica é seria “né”? É que nem cortar um braço. É que nem cortar um braço às vezes... É uma lesão pro resto da vida uma lesão pedagógica “né”? Então é muito... Eu não quis ir pra educação, mas de jeito nenhum. Não, eu pra educação num vou. Fico na Geomorfologia. Essas escolhas da vida vou te contar viu! Agora esses planos, essas mudanças, tudo, a gente nunca se abatia. A gente fazia o trabalho e pronto, sabe? Se tirava a Geografia, a gente punha a Geografia nas aulas sabe?

Entrevistador 1 - Nunca teve uma coisa que “Ai, vamos sair de Rio Claro, vamos discutir porque...”

Professora Lucy - Perdia tempo. Você perdia tempo com essas coisas e eles faziam o que queriam, do jeito que queriam sempre. Brigava, falava “A Livia é muito briguenta”, até uma época... Mas depois a gente fala, é uma perda de tempo. Vamos trabalhar, fazer as coisas pela Geografia, porque... Imagina. Pra Geografia que coisa mais absurda? Não sei se é porque não era uma profissão

regulamentada, que não era muito respeitada. Demorou pra ser “né”? E acho que várias outras coisas aí, sei lá... Não sei, não me lembro assim todas as circunstâncias. Mas isso aí vinha de cima pra baixo.

Entrevistador 1 - É que eu até pensei, falei: Nossa, se teve essa mudança no currículo, na lei “né”? Será que diminuiu a demanda aqui na época “né”?

Professora Lucy - Rio Claro não. E Prudente também não. Sempre foi muito requisitado o curso. Pelo contrário, o número de alunos só cresceu. Nós éramos minúsculos, as classes. Depois chegou... A USP, nossa tinha mais de 100 alunos na graduação.

Entrevistador 2 - Até hoje.

Professora Lucy - Ainda hoje “né”? Então acho que não ficou da forma com se pensava não. O que afetou mais foi o número de vagas, não acompanhou “né”? O número de candidatos cresceu muito e o número de vagas é o mínimo. Eu acho que isso foi o prejuízo maior.

Entrevistador 2 - É que daí as escolas particulares abriram “né”?

Professora Lucy - Foram pras particulares. Uma pena que não houve esse acompanhamento “né”?

Entrevistador 1 - Bom, acho que é isso.

Professora Lucy - Mas estou às ordens pra qualquer outra coisa que ficar “né”? Que for retomado, que precisar. Eu trouxe como falei pra vocês... Na época que eu fiz a livre docência, podia – acho que eu fui uma das primeiras, não sei- você podia fazer pela produção científica. Não uma tese...

Entrevistador 2 - Ainda pode.

Professora Lucy - Ainda pode? E eu fiz. A Livia falou: “Não, você tem produção pra fazer sim. Faz.” Eu fiz. Não me arrependi não. Então tenho um memorial. No memorial esse começo aqui explica uma porção de coisas “né”? Pra depois começar... Aí tem toda a bibliografia, tudo... Tá tudo aqui por data.

Entrevistador 1 - Obrigada.

Professora Lucy - Acho que vai ajudar vocês. E eu fiz a produção como uma tese. Por capítulos. Porque na época era à vontade. Cada um fazia como... Eu fiz por capítulos. Então também vocês vão achar a parte do ensino, da percepção tá tudo aí. Tá separada. Então têm toda as indicações, os autores. Os que nós mais trabalhamos enfim, tá tudo aqui. Porque a cabeça da gente já nem...

Entrevistador 2 - Podemos usar e depois...

Professora Lucy - A vontade, não tem problema nenhum. Problema nenhum. Se tiverem alguma dúvida em relação a isso também, estou às ordens.

Entrevistador 1 - Nossa, muito legal.

Professora Lucy - E também aí como ficou... Eu ponho tudo que fiz. Por que fiz, quais os resultados, acho que isso ajuda vocês também “né”?

Entrevistador 1 - Muito. Muito mesmo.

Professora Lucy - Onde foi apresentado, quais congressos... Então vai ajudar bastante pra enriquecer a conversa de vocês. Porque eu não me lembro mais de tudo.

Entrevistador 1 - Até porque eu vejo que se eu pudesse sintetizar essa entrevista, eu acho assim, ela contribuiu muito pra gente entender esse processo. Esse processo histórico de construção de um pensamento, sobre o ensino de Geografia. Como que ele vai se estruturando. Essa linearidade assim, porque de repente, conforme eu estou estudando e lendo uma coisa, elas aparecem pra mim de forma fragmentada. E de repente...

Professora Lucy - E não é assim. Tudo tem um caminho.

Entrevistador 1 - Exato. E de repente com essa conversa eu consigo entender, visualizar, entender uma coisa bem linear assim, as coisas se encaixando. Então pra mim foi importante. Agradeço muito a sua contribuição. De verdade.

Professora Lucy - Ai que ótimo. Eu que agradeço a lembrança, o convite. Foi uma honra viu, poder participar do seu doutorado.

Entrevistador 1 - Imagina, o que é isso, eu que agradeço.

Professora Lucy - Estou as ordens. Qualquer outra conversa, qualquer esclarecimento aí das leituras. E quero desejar sucesso pra vocês.

Entrevistador 1 - Obrigada.

Entrevistador 2 - Obrigado mesmo.

Professora Lucy - Imagina. Às ordens. Foi um prazer enorme viu?